



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
PROJETO DE DOUTORADO

MONIKA LIRA MALHOIT

O SUJEITO ENUNCIATIVO NA DIMENSÃO IDENTITÁRIA E CULTURAL DO SER
IMIGRANTE QUE VIVE O FENÔMENO ENTRE-LÍNGUAS

Recife
2023.1

MONIKA LIRA MALHOIT

O SUJEITO ENUNCIATIVO NA DIMENSÃO IDENTITÁRIA E CULTURAL DO SER
IMIGRANTE QUE VIVE O FENÔMENO ENTRE-LÍNGUAS

Projeto de Tese apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da UNICAP, sob a orientação da Profa. Dra. Isabela Barbosa do Rêgo Barros.

Recife
2023.1

M249s Malhoit, Monika Lira
O sujeito enunciativo na dimensão identitária e cultural
do ser imigrante que vive o fenômeno entre - línguas /
Monika Lira Malhoit, 2023
218 f. : il.

Orientadora: Isabela Barbosa do Rêgo Barros
Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem.
Doutorado em Ciências da Linguagem, 2023.

1. Bilinguismo. 2. Cultura - Aspectos sociais.
3. Linguagem e línguas – Aspectos antropológicos.
4. Imigrantes. I. Título.

CDU 800.732

Luciana Vidal CRB4/1338

O sujeito enunciativo na dimensão identitária e cultural do ser imigrante que vive o fenômeno entre - línguas. © 2023 by Monika Lira Malhoit is licensed under CC BY-NC-ND 4.0

**O SUJEITO ENUNCIATIVO NA DIMENSÃO IDENTITÁRIA E CULTURAL DO SER
IMIGRANTE QUE VIVE O FENÔMENO ENTRE-LÍNGUAS**

MONIKA LIRA MALHOIT

Tese de Doutorado submetida à banca examinadora como requisito para o título de Doutora em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

Defesa pública em:

Recife, 02 de agosto de 2023.

BANCA EXAMINADORA:



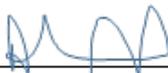
Prof.^a Dr.^a Isabela Barbosa do Rêgo Barros
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP
(Orientadora)



Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
(Avaliador externo)



Prof.^a Dr.^a Silvana Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
(Avaliadora externa)



Prof. Dr. Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP
(Avaliador interno)



Prof. Dr. Moab Duarte Acioli
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP
(Avaliador interno)

Recife
2023

“O falante explica a própria língua e, ao fazer isso, historiciza a sua relação com ela. Ele produz uma espécie de etnografia de si, na condição de falante de uma língua” (FLORES, 2019, p. 317).

AGRADECIMENTOS

Meu imenso agradecimento, primeiramente, a Deus pela certa convicção de que todo o direcionamento da minha vida vem dEle. Tudo o que tenho, tudo o que sou, e tudo o que eu vier a ser vem de ti Senhor. A ti devo toda a honra e toda a glória sempre.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco, pela inestimável oportunidade de crescimento acadêmico e de obtenção do meu título de doutora. Venho nutrindo um respeito e carinho especial por essa instituição de ensino, em que considero a minha segunda casa e família intelectual, desde o tempo de minha graduação, estendendo-se ao meu mestrado, e seguindo agora para o doutorado. Muito obrigada por sempre acreditar em mim.

Tenho uma enorme gratidão a CAPES, por ter possibilitado, financeiramente, a obtenção deste estudo e de ambos os meus títulos: mestra e doutora. Sou eternamente grata a essa instituição por ter viabilizado tamanho privilégio.

Agradeço a minha querida orientadora, professora doutora Isabela Barbosa do Rêgo Barros, que desde o mestrado me acolheu e apostou no meu amadurecimento, galgando ao meu lado durante todo o processo do meu aprendizado e descobertas no universo linguístico. Obrigada pela fidelidade e por caminhar comigo durante todos esses sete anos (mestrado e doutorado) ininterruptos. Vivemos tempos desafiadores no mundo, mas com força e determinação nos mantivemos firmes, no foco permanente, para que pudéssemos chegar vitoriosas até aqui.

O meu muito obrigada também a minha banca examinadora, aos professores doutores Valdir Flores, Antônio Moraes, e Moab Accioli que trouxeram suas contribuições buscando me direcionar para o aprimoramento da minha tese desde o seu primeiro esboço, nas primeiras bancas de qualificação. E, posteriormente, Silvana Silva que esteve na banca de defesa pública.

Deixo aqui também o meu agradecimento ao professor doutor Bryan Meadows por todo o aprendizado no universo do bilinguismo, em seu seminário junto ao professor Moraes, agregando conhecimentos que puderam enriquecer o meu estudo.

Toda a minha admiração a secretaria do programa PPGCL, em especial a Daniele Mendes, Sérgio Wanderley, Cleyton Lopes, a professora Roberta Caiado, e a minha orientadora Isabela (atual coordenadora do programa), os quais sempre se colocaram solícitos em me ajudar em toda e qualquer circunstância.

Obrigada as queridas, Iana, Lúcia, e Cirana por todo o incentivo da minha imersão no doutorado logo após eu ter concluído o mestrado; Késia pelo companheirismo nas buscas por chamadas de publicações e eventos linguísticos; e Simone por ter me apresentado François Grosjean, autor da teoria do bilinguismo e de princípios que trouxeram grande valor para a minha pesquisa.

Assim, junto a Grosjean, também agradeço aos linguistas Benveniste e Flores por terem trazido à luz suas teorias e reflexões científicas, sendo os principais condutores dos fundamentos da minha tese, com seus conceitos e ampla visão sobre o que constitui a Ciências da Linguagem. Obrigada

por me ajudarem a compreender a conflituosa posição de entremeio, do sujeito que vive entre-línguas e culturas, e melhor entender a mim mesma.

Devo um agradecimento especial aos meus três entrevistados, sujeitos enunciativos que vivem o fenômeno entre-línguas, na Flórida-EUA, e que tão gentilmente se colocaram extremamente dispostos a me fornecerem os seus testemunhos sobre como eles percebem o seu relacionamento com as duas línguas (portuguesa / inglesa), e com as duas culturas (brasileira / estadunidense), apresentando dados ricos para esta pesquisa.

O desenrolar desta tese teve início durante a pandemia do Covid-19. Um tempo jamais imaginado termos vivido na história. Um momento marcante, temeroso e de muita tristeza na nossa geração. Durante esse tempo, vivi problemas graves de saúde na minha família, infelizmente perdi o meu pai sem ter direito a despedidas, e passei por uma questão pessoal de saúde, contudo Deus me manteve firme no propósito. Somente assim, pude sobreviver ao processo e hoje poder falar, com muito orgulho, dessa minha grande conquista pessoal e acadêmica.

O meu profundo agradecimento ao meu filho, Antônio Lira Malhoit, por ser a minha fonte de inspiração, a minha luz, e o meu amor maior a ponto de ser o principal responsável pelo meu despertar por essa busca de conhecimentos linguísticos. Sem o meu Ton a minha vida fica vazia. Foi por ele que eu cheguei até aqui. Hoje eu entendo, cada vez mais, o propósito de Deus em nossas vidas. Agradeço ao meu esposo, Adam Malhoit, por toda a paciência e por ter cuidado de todos nós, enquanto família, durante a minha fase de tamanha dedicação ao doutorado.

Saudosa, com o olhar para a eternidade, deixo o meu agradecimento ao meu querido pai Joaquim, que sempre prezou pela minha educação, e me ensinou a importância da oração e da presença de Jesus em nossas vidas. Aos meus queridos avô Antônio, que de certo seria a primeira pessoa a se interessar por ler a minha tese inteira, e avó Marta, pelas presenças tão importantes na minha infância e adolescência fazendo parte de quem sou hoje (ambos *in memoriam*).

Gratidão a toda a minha amada família Lira, a minha mãe Maria, a todas as minhas tias e tios, que tanto se orgulham de mim, a minha irmã e cunhado, aos meus sobrinhos, Isabela e Fernando, e aos meus primos. Agradeço também aos meus sogros, e a todos os meus amigos e amigas por serem todos tão essenciais na minha vida.

E, por fim, uma imensa gratidão a toda a equipe, brasileira e estadunidense, de profissionais que se dedicam conosco na jornada diária, da busca pelo progresso do meu filho, conduzindo-o para a conquista de seu lugar na linguagem. O caminho parece ser longo, mas os nossos olhos e corações estão mirados no passo vencido a cada dia, no sucesso, e no futuro brilhante de Antonio.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi investigar o sujeito enunciativo, na dimensão identitária e cultural do ser imigrante que vive o fenômeno entre-línguas, no início do século XXI, a partir de dois pontos de vista: da teoria do bilinguismo desenvolvida por Grosjean (1996, 2013), que estabelece os modos de linguagem monolíngue e bilíngue para explicar as ocorrências dos demais fenômenos linguísticos na enunciação do falante bilíngue; e da visão enunciativa antropológica, cunhada por Flores (2019), fundamentada na teoria da Enunciação de Émile Benveniste (2005, 2006), que busca refletir em uma linguística que pensa na experiência do homem em sua condição de falante. Trata-se de um estudo qualitativo, que apresenta como *corpus* de análise o testemunho linguístico do imigrante brasileiro, bilíngue e bicultural, residente nos EUA, através de dados coletados, em entrevistas realizadas na Flórida, com questões semiestruturadas, e semiabertas, com atribuições que buscaram compreender como ele se percebe como falante, na sua posição de entremeio. Dessa forma, ao apresentar o imigrante, com o foco em uma discussão voltada ao território linguístico, evidenciamos, na imbricação: língua/homem/cultura/sociedade, os conflitos vividos por ele ao conviver em uma relação com duas línguas (inglesa / portuguesa), e com duas culturas (estadunidense / brasileira), para encontrar-se enquanto sujeito na nova sociedade em que habita, composta por uma realidade linguística e sociocultural diferente de seu lugar de origem. A análise foi direcionada aos sujeitos de estudo, sendo 3 brasileiros imigrantes, de faixas-etárias distintas, independente de gênero e ocupação, e que utilizavam ambas as línguas em seu cotidiano, no território estadunidense. Diante disso, buscamos analisar o imigrante brasileiro como etnógrafo de si mesmo, por uma ótica enunciativa-antropológica; identificar os fenômenos linguísticos, e modos de linguagem no enunciado do imigrante; e visualizar em que constitui viver entre-línguas, na percepção pessoal dos sujeitos brasileiros enquanto falantes. Em relação a metodologia utilizada, trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa, de natureza aplicada com procedimentos de campo, no qual foram transcritos os testemunhos dos sujeitos enunciativos contidos na entrevista, na versão original, que apontavam para evidências de alterações linguísticas, ou movências entre um sistema e outro, em que o imigrante, uma vez submetido a dois sistemas linguísticos, ao fazer uso das duas línguas para expressar a sua experiência de falante, revela a forma como se organiza, se percebe, se enuncia, assim como se diz sujeito e se faz efeito na linguagem. Por tratar-se de um estudo no campo das Ciências Humanas, na área da Linguística, entendemos que esta é uma pesquisa que traz uma visão particular de pesquisadora, embora tenha sido mantido um afastamento do objeto. Dessa forma, não apresentará uma verdade absoluta, porém poderá contribuir para que a teoria da enunciação benvenistiana, em âmbito intersubjetivo e intersocial da linguagem, assim como a perspectiva traçada por Flores (2019) de que a língua está no homem e diz de quem fala; e a teoria do bilinguismo desenvolvida por Grosjean (1996, 2013) possam ser conduzidas para estabelecerem diálogos, dentro dessas mesmas abordagens, com outras áreas do universo científico.

Palavras-chave: Antropologia da Enunciação, Imigrante, Bilinguismo, Biculturalismo, Fenômeno Entre-línguas

ABSTRACT

The aim of this study was to investigate the enunciative subject in the identity and cultural dimension of immigrants who experience the between-languages phenomenon during the early 21st century from two perspectives: Grosjean's (1996, 2013) theory of bilingualism which establishes modes of monolingual and bilingual language to explain linguistic phenomena in bilingual speech; and the anthropological enunciative view coined by Flores (2019) which is based on Émile Benveniste's Theory of Enunciation (2005, 2006) that reflects on linguistics which consider the human experience in their condition as a speaker. The analysis corpus for this qualitative study comprises the linguistic testimonies of bilingual, bicultural Brazilian immigrants residing in the USA. Data was collected through interviews conducted in the state of Florida, employing a combination of semi-structured and semi-open questions. The aim was to gain insight into how they perceive themselves as speakers in their 'between-languages' position. The immigrant is presented focusing on the linguistic territory highlighting the imbrication between language, human, culture and society: which can be seen in the conflicts experienced living in a relationship with two languages (English / Portuguese) and with two cultures (American / Brazilian) in order to find themselves as subjects in the new society they inhabit, which is also composed of a linguistic and sociocultural reality different from their place of origin. In terms of methodology, this study adopts a qualitative approach with applied field procedures for data collection. Transcriptions of the enunciative subjects' testimonies from the interviews were preserved in their original form. These transcriptions were then analyzed to uncover evidence of linguistic alterations or transitions between different language systems. This process sheds light on how immigrants, exposed to two linguistic frameworks, manage their thoughts, self-perception, and expression as speakers. Similarly, it examines how the immigrant defines themselves as a speaker and exerts influence on the language. The analysis focused on three Brazilian immigrants from diverse age groups, independent of gender or occupation, who actively utilized both languages in their daily lives within the USA. Therefore, the objective was to analyze the Brazilian immigrant as an ethnographer of themselves from an enunciative-anthropological perspective. This involved identifying linguistic phenomena and modes of language in the immigrant's statement as well as visualizing what constitutes living between-languages from the personal perception of the Brazilian subjects as speakers. Because this study falls within the realm of Human Sciences, specifically in the field of Linguistics, it is acknowledged that it could present the researcher's particular perspective. However, the author has maintained an objective distance from the subject matter. While this study refrains from asserting absolute truths, it contributes to Benveniste's theory of enunciation, emphasizing the interplay of language in intersubjective and intersocial contexts. Furthermore, it aligns with Flores's (2019) perspective that language is an integral part of human experience, revealing the essence of the speaker, as well as, Grosjean's theory of bilingualism (1996, 2013) provide avenues for engaging in interdisciplinary dialogues within these frameworks, extending into other areas of the scientific universe.

Keywords: Enunciation Anthropology, Immigrant, Bilingualism, Biculturalism, Between-languages Phenomenon.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – RETRATO DEMOGRÁFICO E SOCIOCULTURAL DO IMIGRANTE BRASILEIRO QUE VIVE NOS EUA	14
CAPÍTULO II – REALIDADE LINGUÍSTICA DO SUJEITO BILÍNGUE EM TERRITÓRIO ESTADUNIDENSE	34
CAPÍTULO III – UM OLHAR VOLTADO AO APARELHO FORMAL DA ENUNCIÇÃO.....	60
CAPÍTULO IV – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	86
4.1 METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS	86
4.2 METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS	95
4.2.1 Aspectos Linguísticos.....	95
4.2.2 Aspectos Culturais Metalinguísticos	107
CAPÍTULO V – ANÁLISE DOS DADOS	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	206
REFERÊNCIAS.....	210
ANEXO 1 – PARECER APROVADO DO CEP/UNICAP.....	216
ANEXO 2 - TCLE.....	221
ANEXO 3 – ROTEIRO DA ENTREVISTA	224

INTRODUÇÃO

Esta presente pesquisa teve como objetivo geral uma investigação sobre o sujeito enunciativo, na dimensão identitária e cultural do ser imigrante que vive o fenômeno entre-línguas¹, através de um estudo linguístico antropológico referente à busca por um saber sobre as línguas, cujo parâmetro é o falante bilíngue e bicultural, imigrante brasileiro residente nos Estados Unidos, que vive na posição de entremeio, de entre-línguas, entre-culturas, entre-lugares, e entre-nações no novo contexto migratório e social em que se encontra.

O motivo de realização deste estudo deve-se ao fato de observarmos o crescente número de brasileiros que emigram para outros países, especialmente para os EUA, geralmente em busca de uma melhor qualidade de vida, seja por almejarem questões que envolvem uma estabilidade financeira ou por motivos de segurança. De acordo com Lima e Castro (2017), uma recente estimativa do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Itamaraty) indica que há uma média de mais de 3 milhões de brasileiros morando no exterior. Desses, quase metade dessa estatística, um número de 1,4 milhão residem nos EUA, fazendo o país norte-americano, há anos, ocupar o primeiro lugar na preferência nacional.

Verificamos, a partir do que pesquisamos na dissertação: Interlocação cultural Brasil e EUA durante a Segunda Guerra Mundial, uma análise enunciativa multimodal dos personagens Pato Donald e Zé Carioca, no filme “Alô Amigos”, defendida em 2018, que os estúdios hollywoodianos conduziram os espectadores compatriotas brasileiros e norte-americanos sobre uma relação de “amizade” entre as duas nações, com a “Política da Boa Vizinhança” despertando, possivelmente, desde a década de 1940, o interesse dos brasileiros para a conquista do “tão sonhado” modelo de vida capitalista americano, conhecido mundialmente como: *The American Way of Life*.

Nesta tese, contudo, nos motivamos em discutir a relação homem/língua designada numa relação intersubjetiva e intersocial da linguagem, nos situando em uma era globalizada, em que parte da população brasileira, imigrante que reside em terra estadunidense, vive conflitos

¹ A expressão entre-línguas diz respeito a uma leitura geral, e não está circunscrita a nenhum quadro teórico em específico. Está grafada separada por um hífen para marcar o distanciamento e a ligação que une um termo ao outro, ao mesmo tempo em que demarca um lugar do sujeito que é efeito de uma língua, mas que está incorporado a uma outra, e unificado em um só indivíduo. Nesta tese, esse mesmo sentido é dado as outras expressões grafadas por um hífen: entre-culturas, entre-nações, entre-lugares.

linguísticos ao buscar se “reterritorializar”, e se (re)constituir enquanto sujeito na nova sociedade em que habita.

Baseados, então, no conceito da inversibilidade benvenistiana (2005), entre os pares “eu/tu” na qual se estabelecem as trocas intersubjetivas da linguagem, tivemos como foco a ampliação desse olhar para essa dupla designação, “eu-tu”, na posição brasileiro/estadunidense, estrangeiro/nativo, a fim de tratarmos dessa relação no campo social, passando ao universo da “intersocialidade”, expressa pela dupla designação social e étnica presente entre povos vizinhos, que pensa, conforme Silva (2016) em um primeiro princípio de uma “teoria social da enunciação”. Em um âmbito, contudo, que pensa na capacidade de um povo de produzir em sua língua dupla designação para si mesmo, a partir de sua pátria, e a partir do vizinho, ou estrangeiro, porque é somente quando o homem se coloca como instância de referência e instância referida que se constitui o princípio da sociabilidade humana.

Dentro do viés do imigrante brasileiro, então, nos deparamos com duas questões norteadoras, a saber: Que posição enunciativa é construída pelo brasileiro, vivendo no país estrangeiro, em meio à sua exposição às duas línguas (inglesa / portuguesa), e às duas culturas (estadunidense / brasileira)?; e viver entre-línguas constitui algo especial à sua percepção pessoal enquanto falante?

Face aos problemas de pesquisa citados, na imbricação: língua/homem/cultura/sociedade, tivemos como objetivos específicos: analisar o imigrante brasileiro como etnógrafo de si mesmo, por uma ótica enunciativa-antropológica; identificar os fenômenos linguísticos, e os modos de linguagem monolíngue e bilíngue no enunciado do imigrante; e visualizar em que constitui viver entre-línguas, na percepção pessoal dos sujeitos brasileiros enquanto falantes.

Assim, este estudo apresenta uma análise de como se dá essa relação do ser imigrante com a sua língua de origem e estrangeira, em sua atual realidade linguística e sociocultural, através de seu próprio testemunho de sua condição de falante, de como ele se vê, se organiza como sujeito, se enuncia ao empregar as duas línguas, e de como ele percebe as possíveis ocorrências de fenômenos linguísticos nos seus enunciados, no que diz respeito a sua experiência com o bilinguismo e com o biculturalismo.

Os referenciais teóricos desta tese, então, foram selecionados a partir do que diz a máxima saussuriana: “É o ponto de vista que cria o objeto”, despertando-nos para um olhar voltado a dois pontos de vista distintos: Teórico, que apresenta o bilinguismo, a partir da teoria dos modos de linguagem monolíngue e bilíngue, desenvolvida por Grosjean (1996, 2013), para explicar as

ocorrências naturais dos demais fenômenos linguísticos na enunciação do falante bilíngue; e reflexivo, que apresenta a visão enunciativa antropológica, cunhada por Flores (2019), sob a luz da teoria da Enunciação de Émile Benveniste (2005, 2006), que pensa no homem como etnógrafo de si mesmo, no sentido metafórico, ao testemunhar a sua própria experiência de falante.

Para desenvolver este trabalho, adotamos como *corpus* de análise recortes da linguagem de imigrantes brasileiros, ao refletirem sobre o efeito da(s) língua(s) neles, através de dados coletados em entrevistas realizadas na Flórida, em janeiro de 2023. Utilizamos como fonte de pesquisa uma entrevista semiaberta, contendo questões semiestruturadas direcionadas aos sujeitos de estudo, sendo 3 brasileiros (1 jovem e 2 adultos), sem nenhuma distinção de sexo ou ocupação, e que fazem uso da língua inglesa e da língua portuguesa em sua vida diária.

A nossa investigação concentrou-se apenas no imigrante brasileiro bilíngue, apesar de entendermos que existe um número grande de brasileiros residindo em terras norte-americanas que não adquiriram a língua inglesa, ou estrangeira. Contudo, os testemunhos dos dois tipos de aprendizes: *language learning* (aprendiz formal) ou *language acquisition* (aprendiz informal) tiveram igualmente valor para esta pesquisa, e se apresentaram como o nosso objeto de estudo, sem nenhum tipo de distinção, não nos cabendo aqui avaliar a maneira ou o tipo de sua aprendizagem.

Dessa forma, tendo como foco de estudo a linguística como reflexão antropológica, voltada ao campo do bilinguismo, esta pesquisa apresenta o seguinte percurso: no primeiro capítulo nos situamos no contexto migratório, ao apresentar o retrato demográfico e sociocultural do imigrante brasileiro que vive nos EUA; em seguida, no segundo capítulo, falamos sobre a realidade linguística do sujeito bilíngue em território estadunidense; já no terceiro capítulo tivemos um olhar voltado ao Aparelho Formal da Enunciação; no quarto capítulo, por sua vez, trouxemos os procedimentos metodológicos, sendo este subdividido em metodologia de coleta de dados; e metodologia de análise dos dados (com os aspectos linguísticos – *Stricto Senso*; e os aspectos culturais – metalinguísticos com noção de comentário); no quinto e último capítulo apresentamos a análise dos dados; e por fim concluímos com as considerações finais.

Seguimos, então, para o início deste trabalho com a apresentação do diagnóstico demográfico e sociocultural, uma vez que Benveniste (2006) coloca como o centro de sua teoria linguística um olhar voltado para o homem, devendo-se considerar o cenário em que o sujeito está inserido, na ampla perspectiva dos elementos dêiticos da linguagem: pessoa (eu/tu), ostentação (espaço-aqui), e tempo (agora) do momento em que a enunciação se realiza.

CAPÍTULO I – RETRATO DEMOGRÁFICO E SOCIOCULTURAL DO IMIGRANTE BRASILEIRO QUE VIVE NOS EUA

Conhecidos como brasilo-estadunidenses, brasilo-norte-americanos ou brasilo-americanos, os estadunidenses de ascendência brasileira total ou parcial contabilizam um número estimado de 1,4 milhão de residentes nos Estados Unidos, quase metade da estatística de mais de 3 milhões de brasileiros morando no exterior, não diferenciando os residentes legais dos ilegais. As fontes² aqui abordadas são das mais diversas, e representam números de estudos demográficos gerados em torno de estimativas dos migrantes brasileiros vivendo em vários países. Algumas se contradizem, outras se complementam, visto as inúmeras possibilidades de análise, sob os mais diversos ângulos que envolvem esse tema.

Como sabemos, as sociedades passam por transformações que podem modificar o comportamento migratório das pessoas, alternando o número de brasileiros que passam a residir no exterior, em fases de alta e baixa mobilidade, em tempos diferentes. Os próprios dados apresentados sobre o saldo migratório internacional do Brasil, registrados em meio século de ocorrência do “fenômeno migratório”, explicitam o caráter dinâmico e versátil do processo migratório brasileiro. Contudo, encontramos unanimidade em um determinado aspecto: Os EUA é o país de preferência nacional da maioria dos conterrâneos que decidem empreender a jornada de mudança de território, e enfrentar o novo e desafiante contexto imigratório.

Diante de um diagnóstico desse cenário, entendemos que vários foram os fatores, envolvendo questões econômicas, políticas e sociais que impulsionaram a saída dos cidadãos brasileiros em várias épocas distintas. Além de nos interessarmos em conhecer as causas desse movimento, também buscamos compreender os efeitos dessa trajetória, principalmente no que diz respeito ao território linguístico do sujeito que convive com a realidade migratória Brasil/EUA.

² Contamos com os dados registrados pelos demais órgãos competentes, brasileiros e estadunidenses, que buscam pesquisar, no decorrer dos anos, o número da população de brasileiros que vivem nos EUA: Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE) – Itamaraty; Censo Brasileiro - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Consulado-Geral do Brasil; Conselho de Cidadãos da Flórida; *United States Census (U.S Census)*; *American Community Survey (ACS)*; Organização das Nações Unidas (ONU); *World Economic and Social Survey*; *Organization for Economic Cooperation and Development (OCDE)*; Banco Mundial; Banco Central; Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID); *New Economics of Labor Migration (NELM)*; e Empresa Synovate (responsável por realizar pesquisas para o Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal).

Entre essas causas, fez-se importante conhecer como surgiu a ideia da partida do seu país de origem, entendendo de onde vem, e de que parte do Brasil são a maioria desses imigrantes; como se deu a migração ao novo território; quem são e o que fazem; de que forma eles chegam ao novo país; quantos são, e qual o estado dos EUA que a maioria escolhe para morar.

A ponto de efeito dessa trajetória, uma vez o Brasil ser considerado um país de emigração, nos interessamos em entender qual o novo “mantra” regido ao redor do nexo migração e desenvolvimento, e quais são as políticas de vinculação do Brasil para os brasileiros, e seus descendentes no exterior. Vejamos, então, por onde tudo começou.

De acordo com Lima e Castro (2017) até a década de 1960 o Brasil foi um país receptor de milhões de imigrantes de diversos países, apresentando fluxos significativos de acolhimento. Contudo, ao longo de sua história, esse cenário viria a ser modificado, fazendo com que o Brasil, contrariamente, viesse a tornar-se uma nação emigrante. Segundo os autores, foi ainda em 1960 que os primeiros brasileiros se destinaram aos EUA, fazendo com que a emigração se tornasse mais significativa nos anos seguintes.

Assim, as décadas de 1960 e 1970 se mostraram decisivas para a formação da cultura migratória, e conseqüentemente, nos anos de 1980, o país pôde presenciar um ápice no fluxo de saída, desenhando um novo Brasil, dessa vez, caracterizado pela emigração populacional para o exterior. “O Brasil dos anos 1980 foi o cenário do início das migrações internacionais de brasileiros para outros países, fenômeno inédito em nosso país. Era a chamada ‘década perdida’ da América Latina, em contraposição ao ‘milagre econômico’ dos anos 1970” (SALES, 2009, p. 383).

Conforme Sales (2015), o Brasil, assim como os EUA e o Canadá, é um país com tradição imigratória. Contudo, a sua posição atual se difere daquela da passagem do século XIX para o século XX, em que o país recebia imigrantes, tendo a sua dimensão territorial apenas acomodado imigrações internas. A partir de meados dos anos de 1980, devido ao contexto da crise econômica que ficou conhecida como “década perdida”, o país começa a “expulsar”, pela primeira vez, seus trabalhadores para outros países, o que assumiu proporções significativas. No atual mundo globalizado, no contexto das migrações internacionais estamos situados, ao mesmo tempo, como um país de recepção de imigrantes e de expulsão de emigrantes.

O contexto econômico brasileiro da época, como afirma Lima e Castro (2017), marcava um tempo de severa crise econômica capaz de impactar o país devido ao elevado custo de vida, altas taxas de desemprego e baixos pisos salariais. Nos anos de 1987 a 1989, período denominado

de “triênio da desilusão”, as migrações de brasileiros, sobretudo para os EUA atingem o seu ápice. “Nesse triênio, o país assistiu à ascensão e queda de pelo menos três planos econômicos. A desilusão com o Plano Cruzado foi marcante, talvez por ter sido maior a esperança depositada em um novo governo, uma nova república, uma nova democracia” (SALES, 2009, p. 385).

A chamada década perdida foi na verdade muito mais do que uma época de recessão econômica. Nela, a sociedade brasileira se mobilizou e criou esperanças. O país se redemocratizou, segmentos da sociedade se organizaram politicamente, partidos e movimentos sociais foram criados, o povo foi às ruas para exigir eleições diretas para presidente, voltamos a exercer o direito do voto para eleger o presidente do Brasil. A inflação, o desemprego e a recessão não vieram sozinhos, mas junto com muitas perspectivas promissoras e até o vislumbre de saídas com o Plano Cruzado ou com as promessas políticas que se renovavam a cada eleição e a cada fator de mobilização popular. O fator político teve, portanto, um peso na balança dessas migrações internacionais brasileiras, se se consideram as esperanças e frustrações dos primeiros anos de nossa redemocratização (SALES, 1995, p. 129).

Motivados pela busca por melhores condições de vida, pessoas, famílias e gerações de brasileiros deixaram o seu país de origem, a fim de viverem uma nova experiência “bem-sucedida” em terras vizinhas. Os constantes índices de saldos migratórios negativos desde o primeiro quinquênio dos anos de 1980 passou a superar os de estrangeiros, de origens diversas, chegados ao país. Esse fato levou o Brasil a assumir características que o classificam como um “país de emigração”, afirma Brum (2018)³.

Enquanto a década de 1980 foi marcada pela ascensão da emigração brasileira para terras estrangeiras, consequente das sucessivas crises econômicas que acometeram o país, na década de 1990 o Brasil transforma-se em exportador líquido de mão de obra, em virtude da nova era moderna, que vinha acompanhada das inovações tecnológicas, de informação e da comunicação. A velocidade de informação sobre maiores oportunidades de trabalho no estrangeiro, somada a decorrente crise econômica, e a crescente insegurança urbana em várias cidades brasileiras, foi ainda reforçada pela frustrante e curta era presidencial de Fernando Collor de Mello, promovendo um maior desencanto pelo Brasil, desta vez, visto como um país da inflação e da falta de oportunidades.

³ Conforme dados encontrados em relatório elaborado pela ONU, através do estudo intitulado *World Economic and Social Survey*, no ano de 2004.

Essas questões, de ordem econômica e social foram se configurando como as causas principais que encorajaram, progressivamente, os brasileiros a desejarem sair de seu país. Segundo Gradilone (2009)⁴, estávamos diante de um Brasil caracterizado, não somente como um país de emigração, mas como um país que se tornara um “global player” e um “global trader”. O brasileiro, por sua vez, assumia a “identidade” de um “migrante global”, ampliando a sua experiência migratória para várias regiões do mundo. A iniciativa cosmopolita indicava, afirma Brum (2018), que a imigração tinha “vindo para ficar”.

Tendo como principal destino os EUA, conforme Lima e Castro (2017), o início da imigração brasileira no país norte-americano faz parte da longa história dos processos migratórios do Brasil, e formou-se, inicialmente, com a saída de brasileiros da região Sudeste para o Nordeste dos EUA, nos estados de Massachusetts, Nova Jersey e Nova York. E mais tarde, para o Sul do país, na Flórida, e para o Oeste, na Califórnia.

Os oriundos da região Sudeste vinham da cidade de Governador Valadares, tendo como principal destino o estado de Massachusetts. Margolis (2009) explica que o motivo da ligação entre a cidade mineira e esse particular estado estadunidense ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial, provocada por um material de alto valor estratégico chamado “mica”, abundante na região, utilizado na produção de rádios (novidade naqueles tempos), e de outros componentes eletroeletrônicos, sendo matéria-prima necessária para a indústria bélica.

Segundo consta, o minério bruto era retirado do solo valadarense, minerado por empresas norte-americanas nas jazidas existentes na região local, e depois exportado para os EUA. A partir desse momento, forma-se a ponte entre o Sudeste brasileiro e o Nordeste estadunidense, ou seja, entre Minas Gerais e Massachusetts. Apesar de essa indústria ter entrado em crise após o final da guerra, os vínculos criados entre eles permaneceram. “Conta-se ainda, que alguns brasileiros teriam sido treinados nos Estados Unidos durante a operação da empresa e, ao final, transferidos para aquele país” (LIMA e CASTRO, 2017, p. 50).

Esse movimento do passado vivenciado pelos valadarenses pioneiros nos EUA trouxe consigo alguns fatores que otimizaram as sucessivas partidas de brasileiros ao local. A nova experiência de melhor qualidade de vida na terra estrangeira, e a satisfação com o dólar foram histórias que puderam ser compartilhadas impulsionando o desejo de outras parcelas da população,

⁴ Eduardo Gradilone, então diretor do departamento consular e de brasileiros no exterior do MRE (Ministério das Relações Exteriores).

e de muitas gerações ainda por vir, a alimentarem o sonho americano. Conterrâneos vindos de várias regiões brasileiras, se encorajaram, progressivamente, a empreender a mesma viagem, habitando, futuramente, as mais diversas regiões do país norte-americano. “Essa jornada foi vivenciada por milhões de brasileiros no passado e, atualmente, o Brasil volta a presenciar um novo fluxo migratório” (LIMA e CASTRO, 2017, p. 111).

As remessas de dinheiro recebidas pelos familiares que ficaram naquela região de Minas Gerais movimentavam fortemente a economia local, e rapidamente Governador Valadares e diversas cidades do seu entorno assumiram a cultura da emigração. Na visão de Sales (2009), ao mesmo tempo em que a crise econômica dos anos 1980 foi um importante elemento impulsionador dos primeiros fluxos migratórios para o estado de Massachusetts, por sua vez, as redes sociais “contribuíram, decisivamente, para a permanência desses fluxos e para a atração contínua, que fez com que a comunidade brasileira crescesse e se estabelecesse naquele pedaço bonito e frio dos Estados Unidos, tão diverso de nosso país tropical” (p. 397).

Em meados de 1995 contabilizavam-se cerca de aproximadamente 2,5 milhões de brasileiros residindo no exterior. “Somente nos Estados Unidos, no início da década eram mais de 82 mil pessoas” (LIMA e CASTRO, 2017, p. 112). Segundo o *U.S. Census e o ACS*, no ano de 2000, os brasileiros representavam 0,7% do total de 31 milhões de imigrantes, das mais diversas nacionalidades, vivendo no país, contabilizando 212.428 conterrâneos em terra norte-americana. Registrou-se um pico ainda maior no ano de 2009, com mais de 359 mil imigrantes, cerca de 25% a mais do total de imigrantes brasileiros registrados em 2000.

Nesse cenário, após mais de 20 anos do início das correntes migratórias, para Sales (2009), a permanência “do Brasil fora do Brasil” é fato irreversível. Percebemos que o movimento de mudança geográfica também ocasiona uma mudança interna de hábitos e valores no sujeito migrante. A “nova experiência”, fora de seu *habitat* modifica a sua essência cultural e linguística, distanciando-o daquele sujeito que era, antes de explorar terras estrangeiras. Assim afirma a autora:

Minha vivência como pesquisadora do David Rockefeller Center for Latin American Studies, de Harvard, em 2000, e, principalmente, os resultados de minha última pesquisa em 2005 (SALES, 2006), evidenciaram a integração da primeira geração através de uma comunidade que se organiza cada vez mais e da fixação, em definitivo, da segunda geração dos jovens imigrantes socializados na escola americana (SALES, 2009, p. 397).

Compreendemos que o Brasil se revela como um país que presencia constantes fluxos migratórios internacionais, e que os diferentes anos trouxeram consigo contextos históricos

diferentes em ambos os países, alguns que favoreciam e outros que dificultavam a entrada dos imigrantes brasileiros nos EUA, apresentando proporções diferentes quanto à intensidade desse movimento nas diferentes décadas. Apesar da possibilidade de a imigração clandestina, da ponte Brasil-EUA, ter afetado a melhor exatidão dos registros das estatísticas populacionais, em nenhum momento essa jornada vivenciada por milhões de brasileiros no passado, assim como no momento atual, tornou-se pouco notória.

Na década de 80, além de o cenário econômico ter sido favorável ao movimento brasileiro de emigração, havia uma maior facilidade em relação a retirada do visto de turista. Durante esse tempo, muitos brasileiros que entravam nos EUA portando esse visto, encontravam oportunidades de trabalho e acabavam permanecendo, mesmo após expirar o seu tempo de estadia, ficando em situação irregular, e exercendo o trabalho de forma “não-autorizada”. “Esse mecanismo cresceu em proporções, chegando a ser montada uma verdadeira ‘indústria’ do turismo, com operadores oferecendo pacotes para a *Disney World* e *Nova York* várias vezes ao ano” (LIMA e CASTRO, 2017, p. 50, destaque nosso e do autor).

Sabemos que a real intenção turística de fato sempre existiu. Muitos são os brasileiros que sempre almejaram apenas visitar a tão sonhada *Disney World* e a *Big Apple*. Porém, de acordo com os autores, haviam aqueles que faziam uso dessa “estratégia turística” com a verdadeira intenção de imigrar definitivamente, ou não, para o país.

Porém, passando-se os anos, sobretudo após o assustador atentado terrorista das torres gêmeas em Nova York, que chocou a população mundial, no dia 11 de setembro de 2001, conhecido como *nine eleven*, os EUA passaram a adotar uma diferente conduta, de forma muito restrita, cautelosa e criteriosa em relação a autorização de vistos de entrada no país. Dessa forma, o aumento da fiscalização dos aeroportos estadunidenses ocasionou uma crescente dificuldade para a aquisição do visto de turista no Brasil, e conseqüentemente uma notória redução do número de imigrantes brasileiros chegados ao país durante esse período.

Contudo, o surgimento da dificuldade encontrada na aquisição do visto de turista não anulou o desejo e nem a partida de alguns brasileiros para o país norte-americano. Conforme Lima e Castro (2017), diante desse fato, uma nova rota de chegada aos EUA, já estabelecida anteriormente, foi intensificada, a partir da entrada pela fronteira do México. Apesar de essa nova maneira envolver questões problemáticas devido a não regularidade da forma de entrada no país,

como o alto custo, a distância e o risco de travessia, ela veio a ser aderida por muitos brasileiros que não conseguiam adquirir o visto de forma regularizada.

Embora houvessem algumas dificuldades envolvidas nesse processo, existiam fatores que não poderiam impedir a chegada desses brasileiros imigrantes pelo México. Pois, acobertados pela lei, os imigrantes brasileiros que chegavam aos EUA através dessa fronteira, não podiam ser apreendidos pelo país norte-americano e retornados ao México pelo fato de não serem pessoas de origem mexicana. Dessa forma, esses imigrantes eram liberados, porém portando uma *notice to appear*, notificação de que deveriam comparecer na corte de justiça. O fato é que a maioria deles não compareciam para a audiência, e mantinham-se no país ilegalmente.

Segundo Lima e Castro (2017) nesse período de pós-atentado de 2001 a região mineira de Governador Valadares utilizava de maneira recorrente a forma de entrada clandestina nos EUA. Porém, os serviços dos chamados “cônsules”, também conhecidos popularmente como “coiotes”, pessoas que ofereciam as soluções para a entrada dos brasileiros nos EUA e em outros países, de forma ilegal, arriscada e cara foi uma prática criada ainda na década de 1960.

Diante disso, entendemos que assim como a estratégia de utilização do turismo de forma legalizada tornou-se uma prática comum para os brasileiros que desejavam imigrar para os EUA e habitar no país de forma definitiva, a rota ilegalizada oferecida de entrada pelo México, também era, desde então, uma prática comum adotada pelos imigrantes. Contudo, de acordo com os autores, na metade da década de 1990, houve também uma redução momentânea do fluxo migratório ilegal, através da rota clandestina, devido ao maior controle de fiscalização da fronteira com o México.

Conta-se que, anos depois, a dificuldade veio a aumentar em setembro de 2005. Pois, pressionado pelo governo estadunidense, o México deu início a exigência de visto de entrada para os brasileiros, no qual para adquiri-lo, entre outras requisições, seria preciso comprovar capacidade financeira semelhante àquela exigida pelas autoridades consulares norte-americanas no Brasil. Essa nova medida veio a problematizar, ainda mais, a chegada de brasileiros imigrantes aos EUA.

Apesar de tal medida ter sido facilitada posteriormente, os autores contam ainda que esse fluxo migratório chegou a se readaptar buscando novas alternativas de entrada no país, apoiados pelas redes sociais construídas, dessa vez utilizando a via de entrada pelo Canadá e, sobretudo, pela Guatemala, através da fronteira sul do México. “Assim, os fluxos de entrada clandestinos nos

Estados Unidos voltaram a se intensificar, atingindo o seu pico na metade da década de 2000” (LIMA e CASTRO, 2017, p. 51).

Compreendemos que dados da imigração clandestina, de brasileiros chegados aos EUA, podem ser verificados através de três fontes: Postos Consulares, Departamento de Segurança dos EUA (*Department of Homeland Security -DHS*), e. *U.S. Census Bureau*. Por outro lado, as fontes de análise referente ao número de imigrantes brasileiros vivendo nos EUA, independente de status migratório, são as estimativas feitas com base em dados provenientes das remessas de dinheiro enviadas para o Brasil pelos imigrantes.

Assim, diante desses fluxos de remessas, no ano de 2007, foram computados uma população entre 803.000 e 1,4 milhões de pessoas. Para melhor compreender-se os fatores envolvidos nesse registro, são avaliados os demais tópicos: o volume de remessas dos EUA para o Brasil, de acordo com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID); o valor médio das remessas enviadas por brasileiros nos EUA para o Brasil; a frequência média dos envios; e a proporção da população que envia remessas de dinheiro para o Brasil.

Já a empresa Synovate, em estudo sobre a estimativa da população brasileira nos EUA, através de pesquisas realizadas para o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal, nos anos de 2003, 2007 e 2008, contabilizou em torno de 967.000 imigrantes vivendo em terra norte-americana, fazendo uso do mesmo método indireto, e de dados de 2001 do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Para tal, a empresa utilizou o valor de \$2,6 bilhões de dólares em remessas oriundas dos Estados Unidos para o Brasil (BID, 2001), sendo o valor médio das remessas de \$250 dólares, enviadas de 10 a 12 vezes ao ano. Para o cálculo da proporção dos remetentes, a empresa assumiu um tamanho médio dos domicílios brasileiros de 2,59 pessoas⁵ (LIMA e CASTRO, 2017, p. 55).

Na visão de Magalhães (2011), as remessas financeiras enviadas para o Brasil, pelos brasileiros que vivem no exterior, exercem uma grande importância na questão emigratória, podendo ocupar o mesmo grau de benefício para o país, os quais produtos primordiais para a exportação brasileira, assim como o café ocupam. Conforme Brum (2018), estimativas do Banco Mundial (2011) e do Banco Central (2012) podem confirmar, numericamente, a representatividade que as remessas financeiras, proporcionadas pelos imigrantes, trazem para o Brasil. Esse fato pode

⁵ Estimativa da População Brasileira nos Estados Unidos, Synovate, Março 2003.

gerar crescimento para o país das mais diversas formas, assim como aumentar a viabilização da criação de novos empreendimentos no mercado econômico brasileiro.

[...] Em 2010, o Brasil era o vigésimo quarto país que mais recebia remessas internacionais, as quais se equiparavam a algumas das *commodities* mais importantes na pauta de exportação brasileira: em 2010, no auge da crise financeira econômica que motivou o retorno de milhares de migrantes ao país, foram recebidos 4,3 bilhões de dólares em remessas (BANCO MUNDIAL, 2011, p. 3); em 2009, tinham sido exportados apenas 3,7 bilhões de dólares em café (BANCO CENTRAL, 2012, p. 1) (BRUM, 2018, p. 196).

Dentro desse cenário demográfico e sociocultural, entre causas e efeitos da caracterização do Brasil como um país de emigração, envolvendo a população brasileira e ambos os países, estudos apontam que o fenômeno migratório internacional entre Brasil/EUA fez nascer, em virtude dessa realidade, o caráter transnacional da migração. A transnacionalidade diz respeito às relações econômicas, sociais e políticas que os imigrantes mantêm com o seu país de origem e entre si.

Nesse contexto, assim como a relação econômica, representada através das remessas de dinheiro, assumidas pelos imigrantes podem favorecer o Brasil, as remessas sociais, entendidas como trocas de ideias, visões, hábitos e valores culturais adquiridos nos EUA, também ultrapassam fronteiras geográficas. O transnacionalismo faz com que, cada vez mais, se fortaleça o vínculo entre ambos os países, envolvidos no processo migratório.

Para Peggy Levitt (2001), a suposição de que as pessoas vivem suas vidas em um só lugar, de acordo com um conjunto de normas nacionais e culturais, em países com fronteiras nacionais impermeáveis, não é mais válida. Entendemos que o processo migratório de mudança de país, implica não apenas em mudança física, mas emocional e subjetiva. Isso contribui para que as relações sociais se ampliem, integrando continuamente o Brasil/EUA no mundo globalizado.

Os registros do número populacional de imigrantes brasileiros vivendo nos EUA se fazem de extrema importância para que possamos entender a intensidade de todos os outros fatores ocasionados em virtude dessa jornada. Tomamos como exemplo o transnacionalismo, entendido como um elemento intrínseco ao movimento de idas e vindas, entre o “aqui” e “ali” que ultrapassam noções de fronteiras, de culturas nacionais engessadas e, na nossa visão, de estruturas rígidas de condições sintáticas de sistemas linguísticos isolados.

Enquanto transnacionais, os imigrantes envolvem-se em atividades além-fronteiras, construindo assim “campos sociais” – relativamente estáveis, duráveis, e densamente interligados – que conectam os seus países de origem àqueles onde vivem. Essas conexões são estruturadas por meio da circulação de ideias, informações, produtos e dinheiro, adicionado ao movimento de

peças. A qualquer momento os imigrantes estão firmemente assentados num lugar particular – Boston ou Londres, por exemplo – mas suas vidas diárias estão comumente ligadas, interligadas e dependentes de pessoas e recursos localizados em outros lugares (LIMA e CASTRO, 2017, p. 24).

Nessa perspectiva, percebemos que o desenvolvimento da tecnologia dos meios de comunicação e do transporte aéreo pode representar a força propulsora do transnacionalismo, responsável pela fixação das relações sociais e econômicas que estão cada vez mais facilitadas devido a evolução tecnológica. Basta mencionar a dimensão do alcance das ferramentas dos aplicativos de comunicação, acessíveis as mais diversas classes sociais, como *Skype*, *WhatsApp*, *Facetime*, *Facebook*, *Instagram*, *Zoom*, *Google Meet*, entre outros, que vêm a exercer uma transformação na relação entre tempo e espaço, nos tempos modernos. Assim como a variedade de aplicativos bancários, como *Money Transfer*, *Remitly*, *CashApp*, *Zelle*, *PayPall*, e *Pix* utilizados para realizar transferência monetária, e os meios de transporte mais rápidos e de maior acessibilidade a população.

Para melhor descrever a transnacionalidade, observemos o index dos 5 *Ts*, desenhado por Manuel Orozco (2005), que analisa a participação dos imigrantes em cinco principais atividades transnacionais, a saber: *Transportation* – Transporte; *Tourism* – Turismo; *Telecommunications* – Telecomunicações; *Transfer of Money and Capital* – Transferência de Remessas; e *Nostalgic Trade* – Comércio Nostálgico.

Esse modelo desenvolvido pelo autor busca medir o envolvimento dos imigrantes em relação a viagens aéreas como forma de se comunicarem com suas famílias; atividades econômicas envolvidas na viagem para sua terra natal; constantes ligações para seus familiares, amigos e associados de seus países de origem, por meio de aparelhos móveis; atividades econômicas via remessas de dinheiro; e consumo de produtos oriundos dos países de origem, oferecidos por empresas locais, respectivamente.

Em seu *framework* dos 5 *Ts*, o autor ainda menciona uma sexta característica do transnacionalismo: os *Plilanthropic Transfers* – Investimentos Filantrópicos, que seriam os recursos destinados a associações filantrópicas, enviados pelos imigrantes para as suas cidades de origem. Os facilitadores tecnológicos tendem a crescer, na proporção em que a ciência se expande, oferecendo novas criações e alternativas surpreendentes para a humanidade. Assim, com a evolução dos tempos, os imigrantes fortalecem laços entre o novo país estrangeiro e o seu país de origem, por meio da transnacionalidade impulsionada pela tecnologia.

Entendemos que com o advento de novas ferramentas tecnológicas acessíveis a população em geral, cresceram as possibilidades de os imigrantes manterem uma relação, cada vez mais próxima, com as suas sociedades de origem, assim como eles também puderam trazer benefícios econômicos para a sua terra natal, criando novos mercados de investimentos, e movimentando o setor de empreendedorismo. O transnacionalismo é uma tendência crescente na vida global. “E, à medida que essa tendência cresce e se espalha, lança novas dinâmicas que desafiam o ideal de ‘assimilação’ do imigrante. Da mesma forma, anula o pensamento político restrito de um estado-nação homogêneo e monocultural e reforça a horizontalidade da economia mundial” (LIMA e CASTRO, 2017, p. 25).

Uma pesquisa realizada em 2007⁶ revelou que, entre os brasileiros vivendo em Massachusetts, as remessas eram somente a ponta do *iceberg* transnacional. Quase dois terços dos respondentes indicaram que, além de remessas mensais para as suas famílias, esses lhes telefonavam de duas a três vezes por semana. A maioria assistia televisão ou programas de rádios produzidos no Brasil e cerca de três em cada quatro enviavam e recebia, e-mails de seus familiares, sócios e amigos. Quase metade consumia produtos importados do Brasil, mais de um quarto tinha conta de poupança no Brasil e cerca de 7% tinham empréstimos imobiliários. Além disso, um terço dos respondentes afirmou enviar dinheiro às suas famílias para pagamento de empréstimos imobiliários, estudantis, pensões ou outros investimentos (...) (Idem, 2017, p. 23-24).

Essa mesma tendência, conforme os autores, mostrou-se permanente do ano de 2010 à atualidade apesar de registros apontarem para oscilações do número de chegada de brasileiros nos EUA, devido as circunstâncias vividas em ambos os países. Em diferentes anos, o perfil da emigração também se modificou, podendo variar entre aqueles que viajam solitariamente, ou outros que chegam dentro de um grupo familiar. Variando ainda entre outros que possuem curso superior, porém os seus diplomas brasileiros não lhes garantem o acesso às atividades profissionais *White collar* - Colarinho Branco, correspondentes aos seus trabalhos exercidos no Brasil, devido a ausência dos documentos necessários exigidos no novo país.

De forma geral, em um período de mais de 30 décadas, percebemos que a mola propulsora de saída dos brasileiros de seu país, foi a busca por melhores condições de vida. Esse fator motivacional pode ser compreendido das mais diversas formas a depender do indivíduo e de suas prioridades na vida. Dentre esses aspectos motivadores, que podem representar uma “melhor qualidade de vida”, encontramos: fugir da violência urbana, do alto custo de vida, e da baixa

⁶ Lima, Alvaro e Pete Plastrik. A Profile of Brazilian Remitters in Massachusetts. Boston, Massachusetts (2007).

perspectiva econômica. Surge também a idealização de criação dos filhos em um país “de primeiro mundo”, e a justificativa de dizer “gostar dos EUA”, pelo simples fato de ter crescido ouvindo falar das oportunidades, e da qualidade de vida no país norte-americano.

[...] Grande parte dos brasileiros que chegaram aos Estados Unidos em 2015 e pelo menos 97% dos entrevistados no Brasil de março a maio de 2016⁷, apontaram a baixa perspectiva econômica e política do país, a violência urbana e o alto custo de vida como os principais fatores de influência na decisão de emigrar. A possibilidade de criar os filhos em um país mais organizado e o aumento do desemprego no Brasil também foram mencionados na pesquisa. O fator “gostar dos Estados Unidos” foi citado por 62% dos entrevistados, independente dessas pessoas já terem ou não estado neste país (LIMA e CASTRO, 2017, p. 116-117).

Diante desse fato, novos registros do número de imigrantes buscaram ser feitos, assim como novas histórias foram contadas de acordo com cada década. Alguns fatores limitantes podendo subestimar o contingente de brasileiros, em erros de mensuração também continuaram a existir, principalmente em se tratando de indivíduos indocumentados. Contudo, ao se dar conta de que se tornara um “país de emigração”, novas políticas governamentais foram formuladas para apoiar o fenômeno migratório internacional, uma vez que esse movimento também podia exercer influências positivas, e transformar o Brasil. “Da mesma forma que os movimentos migratórios se reconstruem ao longo do tempo, a sua análise é necessária para a compreensão dessa dinâmica que, por sua vez, possibilita soluções e alternativas, governamentais ou privadas, para apoio às questões ligadas a esse fenômeno social” (Idem, 2017, p. 117).

Conforme Brum (2017), entre os cerca de 200 milhões de indivíduos que compunham a população do Brasil, até a década de 2017 estimava-se que um número aproximado de três a quatro milhões de brasileiros residiam no exterior, com uma maior concentração no território estadunidense. Conforme o *U.S. Census* de 2000, nesse mesmo ano, os brasileiros representavam a 28ª maior comunidade imigrante dos EUA, encontrando ainda uma maior representatividade no ano de 2014, passando a ocupar o 19º lugar, segundo estimativas do ACS.

[...] Segundo as estimativas populacionais das comunidades brasileiras no mundo elaboradas pelo Itamaraty, os países que abrigam as maiores concentrações de brasileiros no exterior são: Estados Unidos da América

⁷ Castro, Allani de Lacerda Barbosa de. Variáveis do retorno e expectativas de permanência no Brasil. Pesquisa realizada no período de 28/3 a 13/5/2016. Com 117 pessoas, entre imigrantes retornados, beneficiários de remessas e lideranças públicas e comunitárias nos estados de Minas Gerais, Goiás e Paraná. Pesquisa não publicada.

(1.410.000); Paraguai (332.042); Japão (170.229); Reino Unido (120.000); e Portugal (116.271)⁸ (BRUM, 2018, p. 196).

O padrão de assentamento dessa população nos EUA também apresentou mudanças no decorrer dos anos. Consta-se que, nas primeiras décadas de chegada, por volta de 1980, em virtude das maiores oportunidades de trabalho, boa parte dos brasileiros optavam por grandes regiões metropolitanas, escolhendo os estados da Califórnia e de Nova York. Já na década seguinte, em 1990, essa distribuição começa a mudar em favor da Flórida e de Massachusetts, havendo um salto ainda maior para a Flórida no ano de 2000, passando este a ser considerado o estado mais popular para os brasileiros. “Em 2014, a Flórida concentrava a maioria dos brasileiros (20%), seguida dos estados de Massachusetts (17%), Califórnia (10%), Nova Jersey (9%) e Nova York (7%). Juntos, esses cinco estados são os lugares de residência de 63% da população brasileira que vive nos Estados Unidos” (LIMA e CASTRO, 2017, p. 55). A Flórida, cenário desta pesquisa de campo, está no ranking de primeiro lugar.

Com três a quatro milhões de brasileiros residindo no exterior, o Brasil é atualmente classificado como um “país de emigração” (ONU, 2004, p. 36). Os EUA são o principal destino dos imigrantes brasileiros. Nesse país, a Flórida abriga uma das maiores comunidades⁹ de nacionais, com algo entre 300 mil e 400 mil brasileiros. Tais dados permitem dizer que há mais brasileiros no exterior do que vivendo em Brasília, capital federal do Brasil e terceira cidade brasileira em população. E que, somente na Flórida, há tantos nacionais quanto habitantes de uma capital estadual como Vitória, no Espírito Santo (BRUM, 2018a, p. 241) (BRUM, 2018, p. 195).

Apesar de haver algumas diversidades no perfil dos imigrantes, para Brum (2018) há alguns aspectos de similitudes entre eles, caracterizando, de certa maneira, a comunidade brasileira no estrangeiro. Alguns brasileiros se identificam em relação ao desconhecimento da língua local, a situação imigratória irregular, e a ausência de seguro de saúde, e previdenciário. Um ponto positivo é que eles estão melhor representados com o mais alto nível de educação quando comparados com a população circundante de nativos e de imigrantes de outras origens. E apesar de a falta de proficiência na língua inglesa estar pontuada nesse conjunto de caracterização, Lima e Castro

⁸ Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/Estimativas%20RCN%202015%20-%20Atualizado.pdf>. Acesso em: 25 abril 2018.

⁹ Rocha-Trindade define comunidade como “um conjunto de indivíduos migrantes que, permanecendo num determinado território de contornos razoavelmente definidos, possui uma dimensão que lhe permite revelar uma estrutura social com alguma representatividade em termos de grupos etários, sexos, relações familiares, e interações sociais. A estas características deverá conjugar-se uma unidade de propósitos e um sentimento comum de pertença” (1995, p. 184).

(2017)¹⁰ dizem que, em relação aos outros imigrantes, em geral, a proporção de brasileiros que não falam inglês é menor do que a dos demais estrangeiros de outras nacionalidades.

Os brasileiros surpreendem quanto ao grau de escolaridade, tratando-se de *High School*, bacharelado completo, e pós graduação (mestrado e doutorado). De acordo com os autores, a população brasileira da Califórnia tem o mais alto nível de educação formal, com cerca de 60% detendo título de bacharelado ou superior, seguida pela Flórida com 41%, Nova York-Nova Jersey (32%) e Massachusetts com 12%.

(...) Os brasileiros também têm uma proporção maior de pessoas com diploma universitário quando comparados aos imigrantes em geral e à população nativa. Enquanto 24% dos brasileiros têm bacharelado completo, somente 17% de todos os imigrantes e 19% dos nativos o possuem. Finalmente, a proporção de pessoas com pós-graduação (mestrado e/ou doutorado) é também maior para os brasileiros (13%), se comparada a 12% para todos os imigrantes e 11% para os nativos (LIMA e CASTRO, 2017, p. 67).

Quanto a idade, gênero e estado civil, segundo o *American Community Survey* (ACS, 2014), foi identificado que os imigrantes brasileiros estão na faixa etária de 20 e 64 anos de idade, uma idade média de 39 anos. Entre essa população, as crianças e os idosos são consideravelmente menos representativos, o que mostra que a maioria das pessoas estão na idade de trabalho. Em relação ao gênero, as mulheres se apresentam como maioria, com 56% da população de imigrantes brasileiros. E quanto ao estado civil, 57% dos brasileiros que vivem nos EUA são casados.

Quando pensamos em situação imigratória, de acordo com a mesma fonte, entendemos que devido ao fato de a proporção mais significativa da população brasileira ter chegado aos EUA mais recentemente, os imigrantes brasileiros têm uma taxa de naturalização baixa. Segundo registros do ano de 2014, somente 37% dos brasileiros possuíam cidadania estadunidense. Contudo, se analisado somente entre os estados separadamente, que possuem os maiores números de brasileiros, como a Flórida e a Califórnia, por exemplo, nesses, 43%, e 50%, respectivamente, dos conterrâneos tinham a cidadania. Esses dados indicam que o número de brasileiros naturalizados tem aumentado com uma certa constância, passando-se de 629 pessoas antes de 1950, para uma população de 124.000 depois de meio século.

¹⁰ Com base em dados do *American Community Survey* (ACS, 2014).

A ausência de seguro saúde e previdenciário também vem a ser um dos fatores de grande vulnerabilidade para os imigrantes brasileiros “não-documentados”. Diante desse e dos demais fatores adversos que um imigrante pode encontrar ao se deparar com uma nova realidade em um país estrangeiro, eles buscaram se unir, formando comunidades para resolver suas problemáticas e interesses mútuos. Esse movimento solidário entre os próprios imigrantes, somado ao reconhecimento das autoridades brasileiras dos benefícios financeiros que essa população pode gerar à sua nação, promoveu a mobilização de órgãos competentes para a criação de novas práticas de acolhimento, viabilizando algumas políticas de proteção, e de vinculação do Brasil para os brasileiros e seus descendentes no exterior.

[n]ão obstante a adversidade deste contexto, ou mesmo em função dele, positivo é constatar que surgem iniciativas, e que estas se fortalecem em favor da causa: os emigrantes passaram a se organizar, e, assim, despertam a atenção do Estado Brasileiro e da sociedade brasileira; a Academia passa a investigar os fatores, as preferências e as dificuldades dos emigrantes; entidades da sociedade civil articulam-se para apoiar e oferecer espaços e canais de manifestação; instituições do Estado brasileiro voltam sua atenção à nova realidade dos cidadãos em movimento; o parlamento inicia processos de debates e audiências públicas para visualizar o panorama que se desenha, e agir em face das necessidades e demandas que dele emergem (MILESI e FANTAZINI, 2009, p. 321).

Até a década de 1980, as questões migratórias interessavam ao Brasil na perspectiva de país destino, contudo a partir do momento em que o Brasil se tornara um país de emigrantes, e tomada a consciência dos benefícios trazidos, em meados dos anos 1990, o novo paradigma nas relações Estado-Diáspora foi consolidado. Houve o aumento da responsabilidade social do governo brasileiro, trabalhando no aperfeiçoamento em benefício das comunidades brasileiras no estrangeiro, e de políticas que visavam o engajamento dos migrantes em planos de desenvolvimento nacional. “Sem dúvida, os líderes em nível local, estadual, nacional e até internacional estão tomando nota dos potenciais ganhos econômicos inesperados que os emigrantes representam¹¹ (LEVITT, DE LA DEHESA, 2003, p. 9, tradução nossa).

As políticas de vinculação, de acordo com Mármora (2002), podem ser vistas como parte das políticas mais amplas de recuperação do emigrado, e podem se subclassificar em políticas de retorno e de vinculação. “As últimas pretendem efetivar os vínculos entre os nacionais que vivem fora do país de origem com tal sociedade (MÁRMORA, 2002). As políticas de vinculação

¹¹ Do original: without doubt, leaders at the local, state, national, and even international level are taking note of the potential economic windfalls emigrants represent.

pressupõem que os emigrantes podem, mesmo sem regressar ao seu país de origem, levar benefícios para este (PADILLA, 2011)” (BRUM, 2018, p. 70).

Para descrever as políticas de vinculação do Estado brasileiro para suas comunidades no exterior, utiliza-se o modelo de análise e classificação de Padilha (2011), que mescla os modelos propostos por Levitt e De la Dehesa (2003), e Gamlen (2006, 2008), além de incluir “outros campos e dimensões que têm sido subestimados” (PADILLA, 2011, p. 25), entre eles as relações internacionais e a interação com a sociedade civil (BRUM, 2018, p. 70).

Conforme o autor, o modelo das políticas de vinculação do Estado brasileiro com suas comunidades no exterior proposto por Padilla (2011), busca analisar os seguintes tópicos: reformas institucionais; políticas de investimento; extensão de direitos; serviços do Estado no exterior; políticas simbólicas; relações internacionais; e cooperação com a sociedade civil.

Nesse contexto, as reformas institucionais estão voltadas as alterações na estrutura política brasileira a fim de atender a comunidade de brasileiros que vivem fora do país. Com isso, as políticas de investimento pretendiam mostrar uma maior sensibilidade às demandas desses grupos e um maior interesse na manutenção dos laços que ligam os emigrantes ao Brasil.

Para Ushujima (2012), a extensão de direitos representou um ganho para os imigrantes brasileiros. A Emenda Constitucional n. 3 foi aprovada no Brasil em 1994, passando a permitir a posse da dupla nacionalidade. De acordo com a Constituição Federal de 1988 não era permitida a manutenção da nacionalidade brasileira, caso o sujeito optasse por se naturalizar em outro país. Isso implica que se o imigrante brasileiro viesse a se tornar cidadão estadunidense, ele teria que abdicar de sua cidadania brasileira. Na nossa visão, essa era uma decisão conflituosa porque apesar de escolher viver nos EUA, acreditamos que o sujeito brasileiro não desejaria anular as suas origens.

No tocante a vinculação dos imigrantes com o seu país de origem, no cenário atual “um objetivo de grande interesse estratégico para o Brasil é o da preservação da identidade nacional dos brasileiros e dos seus vínculos com o Brasil, sem prejuízo de sua inserção harmônica na sociedade local” (GRADILONE, 2009, p. 19). Nesse sentido, o voto também passou a ser um direito, assim como também um dever para o sujeito brasileiro que reside no exterior. Segundo Ushujima (2012), em todos os países com mais de 30 eleitores registrados, são estabelecidos serviços eleitorais em embaixadas e repartições consulares, como também em seções de votação pela justiça eleitoral, em parceria com o MRE.

Quanto aos serviços do Estado no exterior, Firmeza (2007) afirma que em meados dos anos 1990, houve uma mudança conceitual que ganhou força no Itamaraty com a criação de consulados, ou missões itinerantes em que ao invés de tais órgãos aguardarem pelas demandas dos brasileiros, eram os consulados que deveriam sair ao encontro de atender as necessidades das comunidades.

Já as políticas simbólicas estão ligadas ao campo cultural e educacional. Conforme Ushijima (2012), o MRE e o Ministério da Cultura (MinC) desenvolveram políticas para promover o acesso à cultura brasileira, para emigrantes e seus descendentes no exterior, que podem funcionar como um meio de vínculo com o país de origem. Contou-se com a instalação de centros brasileiros de atividades culturais, e o início da transmissão da televisão Brasil Internacional (TVBI). Firmeza (2007) afirma que em 2015 foi instituído o Dia da Comunidade Brasileira no Exterior, celebrado em 29 de setembro, assim como foi elaborada a cartilha infantil sobre o Brasil, “Brazil for Kids”.

Quanto as relações internacionais, segundo Padilha (2011), ao demonstrar capacidade internacional em lidar com grandes potências, o governo brasileiro possibilitou interações que devem ser entendidas como “afirmações internacionais”. Dessa forma, o Brasil melhorou sua posição internacional como um novo e emergente poder no Sul a partir dos anos 2000, e fez uso de tal posicionamento como uma plataforma para intervenção, uma vez que a sua capacidade de negociação e pressão dentro das organizações internacionais, como a ONU, o G20¹², e a EU¹³, assim como nas arenas regionais, como o MERCOSUL estavam elevadas.

Por fim, no que diz respeito a cooperação com a sociedade civil, de acordo com Brum (2018), somente em 2008 foi realizada, pela primeira vez, a Conferência “Brasileiros no Mundo”, no Palácio do Itamaraty do Rio de Janeiro, com a intenção de promover o debate aberto e abrangente de assuntos sobre a emigração brasileira e políticas públicas para brasileiros no exterior. Na ocasião, foram apresentados trabalhos sobre ações em curso, ou cogitadas nessa área,

¹² O G20 é uma organização idealizada em um contexto de forte crise econômica, em uma série de economias emergentes, com a função de “discutir a estabilidade do sistema internacional”, criada no final da década de 1990, ganhando mais notoriedade a partir da crise econômica mundial em 2008. Durante anos, os encontros eram realizados entre os ministros das Finanças (ou Fazenda) de cada país, os quais discutiam questões ligadas ao sistema financeiro global, porém posteriormente as reuniões passaram a envolver também os chefes de Estado de cada membro, passando-se a serem discutidas questões englobando outros temas, como energia, clima e meio ambiente. Fazem parte do G20, 19 países e 1 bloco econômico: União Europeia, Estados Unidos, China, Brasil, Canadá, França, Argentina, México, Indonésia, África do Sul, Austrália, Coreia do Sul, Japão, Alemanha, Itália, Índia, Rússia, Arábia Saudita, Reino Unido, e Turquia.

¹³ A EU - *European Union* é compreendida pelos países que fazem parte da União Europeia: Alemanha, França e Itália.

pelos Representantes do MRE, do Trabalho e Emprego, da Previdência Social e da Educação, assim como estudos elaborados por Acadêmicos renomados sobre a “diáspora brasileira”.

Já na segunda conferência realizada em 2009, conforme Brum (2018) foi sugerida a criação de um Conselho de Representantes Brasileiros no Exterior (CRBE), no qual as organizações de imigrantes, no que concerne à relação dos emigrantes com o Estado brasileiro, almejavam a representação dos brasileiros no Congresso Nacional, e a criação de uma secretaria de emigração ocupada por alguém com experiência migrante, vinculada diretamente à Presidência.

Apesar de não ter sido exatamente como almejava-se, ainda assim, na ocasião da Conferência de 2009 foi incorporada a sugestão ao Decreto Presidencial 7.214, que também estabeleceu as diretrizes da política governamental para brasileiros no exterior. Este pôde determinar a periodicidade anual para a Conferência “Brasileiros no Mundo”, e “formulou a Ata Consolidada de Demandas das Comunidades, elaborada a partir das reivindicações presentes nas duas primeiras conferências, como ‘roteiro para os órgãos públicos prestarem contas a respeito de suas ações que beneficiam os brasileiros no exterior’” (BRUM, 2018, p. 81).

O autor afirma que, desde a década de 1990, já podia-se observar diversas medidas tomadas pelo governo brasileiro a fim de melhorar a qualidade de vida, e promover uma maior aproximação entre o “país continental” e as comunidades de emigrantes nacionais no estrangeiro, inclusive no que diz respeito ao incentivo de aprendizagem da língua estrangeira. Observe as iniciativas:

[...] providências relacionadas à circulação e à documentação; ao incentivo à regularização migratória, ao fomento dos investimentos que buscavam atrair remessas; à promoção e reforço do aprendizado da língua e promoção da cultura nacional; ao desenvolvimento do incremento de ações na área da educação, saúde, apoio jurídico, previdência, direitos trabalhistas, além de outros tipos de assistência social. Além disso, verificou-se que diversos atores – estatais e não-estatais – participam no processo de formulação das políticas de vinculação. Tais medidas aumentaram o número e a divulgação de informações, estendendo direitos políticos, e expandindo a rede consular (Idem, 2018, p. 81).

Quanto a preservação da língua portuguesa, com o papel de guardião da memória dos brasileiros no Sul da Flórida, o autor destaca o Centro Cultural Brasil-Estados Unidos (CCBU), atrelado ao Consulado-Geral do Brasil em Miami, que tem por objetivo promover eventos culturais que divulguem a cultura brasileira, sendo também o responsável por coordenar a abertura da Ada Merritt, primeira escola bilíngue de português da Flórida, em 2003. Destaca-se também a Fundação Vamos Falar Português (VFP), que tem como atividade promover a língua portuguesa

e a cultura brasileira, com um programa gratuito de aulas de português. Já na área empresarial, entre outras organizações, destaca-se o *Brazilian Business Group* (BBG).

Conforme Gradilone (2009), com cerca de 3 milhões de brasileiros vivendo no exterior, o Brasil vem desenvolvendo um trabalho permanente com foco nas suas comunidades, em prol dos brasileiros imigrantes. Na sua Chancelaria há uma Subsecretaria-Geral para a sua diáspora e uma rede de 167 postos, compreendendo 105 setores consulares de Embaixadas, 43 Consulados-Gerais, 5 Consulados e 14 Vice-Consulados que se dedicam, através de instrumentos que incluem setores específicos para seu apoio, Conselhos de Cidadãos, Redes de Solidariedade, Consulados itinerantes, programas conjuntos com outros Ministérios, e iniciativas dos Postos que podem variar de acordo com a região e as suas circunstâncias.

Apesar de ter havido debates, nas últimas seis décadas, divergindo entre interpretações positivas e negativas acerca da contribuição que a emigração pode trazer para o desenvolvimento de seu país, para Brozowski (2012), os esforços que tentam incluir “migração” na política econômica, são associados com a suposição de que a abordagem otimista está dominando a discussão nos últimos 20 e 25 anos. Com base no “novo mantra” ao redor do nexo migração e desenvolvimento, descrito por Kapur (2004), que busca debater acerca dessa interface, e do impacto das migrações nos países de origem e de destino de migrantes, conforme Brum (2018), há uma série de proposições positivas, principalmente no que diz respeito ao fluxo de dinheiro; a ampliação de conhecimentos; e ao compartilhamento de ideias universais.

O movimento transnacional, vivenciado pelos imigrantes ao longo de uma média de cinco décadas, vem mostrando a possibilidade de viver-se entre ambos os países: seu país de origem e o de destino. Para Lima e Castro (2017), uma das manifestações benéficas característica da transnacionalidade pode ser identificada através do empreendedorismo. Tornou-se cada vez mais comum a criação de negócios pelos brasileiros retornados, ou que também permaneceram no exterior, abrindo as suas próprias empresas no Brasil, e dando continuidade às experiências de trabalho que vivenciaram no país estrangeiro

Por outro lado, os imigrantes brasileiros enquanto trabalhadores, empresários e consumidores dos países onde vivem, também contribuem de várias formas para o progresso econômico, e social do país receptor. Além disso, há também o “subsídio” à economia dos países receptores, resultante do fato de que eles não arcam com os custos da reprodução da força de trabalho imigrante. Contudo, esse outro tipo de contribuição é menos estudada e divulgada.

Dessa forma, compreendemos que os imigrantes brasileiros, em virtude do fenômeno da transnacionalidade, que vem acompanhado da modernidade tecnológica, além de contribuírem para o desenvolvimento do Brasil, também trazem vantagens para a economia dos EUA de forma direta enquanto trabalhadores, e indiretamente através de seus gastos de consumo. Porém, uma boa interação deve ser mantida entre o estado brasileiro e seus nacionais no exterior, fazendo-se necessário que os mesmos informem “quem são” e “onde estão” para que às missões diplomáticas e consulares brasileiras tenham o adequado conhecimento da diáspora brasileira, e possa melhor atender a essa população, pois há uma intenção de valorização da presença brasileira no exterior. “Um dos objetivos mais importantes da política governamental do Brasil para a sua diáspora seria o de zelar para que a presença brasileira seja vista favoravelmente, de forma positiva, nos países de acolhida” (GRADILONE, 2009, p. 17).

Apesar de toda a mobilização em favor do potencial das comunidades brasileiras, na visão de Brum (2018), ainda não há uma política consistente para as comunidades no exterior, visto as várias dificuldades cotidianas enfrentadas por essa população. Nesse contexto, os próprios brasileiros se unem em busca de benefícios próprios, cercando-se de uma variedade de comércios com produtos nacionais, igrejas, centros educacionais e culturais, mídia local com noticiários sobre a população de conterrâneos, como jornais, rádios, programas de tv brasileiro, entre tantos outros.

Enquanto transnacionais, os brasileiros envolvem-se em atividades além-fronteiras, construindo “campos sociais” relativamente estáveis, duráveis e interligados, conectando o seu país de origem àquele onde vivem, mantendo as suas vidas diárias interligadas, apesar de estarem vivendo no exterior. Por esse viés, entendemos que o brasileiro será sempre um sujeito pertencente a sua pátria, apresentando costumes, e visões linguísticas e culturais de sua nacionalidade. Assim, o movimento de mudança de país, acompanhado de novos hábitos culturais, e do convívio com a língua estrangeira pode ser um fator gerador de conflitos internos no imigrante que se depara com essa nova realidade.

Nesse panorama, com base na tendência transnacionalista, dessa vez voltada a uma visão linguística, apresentamos a seguir o retrato do brasileiro no contexto imigratório, com ênfase no território linguístico, ao conviver com o bilinguismo, e com o biculturalismo nos EUA. Curiosamente, pretendemos compreender se algo semelhante ao aspecto social e econômico pode também estar acontecendo no terreno da língua.

CAPÍTULO II – REALIDADE LINGUÍSTICA DO SUJEITO BILÍNGUE EM TERRITÓRIO ESTADUNIDENSE

O universo dos imigrantes brasileiros, no aspecto linguístico, em seu convívio nos EUA pode ser compreendido em um contingente de dois grupos: bilingues (que assimilaram a língua estrangeira – aqui colocado como o nosso sujeito de pesquisa), ou monolinges (que apesar de viverem no novo país, não adquiriram a língua estrangeira). Contudo, os indivíduos de ambos os grupos são expostos à nova cultura, devido ao seu atual cotidiano, tornando-se assim biculturais.

Diante desse contexto, precisamos agregar o fator cultural ao aspecto linguístico, por entendermos que o sujeito bilingue e bicultural, alvo desta tese, além de estar imerso nas duas línguas: inglesa e portuguesa, também está inserido em uma sociedade diversa da sua de origem, onde prevalecem elementos culturais específicos e estrangeiros.

Neste capítulo, então, voltado a uma ótica do terreno da língua, abordamos questões relacionadas a posição de entremeio, vivida pelo sujeito em sua nova condição de falante, com a intenção de verificar as mais diversas possibilidades de ocorrências de fenômenos linguísticos na linguagem do brasileiro que vive essa realidade linguística e sociocultural, em um espaço que abriga a coexistência de várias línguas, diferente de seu lugar de origem.

Considerado um país multiétnico, os EUA além de abrigarem o nativo norte-americano, “acolhem” imigrantes de todos os lugares do mundo que fazem parte de diversos fluxos migratórios, trazendo consigo razões distintas, no âmbito individual ou coletivo, em busca de viverem *o American Way of Life*. Nesse sentido, podemos compreender a complexidade desse contexto migratório como uma espécie de mosaico étnico, heterogêneo e com combinações múltiplas, refletindo de forma direta na enunciação dos sujeitos, que podem se deparar com as mais diversas imbricações linguísticas, uma vez que as relações com os variados grupos são inevitáveis.

Na verdade, o contexto migratório de brasileiros nos EUA, como um espaço denso e múltiplo em manifestações culturais e linguísticas, possibilita uma percepção latente acerca da variedade de língua no mundo vivido das pessoas, em proporções e escalas conjugadas na aparente estabilidade e ficção dos limites zonais onde as línguas são praticadas. Desse modo, da mesma forma que a variedade de uso linguístico está presente em qualquer comunidade de falantes, também assim acontece na prática linguística de imigrantes brasileiros nos EUA, mas com uma responsividade, heterogeneidade, variação [...] que se atualizam na realização da língua, compondo uma materialidade e uma variedade próprias e situacionais (LUCAS e SIQUEIRA, 2017, p. 274).

Assim, viver nos EUA consiste em conviver com um multilinguismo, situando o imigrante residente no país, relativamente, em várias partes do mundo ao mesmo tempo, inclusive no próprio Brasil, devido ao seu contato com a língua inglesa falada por nativos, e por uma variedade de falantes de outras nacionalidades, além de também manter o contato com a língua portuguesa com os seus conterrâneos, oriundos das mais diversas regiões brasileiras, assim como com falantes, vindos de países como Portugal e África, estando esses sujeitos sempre rodeados de visões linguísticas distintas.

Nessa perspectiva, entre variedades múltiplas e sobrepostas de línguas, em algumas ocasiões podemos encontrar enunciados típicos, conhecido popularmente como o “portunhol” (mistura de português com espanhol), ou o portinglês (mistura de português com inglês), como exemplos característicos das interações entre os falantes desse complexo contexto imigratório estadunidense. Percebemos que nesses mais variados encontros, o sujeito traz consigo a sua visão de mundo a partir da sua língua nativa, da sua bagagem cultural, e dos seus hábitos e costumes, os quais tendem a se revelar em suas performances enunciativas, ao relacionarem-se com o “outro”, marcando-o, assim, na linguagem com a sua identidade brasileira, ao mesmo tempo em que há, também, um processo de assimilação de aspectos da cultura estrangeira.

De acordo com Lucas e Siqueira (2017), nessa perspectiva social imigratória, apesar de a princípio as relações do imigrante brasileiro com outros grupos parecerem estar mais distanciadas devido a nacionalidade ou estereótipos contrastantes, elas podem tornarem-se próximas devido a condição estrangeira compartilhada, e a circunstância vivenciada “em comum” de serem imigrantes. Contudo, tivemos como foco a relação do brasileiro com o estadunidense, ou com a língua inglesa de forma geral, a partir do entrelaçamento entre língua e cultura (bilinguismo/biculturalismo), a fim de investigar as prováveis mudanças apresentadas no sistema linguístico dos falantes que vivem nessa posição de entremeio, podendo visualizar a ocorrência de deslizos de ambas as línguas (inglesa/portuguesa) na mesma cadeia sintagmática nas falas desses sujeitos.

Junto aos indivíduos estão suas culturas, suas histórias, suas línguas, seus sotaques (na sua própria língua e na língua inglesa), seus hábitos, seus estereótipos adquiridos no contexto migratório, seus papéis, que se mesclam às interações e às marcas da cultura local. Na verdade, ser imigrante nos EUA, em um sentido relacional pode significar estar em várias partes do mundo ao mesmo tempo, no que se refere à aparência e materialidade próprias do

contexto de migração, capaz de conjugar tempos e espaços complexamente (LUCAS e SIQUEIRA, 2017, p. 265).

Ao tratar do conceito sobre o bilinguismo, Grosjean (2013) afirma que bilíngues, ou multilíngues são aquelas pessoas que usam duas ou mais línguas ou dialetos em seu cotidiano, podendo incluir pessoas que vão desde o trabalhador migrante que fala com uma certa dificuldade a língua do país de acolhimento, não possuindo conhecimentos de escrita e leitura, até ao intérprete profissional que é totalmente fluente em duas línguas. Em meio a essas pessoas há também o cônjuge estrangeiro que continua interagindo com seus amigos em sua língua natal; o cientista que lê e escreve artigos em uma língua estrangeira, mas que, por outro lado, raramente a utiliza em seu meio social; o membro de uma sociedade linguística minoritária que usa sua língua de origem apenas em casa, e a língua majoritária em todos os outros domínios da vida, e assim por diante.

Como podemos perceber, a diversidade bilíngue pode ser encontrada nos mais variados sujeitos, em diferentes contextos, “podendo incluir o conhecimento e uso de duas ou mais línguas, a apresentação de informações em duas línguas, a necessidade de duas línguas, o reconhecimento de duas ou mais línguas, e assim por diante” (GROSJEAN, 2013, p. 5, tradução nossa)¹⁴. No entanto, todos eles compartilham de uma única característica em comum: ambos utilizam duas ou mais línguas em seu cotidiano, e vivem em uma posição de entremeio linguístico.

Diante do exposto, aqui nos pautamos no modelo de bilinguismo atribuído a migrações, independente do fator motivacional (econômico, educacional, político, religioso, cultural, comercial, profissional, jornalístico, casamento misto, entre outros), com ênfase na visão de Grosjean (1996, 2013) voltada a psicolinguística (apresentando aspectos linguísticos e culturais), no âmbito da vida diária do homem, imigrante brasileiro, em seu convívio diário com duas línguas na nova sociedade estadunidense.

Dentro desse cenário, sabemos que muitas são as necessidades linguísticas surgidas nos mais diversos tipos de imigrantes, de acordo com as exigências situacionais que os cercam. Conforme Grosjean (2013), os bilíngues adquirem e usam suas línguas em função de diversos propósitos distintos, com as mais variadas pessoas, e em diferentes ambientes e domínios da vida, e devido a este motivo, geralmente, não desenvolvem igual fluência em suas línguas. No entanto,

¹⁴ Do original: “They can include the knowledge and use of two or more languages, the presentation of information in two languages, the need for two languages, the recognition of two or more languages, and so on.”

a incapacidade de entender essas diferentes performances tem gerado alguns conflitos, ocasionando obstáculos para a obtenção de uma imagem clara sobre esses sujeitos.

Como consequência disso, vemos os bilíngues sendo avaliados de forma negativa em termos da fluência e habilidades linguísticas que possuem nas duas línguas, ao serem analisados pelos padrões monolíngues, conduzindo a pesquisa sobre o bilinguismo a serem analisadas, erroneamente, como línguas individuais e separadas do bilíngue, podendo, por sua vez, levar muitos deles a avaliarem suas próprias competências linguísticas como inadequadas.

O nível de fluência alcançado em uma língua (mais precisamente, em uma habilidade linguística) dependerá da necessidade dessa língua e será específico do domínio. Portanto, é perfeitamente normal encontrar bilíngues que só sabem ler e escrever uma de suas línguas, outros que possuem uma fluência reduzida em uma das línguas pelo fato de utilizá-la apenas com um número limitado de pessoas, ou há ainda aqueles que só possuem a habilidade de falar sobre um determinado assunto em uma de suas línguas (GROSJEAN, 1996, p. 2, tradução nossa)¹⁵.

De acordo com suas pesquisas, o autor explica que alguns bilíngues chegam a criticar os seus próprios domínios das habilidades linguísticas; outros se esforçam ao máximo para alcançar as normas monolíngues para cada língua. Há ainda aqueles que passam a esconder o seu conhecimento de sua língua menos fluente; e existe também os que simplesmente não se percebem como bilíngues, embora usem duas (ou mais) línguas em sua vida diária.

Por outro lado, dados mais recentes mostram que os bilíngues estão começando a ser vistos não propriamente como a soma de dois (ou mais) monolíngues completos ou incompletos, mas como falantes-ouvintes específicos e plenamente competentes que desenvolveram uma habilidade comunicativa igual, mas de natureza diferente daquela de monolíngues. Tal visão pôde ocasionar uma redefinição do procedimento utilizado para avaliar suas competências, passando estes a serem estudados em termos de seu repertório linguístico total, com os domínios de uso e as funções de suas línguas levadas em consideração.

Dessa forma, alguns equívocos vêm sendo desmistificados ao entendermos que os bilíngues fazem uso de uma língua ou de outra, ou das duas juntas, dependendo da situação, do tema, do interlocutor, do tempo e do espaço. Começamos a ver, então, uma quebra de paradigma

¹⁵ Do original: The level of fluency attained in a language (more precisely, in a language skill) will depend on the need for that language and will be domain specific. It is thus perfectly normal to find bilinguals who can only read and write one of their languages, who have reduced speaking fluency in a language they only use with a limited number of people, or who can only speak about a particular subject in one of their languages.

em relação ao termo “bilinguismo”, passando este a não ser mais visto como um fenômeno raro encontrado apenas em países desenvolvidos, no qual os bilíngues têm igual fluência de fala e escrita em ambas as línguas, têm fala sem sotaque e podem interpretar e traduzir sem qualquer experiência ou treinamento prévio. Pois, o bilinguismo está presente em praticamente todos os países do mundo, em todas as classes sociais, e em todas as faixas etárias. Na verdade, estima-se que metade da população mundial seja bilíngue, onde a maioria adquiriu suas línguas em determinados momentos, ou circunstância da vida, e raramente possuem igual fluência em ambos os idiomas. Além disso, poucos bilíngues são intérpretes e tradutores proficientes.

Para melhor exemplificar a proporção de bilíngues no mundo, Grosjean (2013) afirma que na América do Norte, cerca de 35% da população do Canadá é bilíngue, e que apesar de a porcentagem de bilinguismo ser menor nos EUA, com cerca de 18 a 20%, ainda assim, representa uma cerca de 55 milhões de habitantes. Os dados de população bilíngue encontram proporções ainda maiores em outros continentes do mundo, como na África e na Ásia, onde é habitual o conhecimento e a utilização de várias línguas no dia a dia dos falantes.

Pesquisadores sobre bilinguismo têm repetido ao longo dos anos que metade da população mundial, se não mais, é bilíngue. Infelizmente, não há dados concretos para todo o mundo, mas é notório que o bilinguismo é encontrado em todas as faixas etárias, em todos os níveis da sociedade e na maioria dos países. Por exemplo, um relatório da Comissão Europeia (2006) mostrou que cerca de 56% dos habitantes de 25 países europeus falam uma segunda língua suficientemente bem para conversar nela. Talvez nem todos eles conduzam suas vidas com duas ou mais línguas, mas a porcentagem dá uma ideia de quão extensivo pode ser o bilinguismo (GROSJEAN, 2013, p. 6, tradução nossa)¹⁶.

No que diz respeito a extensão do bilinguismo, o autor relata que o fenômeno se intensificou devido a existência de uma quantidade maior de línguas (cerca de 7.000 de acordo com Gordon, 2005) do que de países (193 em 2011) ao redor do mundo, no qual algumas nações abrigam línguas diversas, ocasionando um maior contato linguístico entre os habitantes, e consequentemente, ampliando as incidências do bilinguismo. Um fenômeno, contudo, gerado em virtude das migrações, um movimento populacional que remonta a origem da humanidade, onde

¹⁶ Do original: Researchers on bilingualism have repeated over the years that half of the world’s population, if not more, is bilingual. Unfortunately, there are no clear data for the whole world but it is clear that bilingualism is found in all age groups, in all levels of society, and in most countries. For example, a European Commission report (2006) showed that some 56% of the inhabitants of 25 European countries speak a second language well enough to have a conversation in it. They may not all lead their lives with two or more languages but the percentage gives an idea of how extensive bilingualism can be.

entre idas e vindas, de um país ao outro, muitas vezes os migrantes adquiriram a língua do país de acolhimento, tornando-se bilíngues, e os habitantes do país local adotaram a nova língua trazida pelos imigrantes, a exemplo do que aconteceu com os índios americanos, na América do Norte.

Segundo Saville-Troike e Barto (2020), o processo de *SLA (Second Language Acquisition)* - Aquisição de Segunda Língua é um fenômeno complexo, e deve ser observado não somente pela ótica da linguística, mas também pelo viés psicológico e social para que se possa ter um entendimento completo dos fatores envolvidos. Porém, não pretendemos tratar dessa temática diretamente, apesar de esse assunto atravessar, indiretamente, o desenvolvimento desta tese.

Nesse aspecto, há dois pontos que devem ser observados: o primeiro é que ao fazermos menção a “aquisição de segunda língua”, optamos pelo uso da terminologia “aquisição de língua estrangeira”, devido ao fato de nos interessarmos pela relação do sujeito, e a sua experiência de viver, ser e estar em duas línguas, uma vez já constituído como sujeito em sua língua natal, que lhes é própria, e agora se reconstituir como sujeito em uma nova língua que “não” é a sua de origem, e, por assim dizer, lhes é estrangeira.

O segundo ponto é que apesar de haver duas possibilidades de aquisição da língua estrangeira: formal (com a aprendizagem de forma intencional e consciente); ou informal (de forma natural e inconsciente), representadas por dois tipos de aprendizes: *formal language learning* (aprendiz de língua formal); e *naturalistic language learning* (aprendiz de língua naturalístico), respectivamente, ambos os tipos de aprendizes fazem parte do nosso *corpus* de análise. Pois, não é a forma em que foi adquirida a língua estrangeira que se faz importante neste estudo, e sim a análise da experiência, da posição de entre-línguas, vivida e contada pelo próprio imigrante, tendo ele se tornado bilíngue de maneira formal, buscando adquirir o inglês, através de um aprendizado em um ambiente escolar; ou de forma naturalística, no convívio com os falantes de seu novo contorno sociocultural.

De acordo com Purba (2018), vários são os elementos que envolvem o processo de aquisição de língua estrangeira, como: a inteligência; a aptidão; o estilo de aprendizagem; a personalidade; as motivações (intrínsecas - que envolvem as necessidades do aprendiz, e suas atitudes em relação a língua e aos falantes dessa língua; e extrínsecas - que está relacionada a afinidade do aprendiz com o professor da língua estrangeira); a cultura; o status; e a idade (com distinção entre crianças e adultos, em aspectos dos níveis da linguagem, como fonológico, morfológico e sintático).

Contudo, de forma geral, quanto mais houver o interesse pessoal, ou relacional pelos falantes dessa língua estrangeira, maior será a motivação para adquirir e desenvolver habilidades comunicacionais por meio dela. “Se os aprendizes precisarem falar a segunda língua em uma variedade de situações sociais ou para realizar ambições profissionais, eles perceberão o valor comunicativo da segunda língua e, portanto, serão motivados a adquirir proficiência nela” (PURBA, 2018, p. 3, tradução nossa)¹⁷.

Para Grosjean (2013), o uso e a fluência da língua são dois fatores importantes e definidores do bilinguismo, onde um elemento corresponde ao outro, ao entendermos que o nível de fluência das línguas dos bilíngues pode aumentar ou diminuir ao longo do tempo, conforme a sua necessidade de utilização, e a função que essa língua possui nos diferentes domínios da vida.

Dessa forma, há um encadeamento que precisa ser observado entre função da língua / uso da língua / fluência da língua, onde esses três elementos estão totalmente engendrados. E por esse motivo, os bilíngues não possuem igual fluência, com conhecimento perfeito em suas línguas; muitos adquiriram a língua estrangeira em diferentes fases da vida; vários deles têm sotaque em pelo menos uma de suas línguas; eles não são tradutores competentes de ambas as línguas; e nem dois monolíngues em uma mesma pessoa.

O autor afirma que se questionarmos um bilíngue sobre quais línguas ele usa em diferentes domínios da vida, como por exemplo, no seu ciclo familiar, ou de amigos, no trabalho, no esporte, ao sair e se comunicar com pessoas de seu contorno social, ou ao ler um jornal, escrever relatórios, entre outras realidades linguísticas, provavelmente descobriremos que raros são os bilíngues que relatariam cobrir todos esses domínios, utilizando igualmente as duas línguas em essas várias situações. E, inclusive, se esse fosse o caso, haveria pouca razão para ser bilíngue, pois somente uma língua seria suficiente para atender todas as suas necessidades de comunicação. “Os bilíngues geralmente adquirem e usam suas línguas para diferentes propósitos, em diferentes domínios da vida, com pessoas diferentes. Diferentes aspectos da vida muitas vezes requerem línguas diferentes” (GROSJEAN, 2013, p. 12, tradução nossa)¹⁸.

¹⁷ Do original: “If learners need to speak the second language in a wide range of social situations or to fulfil professional ambitions, they will perceive the communicative value of the second language and will therefore be motivated to acquire proficiency in it”.

¹⁸ Do original: Bilinguals usually acquire and use their languages for different purposes, in different domains of life, with different people. Different aspects of life often require different languages.

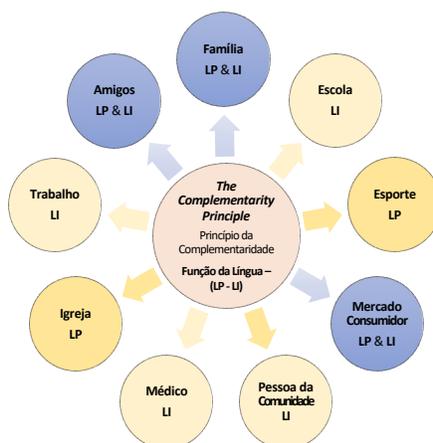
Contudo, é preciso notar que apesar de uma só língua não atender a absolutamente todos os domínios da vida de um bilíngue, esta pode cobrir uma porção deles, atendendo a várias perspectivas diferentes. Da mesma forma que a outra língua também pode abranger uma porção de outros domínios, cobrindo vários outros contextos de sua realidade linguística. E pode ainda acontecer, embora em menores proporções, algumas outras circunstâncias em que ambas as línguas atendem, igualmente, aos mesmos domínios.

Em uma proporção de equivalência, Grosjean (2013) explica que quando uma língua é utilizada em um número muito restrito de domínios, conseqüentemente, há probabilidade de que ela seja usada com menos frequência e, assim, tenha uma fluência menor. O mesmo acontece de forma inversa: quanto mais domínios da vida uma língua é utilizada, maior a sua frequência de uso e, portanto, provavelmente, maior será a sua fluência.

Citando um exemplo ilustrativo do autor, se pensarmos na perspectiva de apenas um subconjunto de domínios, em um tipo de padrão elaborado para qualquer bilíngue, iremos verificar que ele pode abranger domínios diferentes, como possivelmente o conjunto de seis domínios podem estar representados apenas pela Língua 1 (L1), o conjunto de outros três domínios pela Língua 2 (L2), e o conjunto de mais outros dois domínios por ambas as Línguas 1 e 2 (L1 e L2). Portanto, vários domínios podem ser abrangidos pela utilização de um só língua, outros pelo uso da outra língua, e outros ainda, em um número menor, pelo uso das duas línguas e assim por diante. E esse padrão pode ser assim compreendido por aquilo que é denominado: *The Complementarity Principle* - O Princípio da Complementaridade.

Conhecido, então, como as funções das línguas, O Princípio da Complementaridade, conforme Grosjean (2013), pode explicar a ocorrência de uma série de fenômenos encontrados na linguística e na psicolinguística do bilinguismo, onde há uma estreita ligação entre o nível de fluência e uso, e o padrão de domínio de língua em um bilíngue. Observe o exemplo da ilustração abaixo, nos domínios: escola, pessoas da comunidade, serviço médico e trabalho são utilizadas a língua inglesa (LI); esporte, igreja são utilizadas a língua portuguesa (LP); e família, mercado consumidor, e amigos são utilizadas ambas as línguas, portuguesa e inglesa (LP & LI).

Figura 1. Mapa Ilustrativo Princípio da Complementaridade



Fonte: A autora, em fevereiro 2023, fundamentada na teoria do bilinguismo de Grosjean (1996, 2013).

De forma geral, o Princípio da Complementaridade é um dos elementos principais capazes de fundamentar uma melhor compreensão em relação ao complexo universo linguístico de um sujeito que convive com o bilinguismo. Esse elemento tem como princípio as funções das línguas dos bilíngues, e a sua correspondência na utilização nos diversos domínios que envolvem as suas necessidades comunicacionais, no mundo que os cerca. “Em suma, o Princípio da Complementaridade é uma parte importante da vida do bilíngue. Ele está presente em todos os momentos e pode explicar muitos aspectos do conhecimento linguístico e do processamento linguístico de um bilíngue” (GROSJEAN, 2013, p.14, tradução nossa)¹⁹.

Alguns fatores, no entanto, devem ser lembrados quanto a dominância linguística, dentro daquilo que entendemos por Princípio da Complementaridade, como por exemplo o fenômeno conhecido por “fenômeno da dominância linguística”, que corresponde ao prevaletimento de uma língua, de acordo com a maior quantidade de domínios em que é utilizada. Dessa forma, conforme a circunstância linguística e histórica em que o falante está inserido, pode acontecer de a sua língua de origem não ser a dominante em determinadas fases de sua vida. “[...] Deve-se ter cuidado, portanto, para não assumir que a língua de origem de uma pessoa ou ‘língua materna’ é automaticamente sua língua dominante. A história linguística pessoal pode mostrar configurações

¹⁹ Do original: “In sum, the Complementarity Principle is an important part of a bilingual’s life. It is present at all times and it can explain many aspects of a bilingual’s language knowledge and language processing”.

bilíngues bastante diferentes em determinados momentos do tempo” (GROSJEAN, 2013, p. 13, tradução nossa)²⁰.

Além disso, há também a visão distorcida de que o bilíngue possui o mesmo número de vocabulário em ambas as suas línguas. Citando Cooper (1971), Grosjean (2013) fala de um estudo que demonstrou que bilíngues espanhol-ínglês possuíam um índice de conhecimento de palavras em quantidades distintas, dependendo da referência de domínio (família, bairro, escola, religião, etc.). Enquanto em alguns eles mostraram equilíbrio, saindo-se igualmente bem em espanhol e em inglês, em outros eles mostraram proficiência em somente uma língua.

Um outro fator está ligado a não utilização de uma língua em um domínio específico, gerando a insuficiência de vocabulário necessário para a utilização dessa língua nesse determinado domínio. “[...] Todos os bilíngues já estiveram em uma situação em que tiveram que falar sobre um tópico específico na língua ‘errada’. Não sabem ou não encontram as palavras ou expressões certas, hesitam muito e, se a situação permitir, recorrem à outra língua para ajudá-los” (GROSJEAN, 2013, p. 12, tradução nossa)²¹. Alguns comportamentos bem aprendidos, em casos de especificidades de língua, como contar, rezar, e dar números de telefone também podem criar problemas quando conduzidos na língua errada.

Somados a esses fatores, há ainda a questão relacionada a tradução. Os bilíngues não devem ser considerados tradutores naturais devido a suas dificuldades para traduzir quando os domínios são especializados em um determinado aspecto. “É claro que os bilíngues não são menos bilíngues por isso; eles estão simplesmente refletindo o fato de que suas línguas estão distribuídas em diferentes domínios” (Idem, 2013, p. 13, tradução nossa)²². E o último fator, por sua vez, diz respeito à memória de eventos. “Marian e Neisser (2000) mostraram em um estudo experimental que os eventos são mais bem lembrados se a língua usada para os lembrar for a língua em que o

²⁰ Do original: [...] One should be careful, therefore, not to assume that a person’s first language or “mother tongue” is automatically their dominant language. Personal language history may show quite different bilingual configurations at different moments in time.

²¹ Do original: [...] All bilinguals have been in a situation where they have had to talk about a particular topic in the “wrong” language. They don’t know or can’t find the right words or expressions, they hesitate a lot, and, if the situation allows it, they resort to the other language to help them out.

²² Do original: “Of course, bilinguals are no less bilingual for this; they are simply reflecting the fact that their languages are distributed across different domains”.

evento ocorreu [...]. Eles chamaram isso de recordação ‘dependente da língua’” (Ibidem, 2013, p. 13, tradução nossa)²³.

Além da relevância do elemento “Princípio da Complementaridade” como um todo, há um outro componente de fundamental importância que também deve ser compreendido como parte integrante da realidade linguística do sujeito bilingue, na visão grosjeaniana. Trata-se, dessa vez, daquilo que se denomina por *Language Mode* – Modo de Linguagem.

Segundo Grosjean (2013), em suas vidas cotidianas, além de se depararem com as formas distintas de utilização de suas línguas nos mais diversos domínios que envolvem o seu contexto relacional, os bilíngues ainda podem se encontrar em vários pontos ao longo de um *continuum* - contínuo situacional que os conduzem a diferentes *language modes* - modos de linguagem, onde de um lado encontramos os bilíngues em modo totalmente monolíngue de uma, ou da outra língua que conhece, chamado assim de *monolingual language mode* – modo de linguagem monolíngue; e na outra extremidade, temos os bilíngues que utilizam, frequentemente, as suas duas línguas de forma compartilhada, assim chamado de *bilingual language mode* – modo de linguagem bilíngue; e ainda, entre os dois pontos finais do *continuum*, encontramos os bilíngues no *intermediary language mode* - modo de linguagem intermediário.

Dessa forma, *the language mode* - o modo de linguagem pode ser definido como o estado de ativação das línguas do bilíngue, e dos mecanismos de processamento de linguagem em um determinado momento do ato enunciativo do falante, que vive nessa posição de entremeio linguístico. Conforme o autor, diversas são as perspectivas que devem ser consideradas dentro do panorama do modo de linguagem.

Ao tratar dos *monolingual or bilingual language mode* - modos de linguagem monolíngue ou bilíngue, Grosjean (1996) faz uso dos termos: *activation and deactivation* – ativação e desativação para explicar as formas de escolhas de utilização das línguas do bilíngue na instância de sua fala. Então, no *monolingual language mode* - modo de linguagem monolíngue, o falante *deactivate* - desativa o seu modo bilíngue, para manter *activated* - ativado apenas o *monolingual mode* - modo monolíngue. De forma contrária, no *bilingual language mode* - modo de linguagem

²³ Do original: “Marian and Neisser (2000) showed in an experimental study that events are better recalled if the language used to recall them is the language in which the event took place [...]. They called this ‘language-dependent’ recall”.

bilíngue o falante mantém *activated* - ativada as duas línguas, mantendo-se, assim, no *bilingual mode* - modo bilíngue.

Partindo-se do princípio de que, ao interagir com um interlocutor, ou mesmo ao utilizar a língua para outros tipos de situações, como escrever uma carta, ou ler um livro, por exemplo, o autor explica que o bilíngue, se faz duas perguntas, geralmente de forma inconsciente: “Qual língua devo usar?”, e “A outra língua deve ser trazida?”. Tais questionamentos operam consequências nas línguas e nos mecanismos de processamento do bilíngue.

Se ao responder a primeira pergunta, o bilíngue optar pela utilização de apenas uma determinada língua, ele assim consegue ativá-la por completo. Essa primeira operação é denominada: *Language Choice* - Escolha de Língua, e a língua escolhida é chamada de *base language* - língua base. “A escolha da língua é um comportamento aprendido involuntariamente, pois um bilíngue raramente se faz a pergunta de forma consciente: ‘qual língua devo usar com essa pessoa?’”²⁴ (GROSJEAN, 1996, p. 4, tradução nossa).

Já em relação a segunda pergunta, se a resposta for negativa, ao interagir com um monolíngue que possui o conhecimento de apenas uma de suas línguas, o bilíngue, dessa vez, mantém a outra língua inativa, utilizando apenas uma das línguas. Dessa forma, esse processamento linguístico é chamado de *monolingual mode* - modo monolíngue.

De acordo com essa visão, no modo de linguagem monolíngue, o bilíngue escolhe a língua do interlocutor monolíngue e desativa da melhor forma possível sua outra língua. Porém, o autor afirma que a desativação da outra língua raramente é total, porque podem ser percebidas as interferências entre as línguas que o bilíngue apresenta em suas falas, produções também conhecidas como *Between-language Deviations* - Desvios Entre-língua.

Uma interferência é um desvio específico do falante, da língua que está sendo falada devido à influência da outra língua “desativada”. Nas palavras do autor, as interferências podem ocorrer em todos os níveis da linguagem (fonológico, lexical, sintático, semântico, pragmático); em diferentes modalidades (falada, escrita ou gestual); e podem ser de dois tipos: estáticas e dinâmicas, aquelas que refletem traços permanentes de uma língua sobre a outra (como um sotaque permanente, as extensões de significado de palavras particulares, estruturas sintáticas específicas, entre outros); e aquelas que são as intrusões circunstanciais da outra língua (como no caso do

²⁴ Do original: “Language choice is a well-learned behavior (a bilingual rarely asks the conscious question, ‘which language should I be using with this person?’”.

deslize acidental no padrão de sotaque de uma palavra devido às regras de sotaque da outra língua, no uso momentâneo de uma estrutura sintática retirada da língua não falada, e assim por diante). Vejamos alguns exemplos de interferências produzidas por um falante que tem o francês como língua de origem, falando em inglês.

No nível fonético, pronunciando “Sank evven for dees”, em vez de “Thank heaven for this”; no nível lexical, utilizando “corns” (do francês “cornes”) em vez de “horns” em “Look at the corns on that animal!”; no nível sintático, dizendo “I saw this on the page five” (em vez de “on page five”), e por escrito, escrevendo incorretamente “adress” ou “appartment” (com base no francês “adresse” e “appartement”). Além disso, se houver um domínio apenas até certo nível de proficiência em uma das línguas do bilíngue, também ocorrerão desvios devido à interlíngua da pessoa (conhecidos como desvios dentro-da língua) (GROSJEAN, 1996, p. 3, tradução nossa)²⁵.

Para o autor, os *Within-language Deviations* - Desvios dentro-da Língua inclui generalizações excessivas, como utilizar verbos irregulares como se fossem regulares; fazer simplificações, como eliminar pluralização e marcadores de tempo, omitir palavras de função, simplificar a sintaxe, entre outros; bem como hipercorreções e evitar o uso de certas palavras e expressões. Porém, embora ambos os tipos de desvios possam apresentar-se de forma aparente na enunciação do bilíngue, assim como um sotaque estrangeiro, estes, geralmente, não interferem na comunicação devido ao fato de o bilíngue desenvolver sua aptidão nas línguas, de acordo com o nível de fluência exigido pelo ambiente. “Desvios na fala bilíngue são, portanto, da mesma natureza que os lapsos de língua e os fenômenos de hesitação²⁶. Eles estão presentes, mas geralmente não afetam a comunicação” (Idem, 1996, p. 4, tradução nossa)²⁷.

Compreendemos, que, de forma geral, ler um livro, ouvir um programa de rádio, assistir um filme, um programa de televisão, uma palestra, em uma língua específica; ou falar com um “outro”, adulto, ou criança monolíngue, que faz uso de apenas uma língua, são todos uma boa

²⁵ Do original: At the phonetic level pronouncing “Sank even for dees” instead of “Thank heaven for this”; at the lexical level, using “corns” (from French “cornes”) instead of “horns” in “Look at the corns on that animal”; at the syntactic level, saying “I saw this on the page five” (instead of “on page five”), and in writing, misspelling “adress” or “appartment” (based on the French “adresse” and “appartement”). In addition, if one of the bilingual’s languages is mastered only to a certain level of proficiency, deviations due to the person’s interlanguage (known as within-language deviations) will also occur.

²⁶ Fenômenos de hesitação: a hesitação é um fenômeno de disfluência ocorrido na fala, como formas de pausas preenchidas ou não, a exemplo de marcadores paralinguísticos, como risadas descontextualizadas e nervosas, tosses, ou sinais que antecipam ou justificam outras formas de enunciados, assim como pausas respiratórias, pausas silenciosas hesitantes, pausas cheias, prolongamentos hesitantes, e repetições hesitantes.

²⁷ Do original: “Deviations in bilingual speech are thus of the same nature as slips of the tongue and hesitation phenomena. They are present but do not usually affect communication”.

representação de um modo de linguagem monolíngue, estando o bilíngue normalmente utilizando apenas uma língua, e desativando a outra, apesar de haver interferências e desvios da outra língua, diante da língua escolhida, ou língua base.

No que diz respeito, novamente, as perguntas que ocorrem involuntariamente no processamento linguístico de um bilíngue ao se deparar com o “outro”, e com as mais diversas situações que envolvem a utilização de suas línguas, se a resposta para a segunda pergunta: “eu devo trazer a outra língua?”, dessa vez for positiva, como no caso de uma interação com (família, cônjuge ou amigo), também bilíngue com o conhecimento das mesmas línguas, a outra língua será ativada, caso ele precise utilizá-la. Porém, em uma proporção menor do que a língua base. Esse processamento linguístico, assim, é chamado de *bilingual mode* - modo bilíngue, no qual o bilíngue pode trazer elementos da outra língua em sua enunciação, apresentando movências, ou até mesmo completas alterações na língua base, ocasionando mudanças no sistema linguístico.

Diante do exposto, no modo de linguagem bilíngue, Grosjean (1996) explica que primeiro o bilíngue adota uma língua para usar em conjunto, conhecida como *the base language* – a língua base, também chamada de *host* ou *matrix language* - língua hospedeira ou matriz. E uma vez escolhida a língua base, o bilíngue pode trazer a outra língua convidada, ou hóspede incorporada de várias maneiras.

Percebemos que o bilíngue, em suas interações diárias com outros bilíngues, é submetido a muitos fatores psicolinguísticos (linguísticos e culturais), e neurolinguísticos que emergem a partir da sua escolha por uma língua, em detrimento de outra. Podemos imaginar a complexidade desse fenômeno vivenciado pelo ser imigrante, uma vez que é relatado no campo de estudo do bilinguismo sobre a produção de fala desses sujeitos composta por deslizos entre sistemas linguísticos, como ocorre com o bilíngue em análise deste estudo, que ora pode se enunciar na língua inglesa (estrangeira e seu segundo lar); ora na língua português (de origem e seu lar natal) dentro de uma mesma cadeia sintagmática.

O primeiro fenômeno linguístico apresentado pelo autor dentro do modo de linguagem bilíngue é denominado: *Code-switching*, que significa uma Mudança de Código, ou uma alternância completa de uma língua para a outra, seja por meio de uma palavra, uma frase, ou até mesmo uma sentença. Segundo Grosjean (1996), há algum tempo o *code-switching* tem sido estigmatizado recebendo uma série de nomes pejorativos, como “Franglais” – correspondente a alternância entre francês e inglês, ou “Tex-Mex” - a alternância entre inglês da parte sudoeste dos

EUA e espanhol. No caso do presente estudo, poderíamos afirmar uma estigmatização nomeada de “Portinglês”.

Observemos o exemplo do autor para as ocorrências do *code-switching* na enunciação de um falante bilíngue deslizando entre as línguas francesa e inglesa: “*Va chercher Marc AND BRIBE HIM avec un chocolate chaud WITH CREAM ON TOP (Go get Marc and bribe him with a hot chocolate with cream on top)*” (GROSJEAN, 1996, p. 4, destaque nosso e do autor). Encontramos nessa sintaxe: “Vá buscar Marc” - enunciado na língua francesa, “e suborne-o” - *code-switching* para a língua inglesa, “com um chocolate quente” - *code-switching* novamente para a língua inicial francesa, “com creme por cima” – voltando, mais uma vez, com a mudança de código para a língua inglesa.

A exemplificação acima mostrou-se como parte relevante para esta tese para que pudéssemos, mais adiante, analisar através dos dados colhidos nesta pesquisa as evidências do *code-switching*, “Portinglês” como um fenômeno também existente na enunciação dos imigrantes brasileiros que vivem na posição de entre-línguas, nos EUA. Verificamos como esses sujeitos puderam testemunhar sobre as suas próprias experiências de falante em contato com as duas línguas, buscando compreender se ao colocar-se na posição de etnógrafo de si mesmo, o imigrante é capaz de relatar se faz uso do *code-switching*: propositalmente, ou inconscientemente; de forma constante ou circunstancial ao comunicar-se com o outro, assim como ele, também bilíngue, interagindo em ambas as línguas.

Para Grosjean (1996), o *code-switching* é uma estratégia linguística bem elaborada pelo bilíngue utilizada de forma orientada, com a intenção de promover uma eficácia comunicativa, já que ambos os envolvidos no processo intersubjetivo da linguagem possuem fluência em ambas as línguas. Sendo assim, a ocorrência desse fenômeno não se deve à ausência do conhecimento de vocabulário da língua estrangeira, ou a um semilinguismo, contrário do que muitos pensam. Conforme o autor, nos últimos 30 anos, muitos aspectos do *code-switching* foram estudados por linguistas, sociolinguistas e psicolinguistas esclarecendo muitas ideias errôneas sobre o assunto.

Pesquisas recentes mostraram que o *code-switching* não é simplesmente um comportamento aleatório devido a alguma forma de “semilinguismo”, mas que é, em vez disso, um processo bem governado usado como uma estratégia comunicativa para transmitir informações linguísticas e sociais (Heller, 1988;

Myers-Scotton, 1993; Poplack, 1980) (GROSJEAN, 1996, p. 4, tradução nossa²⁸, destaque nosso e do autor).

Devido a algumas estigmatizações há bilíngues que, apesar de ter a opção de utilização da outra língua em conjunto com a língua base, acabam restringindo a utilização do *code-switching* apenas para situações em que não serão estigmatizados, enquanto outros eliminam a sua utilização por completo. Porém, de forma geral, trata-se de um fenômeno linguístico frequentemente ocorrido na interação entre os falantes bilíngues, no modo bilíngue de linguagem, e os seus motivos são os mais diversos. “As razões para o *code-switching* são muitas: usar a palavra ou expressão certa, preencher uma necessidade linguística (veja o Princípio da Complementaridade entre outras causas), marcar a identidade do grupo, excluindo ou incluindo alguém, elevar seu *status* e assim por diante” (GROSJEAN, 2013, p. 19, tradução nossa²⁹, destaque nosso).

O segundo fenômeno entre-línguas identificado no modo bilíngue de linguagem é denominado: *Borrowing* – Empréstimo, que representa uma outra forma, além do *code-switching*, de os sujeitos bilíngues convidarem a outra língua hospedeira, para as suas performances enunciativas. “Existem duas maneiras de chamar a outra, língua convidada - por meio de troca de código ou por meio de empréstimo” (Idem, 2013, p. 18, tradução nossa)³⁰.

De acordo com o autor, o *borrowing* - empréstimo, representa a integração de elementos de uma língua na outra, e pode ser considerado de dois tipos: *Loanword* e *Loanshift*. Na maioria das vezes, pode acontecer de tanto a forma quanto o conteúdo de uma palavra ou expressão curta ser emprestada da outra língua menos ativada, adaptando-a morfológicamente, e, muitas vezes, fonologicamente na língua base, produzindo, assim, o que é chamado de *loanword* - palavra emprestada, ou simplesmente *borrowing* - empréstimo.

Vejamos, então, dois exemplos de *loanword*, citado por Grosjean (1996), de bilíngues na posição de entremeio, mais uma vez, das línguas francesa/inglesa: “*Cam’étonnerait qu’on ait CODE-SWITCHÉ autant que ça*” (*I can’t believe we code-switched as often as that*) and “*Maman,*

²⁸ Do original: Recent research has shown that switching is not simply a haphazard behavior due to some form of “semilingualism” but that it is, instead, as well governed process used as a communicative strategy to convey linguistic and social information (Heller, 1988; Myers-Scotton, 1993; Poplack, 1980).

²⁹ Do original: The reasons for code-switching are many: using the right word or expression, filling a linguistic need (see the Complementarity Principle among other causes), marking group identity, excluding or including someone, raising your status, and so on.

³⁰ Do original: “There are two ways of calling in the other, guest, language – through code-switching or through borrowing”.

tu peux me TIER/taie/mes chaussures” (*Mummy, can you tie my shoes?*)” (GROSJEAN, 1996, p. 4, destaque nosso e do autor).

No primeiro enunciado acima, temos o bilíngue fazendo uso da própria língua para autoavaliar a sua enunciação como falante de francês/inglês, no momento em que ele diz: “Não acredito que fizemos *code-switché* assim com tanta frequência”. Perceba que a expressão em inglês, *code-switched* foi enunciada com a prosódia e a morfologia em francês, entrando na frase que tinha a língua francesa como base, em vez de ser falada a expressão “troca de código”, na própria língua francesa. O mesmo aconteceu com o empréstimo da palavra *tie* em inglês, observada na segunda frase, que tinha a língua francesa como matriz. No entanto, nota-se que ambos os signos linguísticos foram trazidos e integrados a cadeia sintagmática contendo o sotaque (fonologia), e atendendo as regras gramaticais (morfologia) da língua base, francesa.

Quanto ao segundo tipo de *borrowing* - empréstimo, conhecido como *loanshift* – linguagem emprestada, também pode se apresentar de duas formas: consiste em pegar uma palavra na língua base e estender seu significado para corresponder ao de uma palavra na outra língua, ou reorganizar as palavras na língua base ao longo de um padrão fornecido pela outra língua, criando assim um novo significado, a exemplo do uso da palavra *humoroso* pelos luso-americanos para significar *humorous*, quando o significado original é *capricious*; ou consistir na utilização de expressões idiomáticas que são traduzidas literalmente da outra língua, como “*I put myself to think about it*”, enunciada por um bilíngue espanhol/inglês, baseado na expressão, “*Me puse a pensarlo*”, querendo dizer “Eu me coloco para pensar”.

Conforme Grosjean (2013), as razões que envolvem o *borrowing* - empréstimo são muito semelhantes as do *code-switching* - troca de código, as quais as duas mais importantes são: usar a palavra certa, e usar uma palavra pertencente a um determinado domínio, normalmente coberta pela outra língua convidada, sendo *The Complementarity Principle* - O Princípio da Complementaridade uma de suas causas.

Todavia, devemos nos atentar para a distinção existente entre empréstimos idiossincráticos, também chamados *speech borrowing* - empréstimos de fala, usados individualmente por bilíngues; de palavras que se tornaram parte do vocabulário de uma comunidade linguística e que os monolíngues também usam, chamados de *language borrowing* - empréstimos de língua, ou *established loans* - empréstimos estabelecidos, conforme encontramos na seguinte exemplificação do autor: “*The POET lived in the DUKE’S MANOR. That day, he PAINTED, played MUSIC and*

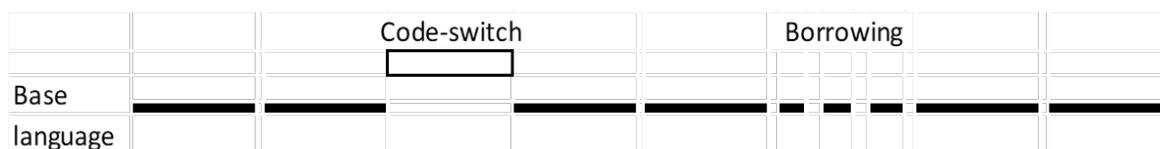
wrote *POEMS with his COMPANIONS*” (GROSJEAN, 1996, p. 4, destaque nosso e do autor). Em destaque temos palavras emprestadas da língua francesa, agora incorporadas ao sistema linguístico da língua inglesa, como as escolhas lexicais: *poet, duke, painted, music, poems, e companions*.

Dessa forma, diferente do *code-switching*, o *borrowing* é a integração de uma língua na outra, podendo ainda o *speech borrowing (loan word)* - empréstimos de fala, utilizados pelos bilíngues, e, ou monolíngues biculturais, diferenciar-se do *language borrowing (loan shift)* – empréstimos de língua, também utilizados pelos monolíngues monoculturais, conforme vimos as seguintes palavras originalmente do francês, agora bem estabelecidas em inglês, também chamadas de estrangeirismo. Contudo, segundo Grosjean (2013), devemos notar que na literatura infantil bilíngue, tanto o *code-switching* quanto o *borrowing* são cobertos pelo termo *code-mixing* - mistura de códigos.

Para explicar o movimento dos modos de linguagem do bilíngue diante de uma visão da psicolinguística do bilinguismo, o autor ilustra os elementos envolvidos por meio de um *continuum* situacional, que aponta para os diferentes fenômenos linguísticos quando os bilíngues se comunicam entre si no modo bilíngue, bem como com os monolíngues no modo monolíngue.

Assim, o *continuum* serve para apontar, através de uma imagem ilustrativa, os muitos fenômenos mais notavelmente envolvidos na linguagem do falante bilíngue, a partir da *Language Choice* - Escolha da Língua, como: no final monolíngue, *Interferences* – Interferências (Between-language Deviations – Desvios Entre-línguas; e Within-language Deviations – Desvios Dentro-da-língua); e no final bilíngue, *Code-switching* - Troca de Códigos; e *Borrowings* – Empréstimos (*Loan Word* - Palavra Empréstada; e *Loan Shift* – Linguagem Empréstada). Vejamos abaixo a ilustração sugerida pelo autor, do *continuum* situacional, em modo de linguagem bilíngue:

Figura 2. Mapa Ilustrativo *Continuum* Situacional de Linguagem



Fonte: Grosjean, 2013, “A diferença entre *Code-switch*, uma Troca de Código (o uso alternado de duas línguas) e um *Borrowing*, Empréstimo (a integração de uma língua na outra)”³¹ (p. 18).

³¹ Do original: “The difference between a code-switch (the alternate use of two languages) and a borrowing (the integration of one language into the other)”.

Ao fazer uma leitura da imagem desse *continuum*, compreendemos que na área esquerda da figura, onde aponta para o *code-switching* - a mudança de código, está representando o bilíngue que ao estar falando na língua base, muda completamente para a outra língua convidada, apontando para uma ruptura antes de retornar a língua base novamente. Já na área da direita, onde é ilustrado um *borrowing* – empréstimo, um elemento da outra língua é trazido e integrado à língua que está sendo falada, demonstrando uma linha descontínua. Assim, o *continuum* situacional, no modo de linguagem bilíngue, nos permite visualizar os diferentes tipos de elementos convidados, e as diversas alterações linguísticas que podem ocorrer no enunciado dos imigrantes bilíngues, ao interagirem entre si.

Como vimos, na visão de Grosjean (2013), o modo de linguagem pode ser definido como o estado de ativação das línguas do bilíngue, e dos mecanismos de processamento da linguagem, no que diz respeito a utilização de suas línguas, em um determinado momento, onde vários pontos devem ser observados e considerados. Primeiro, os bilíngues podem diferir uns dos outros quanto ao modo que eles se movem ao longo do *continuum* do modo de linguagem. Aqueles que vivem em comunidades bilíngues e usam as línguas juntas extensivamente, raramente se encontram no final monolíngue do *continuum*. Já os que estão cercados por monolíngues em seu cotidiano, podem nunca chegar ao ponto final bilíngue, não trazendo a outra língua em suas interações. Porém, muitos bilíngues navegam ao longo do *continuum* dependendo da pessoa com quem estão falando, da situação em que estão, do contexto, do tópico do discurso, e assim por diante.

Dessa forma, diante da possibilidade de navegar em vários pontos ao longo do *continuum*, os bilíngues podem se situar, além de nos dois pontos finais (modo monolíngue/modo bilíngue), em um modo intermediário, localizando-se no meio desses dois pontos. Nesse modo, os bilíngues que compartilham as mesmas línguas, ao interagirem entre si podem optar pelo uso de somente uma língua, e convidar a outra língua quando pretendem fazer menção a algo que exige signos dessa outra, a exemplo de um bilíngue francês/inglês falando sobre um evento tipicamente americano como o *Thanksgiving*³², com a língua francesa como língua base.

³² O *Thanksgiving* é uma data comemorativa instituída desde o ano de 1620, onde há um feriado nacional nos EUA toda última quinta-feira do mês de novembro, que consiste no Dia de Ação de Graças, dedicado à pensamentos religiosos, orações e missas. As famílias se reúnem para um jantar, com um peru como prato principal. Há também a realização de desfiles, e jogos de futebol americano.

O segundo ponto é que o movimento ao longo do *continuum* pode ocorrer em qualquer circunstância, e muito rapidamente, dependendo da reação do parceiro de interação, podendo o falante mover-se do modo bilíngue, imediatamente, para o modo monolíngue ao perceber que seu interlocutor, mesmo também bilíngue como ele, parece não aceitar a alternância de palavras, frases ou sentenças para a outra língua. Então, a língua indesejada é desativada, passando o falante para a extremidade monolíngue. O mesmo movimento pode acontecer no sentido inverso, ao bilíngue iniciar sua interação no modo monolíngue, e ao perceber que a outra língua é bem-vinda mover-se ao longo do *continuum*, seja com o uso de frases ou poucas palavras. Nesse caso, a outra língua é ativada imediatamente, situando o falante na extremidade bilíngue do *continuum*.

O terceiro ponto diz respeito apenas ao modo bilíngue. Devido ao fato de ambas as línguas estarem ativadas, embora em diferentes proporções, a língua convidada pode tornar-se a língua mais ativa, e a língua base inicialmente tornar-se a menos ativa. A língua base muda, e o padrão de ativação entre as línguas também muda. Porém, conforme Grosjean (2013), há dois casos em que ambas as línguas podem estar totalmente ativadas “proporcionalmente” no modo bilíngue: ao bilíngue ouvir a interação entre dois outros bilíngues, onde cada um deles fala uma língua diferente; ou em uma interpretação de uma língua para a outra, onde o intérprete precisará manter ativada as duas línguas, na forma de linguagem receptiva e expressiva. “Aqui, a pessoa precisa de ambas as línguas, a língua fonte – a língua que está sendo ouvida – e a língua alvo – a língua que está sendo produzida (Grosjean, 2008)” (GROSJEAN, 2013, p. 16, tradução nossa)³³.

Já o quarto ponto refere-se as nomenclaturas que descrevem a língua que não está sendo usada no modo monolíngue. O autor afirma que enquanto alguns pesquisadores propõem que a outra língua está “inibida”, outros preferem a noção de “desativação” porque pode melhor explicar essas ocorrências em dois aspectos: o primeiro liga-se ao fato da capacidade rápida de mudança de língua base; em segundo lugar, pode acontecer de haver um deslize no modo monolíngue, em que a outra língua pode surgir, ou escapar na forma de interferências dinâmicas. Em ambos os casos, a noção de desativação, no sentido de a língua desativada estar “*on line*” permite a justificativa de uma mudança mais rápida do que se ela estiver inibida.

³³ Do original: Here, the person needs both languages, the source language – the language being heard – and the target language – the language being produced.

Por fim, o último e quinto ponto está relacionado ao processamento da linguagem. Até recentemente, a maioria dos psicolinguistas afirmava que o “processamento perceptivo” do bilíngue é não seletivo (sem escolha). Assim, em termos de modo de linguagem, tem-se argumentado que “ouvintes e leitores”, em suas performances receptivas, ainda que em modo monolíngue, convocam suas duas ou mais línguas para realizar a tarefa que lhes é solicitada. Já o “processamento expressivo” encontrou críticas em relação a não seletividade, devido ao fato de que a única maneira de estudar se o processamento de linguagem de “falante e de escritor” é não escolhido, seria colocar os participantes em um modo verdadeiramente monolíngue.

Grosjean (2013) relata que é relativamente mais fácil colocar um bilíngue em modo monolíngue em uma situação de linguagem expressiva (de falante), devido ao fato de haver a possibilidade de o interlocutor do bilíngue não conhecer a língua que não está sendo usada. Porém, é muito mais difícil colocar o bilíngue em um modo monolíngue em tarefas experimentais de percepção. “Grosjean (1998) revisa dois estudos de percepção, entre outros, que tentaram colocar seus participantes em um modo monolíngue, mas não conseguiram (Spivey & Marian, 1999; Dijkstra & Van Hell, 2003) (GROSJEAN, 2013, p. 17, tradução nossa)³⁴”. Dessa forma, não podemos generalizar o processamento de linguagem dos falantes, visto que ele pode ser seletivo em alguns momentos, e não seletivo em outros.

De acordo com Purba (2018), as teorias psicolinguísticas têm buscado explicar como ocorre o processo mental no cérebro humano durante o momento de processamento da linguagem, no que diz respeito as quatro habilidades da linguagem: produção (*Language Production or Expressive Language* - Linguagem Produtiva ou Expressiva, que envolvem as atividades de fala e escrita); e percepção (*Language Perception or Receptive Language* - Linguagem Perceptiva ou Receptiva, voltadas as atividades de ouvinte e leitor), buscando compreender como se realizam o processamento *online* da linguagem, seja em modo monolíngue ou bilíngue de linguagem.

Ao tentar visualizar um melhor entendimento sobre a independência da língua do bilíngue, no sentido de como ele mantém as duas línguas de forma separada, cabendo a reflexão se este possui um ou dois léxicos internos, há hipóteses, segundo Grosjean (1996), que postularam a existência de um *language switch* - uma troca de língua, que permite aos bilíngues bloquear, ou desativar a outra língua, no modo monolíngue, porém essa proposta não encontrou evidências

³⁴ Do original: “Grosjean (1998) reviews two perception studies, among others, that attempted to put their participants in a monolingual mode, but failed to do so (Spivey & Marian, 1999; Dijkstra & Van Hell, 2003)”.

diante dos estudos experimentais, havendo uma maior aceitação da hipótese de que o bilíngue não é dois monolíngues em uma só pessoa, mas um único falante-ouvinte fazendo uso de uma língua, da outra língua, ou de ambas juntas, dependendo da circunstância enunciativa.

Agora que é mais geralmente aceito que o bilíngue não é dois monolíngues em uma só pessoa, mas um falante-ouvinte único usando uma língua, a outra língua, ou ambas juntas dependendo do interlocutor, situação, tópico, etc. [...], a atual pesquisa psicolinguística está tentando entender o processamento da linguagem nos diferentes modos de linguagem do bilíngue (Vaid, 1986; Harris, 1992). Os pesquisadores estão estudando como os bilíngues no modo monolíngue diferem dos monolíngues em termos de percepção e processos de produção, e estão investigando a interação real das duas línguas durante o processamento no modo bilíngue (ver Grosjean, 1988, para um exemplo disso) (GROSJEAN, 1996, p. 5, tradução nossa)³⁵.

Assim, o autor diz que a maioria dos pesquisadores da área concorda que as línguas do bilíngue não são armazenadas em locais completamente diferentes da língua dos monolíngues. Além disso, há uma incidência mostrando a realidade da existência de dois subconjuntos de conexões neurais, sendo um para cada língua. Isso induz a que cada uma delas possa ser ativada ou desativada independentemente, ao mesmo tempo em que, juntos, esses “dois subconjuntos”, processam um conjunto maior, do qual os bilíngues são capazes de extrair elementos de qualquer uma das suas línguas, a qualquer momento, e em qualquer circunstância desejada.

Por outro lado, apesar de estarmos diante dos avanços de maiores conhecimentos sobre o funcionamento neural do bilíngue, para Grosjean (1996), o cérebro bilíngue ainda é uma terra incógnita, e apenas pesquisas experimentais e clínicas futuras poderão esclarecer as semelhanças entre o cérebro do bilíngue e do monolíngue em relação ao local de processamento da linguagem, verificando se este ocorre no hemisfério esquerdo do cérebro, como parece ocorrer em monolíngues, ou se acontece em ambos os hemisférios, apresentando aspectos que os diferenciam um do outro.

Na visão de Saviile-Troike e Barto (2017), em relação à organização da linguagem no cérebro bilíngue, as pesquisas nessa área vinham segurando a ideia de que a língua de origem,

³⁵ Do original: Now that it is more generally accepted that the bilingual is not two monolinguals in one person, but a unique speaker-hearer using one language, the other language, or both together depending on the interlocutor, situation, topic, etc. [...], current psycholinguistic research is trying to understand the processing of language in the bilingual's different language modes (Vaid, 1986; Harris, 1992). Researchers are studying how bilinguals in the monolingual mode differ from monolinguals in terms of perception and production processes, and they are investigating the actual interaction of the two languages during processing in the bilingual mode (see Grosjean, 1988, for an example of this).

estava fisicamente localizada na parte do hemisfério esquerdo. Já algumas pesquisas dos anos de 1990, por sua vez, mostraram que a língua estrangeira está largamente mapeada no cérebro como um todo, apesar de a primeira parecer estar centralizada no hemisfério esquerdo.

Nessa perspectiva de que o cérebro está conectado de forma geral com a linguagem, não havendo uma espécie de reservatório particular para cada língua, entendemos que o sujeito seria capaz de conectar, ao mesmo tempo, o sistema linguístico de ambas as línguas, podendo alternar entre uma língua e outra, justificando, assim, as ocorrências naturais dos fenômenos entre-línguas na enunciação dos bilíngues biculturais, protagonistas desta tese.

Para Saville-Troike e Barto (2017), a organização complexa da linguagem no cérebro do falante bilíngue, assim denominada *The Complexity Theory* – A Teoria da Complexidade, também chamada de *Dynamics Systems Theory* – Teoria dos Sistemas Dinâmicos, corrobora com a inexistência de departamentos isolados para armazenar cada língua separadamente. Assim, as ocorrências dos fenômenos linguísticos na enunciação do sujeito bilíngue não encontrariam uma regularidade de forma dirigida, porque não há um mecanismo que possa governar a utilização de uma ou da outra língua, de um lado para o outro, pelo fato de elas emergirem da dinâmica da fala de indivíduos que vivem a experiência do biculturalismo.

Em se tratando dos aspectos culturais da linguagem, faz-se importante destacar que apesar de haver sujeitos bilíngues e biculturais, assim como os imigrantes, sujeitos alvos deste estudo, o bilinguismo e o biculturalismo não são necessariamente coextensivos. Muitas pessoas são bilíngues sem serem biculturais, e vice-versa. No primeiro caso, podemos pensar em membros de comunidades diglósicas³⁶, e habitantes de países que possuem línguas francas³⁷, que são bilíngues, utilizam duas línguas em seu cotidiano, porém não são biculturais, pois usam ambas as línguas dentro de um mesmo espaço sociocultural.

Da mesma forma, algumas pessoas são biculturais sem serem bilíngues, como os membros de uma cultura minoritária, cuja língua é falada somente por uma minoria de idosos. Os jovens não retêm a língua, mas continuam vivenciando aspectos dessa cultura. Semelhante a esse exemplo, citamos os imigrantes brasileiros biculturais que são monolíngues, pessoas que vivem

³⁶ Diglossia designa a situação linguística, em que duas línguas ou registros linguísticos funcionalmente diferentes coexistem, em uma mesma sociedade, onde a utilização de uma, ou da outra língua dependerá do contexto ou da situação comunicativa.

³⁷ Língua franca, também conhecida como língua de contato, é uma língua geralmente diferente de todas as línguas faladas pelos membros do grupo, adotada ou desenvolvida, intencionalmente, por um grupo de pessoas multilíngue para que todos consigam comunicar-se uns com os outros.

muitos anos nos EUA e não adquiriram a língua estrangeira, embora estejam inseridos em ambas as culturas: brasileira e estadunidense.

O bilinguismo e o biculturalismo não são necessariamente coextensivos. Assim, muitas vezes você encontra bilíngues que não são biculturais. Aqueles que sempre viveram em uma cultura, mas conhecem e usam duas ou mais línguas. Este é o caso, por exemplo, de alemães suíços que falam alemão suíço e alemão padrão, mas que são culturalmente suíços. Você também encontra biculturais que não são bilíngues, como expatriados britânicos nos Estados Unidos. E, claro, você encontra pessoas que são biculturais e bilíngues como no caso dos imigrantes, muitos dos quais adquiriram sua segunda língua em seu país de adoção e que se aculturaram em sua nova cultura (GROSJEAN, 2013, p. 22, tradução nossa)³⁸.

Conforme Grosjean (1996), ao definirmos a pessoa bicultural, devemos lembrar que a cultura reflete todas as facetas da vida de um grupo de indivíduos: sua organização, suas regras, seus comportamentos, seus hábitos, suas crenças, seus princípios, seus valores, sua tradição. Porém, enquanto sujeito, o homem pode pertencer a várias culturas ou a redes culturais, nas quais as culturas macro dimensionais são aquelas que dizem respeito a nacionalidade, a língua, a sociedade, a religião, entre outros. De outro lado, as culturas micro dimensionais estão relacionadas as ocupações, ao esporte, ao lazer “*hobby*”, entre outros.

Algumas culturas podem ser complementares umas das outras, podendo o sujeito pertencer a várias culturas ou a todas ao mesmo tempo. Por outro lado, por razões históricas ou de conflitos sociais, algumas culturas podem se destacar como mutuamente exclusivas umas das outras, no qual pertencer a uma e a outra ao mesmo tempo é inaceitável. O sujeito japonês e norte-americano, durante a Segunda Guerra Mundial, não poderia dizer-se pertencente a ambas as culturas desses dois países. O mesmo ocorre com o croata e o sérvio, e atualmente com o ucraniano e o russo.

Nesse cenário, entendemos que o autor define o biculturalismo a partir de três aspectos, sendo biculturais aqueles que: participam, em graus variados, da vida de duas ou mais culturas; conseguem se adaptar, ao menos em parte, a essas culturas, em relação às atitudes,

³⁸ Do original: Bilingualism and biculturalism are not necessarily coextensive. Thus, you often find bilinguals who are not bicultural. They have always lived in one culture but they know and use two or more languages. This is the case, for example, of Swiss Germans who speak both Swiss German and standard German but who are culturally Swiss. You also find biculturals who are not bilinguals such as British expatriates in the United States. And, of course, you find people who are both bicultural and bilingual as in the case of immigrants, many of whom have acquired their second language in their country of adoption and who have acculturated into their new culture.

comportamentos, valores, linguagem entre outros; e combinam ou misturam os aspectos dessas culturas, fundindo características de cada uma delas. “Este último ponto é importante, pois significa que nem todos os comportamentos, crenças e atitudes podem ser modificados de acordo com a situação cultural em que a pessoa bicultural se encontra no momento [...]” (GROSJEAN, 1996, p. 7-8, tradução nossa)³⁹.

No que se refere a esse terceiro aspecto, há alguns fatores do biculturalismo que podem gerar impactos na vida dos bilíngues que também são biculturais, tanto em nível pessoal (fatores psicológicos e culturais), quanto em relação a sua cognição (conhecimento das línguas e do processamento da linguagem). Contudo, o biculturalismo ainda é uma área pouco explorada no vasto campo do bilinguismo. “E, no entanto, muitas pessoas são biculturais, embora não sejam tão numerosas quanto os bilíngues, e muitas das ‘vantagens’ ou ‘desvantagens’ do bilinguismo estão, de fato, vinculadas ao biculturalismo e não ao bilinguismo” (Idem, 1996, p. 7, tradução nossa)⁴⁰.

Dessa forma, pouco sabemos sobre o comportamento do bicultural, no sentido de: quais aspectos de uma cultura são adaptáveis a uma situação cultural específica e quais não são; como os biculturais interagem com as duas, ou mais culturas a que pertencem; como eles *switch* - mudam de uma cultura para outra, entre outros. Ainda segundo o autor, o que certamente podemos afirmar é que, assim como os bilíngues, frequentemente, os biculturais também se encontram em vários pontos ao longo de um *continuum* situacional que exige diferentes tipos de comportamento. “Em suas vidas cotidianas, os bilíngues biculturais encontram-se em vários pontos ao longo de um *continuum* - desta vez cultural - marcado por dois pontos finais: um modo monocultural e um modo bicultural” (GROSJEAN, 2013, p. 22, tradução nossa)⁴¹.

De um lado, no primeiro extremo, o bicultural se encontra com monoculturais, ou com biculturais que compartilham apenas uma de suas culturas, e, assim, devem desativar sua outra cultura da melhor maneira possível, mantendo-se em um modo monocultural. Porém, de alguma forma, a presença de interferências culturais se mantém frequentes, devido ao componente de mistura que ocorre nos biculturais, tornando todo o processo do modo de monoculturalismo mais difícil. Aspectos como a linguagem corporal, a distância mantida entre interlocutores, o

³⁹ Do original: “This latter point is important as it means that not all behaviors, beliefs and attitudes can be modified according to the cultural situation the bicultural person is currently in [...]”.

⁴⁰ Do original: “And yet many people are bicultural, although they are not as numerous as bilinguals, and many of the ‘advantages’ or ‘disadvantages’ of bilingualism are, in fact, tied to biculturalism and not to bilingualism”.

⁴¹ Do original: “In their everyday lives, bicultural bilinguals find themselves at various points along a continuum – a cultural one this time – marked by two endpoints: a monocultural mode and a bicultural mode”.

gerenciamento do tempo, os comportamentos de saudação e despedida, a forma de expressar emoções, entre outros, podem não ser tão monoculturais como os biculturais gostariam que fossem em determinadas situações monoculturais.

Em um extremo oposto, o sujeito se encontra com outros biculturais assim como ele, que compartilham de suas mesmas culturas, e ao interagirem, utilizam uma base cultural podendo trazer sua outra cultura, na forma de *switches* - mudanças culturais, e *borrowings* – empréstimos, quando sentirem necessário, apresentando um conceito semelhante ao do modo de linguagem, discutido anteriormente. Porém, diferenciando-se no sentido de que certas atitudes, sentimentos e comportamentos podem não ser totalmente adaptáveis a uma ou a outra determinada cultura.

De maneira geral, compreendemos que os bilíngues biculturais são, em sua essência, diferentes dos bilíngues monoculturais, em ambos os aspectos: linguísticos e culturais. Os bilíngues em si, também diferem uns dos outros em diversos outros aspectos, no que diz respeito a: línguas, fluências linguísticas, usos das línguas, histórias das linguagens, modos de linguagem (monolíngue ou bilíngue), entre outros. Quanto aos monolíngues biculturais, entendemos que a nova cultura pode exercer influência sobre a língua desse imigrante, que embora não se diga bilíngue, pode apresentar algum tipo de alteração no sistema linguístico da sua língua de origem, sendo o seu enunciado, de alguma forma, também modificado.

Assim, com o foco voltado para um saber sobre o homem bilíngue e bicultural, pelo viés da psicolinguística (aspectos linguísticos e culturais), com uma breve noção atual do aspectos neurais, compreendemos que o brasileiro, residente nos EUA, passa por um processo de “reterritorialização” encontrando na linguagem e na enunciação abrigo para a descoberta de uma nova experiência linguística, no novo cenário imigratório que se propôs vivenciar, diferente de tudo aquilo que lhe era habitual, e de que viveu a sua existência sustentada, mas jamais podendo se distanciar por completo das suas origens.

Depois de nos debruçarmos nesse breve retrato do brasileiro no contexto imigratório, apresentando ambos os diagnósticos: primeiramente o demográfico e sociocultural do imigrante brasileiro que vivem nos EUA; e posteriormente, o diagnóstico linguístico desses sujeitos bilíngues em território estadunidense, passamos agora a nos pautar na perspectiva enunciativa benvenistiana, para melhor compreendermos o que diz Benveniste (2006) sobre o funcionamento da linguagem para todos aqueles que falam.

CAPÍTULO III – UM OLHAR VOLTADO AO APARELHO FORMAL DA ENUNCIACÃO

“O homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo” (BENVENISTE, 2006, p. 85).

A fim de melhor compreendermos a enunciação do imigrante, ao ouvi-lo testemunhar de sua própria condição de falante, neste capítulo, focamos em uma ótica enunciativa, em que destacamos como fonte teórica o texto do linguista francês, Émile Benveniste, intitulado: “O Aparelho Formal da Enunciação”, publicado originalmente em 1970 na revista *Langages*, e mais conhecido em 1974 quando publicado, na segunda parte, dedicada à comunicação, no livro do autor *Problemas de Linguística Geral II*.

[...]Texto este que, como sabemos por sermos estudiosos de Benveniste, destaca-se por reunir reflexões suas anteriores a 1970, por ser dirigido a linguistas, publicado no décimo sétimo número da revista *Langages* e a pedido de Tzvetan Todorov (apenas!!!) que argumentou com Benveniste, através de uma primeira carta enviada em 1968, que não faria sentido um número da referida revista sobre enunciação sem um texto dele – afinal Benveniste estava “inaugurando” um novo campo, uma nova perspectiva de ver a língua e a linguagem. O texto de 1970 também se destaca pelo impacto que causou na comunidade linguística da época – e ainda causa -, por ser o único texto (de Benveniste) que carrega – já no título – a palavra enunciação [...] (TOLDO, 2018, p. 425-426).

Na nossa compreensão, trata-se do último artigo escrito e publicado pelo autor, antes de ele sofrer um Acidente Vascular Cerebral (AVC), em 1969, e apresenta aspectos que configuram o que hoje chamamos de “Teoria da Enunciação”. De acordo com Flores (2021), o “Aparelho” ganhou notoriedade e é fundador de um modo de fazer linguística. “Esse é um texto muito importante na história da linguística, devido ao fato de ser o que mais se aproxima do que seria uma metodologia de análise da enunciação. Vemos Benveniste fazendo uma reflexão que realmente vão conduzir a uma questão metodológica. Porém, em um sentido amplo” (Vídeo Conferência no Colóquio Internacional Enunciação e Argumentação, em 08 de outubro).

Segundo Aresi (2019), esse é o único texto da obra benvenistiana a conter o termo “enunciação”, inclusive apresentado de maneira evidenciada no próprio título, sendo assim concebido dentre os estudiosos de Benveniste, como o trabalho de síntese do linguista acerca de sua reflexão, no qual o fenômeno enunciativo aparece como tema central. “É nele que Benveniste

organiza os aspectos metodológicos do estudo da enunciação, e é nele que encontramos a célebre definição do conceito de enunciação: ‘A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização’ (BENVENISTE, 2006, p. 82)” (ARESI, 2019, p.2).

Por outro lado, embora este seja o artigo em que Benveniste formula a noção dessa teoria, para Flores (2021) não podemos afirmar que há evidências na obra, de que o autor intencionava construir uma proposta de metodologia de análise da Teoria da Enunciação. “Não há, em nenhum lugar, a proposição explícita de um modelo da análise enunciativa. Consequentemente, cada texto de Benveniste, propõe categorias de análise, teoriza sobre elas e desenvolve as análises dentro desses limites” (Vídeo Conferência no Colóquio Internacional Enunciação e Argumentação, em 08 de outubro).

Apesar de a única definição teórica explícita da enunciação, no conjunto de toda a obra benvenistiana, estar presente em “O Aparelho”, a reflexão do autor surge ainda com uma certa incompletude. Além disso, deve-se considerar que o artigo não pode ser lido em uma relação “sincrônica” com os demais textos do linguista, sendo imprescindível atentarmos ao fato de que este: “na verdade constitui uma organização metodológica de trabalhos desenvolvidos em diferentes épocas, e que tomam o fenômeno enunciativo a partir de diferentes aspectos (pronomes, tempos verbais, a relação forma/sentido, níveis da análise linguística, etc.)” (ARESI, 2019, p. 2).

Dentro do conjunto de obras de Benveniste, conforme Flores (2021), faz-se necessário se ter uma perspectiva clara de leitura de suas publicações, não podendo-se comparar um artigo do autor, datado de 1940 onde ele fala sobre a enunciação, com um de 1970 e pensar que ambos tratam do assunto da mesma forma. Pois, a reflexão enunciativa benvenistiana se constrói à moda de uma complexa rede de termos, definições e noções, no qual condiz ao seu leitor respeitar-se a a cronologia da obra, e a diacronia de seu pensamento, não cabendo tratar sincronicamente aquilo que foi produzido diacronicamente.

É preciso se compreender que há uma flutuação terminológica na obra de Benveniste. São mais de 30 anos de trabalho em torno da teoria benvenistiana. Para exemplificar: em 1956 ele publica um texto chamado “A Natureza dos Pronomes”, em que ele fala sobre a instância do discurso, como o ato de produzir um enunciado. Ou seja: a instância do discurso, isto é o ato de produzir um enunciado. Já em 1970, a Enunciação é o ato de produzir um enunciado. Então veja que o que em 1956 ele chama de instância do discurso, ele chama de Enunciação em 1970. Assim, se não reconhecermos isso, não entenderemos Benveniste (FLORES, 2021, Vídeo Conferência no Colóquio Internacional Enunciação e Argumentação, em 08 de outubro).

Como podemos perceber, em seu conjunto, aquilo que se convencionou chamar de “Teoria da Enunciação” não se construiu nesse único texto de 1970, mas foi sendo uma teoria gradativamente constituída, em mais de três décadas de trabalho, marcando um tempo em que Benveniste foi capaz de mostrar a sua dedicação à construção de conceitos, sínteses, e teorias, envolvendo o homem, a língua, e a linguagem.

Diante da imensidão de sua obra, e das dificuldades de leitura da reflexão enunciativa benvenistiana, selecionamos apenas um de seus textos como fonte de inspiração desta pesquisa, para que pudéssemos evitar qualquer tipo de generalização no que diz respeito a uma melhor compreensão da posição linguística do ser imigrante. “Estudar Benveniste impõe ao pesquisador que determine qual parte da obra está em exame. Em outras palavras, obriga à escolha de um *corpus* teórico” (FLORES, 2021, Vídeo Conferência no Colóquio Internacional Enunciação e Argumentação, em 08 de outubro).

Assim procedendo, trabalharemos com dois balizadores de nosso percurso. De um lado, não generalizamos, estendendo ao conjunto da obra alguns aspectos da reflexão de Benveniste que, segundo pensamos, são circunscritos apenas a esse texto do linguista; de outro lado, não ignoramos as dificuldades de leitura que impõe uma obra tão vasta e construída em um espaço de tempo tão amplo. Ao eleger somente o aparelho, analisando-o apenas em sua imanência, evitamos tomar a parte pelo todo. Ou mesmo assimilar o todo à parte. O que impede planificações e simplificações teóricas (Idem, 2021, Vídeo Conferência no Colóquio Internacional Enunciação e Argumentação, em 08 de outubro).

Dessa forma, tomamos como ponto de partida o direcionamento de leitura conduzido por Flores (2021), o qual sugere que muitas são as possibilidades de interpretação, e grandes linhas encontradas em “O aparelho”, subdividindo-o em três eixos distintos, denominados: contextual (correspondente do primeiro ao quarto parágrafo); definicional (do quinto parágrafo ao vigésimo nono); e prospectivo (do trigésimo ao final do texto, correspondente ao trigésimo nono parágrafo).

Já no primeiro eixo, contextual, situa-se o momento em que Benveniste estabelece uma distinção no interior da disciplina linguística, ao apresentar a dicotomia entre “as condições de emprego das formas” e “as condições de emprego da língua”. Na nossa percepção, uma visão rica e capaz de explicar as possibilidades de condições enunciativas, do falante bilíngue e bicultural aqui apresentado como o protagonista desta tese.

Contudo, é importante deixar claro que, Benveniste não trata diretamente a respeito da noção de bilinguismo, nem tampouco do fenômeno entre-línguas nesse texto e nem ao longo de seus Problemas de Linguística Geral, ao menos da forma como essa abordagem vem sendo

desenvolvida dentro do viés da linguística atual. Porém, visualizamos a possibilidade de utilização de sua obra para a inferência de uma noção realística, assim como de uma explicação plausível capaz de nos oferecer uma melhor visão, em relação a organização e ao uso da língua pelo falante, nas circunstâncias aqui apresentadas.

Ao Benveniste fazer um enquadramento, no início do artigo, de que há duas formas de se olhar para a Linguística: de um lado temos a linguística do emprego das formas, e do outro a linguística do emprego da língua, compreendemos que ele não idealiza propor uma descrição das formas, mas situar a sua visão enunciativa nas condições do emprego da língua. Essa diferença, segundo o autor, diz respeito a um ponto de vista, tratando-se apenas de uma outra maneira de ver as mesmas coisas. “É importante ser pensado. A teoria da enunciação, se ela existe, não é uma linguística das formas, mas uma linguística do emprego da língua. O estudo do emprego da língua não se limita a descrição de regras de emprego. Vale repetir: Para Benveniste são dois mundos diferentes” (FLORES, 2021, Vídeo Conferência no Colóquio Internacional Enunciação e Argumentação, em 08 de outubro).

Gostaríamos, contudo, de introduzir aqui uma distinção em funcionamento que tem sido considerado somente sob o ângulo da nomenclatura morfológica e gramatical. As condições de emprego das formas não são, em nosso modo de entender, idênticas às condições de emprego da língua. São, em realidade, dois mundos diferentes, e pode ser útil insistir nesta diferença, a qual implica uma outra maneira de ver as mesmas coisas, uma outra maneira de as descrever e de as interpretar (BENVENISTE, 2006, p. 81).

Para o linguista, o “emprego da língua” é um outro jeito de descrever e de interpretar a língua. Diferente do “emprego das formas”, apesar de levar em conta a forma linguística, a condição figurativa da enunciação, o diálogo, e a presença dos falantes, interlocutores implicados no contexto enunciativo, estes são validados no emprego da língua, evidenciando o homem e as suas circunstâncias enunciativas.

Ao avaliar esses dois modos de fazer linguística, já no primeiro parágrafo do texto, encontramos Benveniste inquietar-se ao fato de que todas as nossas descrições consagram um lugar frequentemente importante ao emprego das formas. “O que se entende por isso é um conjunto de regras fixando as condições sintáticas nas quais as formas podem ou devem normalmente aparecer, uma vez que elas pertencem a um paradigma que arrola as escolhas possíveis” (Idem, 2006, p. 81).

Nesse momento, vemos o autor explicar que para toda descrição linguística, o emprego das formas se faz necessário, sendo as relações internas da língua, às suas condições sintáticas,

entendidas também como as relações de ordem sintagmática e paradigmática. De acordo com Flores (2013), o emprego da forma se restringe à investigação das regras que fixam as condições sintáticas, das possibilidades paradigmáticas, das regras de formação, das ocorrências morfológicas, das possibilidades combinatórias, entre outras relações do âmbito da forma linguística. A princípio, características necessárias a todo sistema linguístico, de qualquer língua.

O emprego das formas, parte necessária de toda descrição, tem dado lugar a um grande número de modelos, tão variados quanto os tipos linguísticos dos quais procedem. A diversidade das estruturas linguísticas, tanto quanto sabemos analisá-las, não se deixa reduzir a um pequeno número de modelos, que compreendem sempre e somente os elementos fundamentais. Ao menos dispomos assim de certas representações muito precisas, construídas por meio de uma técnica comprovada (BENVENISTE, 2006, p. 82).

Na evolução de suas reflexões, em seu texto de 1954, “Tendências recentes em linguística geral”, encontrado na primeira parte, em transformações da linguística no PLG I, Benveniste trata sobre a organização interna e as leis de organização dos traços distintivos, em que ao apontar o termo “estrutura”, para explicar as tendências da linguística moderna em seu tempo, em que olhava para a perspectiva de emprego das formas, ele afirma: “Entende-se por estrutura, particularmente na Europa, o arranjo de um todo em partes e a solidariedade demonstrada entre as partes do todo, que se condicionam mutuamente [...]” (BENVENISTE, 2005, p. 9). Nessa estrutura, em que cada peça recebe a sua razão de ser, do conjunto que serve para compor, os elementos se ordenam em séries, mostrando que cada língua é constituída por arranjos particulares.

Anos seguintes, em 1963, no texto “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, ainda refletindo sobre uma teoria da linguística, em seu aspecto estrutural, constituído por um sistema de signos, o autor diz: “Trata-se, com efeito, de saber em que consiste e como funciona uma língua” (Idem, 2005, p. 22). Um olhar voltado, mais uma vez, ao emprego das formas, no que diz respeito a uma visão gramatical, ao arranjo intrínseco sintagmático e paradigmático da língua, já proposto por Saussure, no CLG.

Quando os linguistas começaram, a exemplo de Saussure, a encarar a língua em si mesma e por ela mesma, reconheceram este princípio que se tornaria o princípio fundamental da linguística moderna: a língua forma um *sistema*. **Isso vale para qualquer língua, qualquer que seja a cultura onde se use, em qualquer estado histórico em que a tomemos.** Da base ao topo, desde os sons até as complexas formas de expressão, **a língua é um arranjo sistemático de partes. Compõe-se de elementos formais articulados em combinações variáveis, segundo certos princípios de estrutura.** Eis aí o segundo termo da linguística, a estrutura (BENVENISTE, 2005, p. 22, destaque nosso e do autor).

Compreendemos que a estrutura confere às partes a sua “significação”. Por esse motivo, a língua é um sistema em que nada significa em si, por vocação natural, mas devido a um arranjo, uma composição em que as partes encontram o seu significado em função do conjunto. “Vê-se como as noções de sistema, de distinção, de oposição se apoiam estreitamente e chamam, por necessidade lógica, as noções de dependência e de solidariedade” (BENVENISTE, 2005, p. 24). Em virtude de ser organizada sistematicamente, a língua funciona segundo as regras de um código, e a comunicação se faz indefinida. “Aquele que fala pode, a partir de um pequeníssimo número de elementos de base, constituir signos, depois grupos de signos e finalmente uma variedade indefinida de enunciados, todos identificáveis por aquele que os percebe pois o mesmo sistema está estabelecido nele” (Idem, 2005, p. 24).

Porém, acompanhando o avanço das reflexões benvenistianas, na segunda parte desse mesmo texto de 1963, ele afirma que “não é apenas a *forma* linguística que depende dessa análise; convém considerar paralelamente a *função* da linguagem” (Ibidem, 2005, p.82, destaque do autor). Além disso, ele diz que a realidade é reproduzida pela linguagem. A partir daí, percebemos um olhar do autor para o sujeito, ao apontar para a sua capacidade de apresentar a sua experiência linguística por meio de seu discurso.

A linguagem reproduz a realidade. Isso deve entender-se da maneira mais literal: a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva (BENVENISTE, 2005, p. 26).

Nessa perspectiva, o linguista começa a se encaminhar para o que mais tarde ele viria trazer à luz, ao apresentar a sua visão de forma revolucionária, de uma teoria linguística que compreende o emprego das línguas em sua integralidade, no ano de 1970, evidenciando a enunciação. De certo, entendemos que a estrutura é um traço comum à todas as línguas, sendo aquilo que as une enquanto característica universal, e portanto o emprego das formas deve ser validado. Mas, haveria algo maior. Era preciso um olhar voltado para o homem, para a história daquele que fala, considerando as mais diversas possibilidades enunciativas da linguagem.

Nesse cenário, conjecturamos sobre a possibilidade de organização do emprego das formas no enunciado do imigrante que se encontra na posição de entremeio linguístico e sociocultural,

uma vez que ele precisa lidar com o emprego das formas dos sistemas linguísticos das duas línguas em seu cotidiano. Buscamos visualizar se os signos linguísticos da língua portuguesa e os da língua inglesa podem se encontrar misturados dentro de uma mesma cadeia sintagmática, no qual paradigmas de ambas as línguas se apresentam dentro de uma única estrutura sintática, e com movências entre um sistema linguístico e outro. A identificação de fenômenos linguísticos como esse, motivaram este estudo que pretendeu ouvir o imigrante brasileiro falar de sua própria nova condição de falante, e do efeito que as duas línguas exercem sobre ele.

Diante desses testemunhos, contemplamos a genialidade de Benveniste ao ousar contrariar a maneira de como se olhava para a linguística em seu tempo, e ser o primeiro a visualizar a importância de um olhar voltado para o emprego da língua, que está além das formas. Na nossa percepção, a enunciação diz de quem fala, ela encontra o homem, o indivíduo em sua unicidade e identidade particular, revelando o sujeito que se enuncia, dentro de sua vivência, contexto circunstancial e experiência linguística no decorrer de sua vida, no mundo que o rodeia. “O que em nossa opinião, a ‘teoria da enunciação’ de Benveniste somente tem propósito quando articulada à sua ‘teoria da linguagem’. Independentemente do caminho metodológico seguido, essa articulação deve ser levada em conta” (FLORES, 2021, Vídeo Conferência no Colóquio Internacional Enunciação e Argumentação, em 08 de outubro).

Com o foco nesse ponto de vista para refletir como se molda a enunciação do brasileiro, que passou a viver dentro do contexto sociocultural estadunidense, nos propomos a discutir as condições enunciativas do imigrante que vive no entremeio linguístico, através de dados etnografados por esses próprios sujeitos. Perceba que estamos tratando de um homem fazendo uso da(s) língua(s), para falar da(s) própria(s) língua(s), ao refletir sobre ambas as condições de emprego: formas *versus* línguas, na sua enunciação. Buscamos compreender como o imigrante se percebe obedecendo o emprego das formas de um, ou de outro sistema linguístico, ao mesmo tempo em que lida com os conflitos de sua relação com as duas línguas.

Ao delinear o contexto disciplinar em que inscreve a problemática enunciativa em seu texto, Benveniste deixa claro que a coisa não muda, e que ambas as formas de percepção tratam da língua em seu emprego, e das duas maneiras de percebê-las, no que diz respeito ao funcionamento da linguagem. Contudo, ao colocar o emprego da língua como centro de sua teoria enunciativa, o autor afirma que esse mecanismo, entendido como esse “aparelho”, em seu funcionamento, não afeta apenas parte da língua, mas toda a língua. “Coisa bem diferente é o

emprego da língua. Trata-se aqui de um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira. A dificuldade é aprender este grande fenômeno, tão banal, que parece se confundir com a própria língua, tão necessário que nos passa despercebido” (2006, p. 82).

Compreendemos que quando o homem se enuncia, o faz por completo. É “na” e “pela” língua que o homem se diz sujeito, e “nela” ele se faz efeito. No entanto, nesta pesquisa, falamos de um sujeito já constituído em uma língua de origem, buscando se reconstituir enquanto sujeito em uma língua estrangeira, ao tentar se reterritorializar, encontrando o seu novo lugar de falante no mundo. De acordo com Saussure (2006), é preciso colocar-se primeiramente no terreno da língua, para então tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem.

Ao mobilizar o que constitui o aparelho da enunciação, com um olhar voltado para a língua em uso, ou em seu emprego, para Flores (2013), Benveniste opera uma ruptura, com uma certa visão estratificada de língua, e um alargamento da análise enunciativa estendendo-a a todos os níveis da língua. Esse viés abriu um caminho para uma compreensão das possíveis ocorrências de fenômenos linguísticos encontrados na enunciação do falante imigrante, uma vez que pensamos que o bilíngue/bicultural pode encontrar um sentido na linguagem, da necessidade de uso (emprego) das duas línguas, ocasionando alternâncias, em uma mesma estrutura sintática, nos diferentes níveis da linguagem, nas mais diversas interações, ou domínios de sua vida.

Passando-se do eixo contextual ao eixo definicional de “O Aparelho”, onde se apresenta grande parte do artigo, encontramos a famosa definição benvenistiana de Enunciação: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um **ato** individual de utilização” (2006, p. 82, destaque nosso). Aqui, há uma continuidade da ideia de “emprego da língua”, somada a um destaque dado a relação do locutor com a língua, como fator determinante dos caracteres linguísticos da enunciação.

O discurso, dir-se-á, que é produzido cada vez que se fala, esta manifestação da enunciação, não é simplesmente a “fala”? **É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado**, e não o texto do enunciado, **que é o nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação.** Deve-se considerá-la como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam esta relação (BENVENISTE, 2006, p. 82, destaque nosso).

Dessa forma, ao compreendermos que o mecanismo de enunciação “o aparelho”, afeta a língua em seu conjunto, refletimos com Flores (2013), sobre quais as consequências seriam

possíveis tirar da distinção existente entre as duas formas de emprego da língua, ligada a definição clássica da enunciação como ato individual de utilização. O ato constitui no fato de o locutor mobilizar a língua por sua conta, o que implica na incidência do sentido na linguagem, podendo ser empregado em todos os níveis da enunciação. De acordo com Benveniste, entende-se com isso, que a distinção “é um ponto de vista da análise que considera o sentido, que incide em cada um dos níveis separadamente e/ou em inter-relação” (FLORES, 2013, p. 163).

Compreendemos que ao destacar que esse “ato”, em que consiste a sua descrição enunciativa, diz respeito a uma ação individual de utilização da língua, Benveniste evidencia a capacidade que o falante tem de mobilizar a língua por si mesmo, a partir do “aparelho”, ou de um mecanismo formal, podendo produzir inúmeras enunciações, através do emprego das formas/línguas, de acordo com as suas referências comunicativas. Pensando-se, assim, na busca de um sentido na linguagem, conjecturamos em como se dá a enunciação do sujeito imigrante, ao empregar formas linguísticas, até certo ponto, “não convencional”, uma vez que o emprego da(s) língua(s) inglesa/portuguesa pode apresentar-se com movências, apresentando, possivelmente, uma mudança no sistema linguístico dessas línguas, em um mesmo contexto situacional, de uma dada condição específica.

Para Flores (2021), a definição de enunciação de Benveniste, no que diz respeito ao lado “acional”, surge de forma inesperada no texto, onde o conceito é apresentado de maneira direta e quase “abrupta”. E já em seguida ele introduz os diferentes aspectos que constituem a enunciação, como: a realização vocal da língua; a conversão da língua em discurso (aspecto de semantização da língua); e o quadro formal de realização da enunciação, priorizando, por sua vez, esse último aspecto. Benveniste passa a introduzir aquilo que ele chama de uma descrição abstrata da enunciação, sendo a abordagem dos fenômenos que ilustrariam a enunciação: os índices de pessoas; de ostensão (caracteres linguísticos que delimitam as coordenadas espaciais); e as formas temporais.

No primeiro bloco Benveniste faz o enquadramento: Há a Linguística das formas e a Linguística do emprego da língua. No segundo momento ele introduz a definição de Enunciação. Estamos aqui no cerne do artigo. Nele, Benveniste apresenta, além da definição canônica de enunciação, diferentes aspectos que constituem a enunciação (a realização vocal, a conversão da língua em discurso, o quadro formal de realização de enunciação). E ele prioriza um desses aspectos, que é o quadro formal de realização da enunciação. E, mais adiante, ele passa a descrição, que ele chama de abstrata da enunciação e da abordagem de fenômenos que ilustrariam a enunciação (os índices de pessoas, os índices de

ostensão, e as formas temporais etc) (FLORES, 2021, Vídeo Conferência no Colóquio Internacional Enunciação e Argumentação, em 08 de outubro).

No entanto, conforme Flores (2021), o que também chama a atenção no final desse eixo definicional, é o fato de que Benveniste apresenta uma outra definição de Enunciação, que não seria exatamente a mesma que marca o início desse segundo bloco. Se no início ele afirma que “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ‘ato’ individual de utilização”, no fim, ele chega a uma segunda (outra) definição de enunciação: “O que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (BENVENISTE, 2006, p. 87, grifo do autor).

Vejam os que, se na primeira definição há um destaque para a noção de “ato”, de este colocar em funcionamento a língua; na segunda definição, a questão da “relação”, da “interação”, e do “diálogo”, são colocados, dessa vez, como centro de observação. Um outro ponto digno de atenção é a utilização de Benveniste da palavra “processo”, ao falar do que se constitui a enunciação, logo depois de ele fazer uso da palavra “ato” para designar, assim pensamos, a mesma coisa. “Este grande ‘processo’ pode ser estudado sob diversos aspectos” (Idem, 2006, p. 82, destaque nosso).

Para Flores (2013) fica a seguinte indagação para o leitor: afinal, a enunciação é um ato ou um processo? Devemos tomá-la por um ângulo, ou pelo outro? Ou será que seria mais assertivo, observar a enunciação por ambos os lados: acional e processual? Ao que tudo indica, na nossa percepção, os dois lados são possíveis de observação porque a enunciação comporta múltiplos aspectos. Visualizamos o lado acional, devido a ação do locutor de transformar a língua em discurso. Essa transformação, por sua vez, se realiza, entre outros fatores, por meio do lado processual, que compete a enunciação a capacidade de agenciar formas e sentidos.

É possível observar tanto o lado processual quanto o lado acional da enunciação: ela é um ato porque, através dela, o locutor transforma a língua em discurso e essa transformação se dá, entre outros motivos, como um processo de agenciamento de formas e sentidos. Por isso, a enunciação comporta múltiplos aspectos [...] (FLORES, 2013, p. 164).

Dentro desse contorno benvenistiano em que pensa a enunciação, simultaneamente, nos parâmetros de um “ato” e de um “processo”, nos baseamos nesses elementos para analisar o testemunho do imigrante brasileiro, ao falar de sua relação com as duas línguas, assim como investigamos como ele se percebe dentro desse processo de agenciamento de forma e de sentido da linguagem, ao enunciar-se na posição de falante bilíngue/bicultural. Comprendemos que,

enquanto o ato é aquilo que diz respeito a relação do falante com a língua, o processo da enunciação, por sua vez, entende-se por renovar-se a cada instância de discurso, no momento em que se coloca em funcionamento o aparelho da língua, levando-se em consideração a forma e o sentido da linguagem.

Ato diz respeito à relação do locutor com a língua, em dada situação comunicativa, esta sempre nova, única, singular, irrepitível; *Processo*, algo que se renova a cada instância de discurso, quando o aparelho da língua é colocado em funcionamento. É desse *processo* de agenciamento de formas e sentidos que Benveniste explica três aspectos que a enunciação comporta: a) o aspecto vocal da língua, observando os sons emitidos e percebidos [...]; b) a conversão da língua em discurso, pensando como o sentido se forma em palavras (temos aí a semantização da língua) [...]; c) o quadro formal de sua realização através do ato, da situação e dos instrumentos [...] (TOLDO, 2018, p. 429, destaque do autor).

É a partir do processo de agenciamento de formas e sentido, então, que Benveniste (2006) explica os três aspectos em que a enunciação deve ser observada. O primeiro deles, o aspecto vocal da língua, também denominado de enunciação fônica, diz respeito a entonação, a prosódia, ou ao sotaque. Um aspecto interessante para esta pesquisa, visto que percebemos na enunciação do falante imigrante, por vezes, o sotaque preservado em sua língua de origem, mesmo ao se enunciar na língua estrangeira.

Entendemos que o sotaque no bilinguismo tem trazido muitas discussões na área, onde por muitos anos existia-se um mito de que “reais” bilíngues não possuíam sotaque em suas diferentes línguas. Contudo, estudos apontam que contrário a isso, possuí-lo em uma de suas línguas é uma norma para o bilinguismo, e não uma exceção. Na nossa percepção, possuir um sotaque quando se utiliza duas ou mais línguas é um fato da vida, comumente “aceito” pelo próprio falante e por todos aqueles que fazem parte de suas interações comunicativas, sendo este o primeiro aspecto mais notório na enunciação. “O mais imediatamente perceptível e o mais direto – embora de um modo geral não seja visto em relação ao fenômeno geral da enunciação – é a realização vocal da língua” (BENVENISTE, 2006, p. 82).

Para Flores (2013), no que se refere a esse aspecto, entre os diversos outros temas que Benveniste (2006) sugere dentro da linguística enunciativa, o ponto de vista de sua natureza vocal, deve ser considerado como um dos grandes processos de estudo da enunciação. Os sons emitidos e percebidos são procedidos sempre de atos individuais, possivelmente em uma produção nativa, e no interior da fala. Assim, na nossa visão, o sotaque está diretamente ligado a nacionalidade do

sujeito, e diz respeito aos seus aspectos identitários e culturais, a sua formação de personalidade, e a sua experiência de vida linguística, retratando, com originalidade, aquele quem fala.

Acreditamos que apesar de os traços fônicos de sua língua de origem se manterem presentes, muitas vezes, na enunciação do ser imigrante ao empregar a língua estrangeira, a sua comunicação não encontra prejuízos, mantendo-se ativa e eficiente. Contudo, buscamos ouvir o brasileiro, residente da Flórida, falar de sua experiência em relação a esse aspecto, para que pudéssemos compreender se ele encontrou, em alguma circunstância, algum tipo de empecilho, ou complicador em relação ao seu sotaque natal, ao interagir com os falantes estadunidenses, parte de seu novo contorno social, no país escolhido para morar.

[...] Os sons emitidos e percebidos, quer sejam estudados no quadro de um idioma particular ou nas suas manifestações gerais, como processo de aquisição, de difusão, de alteração – são outras tantas ramificações da fonética – procedem sempre de atos individuais, que o linguista surpreende sempre que possível em uma produção nativa, no interior da fala (BENVENISTE, 2006, p. 82-83).

Diante do exposto, vemos Benveniste também falar da diversidade de situações nas quais uma enunciação pode ser produzida, o que está diretamente ligado ao fato de a enunciação ser irrepetível, e inclusive, nas palavras do autor, para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente, mesmo quando se trata de uma experiência repetida em detalhes. Imaginemos então, essa variedade de situações de produção de enunciação, nos mais diferentes domínios da vida, contextos e pessoas em que o imigrante pode se encontrar, ao optar pela utilização de uma, ou de outra língua, ou de ambas ao mesmo tempo.

O segundo aspecto em que deve ser observado o processo da enunciação, conforme Benveniste, tem como foco o mecanismo desta produção. Diz respeito ao aspecto da semantização da língua, que está ligado a conversão da língua em discurso, com ênfase em como o sentido se forma em palavras. “É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância” (2006, p. 83).

Porém, para Flores (2013), a definição de “semantização” aqui estabelecida como “a conversão da língua em discurso”, convencionada por Benveniste, não parece muito distinta da definição geral de “enunciação”, constituída pelo autor no início do texto, que diz que enunciar “é um ato de utilizar a língua”. Apesar de a definição de semantização, e de enunciação encontrarem similaridades, posto que pensamos que o ato de utilizar a língua, representa o mesmo que converter a língua em discurso, visto que a língua só se converte em discurso a partir de um ato de utilização,

Benveniste esclarece essa distinção em seu estudo, “Semiologia da língua”, publicado pela revista “Semiótica I”, em 1969. Texto também encontrado em seu livro “Problemas de Linguística Geral II, na segunda parte, na temática relacionada a comunicação, o que conduz à conclusão de que “a semantização é algo que diz respeito aos modos semiótico e semântico de ser da língua, portanto, às relações de forma e sentido” (FLORES, 2013, p. 166).

A semantização é algo característico da língua, no que se refere aos seus modos semiótico/semântico, e assim, às suas relações de forma/sentido, devendo-se considerar, conforme Benveniste, os “procedimentos pelos quais as formas linguísticas da enunciação se diversificam e se engendram” (2006, p. 83). Por esse viés, visualizamos, mais uma vez, as inúmeras possibilidades enunciativas que o sujeito imigrante possui, de engendrar o seu enunciado, a partir do “sentido” que as palavras, de ambos os sistemas linguísticos (línguas portuguesa/inglesa), possuem de valor, dentro da “forma” como se pretende enunciar, ou se comunicar.

O mecanismo desta produção é um outro aspecto maior do mesmo problema. **A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso.** Aqui a questão - muito difícil e pouco estudada ainda – é **ver como o “sentido” se forma em “palavras”**, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação (BENVENISTE, 2006, p. 83, grifo nosso).

Analisando, então, os fatores circunscritos à conversão da língua em discurso, vemos Benveniste (2006) falar da semantização da língua, no intuito de pensarmos em: como o sentido se transforma em palavras; em que medida podemos distinguir um termo do outro; e como ocorre essa interação entre ambos: sentido/palavras.

Por essa perspectiva, conjecturamos também em como as palavras revestidas de sentido permitem ao imigrante transformar sua(s) língua(s) em discurso, dentro de uma visão não somente “macrodimensional”, no aspecto global, de estrutura sintática, e de escolhas paradigmáticas na construção de diferentes cadeias sintagmáticas, mas também dentro uma visão “microdimensional”, se assim podemos dizer, no que diz respeito ao nível morfológico da linguagem.

Sabemos que a língua é viva, que ela vive em constantes transformações no tempo e no espaço, e que principalmente, ela diz de quem fala. Com isso, palavras caem em desuso, novas palavras são criadas, surgem neologismos, estrangeirismos, inclusive novas gírias. Tudo isso acontece, muitas vezes, na evolução do tempo e dentro de um mesmo espaço geográfico. Imaginemos, agora, todos esses elementos em uma combinação para além de um avanço temporal,

mas em um território espacial diferente daquele em que viveu sua primeira existência linguística, fisicamente sustentada.

Na nossa percepção, ao viver em uma experiência única de entremeio espacial/cultural, e de entrelínguas, o imigrante passa a ressignificar, e dar novos sentidos a sua fala. Dessa forma, acreditamos na possibilidade de um encontro do imigrante, com um novo universo linguístico, o qual pode lhe convidar, de forma surpreendente e curiosa a despojar de um novo vocabulário, até ali, antes da experiência migrante, inédito à sua linguagem. Podendo essa se apresentar de várias formas, inclusive com a característica de neologismos que unem, na formação de uma única e nova palavra, signos linguísticos dos dois idiomas (língua natal/língua estrangeira), encontrando um novo sentido para a sua fala, no seu novo contorno social, ao interagir, principalmente, com os seus conterrâneos que dividem consigo a mesma experiência de deslocamento “entrepaises”.

De maneira geral, a partir do aspecto da semantização da língua, Benveniste faz uma reflexão ampla de que a enunciação se diversifica como um todo, devendo-se considerar a forma e o sentido (semiótico/semântico), através de uma teoria do signo voltada a análise da significância. Nos diversos níveis da linguagem (morfológico, sintático e semântico), inclusive (fonológico) - vocal, entendemos que a linguística enunciativa é composta de formas diversificadas, as quais se combinam engendradamente, de modo que devemos considerar o lado humano daquele que se enuncia.

Diante do exposto, o autor propõe uma reflexão sob o âmbito da gramática transformacional, que visa remontar a uma teoria do funcionamento do espírito, a partir de uma codificação, ou formalização de uma clareza do quadro permanente, da teoria da sintaxe universal.

Sob a mesma consideração disporemos os procedimentos pelos quais as formas linguísticas da enunciação se diversificam e se engendram. A “gramática transformacional” visa a codificá-las e a formalizá-las para daí apreender um quadro permanente, e, de uma teoria da sintaxe universal, propõe remontar a uma teoria do funcionamento do espírito (BENVENISTE, 2006, p. 83).

A expressão utilizada por Benveniste: “propõe remontar a uma teoria do funcionamento do espírito”, para explicar que a gramática transformacional pretende propor mudanças em relação a teoria da sintaxe universal, que estabelece um quadro permanente, de uma enunciação rígida e formal, traz um valor memorável para esta tese. Visto que aqui pretendemos galgar um melhor entendimento do emprego da língua, e funcionamento de uma alma bilíngue, que faz uso, conscientemente ou não, das duas línguas, por meio de um ato individual de utilização, na posição

de entrelínguas, onde uma língua não anula a outra, e ambas, “juntas”, constituem o seu “eu”, fazendo parte de seu novo repertório linguístico.

Para Flores (2013) a semantização da língua resume a teoria linguística benvenistiana. Entendemos que ao constituir a conversão da língua em discurso, considerando todas as formas linguísticas da enunciação, diversificadas e engendradas, em que o falante se apropria da sua linguagem para se enunciar, em todos os níveis da linguagem, ao seu modo, da maneira em que encontra um sentido nas suas palavras, que está além das formas, encontramos o sujeito em sua mais íntima individualidade, retratando a sua bagagem linguística e cultural.

Enfim, tal como a semantização é apresentada aqui, pode-se entender que, embora o uso da língua seja descrito como processo que compreende apropriação, atualização, sintagmatização e semantização, é este último que engloba os demais, pois a semantização resume todo o trabalho com a língua: a conversão da língua em discurso (FLORES, 2013, p. 166).

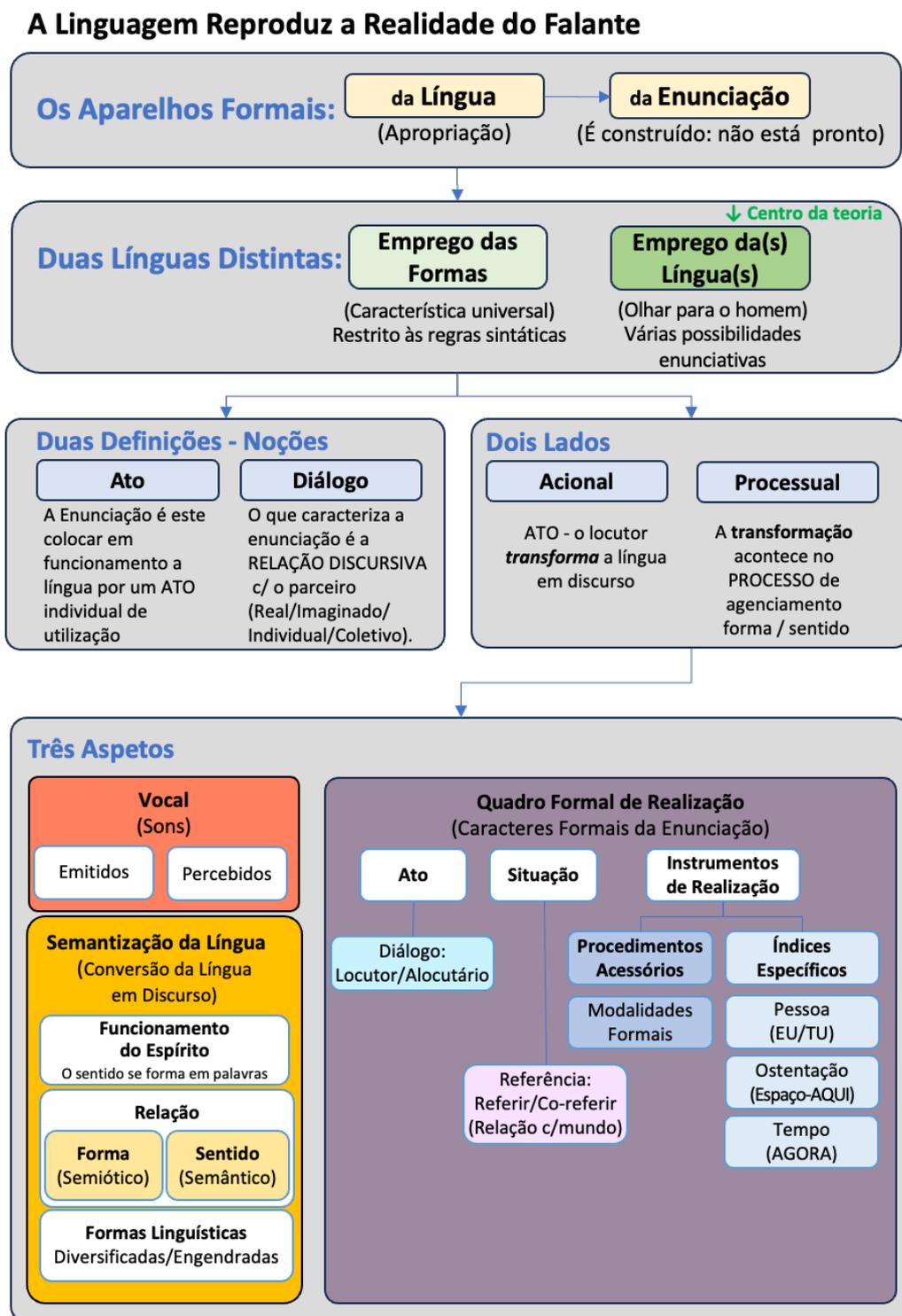
Por fim, o terceiro aspecto do processo da enunciação, por sua vez, considerado por Benveniste como o objeto de seu texto, denomina-se: o quadro formal de realização. O autor faz um esboço de um percurso metodológico no interior da língua, dos caracteres formais da enunciação, em que, a partir da manifestação individual, a enunciação se atualiza. “Na enunciação, consideramos sucessivamente o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (2006, p. 83).

Pode-se, enfim, considerar uma outra abordagem, que consistiria em definir a enunciação no quadro formal de sua realização. É o objeto próprio destas páginas. Tentaremos esboçar, no interior da língua, os caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza. Estes caracteres são, uns necessários e permanentes, os outros incidentais e ligados à particularidade do idioma escolhido [...] (BENVENISTE, 2006, p. 83).

No que diz respeito ao estudo da teoria enunciativa, inúmeras são as potencialidades de análise do texto “O aparelho formal da enunciação”. No percurso adotado por Benveniste, encontramos: primeiro o eixo contextual - o esboço de um enquadramento teórico (distinção entre o emprego das formas *versus* o emprego da língua), com ênfase no emprego da língua; em seguida, o eixo definicional – o destaque para duas definições distintas do conceito de enunciação, somado a uma discussão voltada às palavras “ato” e “processo”. No processo de realização de um ato enunciativo, individual de cada falante considera-se três aspectos (o aspecto vocal, a semantização da língua, e o quadro formal de realização da enunciação), com evidência no terceiro como seu

objeto de estudo, resumindo-o em três componentes: o ato, a situação, e os instrumentos envolvidos no processo enunciativo. Desenvolvemos um mapa ilustrativo da teoria. Veja abaixo:

Figura 3. Mapa Ilustrativo “O Aparelho Formal da Enunciação”



Fonte: A autora, em maio 2023. Fundamentada na Teoria da Enunciação de Émile Benveniste (2006).

Segundo Benveniste (2006), o ato enunciativo; a situação em que este se realiza; e os instrumentos necessários no processo enunciativo, caracterizam-se de: caracteres formais da enunciação. Uns são necessários e permanentes, e os outros incidentais, ligados à particularidade do idioma escolhido. Todos esses elementos se encontram no interior da língua, e revelam-se a partir da manifestação individual que a enunciação se atualiza. “Em outras palavras, é assim que deve proceder o linguista para a análise: partir do ato, examinar a situação em que se dá esse ato e, finalmente, descrever os recursos linguísticos (os instrumentos) que tornaram possível o ato” (FLORES, 2013, p. 166).

Em primeiro lugar, no que se refere ao “ato” individual em que se utiliza a língua, o locutor é aquele o qual se faz introduzido. É aquele colocado como bússola, como parâmetro dentro das condições necessárias da enunciação. “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, 2006, p. 83-84).

Nessa perspectiva, o “ato” enunciativo supõe o diálogo. A partir do momento em que o locutor se declara como tal, ao se apropriar do aparelho formal da língua, ele enuncia a sua posição por meio de índices específicos, e de procedimentos acessórios. Ele implanta o “outro/alocutário” diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este “outro”. Enquanto processo de apropriação de realização individual, “toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário” (Idem, 2006, p. 84).

Na realidade desta tese, ao refletirmos no “outro/alocutário”, parte essencial de um processo enunciativo, buscamos analisar no testemunho dos nossos entrevistados como se dá o seu diálogo, como locutor (imigrante brasileiro), com o outro/alocutário (estadunidense/falantes da língua inglesa de diversas nacionalidades/conterrâneo brasileiro). Intencionamos visualizar o seu processo de apropriação e emprego da(s) língua(s) inglesa/portuguesa, de maneira particular, considerando as suas condições de diálogo, com os demais sujeitos interagentes.

No que diz respeito ao componente “situacional” em que a enunciação se realiza, a “situação” é definida através do fato de que, na enunciação a língua se encontra empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. Para Flores (2013), a situação implica referência. O locutor e o alocutário referem e correferem no discurso a partir de uma situação, ou de uma relação com o mundo que lhes circunscreve. Assim, a referência se faz parte integrante da enunciação.

Por fim, na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação (BENVENISTE, 2006, p. 84).

Dessa forma, enquanto a situação implica a referência como parte integrante da enunciação, no ato encontramos o diálogo, em virtude de toda enunciação ser composta de uma alocução, que postula um alocutário, explícita ou implicitamente. Na nossa visão, os elementos: alocutário, e referência se entrelaçam como a condição em que a língua, e o falante encontram para expressar a sua relação com o mundo. É por meio destes que o sujeito encontra a possibilidade de uma co-referência idêntica, no consenso que faz de cada locutor, um co-locutor.

Ao mesmo tempo em que, antes da enunciação, a língua é apenas possibilidade, o processo enunciativo suscita novamente outra enunciação, implantando, naturalmente, o “outro” diante de si, seja através do ato/diálogo, ou da situação/referência em uma noção de continuidade, em que implica: locutor/alocutário, e a necessidade de referir/co-referir.

Por sua vez, ao tratar dos “instrumentos de realização” da enunciação, Benveniste afirma que a enunciação, enquanto realização individual, pode se definir como um processo de apropriação em relação à língua. Entende-se que é por meio de instrumentos de realização, sendo estes, índices específicos, e procedimentos acessórios que o locutor se apropria do “aparelho formal da língua”, enunciando, assim, a sua posição de falante e de locutor.

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de *apropriação*. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro (BENVENISTE, 2006, p. 84, destaque do autor).

Conforme Flores (2013), há alguns pontos nessa reflexão benvenistiana, acerca dos instrumentos de realização da enunciação (específicos e acessórios), em relação ao léxico escolhido pelo autor, que merecem algumas observações. O primeiro deles, está no fato de que Benveniste faz uso da expressão “aparelho formal da língua”, em vez de, “aparelho formal da enunciação”, não sendo identificado nenhuma outra ocorrência dessa última expressão além do título. “No texto, encontra-se apenas a expressão próxima aparelho linguístico da enunciação (PLG: 88). E por quê?” (FLORES, 2013, p. 168).

A justificativa reside no fato de que “o aparelho da enunciação” não é algo encontrado pronto pelo locutor, no qual ele pode acessar, ou tomar posse de forma imediata. Diferente disso, há primeiramente, e necessariamente, um processo de apropriação da língua, em que o locutor faz uso dos índices específicos, e dos procedimentos acessórios em dada enunciação, mediante os recursos da língua, em situações diversas, construindo, assim, “o aparelho formal da enunciação”, a partir do “aparelho formal da língua”, em cada enunciação que lhes é oportunizada.

Ora, o locutor se apropria da língua, do aparelho formal da língua, para construir com ela um aparelho da enunciação. Para tanto, utiliza índices específicos e procedimentos acessórios. Logo, o dito aparelho formal da enunciação não é algo que esteja pronto aprioristicamente e que caberia ao locutor acessar, tomar posse, mas é algo construído a cada enunciação a partir dos recursos da língua em uma dada situação. É errado supor, então, que o locutor se apropria do aparelho formal da enunciação. Ele, na verdade, o constrói, a cada enunciação, a partir do aparelho formal da língua (FLORES, 2013, p. 168).

No que diz respeito aos “instrumentos de realização”, os índices específicos da enunciação estão ligados às categorias de: pessoa, ostentação (espaço), e tempo. Segundo Benveniste (2006), estes denotam a relação eu/tu (locutor/alocutário); os termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo (tipo este, aqui, etc.); e a continuidade e temporalidade que se engendram no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser, o (agora), respectivamente.

De acordo com Aresi (2019), na terminologia “índices específicos”, o termo “índice” aproxima-se dos termos “indicador” e “indicar”, de uso recorrente na obra benvenistiana, para fazer menção às: “formas específicas das categorias de *pessoa, tempo e espaço*, reveladas na e pela enunciação, e responsáveis por assegurar a referência (eis aqui o sentido de indicar) enquanto condição necessária da enunciação (referência ao ato e à situação de enunciação)” (ARESI, 2011, p. 272, grifos do autor).

Estão listados em “O aparelho” os seguintes índices específicos: “A emergência dos índices de pessoa (a relação eu-tu)” (PLG II:84); os “índices de ostentação (tipo este, aqui etc), termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo” (PLG II:85); as “formas temporais, que se determinam em relação a *Ego*, centro da enunciação” (PLG II:85), isto é, “os ‘tempos’ verbais cuja forma axial, o ‘presente’, coincide com o mesmo da enunciação, fazem parte deste aparelho necessário” (PLG II:85) (FLORES, 2013, p. 168).

Ao locutor situar-se em uma relação necessária com a sua enunciação, através do emprego de formas específicas, como os índices de pessoa, de ostentação e de tempo, os quais se renovam

a cada enunciação, ou a cada mobilização do aparelho formal da língua, essa relação “necessária” coloca em evidência a relação discursiva: de um locutor com seu alocutário (eu/tu); em uma dimensão espacial, na noção de pronome demonstrativo, partindo-se de um local presente do ato enunciativo (aqui); em uma dimensão também temporal remetendo-se a um (agora), tempo onde encontra-se a experiência linguística sustentada.

Remetendo, dessa forma, a perspectiva benvenistiana dos índices específicos que indicam as pessoas, em uma dimensão espacial e temporal no ato enunciativo constituído de sentido, a cada vez que é novamente produzido, para conduzir esta pesquisa, nos pautamos no eu/tu (locutor - imigrante brasileiro / alocutário - nativo estadunidense/falantes outras nacionalidades/conterrâneo brasileiro); situado em novo espaço (país estrangeiro EUA); em um tempo agora, de adaptação linguística e sociocultural.

Ao mesmo tempo em que uma produção linguística exige a presença do “outro”, ela se dá a partir de uma relação do locutor com a(s) língua(s), no qual há uma busca constante por utilização de palavras que façam sentido, para aquilo que se pretende comunicar. Nesse contexto, pudemos visualizar o imigrante brasileiro relatando uma posição de entremeio linguístico, em que se deparava, por vezes, com ocorrências de fenômenos linguísticos, nos mais diversos contextos, ou circunstâncias, dependendo do seu “tu/alocutário”. Na nossa visão, a possibilidade de experienciar o diálogo, com a utilização da língua estrangeira entre os nativos desse mesmo idioma, ou residentes locais, assim como, com bilíngues (línguas portuguesa/inglesa) transforma o sujeito, modificando a sua enunciação, diante da sua nova experiência linguística.

Esta descrição um pouco abstrata se aplica a um fenômeno linguístico familiar no uso, mas cuja análise teórica está apenas começando. É primeiramente a emergência dos índices de pessoa (a relação *eu-tu*) que não se produz senão na e pela enunciação: o termo *eu* denotando o indivíduo que profere a enunciação, e o termo *tu*, o indivíduo que aí está presente como alocutário (BENVENISTE, 2006, p. 84, grifos do autor).

Tratando-se do índice de ostentação, refletimos na questão espacial relacionada a aspectos culturais, à imersão da cultura estadunidense no novo espaço enunciativo, exercendo influência na produção linguística do locutor imigrante. Uma vez que entendemos que diante do novo país, o imigrante bilíngue também se torna, inevitavelmente, bicultural, passando a adquirir junto à nova língua, os hábitos culturais, e linguístico-culturais da nova nação que passou a habitar.

No decorrer dos estudos benvenistianos, várias foram as percepções do autor no que diz respeito a relação existente entre língua e cultura. Dentro de uma visão espaço-cultural,

pretendemos visualizar o emprego da língua, a partir da posição bicultural do imigrante bilíngue, compreendendo, a princípio, que apesar de a língua e a cultura não se relacionarem diretamente, ambas estão relacionadas a expressão, algo que se pode dizer maior do que elas. “Cultura e língua são colocadas em uma relação horizontal em que não há hierarquias, mas uma dupla filiação a algo maior, a significação, que as englobaria” (FLORES e SEVERO, 2015, p. 316).

Ao apontar para os estudos do léxico, Benveniste (2005) chega a fazer uso de um sintagma nominal, denominado: “impressão cultural na língua”, para explicar a importância do léxico como um reflexo do engendramento entre língua e cultura. “A relação simbiótica entre língua e cultura se manifesta de forma clara no léxico” (FLORES e SEVERO, 2015, p. 316). Por outro lado, percebemos que o autor apresenta a ação das “crenças” sobre a expressão, a ação complexa dos comportamentos sociais e os condicionamentos psicológicos no uso da língua, ocasionando modificações particulares nas formas linguísticas como fatores que dificultariam a formulação de uma possível “teoria da significação léxica” devido a dificuldade de se encontrar uma constância ou previsibilidade, na composição do vocabulário da língua.

A cultura também é apresentada pelo autor para falar do lugar de uso de uma língua, podendo a cultura ser facilmente substituída por sociedade. “Chamo cultura ao *meio humano*, tudo o que, do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida e à atividade humana forma, sentido e conteúdo. A cultura é inerente a sociedade dos homens, qualquer que seja o nível de civilização” (BENVENISTE, 2005, p. 31-32, grifos do autor). A cultura, assim como a língua é vista como um fenômeno humano, e inteiramente simbólico. O símbolo une a tríade: homem, língua e cultura.

[...] Pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma. Ora, assim como cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica. A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula. É definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura (Idem, 2005, p. 32).

Benveniste (2005) reflete na futura possibilidade de criar-se uma “ciência da cultura”, a partir de uma teoria que visa olhar para os fatores simbólicos no homem, que coloca a língua e a cultura imbricadas em uma relação que reflete no emprego da língua, a partir de um funcionamento espiritual daquele que fala. “Tudo leva a crer que essas pesquisas paralelas gerarão novas disciplinas e concorrerão para uma verdadeira ciência da cultura que fundará a teoria das atividades simbólicas do homem” (p. 32). A palavra “culturologia” também é utilizada pelo autor para falar

da linguística comparada, de seus domínios, e os métodos empregados em seu tempo, apontando para a importância de uma interpretação dos dados linguísticos a partir de um olhar voltado para a cultura. “Seria necessário interpretá-los na sua realidade (...) em relação a uma cultura” (p. 13).

Na visão de Flores e Severo (2015), essa reflexão benvenistiana “remete à relação íntima entre cultura e língua que faz com que uma faça sentido ‘na’ e ‘pela’ outra” (p. 320, grifo nosso). Percebemos que esse fato pode explicar as possibilidades de alterações linguísticas nos enunciados do imigrante, ao relacionar ambas as línguas, e ambas as culturas (estrangeira e de origem) nas produções de suas falas, ao dialogar e interagir, diariamente, com o “outro” no novo espaço linguístico-cultural.

Ao tratar sobre os modos de significação do semiótico e do semântico, vemos a cultura ser apresentada por Benveniste como mola propulsora, ou um sistema capaz de distinguir, no discurso do sujeito, àquilo que tem sentido daquilo que não tem. “Esse duplo funcionamento é similar ao da língua: um nível de significação cuja função é somente validar o significado – significa ou não (semiótico da língua) – e outro em que, sempre novo, o sentido será produzido de forma imprevisível (o semântico da língua)” (FLORES e SEVERO, 2015, p. 320).

Na relação entre língua/cultura, para os autores, a cultura surge como um sistema que tem em comum com a língua sua constituição em signos. Os fatos de cultura são apresentados como análogos ao signo linguístico, partindo-se da afirmação benvenistiana: “um fato de cultura não o é a não ser na medida que remete a algo diferente” (BENVENISTE, 2005, p. 47). A visão de “cultura” relacionada a “dualidades próprias” prevê a possibilidade de fundação de uma ciência da cultura, assim como Saussure o fez com a língua. “Essas investigações inovadoras levam a crer que o caráter natural da língua, de ser composta de signos, poderia ser comum ao conjunto dos fenômenos sociais que constituem a *cultura*” (Idem, 2005, p. 47, grifo do autor).

Nesse viés, a cultura e a sociedade relacionam-se e encontram-se no lado oposto ao físico, ao biológico, ao natural. Pois, assim como afirma Benveniste: “o homem não nasce dentro da natureza, mas dentro da cultura” (2005, p. 48). Na cultura, assim como na língua, há um funcionamento de uma rede de diferenças e valores que se relacionam de forma dinâmica. Esses valores que regem a articulação da cultura são impressos na língua, revelando definições cumulativas impressas por diferentes estratos de cultura. “Trata-se, pois, de duas dimensões totalmente diferentes. E se não se começa por reconhecer esta distinção, creio que se fica na vaguidade” (BENVENISTE, 2006, p. 22).

Ao tratar do aspecto cultural, em oposição ao aspecto da natureza, Benveniste afirma que nenhuma língua é separável de uma função cultural, e que o caminho possível para se chegar à gênese da linguagem, deveria partir-se da cultura, e não da natureza, uma vez que: “vemos sempre a linguagem no seio da sociedade, no seio de uma cultura” (2006, p. 23). A língua e a cultura são vistas como uma relação de integração necessária, no qual a chave da relação humana consiste no poder de ação, de transformação, e de adaptação.

Além de a cultura estar intimamente relacionada a língua, e seu funcionamento ser apresentado de forma homóloga ao da língua, é no interior de uma cultura que os sentidos “são”, ou “não são” atribuídos. “(...) em ‘Estruturalismo e linguística’, cultura é sempre relacionada a língua e é tida como o lugar dentro do qual a língua e outros sistemas semiológicos têm ou não sentido (...) (FLORES e SEVERO, 2015, p. 322).

O elemento “sociedade” também é colocado em reflexão junto a relação língua/cultura, tornando possível um delinear de um lugar para o que podemos entender por “cultura”, entre sociedade e língua: “O espaço em que a sociedade produz sentido e se expressa – ‘na’ e ‘pela’ língua, mas não apenas. O que diferencia radicalmente a expressão cultural da expressão linguística é o fato de que a cultura não se atém à língua para expressar” (Idem, 2015, p. 322). Enquanto a língua faz sentido dentro da cultura, a cultura é capaz de produzir sentido por meio de diversos sistemas semiológicos, como na arte, através de uma dança, uma pintura, entre outros.

Por outro lado, a língua é apresentada como um instrumento “de”, ou o instrumento “da” comunicação, devido ao fato de ser investida de propriedades semânticas, e funcionar como “uma máquina de produzir sentido, em virtude de sua própria estrutura” (BENVENISTE, 2006, p. 99). Devido a sua composição em signos finitos, que entram em combinação, a língua é capaz de produzir arranjos em mensagens, e enunciações infinitas.

Na tríade: língua/cultura/sociedade, para Flores e Severo (2015), como expressão de uma sociedade, a cultura se aproxima da língua sem, no entanto, prescindir dela. Sociedade e cultura aparecem intimamente relacionadas e a língua é colocada em relação a ambas. Percebemos que a relação entre cultura e língua se encontra no mesmo nível em relação a significação, e a língua é aquela que se torna significante na cultura. “(...) para Benveniste, a natureza do homem é a cultura, é ali que ele nasce e é nela que vive e é humano” (FLORES e SEVERO, 2015, p. 322). De forma geral, a linguagem como um fato humano, é no homem o ponto de interação da vida mental, e da vida cultural, e, ao mesmo tempo, o instrumento dessa interação.

Por esse viés, temos os pronomes pessoais, a relação do “eu/tu”, índices pessoais; e os pronomes demonstrativos, o “aqui”, visto a partir de uma dimensão enunciativa espacial, índice de ostentação, circunscritos na enunciação do locutor imigrante. A partir de um acontecimento individual, os enunciados dos imigrantes, em um espaço presente, o “aqui” EUA, novo local de instância de discurso, multilíngue e multicultural, dá origem ao estatuto, denominado por Benveniste (2006) de uma classe de “indivíduos linguísticos”, que se engendram de novo, a cada vez que uma enunciação é proferida, designando sempre algo novo. “Da mesma natureza e se relacionando à mesma estrutura de enunciação são os numerosos índices de *ostentação* (tipo *este*, *aqui*, etc.), termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo” (BENVENISTE, 2006, p. 84-85, destaques do autor).

As formas denominadas tradicionalmente “pronomes pessoais”, “demonstrativos”, aparecem agora como uma classe de “indivíduos linguísticos”, de formas que enviam sempre e somente a “indivíduos”, quer se trate de pessoas, de momentos, de lugares, por oposição aos termos nominais, que enviam sempre e somente a conceitos. Ora, o estatuto destes “indivíduos linguísticos” se deve ao fato de que eles nascem de uma enunciação, de que são produzidos por este acontecimento individual e, se se pode dizer, “self-nafit”. Eles são engendrados de novo cada vez que uma enunciação é proferida, e cada vez eles designam algo novo (Idem, 2006, p. 85).

Quanto ao índice temporal, o “agora”, na nossa visão, o “tempo” é caro às influências linguísticas (pessoais), e culturais (espaciais), introjetadas no sujeito que se transforma e se modifica no decorrer de sua nova experiência de vida, na sociedade estadunidense. De acordo com Benveniste (2006), poderíamos imaginar que a temporalidade é um quadro inato do pensamento, contudo ela é produzida, “na” e “pela” enunciação. É da enunciação que procede a instauração da categoria do presente, e desta nasce a categoria do tempo. O presente é propriamente a origem do tempo. “Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo” (p. 85).

Visualizamos, então, uma categoria do tempo, que tem um presente circunscrito em uma experiência linguística e cultural, com interlocutores falantes da língua estrangeira, e ou da língua de origem, dentro de um novo espaço, distante de seu país de origem. Trata-se da instauração de uma categoria do presente, a partir de uma enunciação entre-línguas, entre-culturas e entre-lugares, instaurando a categoria do tempo. Um tempo que tem em sua bagagem, uma passagem refletida

no desenvolvimento, na mudança e na transformação da linguagem do imigrante bilíngue/bicultural, que habita fora do Brasil, e utiliza ambas as línguas em sua vida diária.

Segundo Benveniste, o presente se renova a cada produção de discurso, e a partir desse presente que se diz contínuo, e coextensivo à nossa própria presença, a consciência momentânea do falante é impressa nos seus enunciados. “O sentimento de uma continuidade que denominamos ‘tempo’; continuidade e temporalidade que se engendram no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser e que se delimita, por referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais” (2006, p. 85-86).

Uma terceira série de termos que dizem respeito à enunciação é constituída pelo paradigma inteiro – frequentemente vasto e complexo – das formas temporais, que se determinam em relação a EGO, centro da enunciação. Os “tempos” verbais cuja forma axial, o “presente”, coincide com o momento da enunciação, fazem parte deste aparelho necessário⁴² (BENVENISTE, 2006, p. 85).

Compreendemos que os índices específicos não existem senão na rede de “indivíduos” que a própria enunciação cria de acordo com a realidade de cada falante. É diante de suas relações interpessoais, situadas em suas novas relações espaciais, em uma instância “aqui-agora” que o imigrante encontra a produção da sua enunciação em uma categoria temporal, na posição bilíngue e bicultural. “Por exemplo: o “eu”, o “aquele”, o “amanhã” da descrição gramatical não são senão os “nomes” metalinguísticos de *eu*, *aquele*, *amanhã* produzidos na enunciação” (Idem, 2006, p. 86, grifos do autor).

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação (BENVENISTE, 2006, p. 84).

Além dos índices específicos, compostos pelos indicadores de pessoa, ostentação e tempo, conforme o autor, a enunciação também se vale de procedimentos acessórios. “Isto é, ela ‘fornece as condições necessárias às grandes funções sintáticas’ (PLG II: 86) – intimação, asserção, interrogação -, às modalidades formais pertencentes aos verbos ou às fraseologias” (FLORES, 2013, p. 169). Assim, os procedimentos acessórios estão ligados à singularidade que cada análise linguística da enunciação evoca, portanto, à língua toda.

⁴² “Os detalhes dos fatos de língua que apresentamos aqui de um modo sintético, estão expostos em muitos capítulos de nossos *Problèmes de linguistique Générale*, I (Paris, 1966), o que nos dispensa de insistir sobre eles”.

Em linhas gerais, compreendemos que o quadro formal de realização da enunciação é constituído: pelo ato, no qual estão implicados locutor e alocutário; pela situação na qual se constitui a referência construída no discurso; e pelos instrumentos de realização, sendo estes específicos e acessórios. Assim, não há uma única forma de analisar a enunciação, visto que Benveniste destaca diversos aspectos que podem compor a enunciação, como: o aspecto vocal; a semantização da língua (conversão da língua em discurso); e o quadro formal de realização da enunciação, onde ele deposita os elementos formais que constituem a abordagem enunciativa.

Nesse cenário, em se tratando das duas definições de enunciação apresentadas pelo autor, nesse mesmo eixo definicional de “O Aparelho”, onde: na primeira, a enunciação é definida como o colocar em funcionamento a língua, por um ato individual de utilização; e na segunda ele diz que em geral, o que caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo, para Flores (2013), uma definição não se opõe a outra. Contrário a isso, a segunda definição acrescenta à primeira, elementos importantes, no qual o diálogo e enunciação estão sempre juntos.

Esta característica coloca necessariamente o que se pode denominar *o quadro figurativo* da enunciação. Como forma de discurso, a enunciação coloca duas “figuras” igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do *diálogo*. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Este quadro é dado necessariamente com a definição da enunciação (BENVENISTE, 2006, p. 87, grifos do autor).

Além de dar início a uma discussão voltada a outros “problemas” que não chega a desenvolver, assim como dar sinais para a ampliação do escopo teórico da enunciação, em relação aos fatos da língua, Benveniste, mais uma vez, faz uma abordagem ligada ao “quadro figurativo” da enunciação, e ao diálogo, no eixo prospectivo, terceiro e último bloco de possibilidade de leitura de “O Aparelho”. “Poder-se-ia objetar que pode haver diálogo fora da enunciação, ou enunciação sem diálogo. Os dois casos devem ser examinados” (2006, p. 87).

Partimos então, em busca de um melhor conhecimento desse diálogo, considerando o imigrante, brasileiro residente nos EUA, alvo desta pesquisa, em sua posição de entremeio linguístico e cultural. Lembrando que, somente através do emprego da(s) língua(s), a enunciação se mobiliza, dizendo de quem fala, em sua fala. Porque é por meio dela, que o sujeito se faz efeito.

CAPÍTULO IV – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Metodologia de Coleta de Dados

Esta pesquisa é do tipo qualitativa, de natureza aplicada com procedimentos de campo, uma vez que foi lançado um olhar, pelo viés da Linguística, para o testemunho do sujeito-enunciativo, imigrante brasileiro residente nos EUA, ao expressar a sua condição de falante, bilíngue, no convívio com o biculturalismo. Através de entrevistas semi-diretivas, realizadas na Flórida, em janeiro de 2023, foram abordadas questões capazes de conduzir esse sujeito a refletir sobre a sua posição de entremeio, e, assim, testemunhar sobre a sua relação com as duas línguas: portuguesa e inglesa, vivida diante de ambas as culturas: brasileira e estadunidense.

Conforme Bogdan & Biklen (2007), os estudos qualitativos se caracterizam como aqueles que buscam compreender um fenômeno em seu ambiente natural, onde esses ocorrem e do qual faz parte. A procura por dados na investigação leva o pesquisador a percorrer caminhos diversos, isto é, a utilizar uma variedade de procedimentos e instrumentos de constituição e análise de dados. Essas informações ou dados coletados podem, assim, ser obtidos e analisados de várias maneiras dependendo do objetivo que se deseja atingir. Entretanto, o pesquisador deve visualizar o objeto de estudo e os fenômenos que o cercam com um certo grau de distanciamento, embora seja parte da realidade pesquisada.

Dessa forma, esta pesquisa propõe um estudo linguístico antropológico do sujeito enunciativo, na dimensão identitária e cultural, que enfrenta o desafio de se “reconstituir” enquanto sujeito, através da sua enunciação e apropriação em língua estrangeira, na sua nova realidade linguística e sociocultural “escolhida” para morar. Informamos que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pernambuco, em 13 de dezembro de 2022, sendo registrada sob o número: CAAE: 65927922.0.0000.5206.

Assim, para investigarmos o homem que vive essa realidade no contexto imigratório e social, do brasileiro residente nos EUA, partimos para uma análise detalhada, a partir de entrevistas semiabertas, com questões semiestruturadas, filmadas e direcionadas aos sujeitos da pesquisa, sendo estes 3 brasileiros, imigrantes bilíngues, que atendiam aos critérios de inclusão e de exclusão desta pesquisa: adultos (jovem ou idoso), sem nenhuma distinção de sexo ou ocupação, e que faziam uso da língua inglesa e da língua portuguesa em seu cotidiano.

Destacamos como instrumentos de obtenção de dados a observação e o uso da análise dos procedimentos de campo, que se refere à pesquisa de natureza aplicada, utilizando, em sua essência os dados linguísticos das entrevistas compostas pelas falas originais dos sujeitos-enunciativos que vivem entre-línguas, ao falarem de suas experiências de falante no convívio do entremeio de línguas e culturas.

Dessa forma, tivemos como pretensão obter a nossa própria percepção das informações necessárias, para que pudéssemos alcançar a obtenção dos resultados e das conclusões finais desta pesquisa. Buscamos, contudo, manter um certo afastamento diante da visão dos nossos entrevistados, assim como do conteúdo investigado, apesar de esta não ser uma tarefa fácil por se tratar de um estudo de objetos de Ciências Humanas.

A metodologia utilizada para a obtenção dos dados deste estudo foi realizada por meio da transcrição das falas, com os enunciados originais dos entrevistados, em ambas as línguas: inglesa e portuguesa, para a análise qualitativa dos dados e identificação da ocorrência dos fenômenos linguísticos. Assim, a análise da linguagem enunciativa dos diálogos entre entrevistado / entrevistador, enunciadador / enunciatário, locutor / alocutário, eu / tu do processo intersubjetivo da enunciação benvenistiana foi realizada através da passagem e investigação das entrevistas com os diferentes imigrantes, ocorridas em Orlando e em Boca Raton, na Flórida, onde segundo dados do Ministério das Relações Exteriores, é o estado em que habita o maior número de brasileiros, contabilizando cerca de 130 mil conterrâneos.

A fim de analisarmos os dados colhidos nas nossas entrevistas semiabertas, e assim atendermos aos nossos objetivos, o nosso roteiro de entrevista semiestruturada foi dividido em três partes: caracterização do sujeito; cenário enunciativo; e apresentação dos fatos enunciativos (perguntas e respostas), com as respectivas análises.

Na primeira parte procuramos caracterizar o sujeito-enunciativo, através da coleta dos dados pessoais do entrevistado; na segunda parte, apresentamos a contextualização do cenário enunciativo; e na terceira parte provocamos uma discussão que levou o nosso entrevistado a refletir na sua própria condição de falante bilíngue e bicultural, na sua relação com ambas as línguas, e na maneira como ele se enuncia.

Sendo assim, na busca da caracterização do nosso respondente, o qual chamamos de “sujeito-enunciativo 1, 2, e 3”, iniciamos a nossa entrevista com dez perguntas direcionadas na língua portuguesa para a obtenção de alguns dados pessoais, entre esses: o gênero; a idade; o tempo

em que se considera um bilíngue; a sua ocupação social; o ano em que veio morar nos EUA (tempo de permanência); a idade que tinha quando passou a morar nos EUA; a maneira como se mudou para o novo país (sozinho, ou acompanhado de familiares ou amigos); a sua frequência de visita ao Brasil; o motivo que o(a) levou a decidir pela mudança; e em que país ele(a) pode se dizer sentir mais em casa.

Tabela 1. Caracterização do Sujeito Enunciativo

CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO-ENUNCIATIVO
1- Sujeito-enunciativo 1/2/3 (Gênero)
2- Idade
3- Bilíngue desde
4- Ocupação social
5- Quando você veio morar nos EUA (em que ano)? Há quantos anos você está aqui?
6- Quantos anos você tinha quando veio morar nos EUA?
7- Com quem você veio para os EUA? Veio sozinho(a), com familiares ou amigos?
8- Já voltou alguma vez ao Brasil desde que veio morar nos EUA? Com que frequência você visita a sua cidade no Brasil?
9- Qual o motivo que te levou a decidir vim morar nos EUA, e na Flórida?
10- Em que país você diria que se sente mais em casa, no Brasil ou nos EUA? Em que lugar você diria que se sente mais confortável? Qual o real sentido da palavra “casa” para você?

Em seguida, buscamos apresentar o contexto de realização da entrevista, relatando o cenário enunciativo, através de informações como: o local em que ocorreu a entrevista; o dia de realização; o tempo de duração; a maneira como a entrevista foi conduzida (formal ou informal); a postura do entrevistado (positiva ou negativa, disposto/indisposto, satisfeito/insatisfeito, animado/desanimado, emotivo/rancoroso, entre outros); e as características que mereciam destaque, em relação ao modo como o sujeito se enuncia (fez uso de muitos gestos ao se enunciar em ambas as línguas, se emocionou ao falar de suas memórias afetivas do Brasil, entre outros).

Tabela 2. Cenário Enunciativo

CENÁRIO ENUNCIATIVO
Local de realização da entrevista
Dia de realização da entrevista
Tempo de duração da entrevista
Maneira como a entrevista foi conduzida
Postura do entrevistado ao ofertar a entrevista
Características destacadas em relação ao modo como o sujeito se enuncia

Chegando, então, ao momento da apresentação dos fatos enunciativos da entrevista, composto pelas perguntas semiabertas e por suas correspondentes respostas, de onde partiram as respectivas análises desta tese, a nossa metodologia de coleta seguiu pautada no ponto de vista da teoria de Grosjean (1996, 1998, 2013), voltada ao aspecto linguístico *Estricto Senso* por um lado; e da reflexão enunciativa antropológica, cunhada por Flores (2019), a partir das leituras de Benveniste (2005, 2006), voltada ao aspecto cultural metalinguístico, por outro.

As análises dos testemunhos dos imigrantes entrevistados, foram, principalmente, baseadas na observação do uso das duas línguas dos sujeitos (portuguesa e inglesa); como eles percebem as suas utilizações nos diferentes domínios da sua vida, assim como: com as pessoas, nos contextos, em lugares, ou em situações diversas; e como eles próprios podem observar a ocorrência dos fenômenos linguísticos em suas falas.

Dessa forma, fez-se importante voltarmos os nossos olhares para a autoavaliação, ou o testemunho desse falante, como etnógrafo de si mesmo, no que diz respeito a maneira como ele se vê dentro da linguagem, em relação ao emprego de suas línguas. Afinal, conforme Benveniste (2005, 2006), quando o sujeito se enuncia, o faz com toda a língua e com todos os componentes da linguagem, porque é “na” e “pela” linguagem que o homem se constitui enquanto sujeito e nela se faz efeito.

A fim de melhor entendermos como os sujeitos imigrantes se percebem enquanto falantes na posição de entremeio, e também para uma melhor organização e estratégia facilitadora no momento da entrevista, nos propomos a desenvolver um mapeamento esquemático com todos os questionamentos propostos, em forma de planilha, pautada em cinco aspectos: Reflexões enunciativas antropológicas (classificação das perguntas na entrevista); questões norteadoras (questões para promover os testemunhos dos imigrantes); recortes da linguagem (dados audiovisuais coletados - o comentário / o contorno de sentido); identificação dos modos de linguagem (características e análise dos modos de Linguagem Monolíngue e Bilíngue); e, por fim, pontos de vista sobre o objeto bilinguismo (discussões sobre os pontos de vista, sob à luz: teoria do bilinguismo desenvolvida por Grosjean (1996, 2013), e da reflexão enunciativa antropológica cunhada por Flores (2019), fundamentada em Benveniste (2005, 2006)).

Vejamos uma pequena representação da ideia proposta, composta por um quadro geral norteador das categorias de análise, para melhor exemplificar o caminho em que seguimos, a fim de atender a nossa busca por dados que contemplassem o nosso encontro com todos os objetivos,

aqui elucidados nesta pesquisa. Categorizamos um sistema de perguntas semidirigidas e respostas abertas, para em seguida escrevermos sobre o funcionamento do sistema linguístico, da posição de entremeio, do imigrante brasileiro residente nos EUA, a partir do ponto de vista de uma teoria, por um lado, e de uma reflexão do outro. Pois, como diz o célebre sintagma saussuriano: É o ponto de vista que cria o objeto! Segue o mapeamento esquemático da nossa coleta de dados:

Tabela 3. Mapa Esquemático Coleta de Dados

Reflexões Enunciativas Antropológicas	Questões Norteadores	Recortes da Linguagem	Identificação dos Modos de Linguagem	Pontos de Vista sobre o Objeto (Bilinguismo)
Classificação das perguntas na entrevista	Questões para promover os testemunhos dos imigrantes	Dados audiovisuais coletados (o comentário / o contorno de sentido)	Características e análise dos modos de linguagem monolíngue e bilíngue	Discussões sobre os pontos de vista (teoria bilinguismo Grosjean) <i>versus</i> reflexão enunciativa antropológica (Flores / Benveniste)

Dentro do panorama das reflexões enunciativas antropológicas, e das respectivas classificações das perguntas semidirigidas, a partir da proposta de leitura da teoria de Benveniste (2005, 2006), cunhada por Flores (2019), foram abordados questionamentos, dentro do território linguístico, sugerindo um apanhado de reflexões envolvendo aspectos, como: o retorno reflexivo; a função da língua; o poder da língua; o amor pela(s) língua(s); o emprego da(s) língua(s); o sentido na linguagem; a língua e a cultura em relação homóloga; o deslocamento do sujeito; a língua como lugar de duelos; a identidade do sujeito; e a língua que você fala muda o seu pensamento (teoria de Sapir-Worf).

Partindo-se, então, desses onze tópicos de aspectos reflexivos, mencionados acima, a sequência das conversas desta pesquisa seguiu em direção da elaboração das seguintes perguntas semidirigidas:

1- O Retorno Reflexivo

Várias pesquisas mostram que os bilíngues não refletem muito sobre o fato de serem bilíngues, muitos dizem: “É simplesmente um fato da vida!” Você se diria estar inserido nos dados desta pesquisa?

2- A Função da Língua

Pessoas bilíngues usam as línguas em diferentes domínios da vida. Em que domínios da sua vida você diria que utiliza a língua portuguesa e a língua inglesa isoladamente, e ambas as

línguas juntas? Sabe dizer as pessoas, os lugares, os contextos, e as situações em que você fala as línguas?

3- O Poder da Língua

Ao se comunicar com as pessoas, interagir com alguém, escrever uma mensagem, ou até mesmo ler um livro, você já se perguntou: “Qual língua devo usar?”, ou “Será que a minha outra língua pode ser trazida? Costuma se perguntar em que língua escolherá falar, ou se poderá usar as duas línguas? Ou acontece naturalmente, de acordo com a pessoa, com a situação, e o assunto? Teria alguma experiência como essa para contar? Quanto a ler noticiários, e assistir tv, prefere a mídia em português ou em inglês?

4- O Amor pela(s) Língua(s)

Você gosta de falar inglês? Você gosta de falar português? Como você se sente ao falar uma ou a outra língua? Você se sente igualmente confortável ao utilizá-las? Quando você está conversando com um conterrâneo, bilíngue como você, em que língua prefere falar? E quando reconhece que um nativo estadunidense sabe falar português, qual a língua que você fala com ele? Para você, qual é a língua mais bonita, e a mais importante? Saberá dizer o por quê?

5- O Emprego da(s) Língua(s)

Quando você está falando, já se pegou indeciso em que língua se expressar? Sabe dizer se houve algum momento em que ficou confuso em utilizar uma palavra ou outra, das duas línguas? Já se viu falando, usando palavras das duas línguas, para expressar um só pensamento, na mesma frase, com a mesma pessoa e no mesmo contexto? Ao escolher pela utilização de uma língua, já sentiu lhe faltar palavras naquela língua, e assim trazer, involuntariamente, palavras emprestadas da outra língua para expressar aquilo que deseja?

6- O Sentido na Linguagem

Quando você escolhe pela utilização de uma das línguas, e surge a necessidade de trazer a outra língua, você se percebe preocupado em obedecer às regras sintáticas do idioma, ou, para você, o sentido é mais importante do que as normas gramaticais? Saberá citar algum exemplo em que fez uso das duas línguas na mesma frase, ou na mesma palavra? Acredita que esse processo é proposital, ou inconsciente? É constante, ou circunstancial? Você acredita falar assim porque faz mais sentido, ou porque lhe faltam palavras, em uma ou na outra língua? Você acha que isso acontece devido ao fato de estar morando nos EUA?

7- A Língua e a Cultura em Relação Homóloga

Na sua posição bilíngue/bicultural, o que você pensa em relação aos aspectos linguísticos que fazem parte da cultura e da tradição oral de um povo (nação), como: o sotaque, as gírias, e as expressões idiomáticas (popularmente conhecida como ditado popular)? Você percebe se fala em inglês com o sotaque brasileiro? Faz uso de gírias e ditado popular da língua inglesa adequadamente? Consegue entendê-los facilmente? Quanto aos hábitos culturais de como esperar na fila mantendo um distanciamento, e saudações de despedida, conseguiu se adaptar aos comportamentos estadunidenses? Brasileiros não costumam manter uma distância social ao esperar em filas, diferente dos norte-americanos. E ao se despedir, geralmente falamos: beijo, ou abraço, tchau. Consegue traduzir isso para a língua inglesa?

8- O Deslocamento do Sujeito

Em relação a ocorrência dos fenômenos linguísticos na sua fala, você saberia dizer se a alternância entre-línguas ocorre com mais frequência quando você está falando em inglês, ou em português? Geralmente é mais frequente quando você está falando com um conterrâneo brasileiro, ou com um estadunidense?

9- A Língua como Lugar de Duelos

Você vê alguma vantagem em ser bilíngue? Poderia pontuar as vantagens (benefícios) e desvantagens (inconvenientes) em conviver com duas (ou mais) línguas e culturas diferentes? Você, de alguma forma, se sente incomodado quando lhe faltam palavras em uma de suas línguas e você precisa recorrer a outra língua para se expressar? Como se percebe nessa alternância entre línguas? Enxerga esse fenômeno linguístico de forma positiva ou negativa? Já se sentiu julgado em relação a isso por alguém que só fala uma língua, ou por um bilíngue que não mora nos EUA?

10- A Identidade do Sujeito

Pesquisas apontam que hábitos linguístico-culturais adquiridos na infância são mais difíceis de serem substituídos na linguagem do bilíngue. Você já refletiu qual a língua que você utiliza ao rezar, orar, contar números ou dinheiro, pensar, ou sonhar? Ocasionalmente também de cansaço, irritabilidade, e entusiasmo, assim como o estresse tendem a levar os bilíngues a se expressarem na língua de origem. Sabe dizer se o mesmo acontece com você? Quanto ao seu olhar em relação ao “outro”, criança/adolescente filhos de brasileiros que adquiriram a língua inglesa depois que chegaram aqui, já observou como eles falam? Alguns perdem o interesse pela língua de origem. Como você enxerga essa posição? Tem o desejo que as pessoas do seu convívio: cônjuge, família,

amigos, colegas de trabalho, ou seus médicos falem suas duas línguas? Se tem filhos nascidos aqui, desejou criá-los falando nas duas línguas ou somente em uma? Fez questão de preservar a sua identidade, mantendo sua língua de origem viva em seus filhos?

11- A Língua que você Fala Muda o seu Pensamento (Teoria de Sapir-Worf)

Você concorda que a língua que você fala influencia ou muda a sua forma de enxergar o mundo? Você costuma pensar, se comportar, e ter visões diferentes dependendo da língua que você está falando? Você se diz mais reservado, mais gentil, ou mais autoritário, em uma de suas línguas? Ou se considera a mesma pessoa, com a mesma personalidade em ambas as línguas? O que diria do provérbio *theco*: “Aprenda uma nova língua e obtenha uma nova alma”? Há pessoas que confirmam esse provérbio e chegam a dizer que o bilíngue tem dupla personalidade. Qual a sua visão a respeito disso?

Como podemos ver, conforme ilustração acima, a entrevista foi toda baseada na língua portuguesa, de origem do imigrante, composta por um conjunto de onze tópicos, os quais traziam uma série de reflexões, relacionadas ao terreno da língua, no qual também buscava-se compreender a relação existente entre a língua e a cultura, dentro de uma nova vivência imigrante na sociedade estadunidense, onde o sujeito entrevistado esteve livre para se enunciar ora em uma língua, ora na outra, da melhor forma que lhe era cabível.

Todos os questionamentos da pesquisa estavam relacionados a assuntos em comum entre o entrevistador/entrevistado, no que diz respeito a nova experiência linguística estrangeira, e foram baseados nos nossos objetivos específicos, os quais pretendiam: analisar o imigrante brasileiro como etnógrafo de si mesmo, por uma ótica enunciativa-antropológica; avaliar a relação de identidade do sujeito entre-línguas no contexto sociocultural; identificar os fenômenos linguísticos, e modos de linguagem no enunciado do imigrante; e visualizar em que constitui viver entre-línguas, na percepção pessoal dos sujeitos brasileiros, enquanto falantes.

A nossa intenção era conduzir o sujeito-enunciativo a pensar em fatos linguísticos, os quais somente os brasileiros que moram em outro país, nesse caso, em especial, nos EUA, provavelmente saberiam responder. Apesar de a entrevista ter sido dirigida em sua primeira língua, as interferências, e as influências linguísticas do contexto imigratório, poderiam surgir naturalmente em seu ato enunciativo, apresentando, de maneira espontânea, nos momentos de seus testemunhos, fenômenos linguísticos, junto a também utilização da sua língua estrangeira em seus enunciados.

Ao comentar a sua condição de falante, o sujeito produz um conhecimento, uma posição enunciativa que advém como um efeito, e não como uma causa, porque quando o falante etnografa a sua posição, ele produz a sua experiência linguística. Assim, a movência entre os sistemas linguísticos, é um recurso que ele utiliza para falar da sua própria posição de falante. E é dessa posição, na nossa percepção, que se produz um saber sobre como opera a língua no homem.

Diante do exposto, apresentamos, nesta tese, um estudo sobre a linguagem do imigrante bilíngue e bicultural, nos pautando em uma “teoria”: literatura de Grosjean (1996, 1998, 2013), que pensa no bilinguismo e em seus modos de linguagem monolíngue, e bilíngue; e na “reflexão”: enunciativa antropológica, cunhada por Flores (2015, 2019), sob à luz da teoria da enunciação benvenistiana (2005, 2006), que reflete no efeito da(s) língua(s) no homem, em âmbito intersubjetivo e intersocial da linguagem.

A fim de, então, galgarmos nesse conhecimento, utilizamos como metodologia de análise dos dados dois caminhos, direcionados aos seguintes aspectos: Linguísticos (*Stricto Senso*, com as ocorrências dos Fenômenos Linguísticos); e Culturais (Metalinguísticos, com noção de comentário). Passemos, a seguir, para uma melhor explicação metodológica, de como pensamos em proceder com a análise dos dados colhidos nesta pesquisa.

4.2 Metodologia de Análise dos Dados

4.2.1 Aspectos Linguísticos

Começando pelo viés Linguístico, o qual envolve a abordagem da ocorrência dos fenômenos linguísticos (*Stricto Senso*), essa nossa primeira metodologia de análise foi pautada na visão da teoria do bilinguismo desenvolvida por Grosjean (1996, 2012, 2013), a fim de alcançarmos uma melhor compreensão de como operam os modos de linguagem, e os respectivos fenômenos entre-línguas na enunciação do imigrante. Detalhamos, aqui, de forma exemplificada, as demais incidências utilizando um mapeamento esquemático em que criamos com a intenção de apoiar, ilustrativamente, as ideias defendidas pelo autor.

Observe que, partindo-se de uma interação comunicativa entre sujeitos, o bilíngue se vê rodeado de vários contextos diferentes, os quais em cada um desses domínios da vida ele pode utilizar somente uma, ou ambas de suas línguas, para interagir com pessoas diferentes em seu contorno social. Essa ideia está representada naquilo que Grosjean chama de **Princípio da Complementaridade**, o que, para o autor, está diretamente relacionado a função, e a utilização de sua(s) língua(s), nas mais diversas situações da vida (veja ilustração dessa ideia em forma de um conjunto de círculos, que compõem a dinâmica social do falante imigrante).

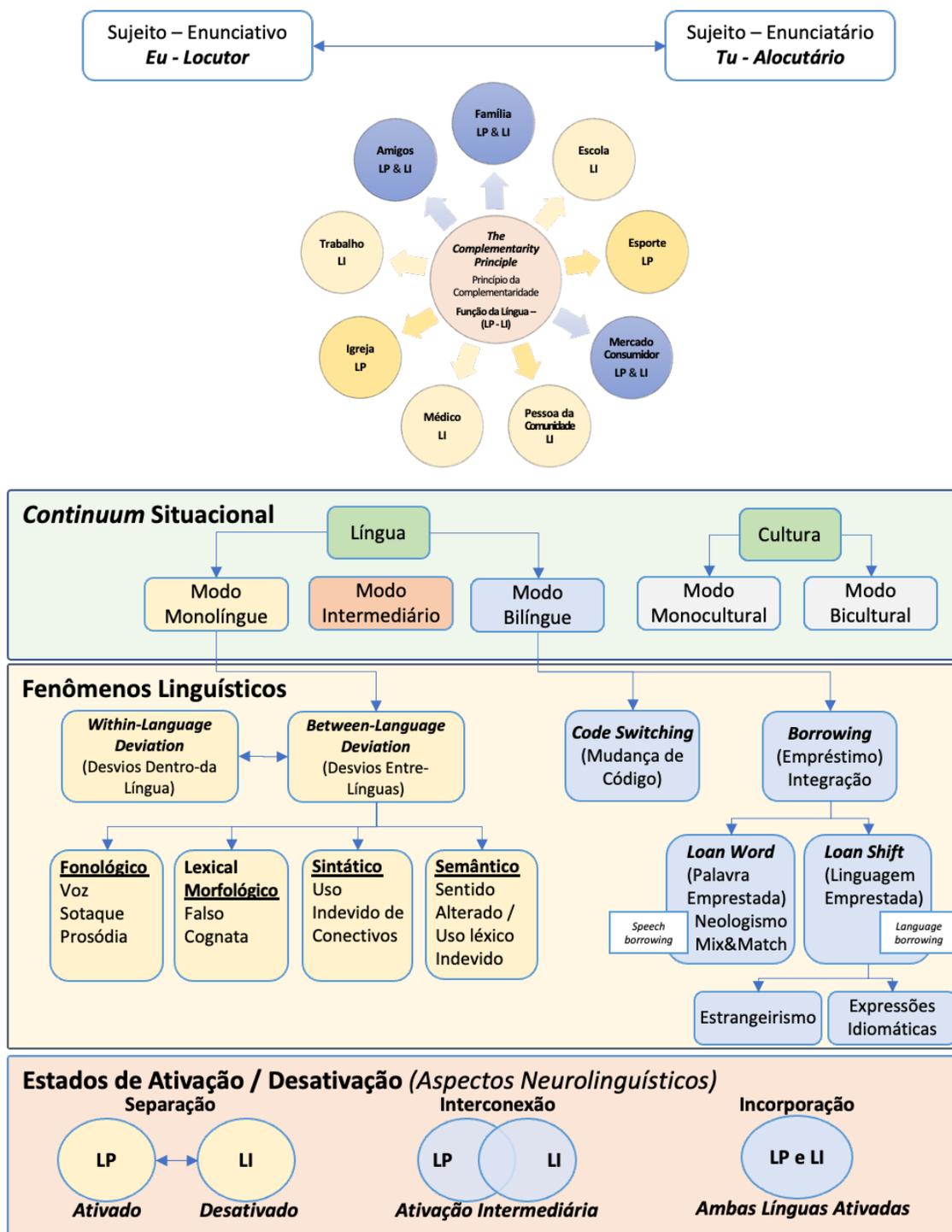
Logo abaixo, desenhamos o **Continuum Situacional**, onde do lado esquerdo podemos ver a “língua” – com os modos de linguagem, ilustrando o bilinguismo em forma de um *spectrum* com movências de um final monolíngue a um final bilíngue, interligados abaixo aos demais **Fenômenos Linguísticos** ocasionados em decorrência desses modos de linguagem. Já do lado direito, encontramos uma ilustração da “cultura” - também com os modos de cultura monocultural e bicultural, embora em menor evidência.

Por fim, temos uma ilustração dos **Estados de Ativação ou Desativação** dos modos de linguagem conectados aos aspectos neurolinguísticos, onde as duas línguas podem estar em um modo monolíngue e com uma de suas línguas ativada, e a outra desativada (estado de separação); modo intermediário de ativação (estado de interconexão); e modo bilíngue com ambas as línguas mantendo-se ativadas (podendo estar em estado de interconexão ou incorporação).

Nos três quadros figurativos: *continuum* situacional, fenômenos linguísticos, e estados de ativação/desativação, utilizamos a cor: amarela para representar os fenômenos linguísticos, e os aspectos neurolinguísticos no modo de linguagem monolíngue; laranja para representar os aspectos

neurolinguísticos no modo de linguagem intermediário; e azul para representar os fenômenos linguísticos e os aspectos neurolinguísticos no modo de linguagem bilingue. Veja abaixo como procedemos com a nossa análise dos dados, dentro do aspecto linguístico (*Stricto Senso*):

Figura 4. Mapa Ilustrativo Fenômenos Entre-Línguas



Fonte: A autora, em fevereiro 2023. Fundamentada na teoria do Bilinguismo de Grosjean (1996, 2013).

Conforme mencionado anteriormente, mais especificamente no capítulo 2 desta tese, no qual buscávamos discutir um diagnóstico linguístico dos imigrantes brasileiros que vivem o bilinguismo, em território estadunidense, Grosjean trata sobre o bilinguismo de maneira humana e realística. Vimos que o autor aborda a complexidade do assunto, utilizando exemplos reais de como os bilíngues, de fato, se comunicam, se enunciam e interagem. Contrário de olhar para o bilinguismo como uma espécie de conceito teórico apenas, como foi feito nessa área da literatura da Linguística durante muitos anos.

Compreendemos, assim, que bilíngue é todo aquele que usa duas ou mais línguas ou dialetos em sua vida diária, diferentemente, no entanto, do que se entendia por bilinguismo até recentemente, o qual o bilíngue era definido como uma pessoa capaz de falar duas línguas perfeitamente, e sem nenhum tipo de sotaque. O que, na realidade, mostra-se como um conceito errôneo, e não atual.

Grosjean (2013), apresenta, então, uma nova definição inclusiva sobre o bilinguismo, no qual, em sua perspectiva, o bilíngue não tem, necessariamente, um perfeito domínio das duas línguas. Uma maneira oposta de pensarmos em um monolíngue de um lado, e um perfeito bilíngue de outro lado, onde ficavam, assim, várias pessoas nesse “meio termo” sem nenhuma referência.

Segundo o autor, essa forma antiga de definição sobre o bilinguismo que define o bilíngue com um perfeito comando das duas línguas, está ligada ao que se refere de: visão monolíngue do bilinguismo. Isso quer dizer que, tradicionalmente, as habilidades do bilíngue eram comparadas com as do monolíngue, apesar de as experiências linguísticas desses dois tipos de falantes serem completamente diferentes, nos dois casos.

Uma das principais diferenças entre os dois grupos: monolíngues *versus* bilíngues, é que os bilíngues precisam ser “tão bilíngues o quanto necessitarem ser”. É por esse motivo que a grande maioria dos bilíngues têm diferentes níveis de fluência em suas duas ou mais línguas. Como por exemplo, podemos encontrar bilíngues que não sabem ler, ou escrever em uma de suas línguas, ou talvez eles não tenham o conhecimento do vocabulário adequado para se fazer comunicar em determinadas situações, ou falar sobre assuntos como política, religião, entre outros, pelo fato de eles nunca terem necessitado aprender sobre esse conteúdo em ambas as línguas, e assim por diante.

É precisamente por esse motivo que os bilíngues desenvolvem duas ou mais línguas de maneiras diferentes, para propósitos, e em domínios da vida diferentes, não fazendo sentido, assim,

serem igualmente proficientes em ambas as línguas, exatamente porque eles não encontram a necessidade. Normalmente, em determinados domínios, apenas uma de suas línguas resolve as suas necessidades comunicacionais. Compreendemos, com isso, que esse movimento de utilização de línguas diferentes nos mais diversos domínios da vida, envolvendo pessoas, contextos e situações diferentes, foi denominado por Grosjean (2013): *The Complementarity Principle* – O Princípio da Complementaridade. Pois, se em todos os domínios de sua vida, e em todo o seu contorno social o bilíngue pudesse usar, igualmente, ambas as suas línguas, não existiria, assim, motivo para ser bilíngue.

Um outro princípio muito importante, também apresentado por Grosjean (1996, 1998, 2013), e no qual a nossa metodologia de análise dos dados, voltada ao aspecto linguístico encontrou o seu fundamento, refere-se, exatamente, ao conceito daquilo que o autor denomina de *Language Mode* - Modo de Linguagem, o qual, como vimos, pode ser explicado da seguinte forma: o bilinguismo é um *spectrum*, onde em um final temos o *monolingual mode* – modo monolíngue, e, no outro, temos o *bilingual mode* – modo bilíngue.

Por essa visão, quando uma pessoa está no “modo bilíngue”, ela pode decidir falar em uma de suas duas ou mais línguas, com o outro falante que também compartilha de suas mesmas línguas. Assim, supõe-se que as suas duas línguas podem ser utilizadas, espontaneamente, e, por vezes, inconscientemente, ou talvez propositalmente pelo fato de o bilíngue apostar em escolhas lexicais que lhes façam mais sentido, em uma ou em outra língua, durante seus processos de interação, e daí surgirem os mais diversos fenômenos linguísticos.

Já no final do “modo monolíngue”, a pessoa com quem se está falando, envolvida no processo comunicacional, fala apenas uma de suas línguas. Então, nesse caso, não faria sentido, a princípio, para o bilíngue falar fazendo uso das duas línguas porque sua mensagem não seria alcançada. Porém, ainda assim, conforme Grosjean (1996, 2013), devido ao conhecimento que o bilíngue tem de ambas as línguas, a sua enunciação, embora em uma proporção inferior, pode sofrer interferências da língua “desativada” naquele momento, de diferentes maneiras.

Partimos da compreensão, então, de que o bilinguismo deve ser visto como um *spectrum* porque a língua possui uma característica de fluidez, no qual a enunciação do bilíngue, dependendo das mais diversas situações, dos contextos, dos tópicos das conversas, ou de seus alocutários, pode se encontrar com movências em qualquer lugar, ao longo do *continuum* situacional dos modos de linguagem.

Nessa perspectiva, a fim de situarmos a enunciação do nosso entrevistado dentro desse *continnum* situacional, obtendo uma melhor compreensão das ocorrências dos mais diversos fenômenos linguísticos, em ambos os modos de linguagem, monolíngue ou bilíngue, sabendo, assim identificá-los, através do próprio testemunho do imigrante, buscamos direcionar os nossos questionamentos semiabertos desta pesquisa, partindo-se das seguintes reflexões, as quais, segundo Grosjean (2013), todo bilíngue se faz, inconscientemente ou não, antes de interagir com as pessoas ao seu redor.

A primeira pergunta que o bilíngue se faz: “qual língua eu deveria falar?”, conduz, inevitavelmente, o falante para o lado do *continnum* situado no final do “modo monolíngue”, visto que a resposta para esse questionamento o leva para um *language choice* - fazer uma escolha, optando, dessa forma, pela utilização de apenas uma de suas línguas como língua base. Porém, ainda assim, a enunciação do bilíngue pode sofrer alguns tipos de interferências, sendo estas: *Between-language deviations* – Desvios entre-línguas; ou *Within-language deviations* – Desvios dentro-da língua.

Assim, buscando compreender as percepções linguísticas do imigrante, enquanto locutor, quando esses se diziam interagir com um “tu”, alocutário monolíngue, no que diz respeito, primeiramente, as produções denominadas *Between-language deviations* – Desvios entre-línguas, observamos essas interferências, cientes de que elas podem ocorrer em todos os níveis da linguagem (fonológico, lexical, sintático e pragmático); em diferentes modalidades (falada, escrita ou gestual); e podem ser de dois tipos (estáticas ou dinâmicas).

Começando, então, pelo nível fonológico, procuramos investigar se o nosso entrevistado se percebe falando, em inglês, com o seu sotaque brasileiro. Sabemos que quando o sujeito se enuncia, o faz com toda a língua, e assim todos os níveis da linguagem operam de maneira geral e simultânea na enunciação do falante entre-línguas. Porém, na nossa percepção, a primeira ponta mais fácil de reconhecer e de perceber a condição do falante de entremeio é através da sua prosódia, da sua entonação de voz, e do seu sotaque, um reconhecimento contudo que parte de ambos os lados, do próprio locutor imigrante, assim como do alocutário nativo estadunidense, ou também do imigrante falante da língua inglesa, de outras nacionalidades.

Apesar de a fonologia, vinda do grego *phonos* (voz/som) e *logos* (palavra/estudo), ser a área da linguística que estuda o sistema sonoro de um idioma, do ponto de vista de sua função no sistema de comunicação, a nossa intenção aqui foi apenas mencionar o nível fonológico da

linguagem, na posição de um enunciado em língua estrangeira, como possibilidade de um desvio entre-línguas, devido a originalidade mantida de uma fala, visto que o sotaque pode representar o vínculo do sujeito com a sua terra natal, e país de origem.

Por outro lado, se para uns há uma beleza no sotaque do imigrante, em algumas situações uma entonação, ou pronúncia incorreta, proveniente de um sotaque, pode mudar completamente o sentido de uma palavra ou de uma frase, alterando por completo a mensagem que se deseja transmitir, assim como pode ocorrer com os traços fonológicos representativos de uma prosódia silabada, por vezes, característica do nativo brasileiro ao enunciar-se na língua inglesa.

Dentro do sistema linguístico de um idioma, muitos são os pares opostos que distinguem o valor de cada signo linguístico de uma língua, assim como: vogais orais *versus* vogais nasais, vogais abertas *versus* vogais fechadas, sílabas tônicas *versus* átonas, tempos verbais, entre outros, assim como na língua inglesa, sons curtos (*short sounds*) *versus* sons longos (*long sounds*) os quais um par nega o outro, e é sempre o oposto do outro. Contudo, o seu valor sempre resulta da combinação na enunciação (relações sintagmáticas) e de oposições funcionais (relações paradigmáticas) entre os termos do sistema linguístico.

Nessa perspectiva, citamos aqui um sintagma famoso, e motivo de brincadeiras entre os imigrantes brasileiros, em véspera de Ano Novo, pronunciado por muitos, no nível fonológico, de forma incorreta: “*Happy New Ear*”, em vez de “*Happy New Year*”. Perceba que a ênfase sonora colocada na primeira letra da palavra, supostamente correta “*Year*”, mudou a imagem acústica do significante, e assim trouxe um significado completamente diferente a palavra, fazendo o imigrante enunciar “Feliz Orelha Nova”, em vez de “Feliz Ano Novo”.

Passando, então, a pensar no nível lexical, ou morfológico, dentro daquilo que entendemos por desvios entre-línguas, no modo monolíngue de linguagem da visão grosjeaniana, buscamos perceber se o imigrante já se pegou utilizando uma palavra do português, pensando essa mesma palavra existir em inglês, e assim colocando-a em combinação, com outros paradigmas de um sintagma da língua inglesa. Na nossa percepção, esse pode ser um fenômeno comum na enunciação do imigrante, visto que há um número enorme de palavras na língua inglesa que são muito próximas, ou muito parecidas com as suas equivalentes na língua portuguesa.

Compreendemos que esse fenômeno pode ser causado em virtude da história da formação dos idiomas, e apesar de estarmos falando de dois sistemas linguísticos diferentes, as palavras parecidas em inglês e em português, muitas vezes, significam o que parecem. Aqui estão alguns

exemplos dessas palavras idênticas, também chamadas de palavras cognatas por derivarem da mesma origem, por vezes, do latim ou do grego: *Subject* – Sujeito; *music* – música; *different* – diferente; *example* – exemplo; *reaction* – reação; *normal* – normal; *radio* – rádio; *patience* – paciência; *tomato* – tomate; *object* – objeto; entre muitas outras.

Há ainda o grupo de palavras em inglês, terminadas em “*tion*” que segue o mesmo padrão das palavras terminadas em “*ão*”, em português, assim como: *Intuition* – intuição; *Position* – posição; *repetition* – repetição e assim por diante. Palavras que seguem esses padrões, com a grafia semelhante, são grandes facilitadoras, no processo de aquisição da língua inglesa, e deixam a compreensão do vocabulário mais intuitiva. No ciclo de imigrantes, é comum ouvir os brasileiros dizerem: “me faltou a palavra, eu fiz um ‘*embromation*’ e funcionou”, no sentido de dizer que a “embromação” foi válida, e que funcionou de verdade.

Por outro lado, os imigrantes devem se atentar as palavras conhecidas como “falsas cognatas” em inglês, também apelidadas de “falsos amigos”, pois uma vez utilizadas da maneira errada, podem modificar completamente o sentido da frase, e daquilo que se pretende comunicar. Assim, além de operarem no nível lexical, também operam no nível semântico e pragmático.

Vejam algumas palavras que estão prontas para nos confundir, ou enganar: *Prejudice* (imediatamente pensamos no verbo prejudicar, porém essa palavra se traduz para preconceito, na língua portuguesa); *College* (pensaríamos em Colégio, no entanto, deve ser traduzido para Universidade, sendo *School*, a tradução correta para Escola, ou Colégio em português); *To push* (logo pensamos em puxar, mas é exatamente o oposto, traduzindo-se para empurrar, sendo *to pull*, a tradução correta para puxar); *Fabric* (nos ocorre automaticamente a palavra fábrica, porém a real tradução é tecido, sendo a palavra correta para fábrica – *factory*); *Journal* (pensamos ser idêntica a jornal, mas deve ser traduzido em português para um diário de bordo, aquele com anotações de suas atividades diárias, podendo também ser traduzida, em contextos acadêmicos, para revistas ou periódicos. E, por sua vez, o Jornal, em português, aquele que tem as notícias do dia por escrito, esse é chamado de Newspaper); e assim por diante.

Já no nível sintático, buscamos visualizar se os imigrantes se dão conta de cometerem alguns deslizes simples, ou desvios como utilizações incorretas de preposições, assim como a seguinte estrutura sintática: “*So in love ‘for’ this beautiful view*”, no momento em que a língua portuguesa exerceu influência no uso errado da preposição “for” devendo ter sido utilizado “*with*”

– “So in love ‘with’ this beautiful view”. Pois, em português diríamos; “Apaixonada ‘por’ essa vista linda”, e não “Apaixonada ‘com’ essa vista linda”.

Coelho (2019, p.40) tratando da aquisição da língua estrangeira, comenta que a impossibilidade de esquecimento da língua de origem “remete aos afetos e efeitos que marcam o sujeito da linguagem”. A autora comenta que as experiências vividas revelam as singularidades dos sujeitos constituídos na linguagem e as possíveis marcas da língua de origem na outra língua. E, assim, como podemos ver, mesmo estando no modo monolíngue, as interferências, apresentadas como *between-language deviations* – desvios entre-língua são possíveis de acontecer.

Além dos desvios entre-línguas, que, inevitavelmente, algumas vezes, imprimem os traços da língua original na enunciação, mesmo no modo monolíngue, vistos como permanentes: o sotaque, as extensões dos significados de algumas palavras particulares, as estruturas sintáticas, com utilizações incorretas de preposições, devido as regras gramaticais da primeira língua, entre outros, há ainda os *Within-language deviations* – Desvios dentro-da- língua, os quais, de acordo com Grosjean (1996), incluem generalizações excessivas, como o uso de verbos irregulares como se fossem regulares, a ocorrência de simplificações, com a eliminação de pluralização e marcadores de tempo, omissão de palavras de função, simplificação de sintaxe, hipercorreções, ou a tentativa de evitar o uso de certas expressões. Porém, essas interferências não costumam afetar a comunicação do bilíngue, no modo monolíngue.

Em relação, dessa vez, ao “modo bilíngue” de linguagem, retornamos para o segundo questionamento, em que, conforme Grosjean (2013) todo bilíngue se faz inconscientemente: “eu posso usar mais de uma língua?”. No caso de essa resposta ser positiva, o bilíngue mantém, nessa ocasião, as suas duas línguas ativadas, podendo-se apresentar os fenômenos linguísticos denominados: *Code-Switching* – Mudança de código e *Borrowings* - Empréstimos.

Analisando, então, o *Code-Switching*, o qual diz respeito a uma mudança, ou a uma alternância de uma língua para outra, seja por meio de uma palavra, de uma frase, ou de uma expressão, buscamos observar no relato linguístico do(a) nosso(a) entrevistado(a) se ele(a) se percebe deslizando entre os dois sistemas linguísticos (língua portuguesa/língua inglesa). Assim, mostraremos nesta tese, na seção destinada à análise dos dados, as inúmeras ocorrências de *Code-Switching* reveladas nos testemunhos dos nossos sujeitos, alvo de estudo desta pesquisa.

Somente para exemplificar aqui, sobre a ocorrência de um *Code-Switching* apresentado por um de nossos entrevistados, como exemplo de uma de suas conversas com amigos bilíngues no

twitter, vejamos essa frase, inicialmente enunciada com o português, como língua matriz, e a língua inglesa sendo trazida como convidada, objetivando dar mais sentido aquilo que se tinha a intenção de comunicar, porque tratava-se de aspectos da cultura estadunidense: “Sim, sou toda garotinha *When it comes to Disney musicals*. Amo mesmo, e daí?” Essa frase sendo enunciada dessa forma, para o locutor que vive as duas línguas e as duas culturas, tem muito mais poder, mais sentido e mais beleza do que se fosse enunciada toda na língua portuguesa: “Sim, sou toda garotinha quando se trata de musicais da Disney”. Percebemos que o enunciado composto pelo *Code-Switching* pareceu falar com mais fidelidade, daquele sujeito que se enunciava.

O que acontece é que, muitas vezes, de forma involuntária, mantendo as duas línguas ativadas, o imigrante pode, espontaneamente, ao utilizar uma de suas línguas como língua matriz, trazer a língua convidada, e fazer dela, muitas vezes, a língua matriz e assim por diante, e vice-versa, o que na visão de Grosjean (1996), essa é uma estratégia linguística bem elaborada pelo bilíngue, utilizada, inclusive, para promover uma melhor eficácia comunicativa daquilo que realmente se pretende dizer, contrário do que se pensava, no passado, desse fenômeno como uma espécie de semilinguismo.

Além do *Code-Switching*, a outra maneira de chamar a língua convidada no modo bilíngue, é através do *Borrowings* - Empréstimos, que representa a integração de elementos de uma língua na outra, no qual pudemos observar esses fenômenos linguísticos de duas maneiras: através do *Loanword* – Palavra emprestada (também chamadas de *Speech borrowing* – Empréstimos de fala), no nosso entendimento denominamos de neologismo *mix & match*; e do *Loanshift* – Mudança Emprestada (também denominada por *Language Borrowing* – Linguagem Emprestada), podendo ser conhecidas como estrangeirismo, ou expressões idiomáticas.

Primeiramente, o *loanword*, ou palavra emprestada, é um fenômeno linguístico, na nossa percepção, muito comum entre os brasileiros que vivem nos EUA. Não raramente ouvimos imigrantes pertencentes a essa comunidade, fazendo uso de palavras inventadas por eles mesmos, compostas pela junção de dois signos, sendo um de cada sistema linguístico, para a formação de um novo vocábulo, no qual elementos da língua inglesa são integrados aos da língua portuguesa, como: *parkear* (o verbo “to park”, somado ao verbo “estacionar”); *busado* (o adjetivo “busy”, unido ao adjetivo “ocupado”); *lookear* (o verbo “to look”, integrado ao verbo “olhar”); *vaquiar* (o verbo “to vacuum”, integrado ao verbo “aspirar”), *stalkiar* (junção do verbo “to stalk”, com o verbo

“perseguir”), *togethinho* (junção do advérbio “*together*”, com o sufixo “*inho*”, para significar “juntinho”), entre muitos outros.

Alguns desses fenômenos, conhecidos como “palavras emprestadas”, inclusive, já passaram a ser incorporadas no dicionário da língua portuguesa, e são também comumente utilizadas por monolíngues monoculturais, assim como *deletar* (o verbo inglês “*to delete*”, unido ao verbo “apagar” em português), *linkar* (o verbo “*to link*” integrado ao verbo “ligar”), entre outros. À essas palavras, denominadas por Grosjean (2013), de *loanword*, também resolvemos denominá-las de “neologismo *mix & match*”, pelo fato de essa denominação ser mais facilmente compreendida pelo brasileiro. E pretendendo, também, diferenciá-las das palavras conhecidas como estrangeirismo, que são palavras já existentes, e exclusivas do sistema linguístico da língua inglesa, e, por sua vez, incorporadas por completo pela maioria dos falantes do mundo, principalmente pela nova geração, conhecida como *millenials*, para quem é comum as palavras *selfie, influencer, crush, fitness, outfit, mood, cringe, delivery*, entre tantas outras.

Essas palavras, no entanto, conhecidas na literatura brasileira por “estrangeirismo”, Grosjean (2013), encontra em sua denominação, aquilo que ele chama de *loanshift* – mudança emprestada (ou *language borrowing* – linguagem emprestada), podendo essas se apresentarem em dois tipos: em forma de estrangeirismos, no qual a palavra da língua inglesa tem o seu mesmo significado estendido ao padrão da outra língua, em nosso caso, da língua portuguesa, conforme exemplificamos acima; e em forma de expressões idiomáticas, traduzidas ao “pé da letra”, ou literalmente, de um sistema linguístico para o outro.

Assim, no que diz respeito, dessa vez, ao “*loanshift*” – mudança emprestada, ou “*language borrowing*” – linguagem emprestada, voltada às expressões idiomáticas, pudemos encontrar exemplos como: “*So everybody, what are the plans for tonight? Please give the ‘Air of Grace’*” – “Então pessoal, quais são os planos para hoje a noite? Por favor ‘Dêem o Ar da Graça’”.

Essa expressão idiomática, segundo uma de nossas entrevistas surgiu, assim como muitas outras, de um grupo de WhatsApp entre amigos bilíngues e biculturais, todos eles brasileiros que moram nos EUA. Como sabemos, “Dar o Ar da Graça”, é uma expressão conhecida entre os falantes da língua portuguesa, que nesse caso, foi emprestada para o inglês, e facilmente entendida por todos no grupo, no entanto, supostamente, se apresentada dessa mesma forma, em uma interação com um estadunidense, ou qualquer outro falante da língua inglesa, que não tenha o

conhecimento dessa expressão em português, provavelmente ela não faria o menor sentido, ou poderia ser interpretada de uma maneira completamente diferente por esse alocutário.

Para melhor exemplificar algumas questões problemáticas que podem ser geradas com a utilização das expressões idiomáticas utilizadas da maneira incorreta por falantes que não fazem parte da mesma cultura, citamos aqui a expressão popular em português: “Chutar o balde”, que imprime o sentido de desistência. Podendo ser usada da seguinte maneira: “Eu cansei de batalhar por essa aprovação. Vou chutar o balde”. Ou seja, vou desistir! No entanto, se traduzirmos essa mesma expressão, literalmente, em inglês, diríamos: “*Kick the bucket*”, porém na cultura estadunidense ela significa algo completamente diferente, trazendo um significado de morte. Dessa forma, dizer que alguém “*Kicked the Bucket*”, em inglês, seria o mesmo que dizer “Bateu as botas”, em português, ou seja, “morreu, passou dessa pra melhor”.

Como podemos perceber, a imersão na cultura, e a vivência bicultural no país em que cada expressão popular foi adotada, entre os falantes que a utilizam, é de extrema importância para a utilização dessas mesmas expressões da maneira correta, por outros falantes bilíngues, inicialmente pertencentes a outras culturas, caso contrário corre-se o risco de a informação, possivelmente, chegar totalmente distorcida, e com isso, poder gerar mal-entendidos nessa comunicação.

Além dos modos de linguagem: monolíngue (“desativação” de uma das línguas); e bilíngue (“ativação” de ambas as línguas), vistos a partir das ocorrências dos demais fenômenos linguísticos, citados acima, dentro de um *continnum* situacional de linguagem, os quais tendem a apresentar movências de um extremo ao outro, em situações de escolhas interacionais, observamos ainda, o modo intermediário de linguagem, localizado no meio dos dois pontos finais, do extremo do modo monolíngue ou bilíngue.

Quanto aos aspectos socioculturais, ainda dentro de uma visão da psicolinguística do bilinguismo, sabemos que os comportamentos biculturais também podem se encontrar dentro de um *continnum* situacional, ao longo dos pontos finais dos modos de cultura: monocultural e bicultural. Além disso, os sujeitos desta tese, em particular, na posição de imigrantes bilíngues, são também, inevitavelmente, biculturais, embora o bilinguismo e o biculturalismo não sejam, necessariamente, coextensivos. Porém, não nos detemos na identificação dos fenômenos culturais, apesar de sabermos que ambas as culturas, brasileira/estadunidense, exercem uma influência na personalidade, no comportamento, e na linguagem dos nossos entrevistados.

Da mesma forma, aqui também não nos coube analisar o funcionamento do cérebro bilíngue comparado ao do monolíngue, apesar de sabermos que os modos de linguagem estão associados aos estados de ativação e desativação das línguas, e que não há uma espécie de reservatório particular para uma, ou outra língua, podendo elas estarem em estado de interconexão, ou de incorporação, além de separação.

Porém, de maneira geral, os dados linguísticos aqui trabalhados dentro da perspectiva da psicolinguística do bilinguismo grosjeaniana, dialogadas paralelamente com a abordagem da linguística como reflexão antropológica floresniana, de certo nos possibilitou uma ampliação de conhecimento através das mais diversas discussões aqui provocadas, voltadas a um enunciado de uma posição de entremeio linguístico. Dentro desse cenário, passamos agora para as atribuições culturais metalinguísticas, com a noção de comentário, vislumbradas por Flores (2019), com base na teoria da enunciação de Benveniste (2006). Vejamos a seguir.

4.2.2 Aspectos Culturais Metalinguísticos

“O olhar do linguista deveria deixar de mirar a abstração das propriedades linguísticas para fixar os olhos no *Homo Loquens*. Não mais a língua, mas o falante que fala sob o efeito de ser constituído pela língua” (FLORES, 2019, p. 257).

De acordo com Flores (2019), ao olhar os grandes “problemas” gerais da linguística, a experiência do falante deveria ser colocada no centro da discussão. Essa experiência, contudo, que aparece quando o falante comenta a sua própria condição de falante no momento em que fala, deveria ser os “dados” de análise para o linguista que tem como foco de investigação uma discussão antropológica. Esses dados, assim, são uma espécie de autorreferência, ou de “etnografia de si”, situando o falante no interior dos fenômenos em que a sua experiência linguística está centralizada.

Ao falar sobre os efeitos que os diferentes fenômenos de língua têm sobre ele mesmo, por sua vez, o falante se historiciza como *Homo loquens* em sua língua. Assim, diferente do *Homo Sapiens*, aquele conhecido como o protagonista das histórias sobre a evolução humana, o *Homo loquens* é o termo que resume a proposta de uma **Antropologia da Enunciação**, sendo assim, o sujeito falante. “O *Homo loquens* é constituído na linguagem, e sua natureza é feita de linguagem. Ele é sujeito por ser falante, um sujeito falante. Assim, antes de ser uma categoria da antropologia da enunciação, ele é a sua condição” (FLORES, 2019, p. 269).

Do meu ponto de vista, a enunciação é uma *função* que caracteriza o *Homo loquens* e identifica o caráter fundamentalmente verbal da condição humana. A enunciação – em uma inspiração nitidamente benvenistiana – é entendida, aqui, como o ato de dizer algo que coloca em cena um saber sobre a natureza *loquens* do homem. Essa função constitui um objeto antropológico (cf. “Apresentação”) na justa medida em que dá a conhecer os efeitos da presença da *língua no homem*. A antropologia da enunciação visa, portanto, esse saber sobre o homem que advém do fato de o homem falar – expressar-se verbalmente (Idem, 2019, p. 258-259, destaques do autor).

Por esse motivo, **A Enunciação** do *Homo loquens* deixa à mostra um saber sobre a sua natureza, vista como os efeitos da **Presença da Língua Nele**. Assim, uma antropologia da enunciação estuda os fenômenos, e, especialmente, o que diz o falante de sua relação com esses fenômenos, contudo, não produz uma teoria. “A antropologia da enunciação é uma outra linguística – talvez, aos olhos de alguns, menos científica – que supõe que o fato de a língua ser constitutiva do homem lhe dá a condição de especial ‘conhecedor’ dela” (Ibidem, 2019, p. 263).

Com base nessa perspectiva, ao observarmos o conhecimento produzido pelo imigrante ao testemunhar sobre a sua experiência linguística no contexto sociocultural estadunidense, buscamos compreender o efeito que as duas línguas: portuguesa/inglesa têm sobre ele, através, dessa vez, de uma “reflexão” sobre o “efeito dessa relação”, no nosso caso, entre-línguas, entre-culturas, e entre-nações na experiência desse falante. “É nesse sentido que se estuda um saber que advém do fato de o homem enunciar; é nesse sentido, também, que se considera que é a língua no homem que determina esse saber” (FLORES, 2019, p. 263).

Dessa forma, a antropologia da enunciação estuda o fato de o falante tematizar a sua posição de falante ao tratar de fenômenos em que ele, ou qualquer outro falante, pode estar implicado. “É um **retorno reflexivo** que o falante produz ao falar sobre como opera a língua para aqueles que falam” (Idem, 2019, p. 259, destaque nosso). Por esse viés, o falante fornece um **Conjunto de Pistas** acerca da sua experiência de falante.

Assim como diz Flores, Ginzburg (1989), um historiador italiano, afirma: tal qual o animal que caminha entre os ramos, ignorante das marcas que deixa, o falante também “vive dando pistas”, das suas andanças, e faz isso “comentando” o efeito que a sua experiência de linguagem tem nele. Contudo, “esse pensamento, sob a aparência de um comentário ‘leigo’, esconde uma sofisticada operação, qual seja: a de cada falante voltar reflexivamente sobre as possibilidades significativas particulares que cada fenômeno de língua opera” (FLORES, 2019, p. 263).

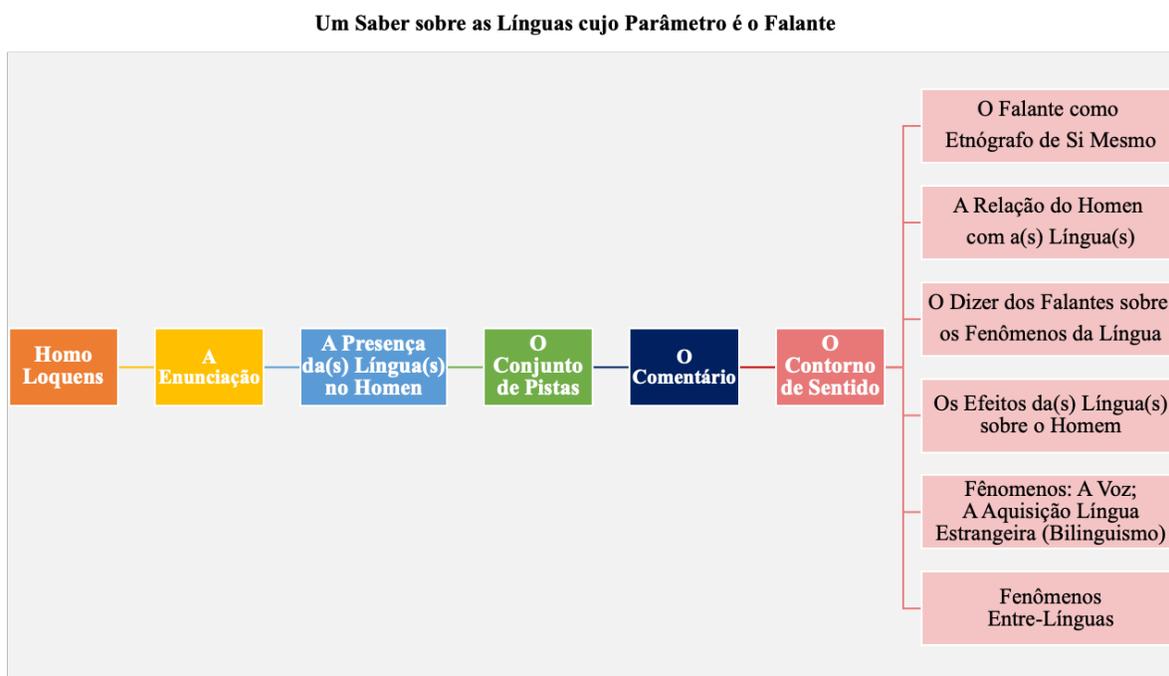
Esse conjunto de pistas, então, pode ser compreendido como a categoria que dá acesso aos procedimentos analíticos, denominando-se de **Comentário**, visto, por sua vez, como um **Contorno de Sentido**, o que vem a ser uma operação natural do falante visando à explicação e à compreensão das formas e da presença da(s) língua(s) nele. “O *contorno de sentido* é uma espécie de hermenêutica natural, na medida em que o falante fala para atribuir sentido à sua posição de falante, em função de um dado fenômeno linguístico” (Idem, 2019, p. 261, destaques do autor).

Por essa perspectiva, refletimos, dessa vez, no testemunho do falante em sua nova condição de entremeio linguístico e cultural, nos pautando no conjunto de pistas, produzido através do seu comentário, entendido como o “Contorno de Sentido”, ao imigrante comentar a sua experiência, revelando a presença das duas línguas em seus enunciados. “De certa maneira, o comentário, o *contorno de sentido*, é uma narrativa que o falante produz sobre sua história de falante, o que o alça à condição de um etnógrafo da própria língua (cf. Flores, 2015)” (FLORES, 2019, p. 262).

Perceba que diante do “contorno de sentido”, podemos encontrar o falante como etnógrafo de si mesmo, ao comentar a sua relação com a(s) língua(s). E nesse dizer dos falantes sobre os fenômenos da(s) língua(s), podemos identificar os efeitos que estas têm sobre ele, através de objetos fenomenológicos, conforme Flores (2019): a voz (visto como um dos mais evidentes), a tradução, ou a aquisição da linguagem, por exemplo.

Com base nessa visão, dentro do vasto campo da aquisição de linguagem, pensamos na língua estrangeira, a fim de tratarmos sobre o bilinguismo, compreendendo que as duas línguas no imigrante, colocadas no centro de uma antropologia da enunciação pode evocar como objeto fenômenos entre-línguas. Veja ilustração abaixo:

Figura 5. Mapa Ilustrativo Antropologia da Enunciação



Fonte: A autora, em fevereiro 2023. Fundamentada na reflexão enunciativa antropológica cunhada por Flores (2019), sob o escopo da teoria benvenistiana (2005, 2006).

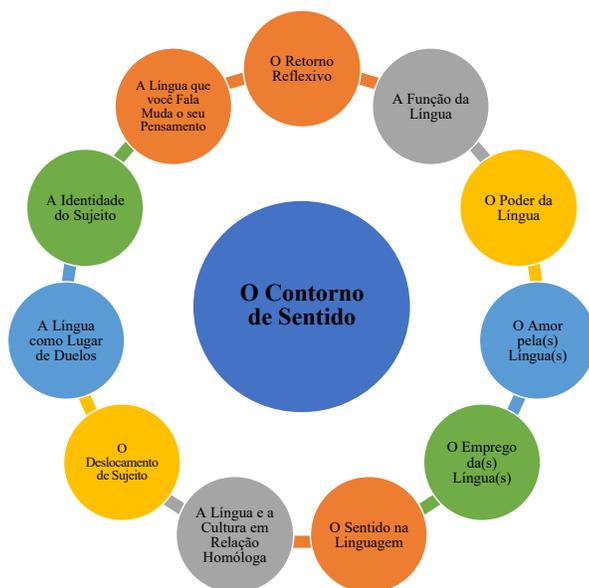
Ao tematizarmos aqui o bilinguismo, dentro dessa metodologia de análise voltada aos aspectos culturais metalinguísticos, visto que a antropologia da enunciação não produz uma teoria de aquisição, e nem tampouco de bilinguismo, não trabalhamos em função de uma teoria, mas de uma “reflexão” sobre o imigrante como falante de duas línguas, também situado entre duas culturas, e duas nações. Observamos os testemunhos dos nossos entrevistados, que apontavam para evidências de alterações linguísticas, ou movências entre um sistema e outro, buscando refletir

como o imigrante, uma vez submetido a dois sistemas linguísticos, faz uso das próprias línguas para expressar a sua experiência de falante, para falar da forma como ele se organiza, como se percebe, como se enuncia, assim como se diz sujeito e se faz efeito na linguagem.

Dessa forma, a partir do ponto de vista reflexivo enunciativo antropológico, circunscrito em ocorrências naturais dos demais fenômenos entre-línguas, a fim de refletir sobre o contorno de sentido evocado pelos nossos entrevistados ao comentar a sua posição de falante, produzindo um conhecimento de um entremeio linguístico e sociocultural, reunimos um conjunto de onze tópicos, pautados: no retorno reflexivo; na função da língua; no poder da língua; no amor pela(s) língua; no emprego da(s) língua(s); no sentido na linguagem; na língua e na cultura em uma relação homóloga; no deslocamento do sujeito; na língua como lugar de duelos; na identidade do sujeito; e na língua que você fala muda o seu pensamento. Segue ilustração de como desenvolvemos a nossa metodologia de análise dos dados, dentro dos Aspectos Culturais Metalinguísticos:

Figura 6. Mapa Ilustrativo O Contorno de Sentido

Reflexões voltadas ao Comentário de um Enunciado Bilingue e Bicultural



Fonte: A autora, em fevereiro 2023. Baseada na reflexão enunciativa antropológica, cunhada por Flores (2019).

Compreendemos, assim, que ao dar acesso a uma “antropologia da enunciação”, cujos objetos permitem mostrar um saber sobre o homem (o antropológico) que advém do fato de o homem falar (a enunciação), o “contorno de sentido” aqui elucidado pelos protagonistas desta

pesquisa nos forneceram dados de um enunciado bilíngue e bicultural ainda não explorados, ao nosso ver, por essa perspectiva científica de análise.

Em resumo, o *contorno de sentido* é um comentário que o falante faz sobre a experiência linguística – a sua ou a de um outro – no contexto de um fenômeno linguístico qualquer. O comentador enfoca o conjunto dos meios expressivos utilizados por ele mesmo ou pelo outro; sobre esse conjunto é produzido um *contorno*, ou seja, um saber que o falante articula, uma interpretação sobre um elemento qualquer de um dado fenômeno (FLORES, 2019, p. 262).

Assim, a fim de construirmos um saber sobre o *Homo Loquens*, imigrante brasileiro que reside nos EUA, como etnógrafo (comentador) de si mesmo, por meio do que ele tem a dizer de sua relação com a(s) língua(s), ora enunciada em língua portuguesa, ora em língua inglesa, nos norteando em uma reflexão metalinguística da linguagem, partimos de duas curiosidades: qual é a relação existente entre o *Homo loquens* (ser falante imigrante), a linguagem e as línguas? e quais são as propriedades existentes nas línguas que permitem captar o *Homo loquens*?

Se pensarmos, primeiramente, a respeito da distinção e da relação existente entre linguagem/línguas, apesar de sabermos que em algumas línguas (idiomas), não há uma distinção lexical em relação a esses dois signos linguísticos, a exemplo da palavra *language* na língua inglesa, que se refere a ambos os signos do vocabulário da língua portuguesa, nacionalmente observamos uma diferença conceitual, e, dessa forma, partimos de uma observação, no que diz respeito as relações existentes entre um conceito e outro, entre linguagem, e línguas.

Segundo Flores (2019), nos mais diversos conceitos teóricos que implicam essa relação, encontramos termos como: realização, generalização, materialização, propriedades comuns, entre outros. Contudo, apesar de haver um vínculo existente na relação entre “linguagem” e “línguas”, ao mesmo tempo, as suas realidades se contrapõem. O fato é que o homem possui a faculdade de falar, assim sendo um ser falante dotado de linguagem, porém, essa realidade universal, no entanto, se contrapõe a uma outra realidade, devido ao fato de o homem não falar a linguagem, mas uma ou várias línguas.

Nesse sentido, conforme o autor, há três fatos que devem ser considerados: *factum loquendi* – os homens falam; *factum linguae* – os homens falam algo que merece ser chamado “uma língua”; *factum linguarum* – os homens falam línguas muito distintas entre si. Assim, visualizamos o seguinte problema: há algo que une, e que ao mesmo tempo distingue as línguas entre si, e essas por sua vez se distinguem da linguagem. A própria palavra “língua(s)”, morfologicamente, é um signo linguístico que remete a algo que faz menção ao singular, e, ao comum, simultaneamente.

Esses fatos, contudo, admitem um quarto fato: o *factum grammaticare* – as línguas podem ser descritas em termos de propriedades, sendo necessário saber como considerá-las em uma linguística como reflexão antropológica, que pretende ser uma “antropologia da enunciação”.

De acordo com Flores (2019), o mesmo aspecto de duplicidade encontrado na palavra “língua(s)”, acontece dentro da unicidade do signo linguístico “linguagem”, porque ao mesmo tempo em que se pressupõe a existência do falante (*homo loquens*), também se supõe a sua emergência na diversidade das línguas. Em outras palavras, o singular “linguagem” permite considerar o plural “as línguas” como membros de uma única categoria que encontra realização nesse plural: “a linguagem é a realização nas línguas”. Ou seja, sempre que encontramos a “linguagem”, encontramos “o falante” e “as línguas”.

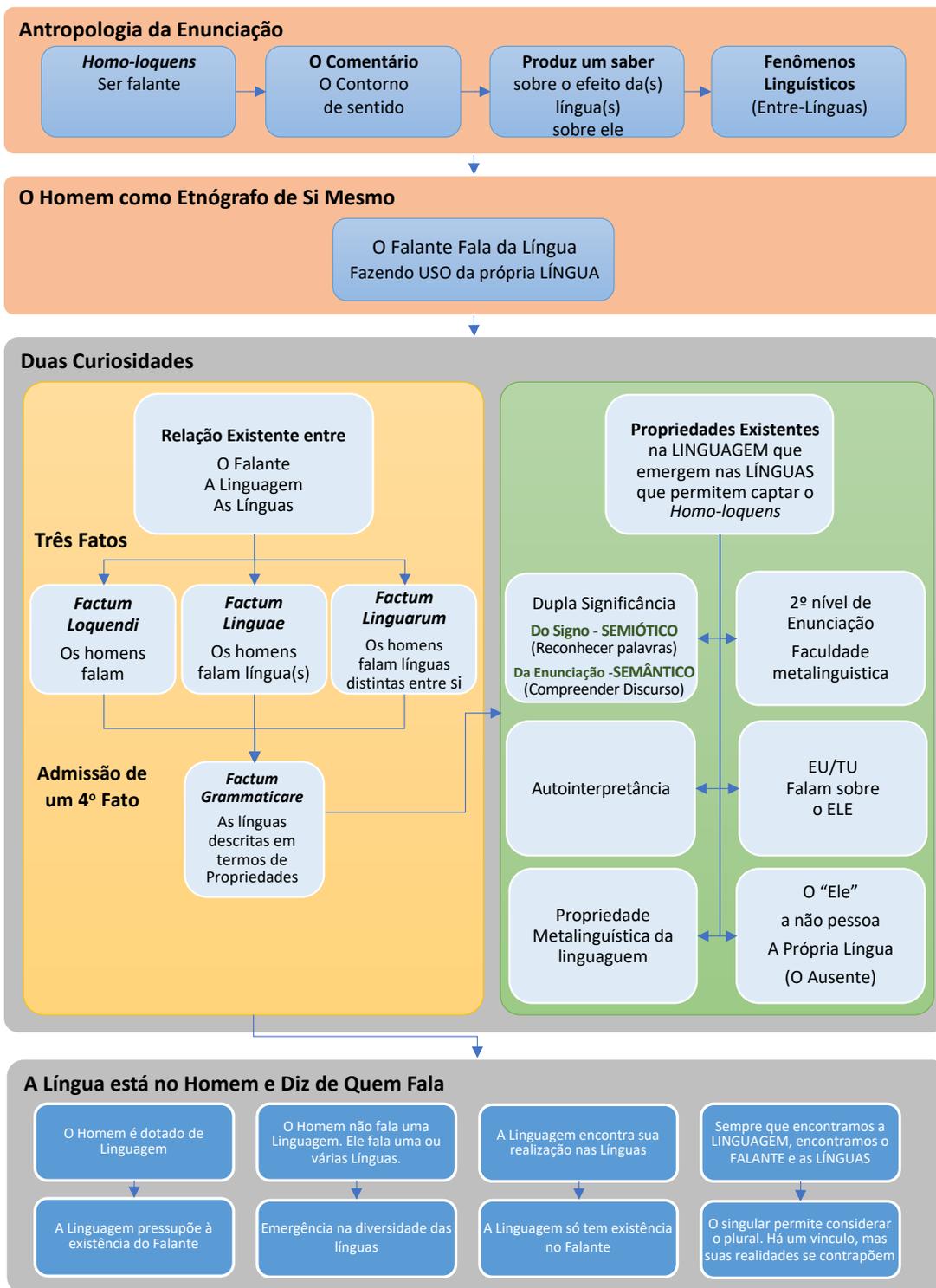
[...] Ao supor que a linguagem, em sua unicidade, comporta, simultaneamente, a existência de seres falantes e de propriedades apenas visíveis nas línguas, privilegio a ideia de que é da natureza do homem a sua singularidade de falante. Penso, assim, mostrar que **as propriedades d“a linguagem” que emergem n“as línguas” dizem respeito à existência dos seres falantes.** [...] são as propriedades que têm interesse para uma perspectiva linguístico-antropológica cujo princípio é a admissão do primado do falante” (FLORES 2019, p. 42, destaque nosso e do autor).

Diante dessa ideia, articulada dentro de três aspectos (a linguagem é uma faculdade humana, sendo assim se realiza nas línguas, e a linguagem que se realiza nas línguas, somente tem existência no falante), compreendemos que a condição do homem de falante se realiza nas línguas porque é próprio das línguas que sejam enunciadas. Mas, então, que propriedades há nas línguas que regem a capacidade do falante de etnografar?

De acordo com Benveniste, “A língua é o único sistema significante que pode descrever a si mesmo em seus próprios termos. A propriedade metalinguística é própria à língua, pelo fato de ela ser o interpretante dos outros sistemas” (2014, p.155). Essa propriedade da língua de tudo interpretar inclusive a si mesma, segundo o autor, deve-se a distinção entre o “semiótico” e o “semântico”, devido ao fato de a língua ser investida de uma dupla significância. “Trata-se propriamente de um modelo sem analogia. A língua combina dois modos distintos de significância, que denominamos de modo SEMIÓTICO por um lado, e modo SEMÂNTICO, por outro” (BENVENISTE, 2006, p. 64, destaques do autor). Dentro dessas conjecturas, veja abaixo o mapeamento ilustrativo de como imaginamos a reflexão floresniana.

Figura 7. Mapa Ilustrativo A Linguística como Reflexão Antropológica

A Linguística como Reflexão Antropológica



Fonte: A autora, em maio 2023. Baseada na reflexão enunciativa antropológica cunhada por Flores (2019).

Dessa forma, na visão benvenistiana, o semiótico designa o modo de significação cuja unidade é o signo linguístico, e o seu critério de validade é ser “reconhecido”, sendo, por sua vez, identificado no interior e no uso da língua. “Os signos, no modo semiótico, estão numa rede de relações e oposições intralinguísticas do tipo binário entre si; eles são distintivos, não dizem respeito às relações entre a língua e o mundo e têm valor genérico e conceitual, nunca particular” (FLORES, 2019, p. 290). Devido ao fato de estar ligada ao “reconhecimento”, a existência do signo se decide por um “sim” ou “não”, dado pelos locutores falantes de cada determinada língua.

[...] Desta forma, cada signo será chamado a afirmar sempre e com a maior clareza sua própria significância no seio de uma constelação ou em meio ao conjunto dos signos. Tomado nele mesmo, o signo é puramente idêntico a si mesmo, pura alteridade em relação a qualquer outro, base significante da língua, material necessário da enunciação. Existe quando é reconhecido como significante pelo conjunto dos membros da comunidade linguística, e evoca para cada um, grosso modo, as mesmas associações e as mesmas oposições. Tal é o domínio do critério do semiótico (BENVENISTE, 2006, p. 65).

Já o semântico designa o modo de significação engendrada pelo discurso. É a função da língua como produtora de mensagens, e o seu critério de validade é ser compreendido. “O semântico diz respeito à língua em emprego e em ação, sua função é comunicar. A unidade do semântico é a palavra, entendida como uso particular dos signos. Aqui tem-se o “aqui-agora” da enunciação, a referência, a produção do discurso” (FLORES, 2019, p. 291).

Ora, a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz um sentido, é, ao contrário, o sentido (o “intencionado”), concebido globalmente, que se realiza e se divide em “signos” particulares, que são as PALAVRAS. Em segundo lugar, o semântico toma necessariamente a seu encargo o conjunto dos referentes enquanto que o semiótico é, por princípio, separado e independente de toda referência. **A ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso** (BENVENISTE, 2006, p. 65-66, destaques nosso e do autor).

Assim, compreendemos que a língua é o único sistema em que a significação se articula em duas dimensões. Há uma distinção entre dois mundos e duas linguísticas: o mundo das “formas” de oposição e de distinção, produzido pelos signos (o semiótico), que se aplica a inventários fechados, e se apoia em critérios de distintividade, mais ou menos elaborados; e o mundo do “sentido”, produzido pela enunciação (o semântico). “[...] O privilégio da língua é de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação” (Idem, 2006, p.66).

As noções distintas dos dois universos conceituais, então, com o critério de validade requerido pelo semiótico e pelo semântico dá origem a relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas. “Daí provém seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância” (BENVENISTE, 2006, p. 66). Essa dupla significância, composta por um modelo sem qualquer outra analogia, faz da língua o único sistema semiológico que pode tudo interpretar, inclusive a si mesma, se comparado a outros sistemas de significação existentes na sociedade, e em diferentes culturas. E a condição do homem na língua, por sua vez, é a de estar entre o semiótico e o semântico, convertendo a língua em discurso.

[...] se trata claramente de duas ordens distintas de noções e de dois universos conceituais, pode-se mostrar ainda pela diferença quanto ao critério de validade que é requerido por um e por outro. O semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o Semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO” (Idem, 2006, p. 66, destaque do autor).

Considerando-se, então, que o “reconhecer” é do âmbito do semiótico, e das formas; e o “compreender” é do âmbito do semântico, e do sentido, seria possível concluir que “a diferença entre reconhecer e compreender envia a duas faculdades distintas do espírito: a de perceber a identidade entre o anterior e o atual, de uma parte, e a de perceber a significação de uma enunciação nova, de outra” (Ibidem, 2006, p. 66).

A diferença entre o semiótico e o semântico é evidente, e embora distintos e descontínuos, segundo Flores (2019), estão associados, e são duas maneiras de ser da própria língua, são propriedades inerentes a ela. O “signo” é da ordem do descontínuo; e o “discurso”, da ordem do contínuo. Assim, contrário de ser uma acumulação de signos, a enunciação instaura uma outra ordem de sentido, por esse motivo, embora um não exista sem o outro, a transição entre o semiótico e o semântico não se concebe. “Distingo entre as unidades ditas signos da língua, tomados em si e enquanto eles significam, e a frase onde os mesmos elementos são construídos e agenciados em vista de um enunciado particular. Concebo então duas linguísticas distintas” (BENVENISTE, 2006, p. 240).

Na nossa compreensão, no enunciado bilíngue, composto por fenômenos entre-línguas, embora este seja apresentado de forma modificada semiologicamente, atendendo critérios de um e de outro sistema linguístico, em modo bilíngue de linguagem, apresentando um enunciado com alternância entre o português e o inglês, provocando, assim, uma possível dissociação, ou uma

“cisão” entre o semiótico e o semântico para os falantes monolíngues, ainda assim, visualizamos a sua possibilidade de associação, e de “autointerpretação” pelos interagentes bilíngues, devido ao fato de o valor semiótico e semântico ser igualmente reconhecido e compreendido entre locutores/alocutários, igualmente bilíngues e biculturais, falantes das mesmas línguas.

Em “A forma e o sentido na linguagem”, no contexto da discussão acerca da diferença entre os âmbitos semiótico e semântico da língua, ele lembra que “a faculdade metalinguística, a que os lógicos têm estado mais atentos que os linguistas, é a prova da situação transcendente do espírito ‘*vis-à-vis*’ da língua em sua capacidade semântica” (BENVENISTE, 1989, p. 233) (FLORES, 2019, p. 309).

Ao pensar no sistema semiológico da língua com base no discurso, compreendemos que Benveniste postula um raciocínio nunca antes formulado, ao apresentar a “função” metalinguística do discurso, dessa vez, com um olhar voltado a capacidade de o falante “usar a língua para falar da língua”. “(...) é lícito conceber que o falante – na sua condição de diálogo eu/tu – está implicado nessa ‘função’, pois é pela ação do falante que se cria ‘um segundo nível de enunciação’, um nível que produz significação sobre a significação” (FLORES, 2019, p. 312-313).

Esse testemunho sobre a(s) sua(s) língua(s), por sua vez, é dado da perspectiva de quem vê de dentro, de quem diz o que vive no presente, o que lhe concede uma configuração temporal distinta do testemunho que é dado a *posteriori*. “A língua é o único sistema significativo que pode descrever a si mesmo em seus próprios termos. A propriedade metalinguística é própria à língua, pelo fato de ela ser o interpretante dos outros sistemas” (BENEVISTE, 2014, p. 155).

Conforme Flores (2019), em seu tempo Jakobson já afirmava que a metalinguagem desempenhava um papel importante em nossa linguagem cotidiana. Contudo, o que antes era visto por Jakobson por “função”, amplia-se na visão benvenistiana, destacando, dessa vez, o aspecto da “faculdade” metalinguística, entendido como o “segundo nível de enunciação”, sendo esse um nível distinto da enunciação cotidiana, devido ao fato de observar o falante como conhecedor, e intérprete de sua(s) própria(s) língua(s). “Trata-se, então, de uma prática de linguagem, ligada à faculdade de falar uma língua – ‘a faculdade de falar determinada língua implica a faculdade de falar acerca dessa língua’ (p. 67) -, que faz parte do funcionamento natural de toda língua” (FLORES, 2019, p. 305).

Nesse “segundo nível” da enunciação, na “faculdade” metalinguística, que é o nível em que a língua se autointerpreta, as características que são próprias da enunciação, como os elementos indicadores da linguagem, a pessoa, o espaço e o tempo se instauram de maneira

específica. Sendo assim, no índice pessoal, que é a categoria de pessoa articulada na relação intersubjetiva da linguagem, através da troca do par “eu/tu”, o “ele” surge como representante da não pessoa. E por esse viés, “eu” e “tu”, presentes na enunciação interativa, no segundo nível de enunciação, falam sobre o “ele”, nesse caso o “ausente” na relação, denominado, na metalinguagem natural, de a “própria língua”. “Paradoxalmente, o falante fala presentemente com a língua sobre a língua (o ausente)” (FLORES, 2019, p. 314).

Um pequeno exemplo da posição do “ele”, que é a própria língua, e não pessoa, pode ser extraído das mais diversas situações corriqueiras, pois é comum ouvirmos e falarmos: “Não foi isso que eu quis dizer”, ou “Eu quis dizer isso. Não me entenda mal”, ou ainda “O que você está querendo dizer com essa palavra? Com essa expressão? ou com esse pensamento?”.

Diferente da linguagem, a metalinguagem natural tem a forma específica do comentário que o falante faz sobre a sua experiência de falante, ou de outrem. “Trata-se de uma relação que faz aparecer a segunda expressão como um ‘comentário da primeira’. O comentador, o intérprete, faz nascer algo novo a partir do que já existe” (Idem, 2019, p. 307). Vejamos a seguir o que dizem os comentários produzidos pelos nossos entrevistados.

CAPÍTULO V – ANÁLISE DOS DADOS

“E é em torno da experiência de si, como falante de uma língua, que a ideia do *Homo loquens* se constrói” (FLORES, 2019, p. 321).

Para analisar os dados desta pesquisa, buscamos ilustrar os termos gerais que levam em consideração a experiência linguística do falante, bilíngue e bicultural, como objeto de uma linguística como reflexão antropológica, assim compreendida como uma antropologia da enunciação. Com as suas narrativas de si, através de comentários sobre as suas experiências enunciativas, na posição de entremeio, com ocorrências de fenômenos entre-línguas, evidenciamos, aqui, o *Homo loquens*, ser imigrante, brasileiro que vive nos EUA, como etnógrafo da sua própria condição de falante, no novo meio linguístico e sociocultural em que habita.

Compreendemos, conforme Flores (2019), que essa capacidade que o falante tem de comentar a sua própria experiência linguística deve-se ao fato das propriedades metalinguísticas da linguagem natural, que permite ao homem a autointerpretação (usar a língua para falar da própria língua), situando-o em relação aos fenômenos linguísticos experienciados, ao alçar o comentário à condição de indício da presença da(s) língua(s) nele.

Porque a língua está nele, porque o identifica como homem, ele produz certa tentativa de compreensão do efeito que tem nele o fato de ter a propriedade *loquens*. Ele é um etnógrafo na medida em que literalmente conta a sua relação com a língua, com as línguas e, por aí, com a linguagem: é o saber do falante que toma a sua relação com a língua como referente e como referida, para usar os termos de Benveniste (FLORES, 2019, p. 320).

Para o autor, a dimensão narrativa, contida na ideia de o falante ser seu próprio etnógrafo, é um componente essencial da visada linguística como uma reflexão antropológica, e essa tentativa de compreensão que o “comentário” constitui, por sua vez, tem a forma de um “contorno de sentido” que o próprio falante produz, compreendido como uma operação que visa à explicação e à compreensão que estão em jogo em todo processo interpretativo.

A nossa compreensão, então, de que a língua está no homem e diz de quem fala, a partir dos fundamentos adotados por Flores (2019), sob a luz da teoria benvenistiana (2005, 2006), nos levou a um ponto de análise, que visou um estudo dos aspectos “reflexivos” da linguagem, a partir do comentário, contornado de sentido do próprio brasileiro imigrante.

Por outro lado, visando também um estudo sobre a linguagem desse sujeito, sob um outro ponto de vista, dessa vez “teórico”, nos pautamos na teoria do bilinguismo desenvolvida por

Grosjean (1996, 2013), que apresenta o falante, e a sua enunciação, a partir de uma escolha da(s) língua(s), ativando-a ao utilizá-la, e desativando a outra. Ao manter-se dentro de um *continuum* situacional de linguagem, ele pode se encontrar, nesse caso, em modo monolíngue, ou pode ativar ambas as línguas, encontrando-se em um modo bilíngue de linguagem. Essas performances conduzem o imigrante para as ocorrências dos mais diversos fenômenos entre-línguas.

Dessa forma, diante da máxima saussuriana de que é o ponto de vista que cria o objeto, seguimos agora para a análise dos dados obtidos nesta tese, a partir de uma discussão voltada aos dois pontos de vista mencionados acima: o teórico e o reflexivo, apresentando como *corpus* de análise o testemunho de três imigrantes brasileiros (um homem adulto mineiro, uma mulher adulta gaúcha e uma jovem mulher mineira), residentes da Flórida, estado que, segundo estatísticas dos mais diversos órgãos de pesquisa da área, conforme Lima e Castro (2017), é o estado que mais acomoda brasileiros nos EUA. Assim, apresentamos aqui uma concentração de “experiências”, relatadas por esses falantes, que evocam inúmeras reflexões e identificações de fenômenos linguísticos.

Para dar início as nossas análises, iniciamos pela caracterização dos sujeitos enunciativos, os quais chamamos de sujeito 1, 2 e 3, a fim de preservarmos a identidade dos nossos entrevistados; em seguida descrevemos o cenário enunciativo; e finalmente demos início as nossas análises, com os recortes selecionados das falas dos imigrantes, buscando discutir os dois pontos de vista, teórico e reflexivo, em análises situadas em onze tópicos distintos, os quais englobam as reflexões enunciativas antropológicas da linguagem. Observe a seguir:

Tabela 4. Caracterização do Sujeito Enunciativo

CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO-ENUNCIATIVO			
1- Sujeito-enunciativo (Gênero)	Sujeito-1 Homem Adulto	Sujeito-2 Mulher Jovem	Sujeito-3 Mulher Adulta
2- Idade	51 anos	18 anos	49 anos
3- Bilíngue desde	2018 (46 anos de idade)	2016 (12 anos de idade)	1995 (12 anos de idade)
4- Ocupação social	Comerciante	Estudante High School	Marketing
5- Ano em que veio morar nos EUA (Tempo de estadia no país).	Em 2018 (Há 4 anos e 4 meses)	Em 2018 (Há 4 anos e 4 meses)	Em 1986 (há 37 anos)
6- Idade que tinha quando veio morar nos EUA.	47 anos	13 anos	12 anos
7- Com quem você veio para os EUA? Veio sozinho(a), com familiares ou amigos?	2:19 “Eu vim com os meus filhos”.	00:10 “Com o meu pai, a minha mãe e o meu irmão”.	00:40 “Com minha família, quando eu era criança”.

8- Já voltou alguma vez ao Brasil desde que veio morar nos EUA? Com que frequência você visita a sua cidade no Brasil?	3:32 “Ainda não visitei o Brasil”.	1:00 “Ainda não visitei o Brasil”.	00:45 “Fui algumas vezes ao Brasil, mas faz 16 anos que não vou. Desde que minha filha nasceu”.
9- Qual o motivo que te levou a decidir vim morar nos EUA, e na Flórida?	3:40 “Busca de melhores condições de vida”.	1:28 “Acompanhar os meus pais que buscavam uma vida melhor”.	00:50 “Acompanhar os meus pais em busca de melhores condições de vida”.
10- Em que país você diria que se sente mais em casa, no Brasil ou nos EUA? Em que lugar você diria que se sente mais confortável? Qual o real sentido da palavra “casa” para você?	3:44 “Eu me sinto mais em casa no Brasil. A casa física é essa onde eu estou, mas saindo desse ambiente físico aqui não é a minha casa. O Brasil é a minha casa, o meu lar”.	01:31 “Eu me sinto mais em casa no Brasil. Foi lá onde eu cresci. Então a minha criação é de lá, a primeira cultura que eu tive contato. Onde eu conheci o mundo. A minha casa é no Brasil”.	01:35 “Eu me sinto mais em casa na Flórida. Eu já morei em New Jersey por 10 anos, mas é quando eu chego na Flórida que eu me sinto em casa. No Brasil, eu sou 100% turista”.

Dentro desse quadro de caracterização do entrevistado, observe que todos os Sujeitos migraram para os EUA junto a familiares, e motivados por melhores condições de vida. Percebemos que embora o Sujeito-1 (homem adulto), e o Sujeito-2 (jovem mulher), ainda não se sintam em casa no novo país, o Sujeito-3 (Mulher adulta), que mora no país estrangeiro há 37 anos (em uma dimensão temporal muito superior aos demais entrevistados), afirma a Flórida ser a sua casa, e sentir-se turista no Brasil. “Em comparação, aqui com o Brasil, é aqui nos EUA que eu me sinto mais confortável. Aqui eu sei como as coisas funcionam, lá eu não sei. No Brasil eu sou 100% turista. É como você colocar uma criança de 12 anos para sair por aí resolvendo as coisas” (SUJEITO 3, 2023, 02:00). Visualizamos, nessa fala, que aquele que seria o seu país de origem, transformou-se no estrangeiro, ao menos no sentido “geográfico” e de funcionalidade das situações corriqueiras, após tantos anos morando nos EUA, e sem visitar o Brasil.

Identificamos, por outro lado, nesse primeiro momento, nas falas dos Sujeitos 1 e 2, o Brasil como o lugar de pertencimento “geográfico”, e afetivo, e mesmo eles não tendo visitado o Brasil nos últimos quatro anos, encontramos depoimentos como: “É no Brasil que estão os meus cheiros, as minhas pessoas, e todos os meus tipos de referências vividas. Os lugares que eu gostava

de frequentar. Saindo desse espaço físico, o Brasil é a minha casa” (SUJEITO 1, 2023, 05:15). A menção ao espaço físico, dizia respeito a casa dele, local onde a entrevista foi realizada.

Já o Sujeito 2, fez uma relação do sentimento de “casa”, à sua cultura, e ao lugar onde conheceu o mundo. Nessas palavras, percebemos que a falta de pertencimento não se deve somente a mudança de lugar (espaço geográfico), mas visualizamos também um valor afetivo ligado às suas origens. Uma posição em que distingue a língua falada no novo país, da sua natal; e a nova cultura, daquela em que havia nascido. “Aqui eu posso estar quantos anos for, a minha casa, onde eu cresci, onde eu conheci o mundo foi no Brasil” (SUJEITO 2, 2023, 01:36).

Na nossa percepção, o sentimento e significado da palavra “casa” para o imigrante vai atravessar, constantemente, um lugar de entremeio, e de incompletude, no desejo de ser completo, uma vez que ora ele sente-se envolvido com a língua e a cultura estrangeira, ora ele sente-se saudosos da sua língua e cultura de origem.

Entendemos que a busca das identificações do sujeito que vive em um país estrangeiro, e que convive com o bilinguismo e com o biculturalismo é marcada por deslocamentos, estranhamentos e ainda encontros, reencontros e desencontros nas línguas. Devemos pensar em um recomeço que vai além de uma dimensão espacial e cultural, chegando a uma mudança linguística e interpessoal, onde inclusive as suas relações pessoais, e novos ciclos de amizade, com ambas as nacionalidades, precisam ser formados e reconstruídos para que este possa dizer-se “pertencente” a nova sociedade em que passou a morar. Pois, nesse cenário, além dos nativos, ele também encontrará imigrantes das mais diversas nacionalidades, inclusive dos demais estados brasileiros, que assim como eles, se reconhecem como pertencentes a mesma nação, brasileira, mas que igualmente ocupam outra terra, a estadunidense, e, assim, buscam reconhecer-se também em uma outra língua.

Devido ao fato de a língua ser onipresente nas relações sociais e na vida humana, diante da língua estrangeira, o imigrante, ao se deparar com a nova realidade de um novo sistema linguístico, na língua inglesa, que não lhes é própria desde o nascimento, passa, então, a buscar o seu novo lugar de pertencimento, a partir do terreno linguístico, para sentir-se parte do grupo. Assim, pelo fato de ser um estrangeiro em terra norte-americana: “Aquele que não faz parte do grupo, aquele que não ‘é dele’, o *outro*” (KRISTEVA, 1994, p. 100), o brasileiro passa a viver uma constante busca pelo contato com o “outro” para se colocar ou se constituir enquanto sujeito na nova nação que habita.

Após a caracterização inicial dos nossos entrevistados, que nos possibilitou melhor conhecê-los, passamos agora para uma breve descrição do cenário enunciativo, buscando descrever o momento da entrevista em si, a forma como foi conduzida, e o sentimento em que os sujeitos entrevistados nos passaram ao pensar, e testemunhar sobre as suas relações com as duas línguas, de origem (portuguesa) e estrangeira (inglesa). Veja o quadro abaixo:

Tabela 5. Cenário Enunciativo

CENÁRIO ENUNCIATIVO			
Local de realização da entrevista	Casa do entrevistado	Casa da entrevistada	YMCA (Clube comunitário de esporte e lazer sediado em vários estados dos EUA)
Dia de realização da entrevista	Sábado 21/01/2023	Sábado 21/01/2023	Quinta-feira 26/01/2023
Tempo de duração da entrevista	01:14:13	58:39:00	57:37:00
Maneira como a entrevista foi conduzida	informal	informal	informal
Postura do entrevistado ao ofertar a entrevista	Amigável, disposto, reflexivo, e com seriedade.	Amigável, disposta, descontráida, e com seriedade.	Amigável, disposta, emotiva, e com seriedade.
Características destacadas em relação ao modo como o sujeito se enuncia	Bastante enfático em suas reflexões sobre as abordagens sugeridas.	Muito atenta em testemunhar de maneira inteligente. Uso de gestos típicos da juventude.	Muito emotiva quando falava das memórias afetivas de sua língua, da sua cultura, e de seu país de origem.

Todas as três entrevistas foram conduzidas informalmente, no ambiente domiciliar dos dois primeiros sujeitos, e no clube em que o terceiro sujeito é membro e frequenta por muitos anos. Todas elas foram realizadas no mês de janeiro, e tiveram uma média de 1 hora de duração. De maneira geral, todos os entrevistados se mostraram bastante receptivos com as abordagens sugeridas, se apresentando muito reflexivos, comprometidos em trazerem a verdade, e interessados em poder contribuir da melhor forma com as suas reflexões e visões, no que diz respeito às suas relações com as duas línguas, dentro de suas vivências no contexto imigratório.

Em suas performances enunciativas, além de buscarem trazer uma verdade em relação aos seus sentimentos, e as suas observações linguísticas sobre fatos de seu cotidiano, percebemos, de modo geral, os imigrantes saudosos de suas origens identitárias e culturais mostrando-se, emocionalmente, eternamente vinculados a língua portuguesa, a cultura brasileira, e a sua nação.

Seguimos agora para o momento mais importante da nossa pesquisa. A apresentação dos recortes linguísticos dos nossos entrevistados, compostos, primeiramente, por quadros ilustrativos que buscam sintetizar as ideias colhidas e elaboradas, mapeando, da esquerda para a direita: as reflexões de cada um dos onze tópicos, separadamente; as devidas questões norteadoras; os pontos chave dos recortes da linguagem dos imigrantes; a identificação de seus modos de linguagem; e o ponto fundamental dos dois pontos de vista (teórico e reflexivo). Em seguida, abaixo de cada quadro ilustrativo, referente a cada um dos onze tópicos, apresentamos o discorrer da análise de uma discussão voltada a uma correlação dos testemunhos dos três imigrantes, dentro de cada tópico reflexivo, que compõe os comentários e o “contorno de sentido” dos falantes.

Dos onze tópicos, então, propostos para uma reflexão do comentário, do contorno de sentido dos nossos entrevistados, iniciamos pelo “retorno reflexivo”, ou uma abordagem inicial que busca saber como os imigrantes refletem sobre o fato de serem bilíngues, e percebem a(s) língua(s) neles. Vejamos a seguir:

Tabela 6. O Retorno Reflexivo

Reflexões Enunciativas Antropológicas	Questões Norteadoras	Recortes da Linguagem	Identificação dos Modos de Linguagem	Pontos de Vista sobre o Objeto (Bilinguismo)
O Retorno Reflexivo	Várias pesquisas mostram que os bilíngues não refletem muito sobre o fato de serem bilíngues, muitos dizem: “É simplesmente um fato da vida!” Você se diria estar inserido nos dados desta pesquisa?	Sujeito-1: 06:42 “Não. Eu tenho consciência que eu sou bilíngue. Eu acho que gosto que posso me comunicar em mais de uma língua, mas não é uma coisa que eu fico pensando sobre isso”.	Sujeito-1: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: Ausente.	Enquanto a teoria grojeaneana vem quebrar o paradigma de acreditar-se, erroneamente, que o bilíngue, necessariamente, deve possuir igual número de vocabulário em ambas as suas línguas, fato que contribui para uma melhor compreensão do bilíngue sobre a sua condição de falante; a linguística como reflexão antropológica vem colocar em evidência a “língua no homem”, apresentando o <i>Home Loquens</i> no centro da discussão.
		Sujeito-2: 02:50 “Não. Eu costumo refletir em todos os aspectos da minha personalidade, qualquer coisa que eu percebo que é diferente, eu penso, penso, penso”.	Sujeito-2: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: Ausente.	
		Sujeito-3: 01:00 “Sim. Quando eu não falava bem a língua, logo que	Sujeito-3: Modo Bilíngue – Língua base - LP.	

		cheguei aos EUA isso era muito forte”.	Ocorrência Fenômenos Entre- línguas: Ausente.	
--	--	---	--	--

Análise 1 - O Retorno Reflexivo:

Devido ao fato de tratar-se de uma pesquisa sobre o bilinguismo, acreditamos que todos os nossos entrevistados, nesse, e em todos os demais tópicos propostos para análise, se mantiveram em modo bilíngue de linguagem, fazendo uso da língua portuguesa (LP) como língua base, podendo caminhar ao longo do *continuum* situacional de linguagem, e convidar a língua inglesa (LI) a qualquer momento da entrevista. Contudo, nesse primeiro tópico, ligado ao “retorno reflexivo”, ao comentarem sobre o que pensam em relação aos dados científicos das pesquisas que mostram que os bilíngues não costumam refletir muito sobre o fato de serem bilíngues, onde muitos pensam ser simplesmente um fato da vida, nenhum dos Sujeitos caminhou ao longo do *continuum* situacional de linguagem, nesse início da nossa conversa.

Enquanto do ponto de vista teórico, grosjeaniano (1996, 2013), verificamos enunciados igualmente sem ocorrências de fenômenos entre-línguas, do ponto de vista reflexivo, benvenistiano (2005, 2006), encontramos etnografias completamente distintas nos contornos de sentido dos três Sujeitos. Na nossa percepção, o Sujeito-1 apresentou um pensamento meio contraditório afirmando ser consciente de seu bilinguismo, mas ao mesmo tempo não ser sempre que refletia sobre o fato de ser bilíngue, dizendo também gostar de poder se comunicar em mais de uma língua.

Já o Sujeito-2 disse que costuma refletir sobre todos os aspectos de sua personalidade, e qualquer coisa que percebe de diferente, ela pensa várias vezes a respeito. Por sua vez, o Sujeito-3 associou essa abordagem ao fato de ter se sentido incomodada no momento em que chegou ao país, e não sabia falar em inglês. Essa fase a fazia refletir sobre o bilinguismo porque não se sentia parte do grupo. Mas hoje, em virtude de fazer uso das duas línguas naturalmente, não pensa muito sobre o assunto.

Dentro da vasta amplitude que o conceito de bilinguismo pode representar para a comunidade imigrante, que convive e faz uso de duas ou mais línguas em sua vida diária, na nossa visão, embora alguns bilíngues se digam não refletir sobre o assunto de forma consciente, essa

abordagem está impregnada no seu mais íntimo “eu”, ao interagir com o “outro”, nos mais diversos aspectos de sua vida, devido às duas possibilidades de posições de fala.

Para Molloy (2018) ser bilíngue é falar sabendo que existe mais de uma posição de fala. É saber que aquilo que está sendo enunciado, está sempre sendo falado a partir de um “outro lugar”, ou de “muitos lugares”. “Esta consciência da inerente estranheza de toda comunicação, este saber que o que se diz é desde sempre alheio, que o falar sempre implica insuficiência e sobretudo *doblez* (sempre há *outra* maneira de dizê-lo) é característica de qualquer linguagem, mas, na ânsia de estabelecer contato, esquecemos disso” (p. 52, destaque da autora).

No relato do Sujeito-1, ouvimos ele dizer que sabe que é fluente na língua inglesa, mas, não sabe se é devido ao fato de que ele se cobra demais, ele confessa não ser tão fluente o quanto ele gostaria. “Eu sou fluente, mas gostaria de me expressar com menos sotaque, me expressar um pouco melhor. Eu não me expesso ainda em inglês como me expesso em português. Não é que eu tenha dificuldades, mas a formação do vocabulário leva tempo” (SUJEITO-1, 2023, 7:17). Então ele afirma que assim como uma criança de 8 ou 9 anos que é fluente, mas não possui um vocabulário de adulto de 20 e poucos anos, ele também não se expressa em inglês da mesma maneira que um adulto. “A criança vai lendo e criando o seu vocabulário. Eu acho que eu tô como se fosse uma criança no inglês. Eu sou fluente, mas acho que ainda não me expesso com a desenvoltura de um adulto” (SUJEITO-1, 2023, 07:46).

Na nossa visão, essa maneira de o Sujeito-1 se perceber na língua inglesa, pode estar associada a ideia distorcida que se tinha de que o bilíngue deve ter, igualmente, o mesmo número de vocabulários em suas duas línguas, assim como um monolíngue. Contudo, hoje compreendemos, conforme Grosjean (1996, 2013), que o Princípio da Complementaridade pode explicar que a fluência de cada língua está diretamente ligada à sua necessidade de utilização nos mais diversos domínios da vida. Assim, a falta de determinados vocabulários não o torna menos bilíngue, pois, conforme mencionamos, o “bilíngue só é tão bilíngue o quanto necessita ser”.

Já o sujeito-2 partiu com considerações completamente distintas do sujeito-1, associando o seu pensamento sobre o fator bilinguismo, à aspectos relacionados a sua personalidade, dizendo-se ter o hábito de refletir sobre todas as coisas que ela percebe de diferente, no que diz respeito a assuntos que envolvem a sua personalidade. “Isso não quer dizer que eu pense muito sobre o fato de ser bilíngue, ah eu posso falar em português, ou eu posso falar em inglês. Eu analiso é a diferença de uma personalidade para a outra” (SUJEITO-2, 2023, 02:55). E assim ela completa

dizendo: “Coisa que, desde que eu vim pra cá, mudaram por causa de eu falar mais inglês com um tipo de pessoa que eu me relaciono, e falar português, geralmente, com pessoas completamente diferentes” (03:06).

Interessantemente, já nesse primeiro momento, o nosso Sujeito-2 apresentou indícios de uma das inquietações que envolvem o campo do bilinguismo, discutida através da teoria de Sapir-Whorf que afirma que a língua que você fala, muda o seu pensamento. Uma discussão, inclusive, que abordaremos com maiores detalhes no tópico 11, destas análises. Veja que em vez de dizer refletir sobre o fato de ser bilíngue, ou não, e de utilizar uma língua ou outra, maior do que isso, para ela, é sentir a necessidade de mudar o perfil de sua personalidade para interagir com um falante da língua inglesa de uma forma, e da língua portuguesa de outra.

Na nossa compreensão, apesar de o fator “personalidade” ter sido trazido de forma, aparentemente, inquietante para o Sujeito-2, o contorno de sentido no comentário dessa entrevistada, apresenta um retorno reflexivo que aponta para indícios da presença da(s) língua(s) no homem, dizendo de quem fala. Por essa perspectiva, o enunciado que parte da sua língua de origem, para ela, diz de sua personalidade formada em sua terra natal, enquanto o efeito da outra língua, estrangeira, veio causando uma espécie de mudança em traços de sua personalidade para moldar-se às “regras” do sistema linguístico, à cultura, e à forma de expressão adequada da linguagem estadunidense.

Ao sugerir uma inversão consciente do título, “o homem na língua”, dado por Benveniste (2005) à quinta parte de seus Problemas de Linguística Geral, passando a refletir, dessa vez, sobre “a língua no homem”, Flores (2019) busca sintetizar a experiência do falante de sua própria condição de falante. Conforme o autor, os grandes fenômenos de linguagem, quando vistos a partir da consideração que o falante tem desses fenômenos, atestam o modo como a língua está presente constitutivamente no homem.

Nessa perspectiva, ainda ao indagar sobre o alcance das noções de Linguagem e de Língua em Benveniste, devido às duas expressões “o homem está na língua”, e “o homem está na linguagem”, encontradas na obra benvenistiana, já que em ambas é imputada a presença do homem, Flores (Idem) afirma que: homem, língua e linguagem se pressupõem mutuamente. Contudo, apesar de o homem estar presente, ao mesmo tempo, na Linguagem e na Língua, ele “não” está presente da mesma maneira em uma e em outra. O homem na linguagem é uma espécie de axioma geral no qual está contido um axioma específico: o homem na língua. A relação entre

esses dois axiomas é, simultaneamente, geral e específica, ou geral e concreta. Entendemos que a realidade universal (o homem dotado de linguagem) se contrapõe a outra realidade (o homem fala uma ou várias línguas distintas entre si).

No que diz respeito ao Sujeito-3, percebemos que o seu destaque, em relação a esse tópico reflexivo, foi dado apontando para o fato de que no seu momento de chegada ao país, aos 12 anos de idade, ainda quando não falava em inglês, sentia-se, de certa forma, não parte do grupo, devido ao fato de não saber falar bem a língua. “Isso era muito forte. Eu não falava a língua. Então você se identifica cada vez que tem contato com alguém que é brasileiro. No começo era assim. Hoje em dia, por ter um marido brasileiro, a gente fala misturando o inglês com português e nem se dá conta” (SUJEITO-3, 2023, 01:08). E assim ela continua: “Essa é a diferença para mim” (01:28).

Percebemos que enquanto o Sujeito-1 se cobrou dizendo, que apesar de ser consciente de seu bilinguismo, querer ser mais fluente, comparando o seu vocabulário na língua inglesa ao de uma criança de 8 ou 9 anos; o Sujeito-2 apresentou uma inquietação em relação a sua mudança de personalidade ao falar uma e outra língua; e já o Sujeito-3 trouxe aspectos relacionados à sua identidade linguística, fato, inclusive, que também discutiremos no tópico reflexivo 10 destas análises. Contudo, visualizamos nos comentários dos três entrevistados reflexões pertinentes às questões que envolvem o vasto campo do bilinguismo, nos quais, cada um, à sua maneira, pôde etnografar sobre aquilo que, a princípio, mais lhe toca, enquanto falante bilíngue e bicultural.

Para Flores (2019), sendo a linguagem a faculdade simbólica constitutiva do *homo loquens* por excelência, seu estudo deve contribuir para dizer algo sobre a natureza simbólica do homem. Assim, a linguística que visa à propriedade *loquens* deve, necessariamente, colocar o falante no centro da discussão. Por essa perspectiva, é justamente através do homem que vive a realidade linguística do contexto imigratório, que encontramos a melhor forma de construirmos um saber sobre as línguas no homem, sujeito imigrante.

Partindo, então, agora para o segundo tópico reflexivo, buscamos compreender o que os nossos entrevistados puderam comentar sobre a função de sua(s) língua(s), em seu cotidiano, no momento em que interagem com as mais diversas pessoas, nos diferentes domínios de sua vida, nos variados contextos e situações, em seu contorno social. Vejamos o que disseram os mesmos:

Tabela 7. A Função da Língua

Reflexões Enunciativas Antropológicas	Questões Norteadoras	Recortes da Linguagem	Identificação dos Modos de Linguagem	Pontos de Vista sobre o Objeto (Bilinguismo)
A Função da Língua	Pessoas bilíngues usam as línguas em diferentes domínios da vida. Em que domínios você diria que utiliza a língua portuguesa e a língua inglesa isoladamente, e ambas as línguas juntas? Sabe dizer as pessoas, os lugares, os contextos, e as situações em que você fala as línguas?	<p>Sujeito-1: 09:32 “Com minhas relações pessoais, familiares e amigos eu só falo português. Agora a minha relação profissional é bilíngue. Com eles eu falo português, espanhol e inglês”.</p>	<p>Sujeito-1: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI, em seis ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 3 <i>Code-switching</i>; e 3 <i>Borrowing (Loan Shift)</i> – Linguagem emprestada, com Estrangeirismo).</p>	<p>Do ponto de vista teórico, a função da língua está diretamente ligada ao uso da(s) língua(s) nos diferentes aspectos da vida bilíngue, que, muitas vezes, requerem a utilização de línguas diferentes, nos diferentes domínios da vida; já do ponto de vista reflexivo, compreendemos aqui a “função da língua” dentro de uma busca por um saber sobre as línguas, cujo parâmetro é o falante. O <i>Homo loquens</i>, constantemente, tematiza a sua posição frente ao fato de a língua ser-lhe constitutiva, sendo o falante uma espécie de etnógrafo de sua própria experiência de falante, de ambas as suas línguas.</p>
		<p>Sujeito-2: 04:59 “O lugar que eu mais uso inglês é na escola. Eu também tenho o hábito de falar inglês sozinha. Porém, eu penso nas duas línguas. E com a minha família e a maioria dos meus amigos eu falo em português”.</p>	<p>Sujeito-2: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI apenas em uma ocasião. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: <i>Code-switching</i>.</p>	
		<p>Sujeito-3: 03:44 “Pelo fato de o meu marido ter vindo pra cá com 16 anos, e ele também falar inglês, a gente mistura tudo. Falamos um dialeto de inglês com português e com a nossa família toda é assim”.</p>	<p>Sujeito-3: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI em uma ocasião. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: <i>Borrowing (Loan Shift)</i> – Linguagem emprestada, com Estrangeirismo).</p>	

Análise 2 - A Função da Língua:

Pela ótica do ponto de vista da teoria do bilinguismo, de acordo com Grosjean (1996, 2013), na vida de um bilíngue, nos diferentes domínios de sua vida, ele pode se deparar com a utilização de uma de suas línguas em alguns determinados contextos, com algumas pessoas, e em outros com o uso da outra língua, com outros interlocutores também parte de seu ciclo social. E pode acontecer também de em algum desses domínios o bilíngue poder utilizar ambas de suas línguas, com interagentes, assim como ele, também bilíngues, falantes das mesmas línguas, mantendo-se, assim, no modo bilíngue de linguagem.

Por essa perspectiva, o autor explica que a fluência de uma, ou da outra língua do bilíngue está diretamente ligada à sua utilização nos diferentes domínios de sua vida. Assim, quanto mais domínios diferentes o bilíngue necessitar fazer o uso de suas línguas, mais fluente ele será em suas duas ou mais línguas. Esse funcionamento bilíngue está diretamente ligado a função da(s) língua(s), o que, por sua vez, pode ser explicado através do que Grosjean (1996, 2013) chama de Princípio da Complementaridade (*The Complementarity Principle*), conforme explicamos anteriormente. “Os bilíngues geralmente adquirem e usam suas línguas para diferentes propósitos, em diferentes domínios da vida, com diferentes pessoas. Diferentes aspectos da vida muitas vezes requerem línguas diferentes⁴³” (GROSJEAN, 2010, p. 28).

Ao serem sugeridos, então, a pensar nesse segundo tópico sobre “a função da língua”, analisando pelo ponto de vista teórico, verificamos que os três sujeitos mantiveram as duas línguas ativadas, em um estado de interconexão, onde a língua portuguesa (LP) esteve em um padrão maior de ativação, se mantendo como língua base. Em modo bilíngue de linguagem, os três entrevistados caminharam ao longo do *continuum* situacional, convidando a língua inglesa (LI), com as seguintes ocorrências: Sujeito-1 (três *code-switching*; e três *Borrowings: Loan shift* – Linguagem emprestada, em estrangeirismo); Sujeito-2 (um *code-switching*); e Sujeito-3 (um *Borrowing: Loan shift* – Linguagem emprestada, em estrangeirismo).

Por outro lado, analisando pela ótica do ponto de vista reflexivo, em seu relato, o Sujeito-1 comentou que em suas relações pessoais, entre famílias e amigos ele só fala português, contudo

⁴³ Do original: “Bilinguals usually acquire and use their languages for different purposes, in different domains of life, with different people. Different aspects of life often require different languages”.

em seu ambiente de trabalho ele faz uso de suas três línguas, português, espanhol e inglês; já o Sujeito-2 relatou que a sua escola é o seu domínio predominante de utilização da língua inglesa, e, que, com a sua família e com a maioria de seus amigos fazia utilização da língua portuguesa. Por sua vez, o Sujeito-3 testemunhou que, devido ao fato de o seu marido, e a sua família, assim como ela, também ser bilíngue, todos eles se comunicam fazendo uma mistura constante do inglês com o português, quase como uma espécie de dialeto.

Ao explicar a utilização de suas línguas nos diferentes domínios de sua vida, o Sujeito-1 disse utilizar a sua língua inglesa apenas em seu ambiente de trabalho, mencionando o fato de que, nesse local, ele fala as suas três línguas ao mesmo tempo, dizendo ser bem compartilhado, dependendo também dos clientes que surgem a cada dia. “Quando eu cheguei aqui, eu trabalhei oito ou nove meses em uma empresa só falando inglês. Não tinha ninguém falando outras línguas (SUJEITO-1, 2023, 10:09). E Completa ainda: “Hoje, em meu atual trabalho, se chega alguém perguntado *habla español*, eu falo espanhol, se pergunta se falo português, eu falo português, e se diz *speak english*, eu falo em inglês” (10:28). Perceba nesse enunciado as duas ocorrências do *Code-switching*.

Ao testemunhar sobre esse tópico, o Sujeito-1 fala ainda de seu processo de aquisição da língua inglesa, dizendo que quando chegou aqui tinha uma noção do idioma, por ter feito cursinhos, mas que não tinha a fluência que tem hoje. “Hoje eu consigo falar inglês sem pensar em português, ou sem ter que traduzir. Eu falo normal. Apesar de haver uma diferença interessante entre uma língua e outra. Porque mesmo ouvindo um ruído do português ao fundo, eu entendo tudo, diferente do inglês que não flui ainda dentro de mim da mesma forma” (SUJEITO-1, 2023, 10:55). Melhor explicando, ele diz: “Quando alguém fala português perto de mim, eu não preciso parar pra prestar atenção, porque eu consigo entender o que está sendo dito, mas quando alguém fala inglês perto de mim, eu preciso parar para prestar atenção e entender o que a pessoa está falando” (11:06).

Com isso, ele se justifica dizendo que antes ele se empenhava bastante no aprendizado da língua inglesa, disse que assistia *podcast (Borrowing – Loan Shift – linguagem emprestada- estrangeirismo)*, estudava gramática, acompanhava *experts online (2 Borrowings - Loan Shift - linguagem emprestada, estrangeirismo)*, tendo uma disciplina de estudo durante algum tempo, mas que depois que começou a se comunicar e sentir-se capaz, deu uma relaxada nos estudos. Disse ainda que quando chegou no país tinha um bom *listening – escuta (code-switching)*, e que aos poucos adquiriu a fala, mas que tem trabalhado ainda muito, em sua pronúncia e que deseja

melhorar o seu sotaque. “Eu percebo que a minha pronúncia melhorou, mas ainda está distante do que eu gostaria. A fluência vai crescendo de acordo com a necessidade de utilização da língua no dia a dia. Se no meu ambiente de trabalho, e com a minha namorada eu só falasse inglês, eu teria evoluído na velocidade que eu gostaria (SUJEITO-1, 2023, 12:13).

Diferente do Sujeito-1, o Sujeito-2 testemunhou que o seu domínio de maior utilização da língua inglesa é o seu ambiente escolar, mas que também tem o hábito de falar inglês sozinha. Contudo, diz pensar, geralmente, nas duas línguas. “Eu diria que as coisas que me requerem a pensar mais, a desmontar, a analisar, eu geralmente uso inglês. Até porque na escola eu tô acostumada a falar inglês” (SUJEITO-2, 2023, 05:14). E continua dizendo: “Então, às vezes eu tô pensando em português, tipo eu estava fazendo um dever ali agora, então eu falo *oh that's in a...*, porque eu tô acostumada a fazer esse pensamento crítico na escola. Então as coisas que eu tenho que pensar mais, eu geralmente uso inglês” (05:24). Note o *code-switching* nesse enunciado.

Já ao refletir sobre o domínio de utilização da língua portuguesa, e o seu sentimento comparando o uso de uma língua e outra, o Sujeito-2, diz sentir-se mais confortável com a sua língua de origem. “É uma língua que eu falo naturalmente, com a maioria dos meus amigos, e com a minha família. Então o português, pra mim, é uma língua mais à vontade, enquanto o inglês é uma língua mais produtiva. Esse é o jeito que eu percebo a diferença, nas vezes que eu uso as duas línguas” (SUJEITO-2, 2023, 05:46).

Quanto ao Sujeito-3, ouvimos ela testemunhar que devido ao fato de seu marido ter imigrado para os EUA desde seus dezesseis anos de idade, assim como ela, seus irmãos e toda a sua família, que também reside no país há mais de trinta anos, eles costumam interagir, ou falar entre si, fazendo uma mistura das duas línguas, quase como um dialeto. “Em família falamos mais em inglês. Sai mais fácil, mas todo mundo fala português, principalmente quando a gente está com os mais velhos da família. Mas, até eles misturam. Entende? Então, entre família é uma mistura completa” (SUJEITO-3, 2023, 03:57).

Enquanto no domínio familiar (conjugue e demais familiares) o Sujeito-3 diz que se comunica fazendo uma mistura entre as línguas; no domínio, dito por ela americano (entendemos como a escola da filha, o clube que frequenta - YMCA, o mercado consumidor, o seu trabalho, as pessoas da comunidade, entre outros), ela fala inglês. Porém, quando ela se vê em uma situação em que teria que falar apenas em português, ela confessa ser difícil para ela. “Falar só português e não misturar fica difícil para mim, porque eu acho que às vezes as pessoas, principalmente

brasileiros, não entendem. Na minha situação, por exemplo, o meu português é esse de dia a dia. Não é um vocabulário rico” (SUJEITO-3, 2023, 04:31).

Para melhor exemplificar, ela menciona que quando se trata de uma literatura, como fazer uma leitura do *website* (*Borrowing – Loan Shift* – linguagem emprestada-estrangeirismo) do Consulado, ela tem dificuldade de compreender algumas das palavras encontradas na página. “Para mim é outra língua que eu tenho que traduzir. Agora, o dia a dia, esse português aí, eu falo. Então quando eu tenho que falar com alguém que só fala português, e tem um português estudado, aí eu sinto dificuldade, às vezes as palavras me faltam. Entendeu?” (SUJEITO-3, 2023, 04:59). E ela explica ainda: “Aí eu já tô consciente que eu tenho que misturar, e eu sempre falo, ah desculpa, eu vim para cá... eu sempre tenho que me desculpar porque eu não sei a palavra que eu tô tentando usar, então eu uso ela em inglês que é muito mais fácil, porque é o que eu uso mais aqui” (05:16).

De acordo com Flores (2019), assim como Benveniste, Claude Hagège (1985) em seu prefácio que trata sobre “o homem dialogal” também questiona que lugar caberia à linguagem na definição de homem. A partir desse questionamento, Flores sugere, dessa vez, uma inversão de pensamento, propondo uma reflexão sobre “que lugar cabe ao homem na definição de linguagem”. E o conjunto desses dois questionamentos, por sua vez, seria capaz de produzir uma linguística como reflexão antropológica. Nesse caso, uma linguística que pensa na experiência do homem em sua condição de falante, conforme estamos nos propondo produzir aqui, o contorno desta tese.

Na investigação, então, da “língua no homem”, Flores (2019) evidencia uma linguística como reflexão antropológica, o que ele chama de uma antropologia da enunciação. Para o autor, o estudo da língua no homem conduz à uma antropologia implícita à qual se tem acesso, através da experiência que o falante tem, de sua condição de *Homo loquens*. Como vimos, os nossos entrevistados puderam comentar às suas experiências de falantes de ambas às línguas, nos mais diversos domínios de seu contorno social, no contexto imigratório em que vivem.

Diante da análise da função da língua, através do ponto de vista reflexivo, compreendemos que ambos os sujeitos contaram às suas experiências, sobre às suas condições de falante da(s) língua(s) portuguesa/inglesa de formas diferentes, cada um trazendo particularidades de suas trajetórias linguísticas.

Enquanto o Sujeito-1 comentou viver uma experiência de maior utilização da língua inglesa apenas em seu ambiente de trabalho, demonstrando um desejo de ser mais fluente na língua estrangeira, pretendendo uma maior utilização do inglês em outros domínios de sua vida; o Sujeito-

2 contou que a sua maior experiência com a língua inglesa acontece em seu ambiente escolar, sendo à sua utilização associada à aspectos intelectuais e mais produtivos, e o português foi colocado como uma língua mais à vontade e confortável para ela, utilizando-a com à sua família e à maioria de seus amigos; já o Sujeito-3 definiu a sua linguagem em uma posição de entre-meio, onde no domínio familiar falava-se com uma total mistura entre as duas línguas, e que quando se encontrava em uma situação de interação com um monolíngue, da língua portuguesa, sentia dificuldades em se manter no modo monolíngue, necessitando, constantemente, utilizar palavras da língua inglesa, porque lhe faltavam palavras em português.

Nessa perspectiva, na visão de Flores (2019), uma vez que o *Homo loquens* constantemente tematiza a sua posição frente ao fato de a língua ser-lhe constitutiva, o falante é uma espécie de etnógrafo de sua própria experiência de falante. Por esse viés, o autor vem legitimar essa ideia no que diz respeito a habilidade do profissional Linguista, dizendo ser possível afirmar que este, também como falante que é, seria capaz de acumular da mesma maneira a função de etnólogo, pelo fato de buscar analisar a “etnografia natural” que cada homem produz acerca da sua condição de falante, em fenômenos em que ele está implicado como falante.

Assim, compreendemos que a hermenêutica natural é a matéria da linguística que tem como objetivo uma reflexão antropológica, posto que pensamos: “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua” (BENVENISTE, 2006, p. 83). Nesse contorno, buscando um saber sobre as línguas, cujo parâmetro é o falante, passamos agora para a análise do nosso terceiro tópico que busca refletir sobre o que dizem os nossos entrevistados sobre às suas experiências em relação ao poder que as línguas portuguesa e inglesa exercem sobre eles. Vejamos, abaixo, o que diz essa tematização:

Tabela 8. O Poder da Língua

Reflexões Enunciativas Antropológicas	Questões Norteadoras	Recortes da Linguagem	Identificação dos Modos de Linguagem	Pontos de Vista sobre o Objeto (Bilinguismo)
O Poder da Língua	Ao se comunicar com as pessoas, interagir com alguém, escrever uma mensagem, ou até mesmo ler um livro, você já se perguntou: “Qual língua devo usar?”, ou “Será que a	Sujeito-1: 16:43 “Quando entra alguém no meu trabalho, só olhando pra pessoa já dá pra saber se eu devo falar português, inglês ou espanhol”. 13:42 “Mas, acontece também de,	Sujeito-1: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI, em sete ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 1 Code-	Do ponto de vista teórico, relacionamos o poder que as línguas portuguesa e inglesa exercem sobre o imigrante, a partir de sua escolha pela utilização de uma, ou da outra língua nas

	<p>minha outra língua pode ser trazida? Costuma se perguntar em que língua escolherá falar, ou se poderá usar as duas línguas? Ou acontece naturalmente, de acordo com a pessoa, com a situação, e o assunto? Teria alguma experiência como essa para contar? Quanto a ler noticiários, e assistir tv, prefere a mídia em português ou em inglês?</p>	<p>algumas vezes, eu embaralhar as línguas”. 14:09 “Hoje o que eu consumo de mídia é 40% em inglês e 60% em português”.</p> <p>Sujeito-2: 07:53 “Olhando na cara da pessoa já dá pra perceber se ela é americana ou não, né, brasileira principalmente!” 08:06 “Agora o momento em que eu tenho que pensar em qual língua eu vou falar é quando eu falo com alguém que seja espano”. 08:34: “A minha mídia é toda em inglês, meu celular, minhas redes sociais, meu <i>Twitter</i>, <i>Instagram</i>, filmes e programas de TV. A única coisa que consumo em português é o <i>Big Brother</i> Brasil, as vezes, pelo <i>Twitter</i>”.</p> <p>Sujeito-3: 06:37: “Entre a mídia portuguesa, e o que está acontecendo no Brasil, e o que está acontecendo aqui, pra mim, eu me interesse pelos dois. Agora, se eu estiver falando com alguém, e eu tiver a opção de falar só em inglês, principalmente se for um Consulado, ou um advogado, eu prefiro, mil vezes, em inglês, escrevendo principalmente”.</p>	<p><i>switching</i>; e 6 <i>Borrowing (Loan Shift - Linguagem Emprestada)</i>, com <i>Estrangeirismo</i>.</p> <p>Sujeito-2: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI, em cinco ocasiões.</p> <p>Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: <i>Borrowing (1 Loan Word - Palavra Emprestada, com Neologismo Mix&Match)</i>; e (4 <i>Loan Shift – Linguagem Emprestada, com Estrangeirismo</i>).</p> <p>Sujeito-3: Modo Bilíngue – Língua base - LP.</p> <p>Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: Ausente.</p>	<p>demais circunstâncias de sua vida, dentro do contexto imigratório, no que diz respeito ao conteúdo (<i>Language Choice- Escolha de Língua</i>) destacado por Grosjean (2013). Por outro lado, do ponto de vista reflexivo, pensando no ato enunciativo, apresentamos os três aspectos destacados por Flores (2019), a necessidade de pensar: em quem enuncia, para quem se enuncia (eu/tu) - posições na linguagem; como esse ato de dizer aparece na língua (a autorreferência); e, por fim, as formas disso, as formas da enunciação (categorias de pessoa, espaço e tempo).</p>
--	---	--	---	--

Análise 3 – O Poder da Língua:

Nesse terceiro tópico, buscamos investigar os fatores que envolvem a escolha pela utilização de uma, ou de outra língua pelo bilíngue, alcançando os comentários dos imigrantes a fim de refletirmos naquilo que esses falantes podem testemunhar sobre o poder que cada uma das línguas (portuguesa/inglesa) exerce sobre eles.

Ao fazer uma abordagem sobre o *Language Choice* – Escolha da Língua, em sua teoria sobre o bilinguismo, Grosjean (1996, 2013) afirma que a primeira coisa que um bilíngue deve fazer durante uma interação, ou uma tarefa específica, como ler ou escrever, é escolher uma língua base como utilização. Segundo ele, essa é uma operação simples no modo monolíngue, se realmente for mantida nesse modo, mas torna-se muito mais complexa no modo bilíngue. A dificuldade é encontrada devido ao fato de ter-se que escolher entre qual língua utilizar, quando mais de uma é possível. Muito tem sido escrito sobre a escolha da língua, e os pesquisadores parecem concordar que os fatores que determinam essa escolha podem ser organizados em quatro categorias principais: participantes, situação, conteúdo do discurso e função da interação.

Em relação aos participantes, considera-se importante a proficiência linguística dos dois ou mais interlocutores, em suas respectivas línguas. Eles tendem a optar pelo uso da língua em que têm o maior conhecimento. Deve-se observar o histórico linguístico entre os participantes, e o fato de que eles geralmente têm uma língua preferida. A relação de cada sujeito com a(s) língua(s), e com os grupos de falantes daquela(s) língua(s) pode ser um dos fatores responsáveis pela escolha da utilização de uma ou da outra língua. Pode acontecer ainda de membros de minorias estigmatizadas se recusarem a usar a língua minoritária. E outros fatores adicionais na escolha da língua podem também incluir idade, status socioeconômico, o grau de intimidade dos participantes, a relação de poder entre os dois, e assim por diante.

A situação, o local onde a interação ocorre é um fator importante. Conforme Grosjean (2013), em alguns países, como o Paraguai, por exemplo, uma determinada língua é usada no campo e outra nas cidades. Há casos de formalidade da situação, algumas línguas não são usadas em ambientes muito formais, a exemplo do suíço-alemão, na Suíça. A presença de monolíngues em alguns contextos situacionais também pode ter influência na escolha da língua, devido ao desejo de mantê-los incluídos na interação. Quanto ao conteúdo do discurso, vimos à sua

importância ao discutirmos *The Complementarity Principle* - O Princípio da Complementaridade, onde compreendemos que alguns tópicos são melhor tratados em uma determinada língua.

Por sua vez, a função da interação também desempenha um grande papel na escolha da língua, dependendo do que se pretende alcançar, como busca por: *status*, distância social, exclusão de algum falante, solicitação de algo desejado, entre outros. Vários fatores em conjunto são os responsáveis pela escolha final da língua. Contudo, para o autor, essa escolha acontece de maneira rápida, e geralmente acertada. Por outro lado, no caso de uma interação entre vários bilíngues e monolíngues, pode acontecer de nem sempre a língua mais adequada para todos os interessados na interação ser encontrada. Nesse caso, pode haver a necessidade de um bilíngue fazer a tradução, para que todos possam estar incluídos na interação.

Ao comentar sobre a sua percepção em relação a esse terceiro tópico, que sugere uma reflexão sobre “o poder da língua”, o Sujeito-1 relacionou a sua escolha pela utilização de uma língua, aos participantes na interação, sendo estes os seus clientes, e à situação, em seu local de trabalho, em que este poderia se deparar com falantes do português, inglês ou espanhol; o Sujeito-2, por sua vez, testemunhou que a escolha de sua língua está diretamente ligada aos participantes da interação, dizendo-se saber reconhecer, de imediato, se o seu interlocutor é um brasileiro, um americano, ou um espanhol; e já o Sujeito-3 fez uma menção a escolha da sua língua, associada ao conteúdo do discurso, exemplificando com as questões consulares. Contudo, de forma geral, acreditamos que a função da interação exerce igual importância na escolha da língua, porém esta aparece de maneira implícita no comentário dos nossos entrevistados.

Por esse viés, do ponto de vista teórico, e de ocorrências de fenômenos entre-línguas, os Sujeitos-1, e 2 mantiveram as duas línguas ativadas, em um estado de interconexão, onde a língua portuguesa (LP) esteve em um padrão maior de ativação, se mantendo como língua base. Em modo bilíngue de linguagem, os dois entrevistados caminharam ao longo do *continuum* situacional, convidando a língua inglesa (LI), com as seguintes ocorrências: Sujeito-1 (um *Code-switching*; e 6 *Borrowings: Loan Shift* - Linguagem Emprestada, com Estrangeirismo); e o Sujeito-2 (5 *Borrowings: 1 Loan Word* - Palavra Emprestada, com Neologismo *Mix&Match*; e 4 *Loan Shift* – Linguagem Emprestada, com Estrangeirismo). Já o Sujeito-3, embora também em modo bilíngue de linguagem, não caminhou ao longo do *continuum* situacional, mantendo o seu enunciado na LP.

Passando as nossas análises para o ponto de vista reflexivo, encontrando o comentário dos nossos entrevistados, naquilo que nos remete ao poder da língua, o Sujeito-1 relatou que em seu

ambiente de trabalho é muito nítida a escolha de utilização de sua língua, de acordo com a nacionalidade de seus clientes, assim dependendo daquele com quem ele vai interagir, ou atender, ele escolhe entre a língua portuguesa, inglesa, ou espanhola. Contudo, ele confessa que em alguns momentos ele embaralha tudo. “Às vezes acontece de alguém me fazer uma pergunta em português, e eu responder em inglês, ou alguém falar comigo em inglês e eu responder em português. Algumas vezes acontece de eu embaralhar as línguas” (SUJEITO-1, 2023, 13:47). Porém, dentro de casa ele diz utilizar bastante a língua portuguesa com seus familiares, e com as suas relações pessoais.

Dessa forma, o Sujeito-1 diz que a operação de escolha da língua, a princípio ocorre de forma consciente. “Quando eu atendo o meu telefone, eu já falo *Hello, who is this?* Em inglês, porque tem grande chance de ser um americano, agora quando eu atendo o meu *WhatsApp*, eu respondo ‘Alô, quem tá falando?’ em português. Até o meu nome mudou. O meu nome pra quem é brasileiro é L., e pra quem é americano é Luk” (SUJEITO-1, 2023, 15:03). Assim, ele diz que já sabe como usar cada língua, porque brasileiro, normalmente, não usa telefone, e sim *WhatsApp*. Já o americano tem mais costume de usar o telefone porque o *WhatsApp* não costuma ser utilizado pelos nativos estadunidenses. Perceba o *code-switching*, e as quatro ocorrências de *Borrowings* (*Loan shift* – linguagem emprestada, em estrangeirismo) no enunciado desse sujeito.

Quanto a sua mídia de consumo, o Sujeito-1 disse consumir um conteúdo de 60% na língua portuguesa, e 40% na língua inglesa. “Eu vejo muita coisa em inglês, e em português. Eu assisto muitos noticiários, filmes, *podcast*, enquetes em inglês, e isso me ajudou a melhorar bastante. Eu também percebo que uma coisa que ajuda a melhorar o vocabulário é contar piadas em inglês, que é uma coisa mais informal” (SUJEITO-1, 2023, 14:02). Contudo, para assistir os filmes, ele ainda diz utilizar o *closecaption* em inglês por sentir útil. Ao se imaginar em uma linha do tempo, ele diz que já evoluiu bastante, mas que para isso acontecer ainda mais rápido, ele precisaria somente frequentar ambientes que exigissem a utilização apenas da língua inglesa, e passasse por um processo de uma imersão total, e um investimento total de imigração. Note os dois *Borrowings* (*Loan shift* – linguagem emprestada, em estrangeirismo) no enunciado desse sujeito.

Um outro relato em relação a sua utilização da língua inglesa foi que, apesar de se sentir confortável utilizando-a, ele confessa ser uma língua cansativa para ele. Há alguns momentos em que ele não entende detalhadamente todas as palavras, embora alcance o sentido do que está sendo dito. Um outro ponto é que, apesar de dizerem que o espanhol é mais fácil do que o inglês devido

a sua semelhança, ele diz se sentir muito mais desconfortável em espanhol do que em inglês. “Todo mundo diz que é mais fácil falar espanhol do que em inglês. Eu acho espanhol mais difícil. Gosto mais de falar inglês do que em espanhol. O espanhol tem muito mais sotaque e palavras diferentes” (SUJEITO-1, 2023, 19:08). E diz ainda: “Eu lido com muita gente de Porto Rico. É um espanhol. Muita gente da Venezuela. É outro tipo de espanhol. Sou mais familiarizado com o inglês. Já sei distinguir o nativo estadunidense, pelo seu sotaque novaiorquino, entre outros” (19:13).

Por sua vez, o Sujeito-2 disse que a operação de escolha das línguas acontece naturalmente, porque só de olhar para a pessoa ela já sabe identificar se é americana ou não, e principalmente quando é brasileira. Então, sendo uma ou outra, ela já sabe a língua que vai falar, inglês ou português, respectivamente. “Agora, o momento em que eu tenho que pensar em qual língua eu vou falar, é quando eu falo com alguém que seja espanhol, porque aí eu não sei se eu uso a língua universal que é o inglês, então né, que supostamente os dois entendem, ou se eu uso a minha língua portuguesa” (SUJEITO-2, 2023, 08:06). Continua ela: “E aí a pessoa, provavelmente, vai usar o espanhol então vai ficar esse, sabe... mas, geralmente, quando eu falo com qualquer pessoa que fala em espanhol, eu falo inglês. Qualquer pessoa que não fale português eu falo inglês” (08:23).

Ela diz que esse processo acontece de forma inconsciente, mas, como ela se diz muito introspectiva: “No momento em que eu percebo esse inconsciente, eu penso, penso, penso e descabelo tudo. Eu gosto muito de pensar sobre tudo que diz ao meu respeito” (SUJEITO-2, 2023, 09:27). Quanto a noticiário, ela diz preferir ver tudo em inglês. “Até porque meu celular tá todo inglês, as minhas redes sociais é tudo inglês, então *Twitter* inglês, *Instagram* em inglês, então todos em inglês, filmes eu prefiro em inglês, programas de TV também. A única mídia brasileira que eu consumo, é acompanhar o *Big Brother* pelo *Twitter*, que é só o povo *twitando* e pronto (08:34). Note os cinco *Borrowings*: (quatro *Loan shift* – linguagem emprestada, em estrangeirismo); e (um *Loan Word* – palavra emprestada, neologismo *mix & match*), no enunciado desse sujeito.

Já o Sujeito-3, ao também refletir sobre o poder da língua, e a sua escolha pela utilização de uma, ou de outra língua, comenta que essa operação acontece para ela de forma consciente. “Quando eu tô com a minha família, eu fico tranquila porque posso misturar as duas línguas. Agora se é uma pessoa que só fala português, eu vou falar só português, mas vai me faltar as palavras. Aí a pessoa vai me entender” (SUJEITO-3, 2023, 08:04). Então, ela continua: “Se for assim, no caso de uma coisa mais formal, né, e tem que falar português eu sempre pergunto se posso escrever e

responder em inglês. Eu entendo em português, mas para mim responder em português é bem difícil, então se eu puder optar, o meu consciente sempre pergunta, eu posso falar inglês?” (08:19).

No aspecto formal, ela diz que se estiver falando em português com alguém, e tiver a opção de falar só em inglês, principalmente se for em uma situação, ou envolver um conteúdo de um Consulado, ou com um advogado, ela diz que prefere “mil vezes” em inglês, porque em português lhe exigiria pensar mais, para que ela pudesse falar corretamente. “Como eu quero falar direitinho, e não quero falar errado, o inglês é o que é mais fácil para mim. É o que pesa mais. Já em uma situação mais informal, o português, pra mim, fica mais à vontade” (SUJEITO-3, 2023, 08:35). Quanto ao consumo da mídia, ela diz se interessar por ambas, a brasileira e a estadunidense, porque gosta de saber o que está acontecendo nos dois países, no Brasil e nos EUA.

Percebemos que quando colocados para refletir no poder da(s) língua(s) sobre eles, o Sujeito-3 relatou que a língua inglesa tem um “peso”, ou um poder maior para ela, devido a uma maior bagagem de resolução de problemas na língua estrangeira. Acreditamos que isso também se deve a quantidade de tempo que ela mora nos EUA, afinal são mais de 30 anos. Já os Sujeitos-1 e 2 associaram o poder da língua a função que a língua inglesa exerce sobre eles em seus mais diversos meios de comunicação. Inclusive, o Sujeito-2 chegou a fazer uso de um *Loan Word* (Palavra emprestada, em Neologismo *Mix&Match*) ao dizer que a única mídia que tem acesso em português é quando ela fica observando os brasileiros *twitando* sobre o *Big Brother* no *twitter*.

Um outro ponto que merece observação sobre o poder que as línguas portuguesa e inglesa exercem sobre o homem, dessa vez falando sobre o brasileiro em geral (incluindo bilíngues monoculturais/monolíngues), notamos que os mais diversos aplicativos de comunicação, embora sejam utilizados pelas mais diversas nações, no atual mundo globalizado, devido ao fato de terem sido desenvolvidos nos EUA, não encontram a sua tradução nas outras línguas, nem na língua portuguesa. Acreditamos que isso se deve ao fato do poder que a língua, junto ao capitalismo, pode exercer na linguagem humana.

Na nossa percepção, algo interessante que também está associado ao poder da língua, encontra-se em um dos depoimentos de Molloy (2018), na passagem de seu livro, denominada de “bilinguismo imigrante”, quando ela conta o caso de José Ramírez, um salvadorenho que mora nos EUA há alguns anos. Ele possui uma empresa de construção onde trabalham os seus irmãos e alguns colegas, que assim como ele estão realizando o seu *American Dream*. Apesar de ativos, os funcionários do empreendedor são ainda menos bilíngues do que ele, que se diz meio bilíngue, se

virando em um inglês fluente, e meio improvisado, tendo um brilho nos seus olhos toda vez que percebe que seu interlocutor fala espanhol.

O fato, segundo a autora, é que isso deu origem a um idioma intermediário, onde a sintaxe é espanhola, mas o vocabulário técnico, principalmente no que se refere a materiais de construção desconhecidos em El Salvador, é em inglês. “Assim, martelo e furadeira coexistem com *shirra* – que logo aprendi ser *sheetrock* (...). Quando José e seu pessoal vêm fazer algum trabalho aqui em casa eu me pego nessa mistura com total naturalidade, afinal de contas não faço ideia como se diz *sheetrock* em espanhol” (MOLLOY, 2018, p. 28). Nesse caso, embora os funcionários da empresa utilizem a língua espanhola como língua base, os seus materiais e utensílios de construção são todos nomeados na língua inglesa. Compreendemos que isso acontece, mais uma vez, devido ao poder que a língua possui em relação aos fatos circundantes da vida do sujeito em sociedade.

Sabemos que a própria natureza da língua está ligada a uma condição social específica do homem, em que o advir do indivíduo se dá juntamente com o advir da coletividade. Apesar de a princípio a comunicação se realizar em uma língua, de acordo com uma estrutura linguística específica e singular, inseparável de uma sociedade que é definida e particular, acreditamos que em uma posição bilíngue, ao viver em uma sociedade estrangeira, ao imigrante interagir com outros falantes de sua nacionalidade, ele pode ter a sua estrutura linguística de origem alterada em função do poder que a “outra” língua exerce no seu cotidiano. Conforme Dessoins (2006), a sociedade dada com a linguagem, é ao mesmo tempo a condição dessa linguagem.

Na nossa visão, devido ao novo contexto, algumas palavras novas aprendidas da língua estrangeira passam a ter um maior poder de utilização. A função da língua, em determinados domínios da vida, encontra na nova língua estrangeira um maior poder de utilização, o que está relacionado também ao sentido na linguagem do imigrante.

Partindo-se da noção de que a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização, e que o universal (a linguagem como propriedade humana) permite pensar no particular das línguas (singular do homem), percebemos que Benveniste (2006) considera a existência da manifestação languageira de cada falante.

A partir dessa percepção, admitindo que o aparelho da enunciação não é encontrado pronto, mas passa por um processo de construção, através do aparelho formal da língua, constituído por um quadro formal de realização, em que considera-se o ato de dizer (relação do diálogo); a situação (referência e relação com o mundo); e os instrumentos de realização, que apontam para as categorias

de pessoa; de tempo; e de espaço, pudemos refletir sobre o poder da língua através do comentário que o falante imigrante produziu da sua própria percepção enunciativa.

Entendemos que o poder da língua está ligado a função que cada língua exerce para o imigrante, dentro do processo intersubjetivo e intersocial da linguagem, cabendo um olhar voltado para as pessoas envolvidas na interação, eu/tu posições na linguagem (quem enuncia – imigrante brasileiro/para quem se enuncia – tu nativo estadunidense/falantes de outras nacionalidades/conterrâneo brasileiro); para o espaço (novo cenário sociocultural da Flórida); e para o tempo, o agora em que são produzidos seus demais enunciados.

Nesse cenário, dentro de uma interação onde mais de uma língua é possível, passamos agora para o nosso quarto tópico de análise, que se propõe à uma reflexão sobre o que podem testemunhar os nossos entrevistados, em relação ao seu amor pela(s) língua(s). Vejamos a seguir:

Tabela 9. O Amor pela(s) Língua(s)

Reflexões Enunciativas Antropológicas	Questões Norteadores	Recortes da Linguagem	Identificação dos Modos de Linguagem	Pontos de Vista sobre o Objeto (Bilinguismo)
O Amor pela(s) Língua(s)	Você gosta de falar inglês? Você gosta de falar português? Como você se sente ao falar uma ou a outra língua? Você se sente igualmente confortável ao utilizá-las? Quando você está conversando com um conterrâneo, bilíngue como você, em que língua prefere falar? E quando reconhece que um nativo estadunidense sabe falar português, qual a língua que você fala com ele? Para você, qual é a língua mais bonita, e a mais importante? Saberria dizer o por quê?	Sujeito 1: 20:54 21:10 “Eu acho a sonoridade da língua portuguesa mais bonita do que a inglesa”. 21:14 “Eu me sinto confortável falando nas duas línguas, mas em inglês é mais cansativo”.	Sujeito-1: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: Ausente.	Do ponto de vista teórico grosjeaniano (1996), podemos associar o amor pela língua ao comportamento linguístico cultural adquirido na infância (entendido como personalidade). Uma vez bicultural, o
		Sujeito-2: 11:17 “As vezes eu me pego conversando com um americano, pensando no jeito que eu vou falar. Não porque eu não quero falar errado, mas porque eu quero <i>convey</i> , mostrar a minha personalidade para a pessoa, só que a minha personalidade não existe em inglês”. 13:27 “Eu acho a língua portuguesa mais	Sujeito-2: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI, em nove ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 9 <i>Code-switching</i> .	falante dever manter um acordo com as suas duas culturas, sem precisar fazer a escolha por um, ou por outro comportamento linguístico cultural. Do ponto de vista reflexivo, visualizamos o amor pela língua, ligada ao aspecto identitário do sujeito. Benveniste (2005) afirma que a linguagem é um

		bonita, mas a inglesa é mais importante, é a mais universal”.		lugar de marcas identitárias. Assim, entendemos que por mais que o sujeito tente se aproximar da língua estrangeira, ele sempre trará marcas do seu país de origem. Contudo, essa “outra” língua, de alguma forma, também será o “lar” para o imigrante que se depara com essa nova realidade.
		Sujeito-3: 09:22 “Entre beleza, eu não diferencio, entre o português e o inglês. Acho que toda língua tem a sua Beleza”. 09:38 “Quando eu estou conversando com um bilíngue, a gente fala tudo misturado. Não tem problema nenhum”.	Sujeito-3: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI uma vez. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 1 <i>Code-switching</i> .	

Análise 4 – O Amor pela(s) Língua(s):

Para discutir esse quarto tópico de análise, que pretendeu refletir sobre o que dizem os imigrantes sobre o seu “amor pela(s) língua(s)”, nos respaldamos no ponto de vista reflexivo da linguagem, relacionando essa abordagem de gosto, ou amor pela língua, às identificações construídas ao longo da história linguística dos nossos entrevistados. Na propriedade metalinguística da linguagem encontramos a possibilidade de um “eu” comentador falar para “tu” pesquisadora linguista sobre a sua relação com as línguas portuguesa e inglesa (elas). “‘Eu’ fala a ‘tu’ histórias de sua relação com ‘ele’ (a língua). Essa relação necessariamente se faz representar no campo da presença via fenômenos de linguagem em que o falante experiencia a sua, ou de outro qualquer, condição de falante (...)” (FLORES, 2019, p. 315, destaque do autor).

Nesse contorno de sentido, percebemos que os Sujeitos-1 e 2, embora de formas diferentes, demonstraram uma maior admiração pela língua portuguesa, comentando acha-la mais bonita, onde o Sujeito-1 associou a sua beleza à sua sonoridade; e o Sujeito-2 atribuiu a sua beleza à sua musicalidade, e a aspectos de sua própria personalidade. Já para o Sujeito-3 ambas as línguas são igualmente bonitas, porque cada uma delas possui a sua beleza, e o seu poder.

Quanto ao ponto de vista da teoria do bilinguismo grosjeaniana (2013), na nossa visão, o fator “beleza da língua”, ou questões referentes ao “amor pela língua” na relação do bilíngue com uma, ou com a outra língua, não encontra grandes destaques. Contudo, identificamos que os nossos três entrevistados se mantiveram no modo bilíngue de linguagem, com a utilização da língua portuguesa como língua base. E embora o Sujeito-1 não tenha apresentado fenômenos entre-

línguas em seus enunciados, os Sujeitos-2 e 3 caminharam ao logo do *continuum* situacional, em um estado de interconexão das línguas, convidando a língua inglesa, nas seguintes ocasiões: Sujeito-2 (nove *Code-switching*); e o Sujeito-3 (um *Code-switching*).

Ao comentar a sua visão sobre esse assunto, o Sujeito-1 diz: “Sempre que um brasileiro fala comigo, eu falo com ele em português. E com o americano, eu falo em inglês, mesmo que ele identifique que eu sou latino e fale comigo em espanhol, eu respondo a ele em inglês” (20:54). Quanto a sonoridade da língua portuguesa, ele diz achar mais bonita do que a da língua inglesa. Mas, fala que hoje se sente confortável falando as duas línguas, apesar de falar inglês ser mais cansativo. “Hoje o inglês não é mais desconfortável, mas continua sendo cansativo. No começo quando eu ia falar com alguém pela primeira vez em um ambiente novo, ou quando ligava para alguém eu ficava com medo. Muitas vezes ficava pensando na minha cabeça o que eu iria falar” (SUJEITO-1, 2023, 21:19).

E continuou exemplificando: “Quando eu ia para o médico, por exemplo, eu ia pensando, criando vocabulário na minha cabeça. Hoje em dia não faço mais isso. Se eu não sei o que quero dizer, eu busco e acho a palavra, então não tem desconforto” (SUJEITO-1, 2023, 21:36). Ele completa: “Ainda tô na fase de descobrir palavras. Construir vocabulário leva um tempo, né! Eu falo português há cinquenta anos, e inglês há quatro” (21:57).

Por sua vez, o Sujeito-2 também confessou sentir-se mais confortável falando em português, porém ela relacionou o seu conforto, a traços do perfil de sua personalidade, dizendo que, às vezes, se pegava falando com um americano e tendo que pensar do jeito que iria falar, não porque tinha medo de falar errado, mas porque queria *convey (Code-switching)* – transmitir a sua personalidade, que, segundo ela, não existe em inglês. “Eu tenho o meu jeito de falar no Brasil, com a minha personalidade de moleque, sabe?! Porque eu me enfiio, e falo... e aí tudo bem? Na minha, aí é nós então, meu mano! Suave! Não existe em inglês, sabe? É outra coisa” (SUJEITO-2, 2023, 11:49). Então diz: “Geralmente, na minha personalidade, eu me sinto mais confortável em falar português” (11:58).

Segundo Moraes (1999), o termo utilizado “língua materna”, ou de origem, significa o lugar de pertencimento e de inscrição do sujeito na linguagem, no qual é sob o arcabouço dessa língua, que as demais línguas se organizam e são aprendidas (MORAES, 1999; BRAZÃO, 2010). No dizer de Deissler (2014, p. 39), “a língua materna é única, inesquecível, nunca silenciada, ela transparece na superfície da fala, mesmo quando uma língua estrangeira é falada”.

Na nossa visão, esse testemunho do Sujeito-2 que coloca o seu amor pela língua portuguesa ligada a traços de sua personalidade, aqui entendido como um lugar de pertencimento, ou identitário, pode também ser interpretado pelo ângulo do comportamento linguístico cultural apreendido por esse falante em sua terra natal. Dentro da teoria do bilinguismo desenvolvida por Grosjean (1996), ao tratar sobre o comportamento bicultural, ele explica sobre a importância dos biculturais de manterem um acordo com as suas duas culturas, sem precisar fazer a escolha por um, ou por outro determinado comportamento linguístico cultural, ou negar uma ou outra cultura. Porque pode não refletir, verdadeiramente, o sujeito bicultural que é, e assim trazer consequências negativas futuras para esse falante, devido a sua insatisfação, e desencontro consigo mesmo em suas línguas e culturas.

Nesse sentido, compreendemos que o amor que o Sujeito-2 tem pela sua língua de origem, diz respeito a sua personalidade, ao seu jeito “moleque” que ela se diz ter. É na língua portuguesa que ela mostra se encontrar com o “eu” que existe dentro dela, com aquilo que ela tem de bonito em sua maneira de falar, e de se comunicar com os seus amigos, mas que ela ainda não encontrou essa mesma forma de se expressar na língua estrangeira. “Agora em questão intelectual, em questão acadêmica, de aprendizado e conteúdo, eu me sinto muito mais explicando um assunto em inglês, do que explicando em português. Se esse assunto não for eu mesma, em questão J., inglês sai mais fácil, eu me dou muito melhor” (SUJEITO-2, 2023, 12:17).

De acordo com Benveniste (2005), a linguagem é um lugar de marcas identitárias, por essa perspectiva, entendemos que, por mais que o sujeito tente se aproximar da língua estrangeira, ele sempre trará marcas da sua pátria. Contudo, para Robin (1999), a segunda língua, chamada “outra”, ou estrangeira, de alguma forma, também é o “lar” para o imigrante que se depara com essa nova realidade. No sentido cunhado por Freud (1919), esse seria, então, o lugar de “exílio” para o sujeito que vive na sociedade escolhida. Por essa visão, os traços da primeira língua, de origem, não se apagam, porém os traços da língua estrangeira, outra, produzem novas marcas, que, no entanto, modificam a sua assinatura e o seu “Eu”.

Percebemos, interessantemente, que o amor do Sujeito-2 pela língua portuguesa remete-se aos seus aspectos pessoais, que carregam os traços da sua personalidade, do seu comportamento cultural adquirido na sua infância, onde, ao se enunciar, ela encontra uma maior naturalidade, em falar como ela realmente é, porque essa é a sua base linguística, por onde enxergou primeiro o mundo, e se reconheceu enquanto sujeito. Já a sua relação com a língua inglesa está ligada ao seu

domínio “escola”, ao seu ambiente escolar e de aprendizagem, que também possui uma importância na sua vida, porque está atrelada aos seus conhecimentos intelectuais adquiridos.

Sobre a sua preferência em utilizar a língua de origem, ou estrangeira com as pessoas de seu contorno social, ela diz sempre buscar falar a língua natal de cada um, com quem ela vai se comunicar, se é um americano, ela prefere falar inglês, se é um brasileiro, gosta mais de falar português. Agora se é um espanhol, aí prefere o inglês porque o espanhol ainda está aprendendo.

Quanto a beleza da língua, ela diz que embora a língua portuguesa seja a mais bonita, a inglesa é a mais importante porque é a universal. “Eu posso saber português inteiro, se alguém me solta em qualquer país eu não vou conseguir falar com as pessoas em português, mas eu vou conseguir falar se eu falar inglês” (SUJEITO-2, 2023, 13:27). Contudo, ela diz que português é mais bonito, e que em inglês as palavras são meio reutilizadas, como os *phrasal verbs* (*Code-switching*) – verbos compostos, *I close up, I look up* (Eu fecho, eu pesquiso – dois *Code-switching*).

Assim como os verbos que também repetem as palavras, e são mais regulares e previsíveis, como *look, looked, looks* (três *Code-switching*). Já em português ela diz ser mais rebuscado, e encontra-se uma maior variedade, como olha, olho, olham, olhamos, olheis, olhar. “É como se a língua fosse mais construída, e o jeito de falar também americano, eu percebo que eles têm um jeito de falar parecendo que eles estão tudo meio sério, mas é o tom do inglês, sabe!” (14:08).

Para melhor explicar a sua percepção sobre a língua inglesa, ela exemplificou ainda: “Se eu falar, em português, ah eu fui ali na padaria e comprei dois pães, eu tô falando normal. Agora se eu falo, *I went to the bakery and bought two breads*, em inglês, parece que a voz fica meio assim, rígida. Agora português parece que flui mais” (SUJEITO-2, 2023, 14:22). Perceba a utilização do *Code-switching* na construção de uma frase completa, nesse enunciado, onde a língua portuguesa vinha sendo apresentada como língua matriz, e a inglesa surgiu como língua convidada.

Considerando ainda a beleza da língua, ela diz que tem a história da língua: “O inglês tem os britânicos, somente uma influência aqui, e outra ali. Agora o português tem o italiano, tem o português, tem o espanhol, tem o francês, o inglês tem tudo uma combinação de língua românica, língua não românica. A língua portuguesa é mais artística” (SUJEITO-2, 2023, 14:35). Resumidamente falando, ela diz: “A língua inglesa é muito objetiva. Pra mim, o inglês é resumido a praticidade, não sei, parece que é prático. Agora o português tem uma musicalidade, é mais questão de fluir, mais de *flow*” (15:22). Note a ocorrência de um *Code-switching* em seu enunciado.

Já o Sujeito-3 confessou que em termos de beleza, ela não consegue diferenciar uma língua da outra, e diz não ter opção porque acha ambas as línguas bonitas, onde o português, assim como o inglês tem a sua própria beleza. Quanto em termos de preferência: “Quando eu tô com um bilíngue, com as pessoas que falam português e inglês, a gente fala misturado e não tem problema nenhum. Quando eu tô com uma pessoa que só fala português, aí eu me esforço, né, pra falar só o português! Agora se a pessoa falar só em inglês, né, é super fácil... é bem mais fácil” (SUJEITO-3, 2023, 09:38).

Assim, ela relata que quando se depara com um monolíngue da língua inglesa, ela não sente a necessidade de utilizar palavras em português, porém quando interage com um monolíngue da língua portuguesa, constantemente, sente que lhe faltam palavras, e termina trazendo palavras em inglês para as suas conversas. “Acho que em inglês é mais fácil porque já estou aqui por tanto tempo. Eu uso mais o inglês, né! Por exemplo, quando eu morava em *New Jersey*, eu tinha muitos amigos brasileiros, eu trabalhava com português de Portugal, então eu falava muito em português” (SUJEITO-3, 2023, 10:26). E diz ainda: “Mas, quando eu vim para Flórida e eu comecei a trabalhar na escola, aí o inglês tornou mais...como é que fala a palavra...eu não sei em português...foi mais constante. Tornou um hábito maior. Isso. E o inglês se tornou mais fácil” (10:50). Note a ocorrência do *Code-switching* para falar de onde ela morou antes da Flórida, e a dificuldade em encontrar a palavra “hábito”, na língua portuguesa.

De maneira geral, todo esse processo da relação sujeito-línguas, conforme Eckert-Hoff (2016), deve ser pensado como investimentos do sujeito de forma consciente e inconsciente, dentro da subjetividade, e do seu aspecto identitário, ao longo de sua história de formação linguística.

Percebemos a possibilidade de haver, ao mesmo tempo, um processo de vários sentimentos na relação do sujeito com a(s) sua(s) língua(s), assim como: amor, admiração, captura, enraizamento, hospitalidade, exílio, necessidade, esquecimento, ruptura, rejeição (apesar de esse último não ter sido aqui, o caso de nossos entrevistados), entre outros. “Em vista disso, a relação dos sujeitos-enunciadores com as línguas deixa rastros, ressonâncias, produz memória, desse modo incidindo e desdobrando, inevitavelmente, efeitos e transformações na constituição da subjetividade” (ECKERT-HOFF, 2016, p.11).

Por essa perspectiva, seguimos agora para o nosso quinto tópico de análise, o qual vem refletir sobre o testemunho dos nossos entrevistados, em relação aos seus comentários (contorno de sentido) sobre o emprego da(s) suas línguas. Acompanhe abaixo:

Tabela 10. O Emprego da(s) Língua(s)

Reflexões Enunciativas Antropológicas	Questões Norteadores	Recortes da Linguagem	Identificação dos Modos de Linguagem	Pontos de Vista sobre o Objeto (Bilinguismo)
<p>O Emprego da(s) Língua(s)</p>	<p>Quando você está falando, já se pegou indeciso em que língua se expressar? Sabe dizer se houve algum momento em que ficou confuso em utilizar uma palavra ou outra, das duas línguas? Já se viu falando, usando palavras das duas línguas, para expressar um só pensamento, na mesma frase, com a mesma pessoa e no mesmo contexto? Ao escolher pela utilização de uma língua, já sentiu lhe faltar palavras naquela língua, e assim trazer, involuntariamente, palavras emprestadas da outra língua para expressar aquilo que deseja?</p>	<p>Sujeito-1: 23:30 “Tem gente que fala: a gente vai <i>startar</i> o processo porque daqui a pouco eu tenho um <i>dead end</i>, e isso e aquilo...eu não faço isso. Ou eu falo português, ou eu falo em inglês. Eu não fico querendo ‘aportuguesar’ palavras em inglês, ou colocar palavras em inglês no meio da frase, em português”.</p>	<p>Sujeito-1: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI, em nove ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 6 <i>Code-switching</i>; e 3 <i>Borrowings (Loan Word - Palavra Emprestada, com Neologismo Mix&Match)</i>.</p>	<p>Na visão teórica do bilinguismo desenvolvida por Grosjean (1996, 2013), o emprego das línguas pode ser explicado, através dos modos de linguagem, monolíngue e bilíngue, e do movimento que o falante bilíngue e bicultural, pode realizar ao longo do <i>continuum</i></p>
		<p>Sujeito-2: 16:57 “Então, eu tava falando que o meu irmão tava no Brasil, aí em vez de falar...aí ele aproveita, ele admira as coisas simples da vida, eu falei não... ele <i>enjoy</i> as coisas simples da vida. Mas depois eu falei... gente como que fala em português... aproveita, gosta...não é isso! Ele <i>enjoy!</i> Não é a mesma coisa”</p>	<p>Sujeito-2: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI, em onze ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 11 <i>Code-switching</i>.</p>	<p>situacional, apontando para o estado de ativação, ou desativação de suas línguas; Já do ponto de vista reflexivo, de acordo com Benveniste (2006), “As condições de emprego das formas não são, em nosso modo de entender, idênticas às condições de emprego da língua. São, em realidade, dois mundos diferentes...” (p. 81).</p>
		<p>Sujeito-3: 13:33 “Quando estou falando com um brasileiro, mesmo com aqueles que não falam o inglês <i>at all</i>...aí viu? Faltou aqui...<i>at all</i>... palavras em inglês, sempre surgem”.</p>	<p>Sujeito-3: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI, em duas ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 3 <i>Code-switching</i>.</p>	<p>Por essa perspectiva, a linguística como reflexão antropológica visa um saber sobre as línguas, a partir da experiência linguística, única e particular de cada falante.</p>

Análise 5 – O Emprego da(s) Língua(s):

Conforme discutimos, o emprego das línguas na visão teórica grosjeaniana do bilinguismo pode ser explicado através dos modos de linguagem, monolíngue e bilíngue, que se constitui no movimento que o falante bilíngue e bicultural pode realizar ao longo do *continuum* situacional de linguagem. De acordo com os estados de ativação, ou desativação de uma ou da outra língua, ou de um estado o qual ambas as línguas se mantêm ativadas, podemos encontrar as ocorrências dos mais diversos fenômenos entre-línguas.

Por outro lado, do ponto de vista reflexivo enunciativo antropológico, Benveniste (2006, p. 81) afirma que: “As condições de emprego das formas não são, em nosso modo de entender, idênticas às condições de emprego da língua. São, em realidade, dois mundos diferentes, e pode ser útil insistir nesta diferença, a qual implica uma outra maneira de ver as mesmas coisas, uma outra maneira de as descrever e de as interpretar”.

Iniciando, então, pela perspectiva teórica, compreendemos que ambos os sujeitos nesse quinto tópico, uma vez provocados a refletirem no “emprego da língua”, e conseqüentemente, na ocorrência de fenômenos entre-línguas em seus enunciados, eles mantiveram as duas línguas ativadas em um estado maior de interconexão, se comparado aos tópicos anteriores. Em modo bilíngue de linguagem, os três entrevistados fizeram uso da língua portuguesa (LP) como base, caminhando pelo *continuum* situacional, convidando a língua inglesa (LI) em alguns momentos, apresentando os seguintes fenômenos linguísticos: Sujeito-1 (seis *Code-switching*; e três *Borrowings: Loan Word* - Palavra Empréstada, com Neologismo *Mix&Match*); Sujeito-2 (onze *Code-switching*); e o Sujeito-3 (dois *Code-switching*).

Quando pensamos no ponto de vista reflexivo, compreendemos que a linguagem tem um caráter universal, no qual a sua função essencial é significar. Assim, as palavras significam e juntas podem compor inúmeras construções sintáticas, com combinações lexicais diferentes, capazes de significar e expressar a mensagem desejada. Também entendemos que a enunciação possui categorias que assumem formas específicas em diferentes línguas, e assim, conforme Flores (2019) se faz necessário que todas as línguas apresentem em sua organização uma configuração gramatical que comporte as categorias da enunciação.

Segundo o autor, é contingente à cada língua os termos pelos quais essa configuração se organiza, como na estrutura das escolhas lexicais, gramaticais entre outras, o que se dá com “a ajuda de indicadores autorreferenciais correspondentes a cada uma das classes formais que o idioma reconhece” (BENVENISTE, 2005, p. 282). Contudo, analisamos aqui as possíveis mudanças ocasionadas na organização das cadeias sintagmáticas, enunciadas a partir de sujeitos bilíngues, as quais compõem-se da junção de escolhas paradigmáticas, que combinam signos linguísticos de duas línguas, desobedecendo regras gramaticais de ambos os sistemas linguísticos.

Na nossa percepção, os fenômenos entre-línguas surgem “desestruturando” as regras gramaticais de uma, ou da outra língua para acomodar o *Code-switching*, ou *Borrowings*, no movimento de um encontro do falante imigrante, com um sentido mais fidedigno daquilo que se pretende comunicar.

Por esse viés, sendo próprio à todas as línguas, a função de comunicar da linguagem, consequentemente a enunciação impõe, de acordo com Flores (2019), uma organização à experiência humana na linguagem. Essa hipótese implica uma “teoria”, ou melhor dizendo, uma reflexão sobre a linguagem que coloca em evidência o exercício do diálogo, associado às relações entre sujeitos, e destes com o mundo, tomando o homem em sua natureza simbólica, em direção a uma visão antropológica da linguagem.

Nesta tese, contudo, discutimos sobre uma relação entre sujeitos, em um mundo voltado ao contexto imigratório estadunidense, que traz consigo uma experiência linguística diferente daquela em que viveu a sua existência inicialmente sustentada, em que o falante se vê, internamente questionado em utilizar ora uma língua, ora a outra. Vejamos o que dizem os nossos sujeitos entrevistados sobre as suas organizações linguísticas, em seus mais diversos enunciados, ao empregar a língua portuguesa, e a inglesa, em seu novo cenário linguístico e sociocultural.

Para o Sujeito-1, já aconteceu várias vezes de ele tentar falar uma expressão em uma língua, para explicar algo em outra língua, porque, segundo ele, tem palavras específicas em inglês que não existe em português, e vice-versa. “Agora uma coisa que eu não faço e que eu acho feio, e eu vejo muita gente fazendo, é colocar palavras em inglês, no meio da frase em português sem contexto. Eu vou te dar um exemplo, e muita gente faz isso. Eu acho isso horrível, e eu não faço isso” (SUJEITO-1, 2023, 23:10). Tem gente que fala: “a gente vai *startar*⁴⁴ o processo porque

⁴⁴ Tradução nossa: *Startar* (o verbo da língua inglesa “*to start*”, une-se ao verbo da língua portuguesa “começar”). *Borrowing* (*Loan Word* - Palavra Emprestada, com Neologismo *Mix&Match*).

daqui a pouco eu tenho um *dead end*⁴⁵, e isso e aquilo...eu não faço isso. Ou eu falo português, ou eu falo em inglês. Eu não fico querendo ‘aportuguesar’ palavras em inglês, ou colocar palavras em inglês no meio da frase, em português” (SUJEITO-1, 2023, 23:30). Note o *Borrowing (Loan Word - Palavra Emprestada, com Neologismo Mix&Match)*; e *Code-switching* nesse enunciado que pretende dizer: “A gente vai começar o processo porque daqui a pouco eu tenho um prazo final”.

Ao achar esse comportamento linguístico feio e estranho, o Sujeito-1 diz que não gosta, e que isso não mostra que ninguém é bilíngue. “Eu tenho algumas pessoas que passam o dia inteiro fazendo isso. *Parkear*⁴⁶, por exemplo, eu vejo várias pessoas falando. Eu não uso. Acho horrível. Eu não falo de jeito nenhum” (23:52). Interessantemente, nesses comentários, ao nosso entrevistado utilizar a expressão “aportuguesar” para explicar os enunciados que ele ouve com frequência, ele está identificando as ocorrências do *Borrowing (Loan Word - Palavra Emprestada, com Neologismo Mix&Match)*. E as do *Code-switching* quando ele se refere às palavras em inglês colocadas no meio da frase em português, na mesma sentença.

Por outro lado, esse mesmo Sujeito-1 disse que em seu ambiente de trabalho tem muitas situações de palavras em inglês, que só existe em inglês. São palavras que explicam ou descrevem uma ação complexa. “A palavra *squash*, por exemplo...quando você tem um carro que tem um financiamento, e que tem um valor para ser quitado. Eu vou utilizar o que eu tenho para receber de um novo financiamento, para quitar essa diferença, e ficar com o restante. Mas, não tem esse processo de *squash* em português” (24:31). Então, como não tem uma palavra única que explique essa ação em português, ele diz que fica mais fácil falar em inglês, caso contrário, a ação teria que ser toda explicada em seu sentido literal.

Para o Sujeito-1, esse tipo de utilização de uma palavra em inglês, no meio da frase em português (*Code-switching*) pode ser justificado. Ele diz ser tranquilo, e ser comum de acontecer em seus enunciados porque uma única palavra já diz tudo. “Isso acontece. O que acontece também é de eu esquecer a palavra em português. Eu achava que isso nunca ia acontecer comigo, e acaba acontecendo. De você pensar na palavra primeiro em inglês, e não tem em português. E buscar a palavra em inglês fica mais fácil. Isso acontece no meu trabalho” (SUJEITO-1, 2023, 25:35).

⁴⁵ Tradução nossa: *Dead end* (prazo final), em ocorrência de *Code-switching*.

⁴⁶ Tradução nossa: “Parkear” (o verbo da língua inglesa “to park”, soma-se ao verbo “estacionar” da língua portuguesa). *Borrowing (Loan Word - Palavra Emprestada, com Neologismo Mix&Match)*.

Contudo, de maneira geral, ele diz não gostar de colocar palavras em inglês dentro da frase que ele está falando em português. Se é uma palavra em inglês de uso comum, como deletar *Borrowing (Loan Shift - Linguagem Emprestada, com Estrangeirismo)* tudo bem. Mas, caso não, se ele quer usar uma palavra em inglês, ele comenta que faz isso de maneira diferente: “Eu explico, eu falo assim... tem um termo em inglês que significa isso, que quer dizer isso, eu explico para a pessoa. Eu não ‘aportugueso’ a palavra em inglês, falando em português, e nem coloco palavras soltas. Eu tenho amigos que colocam palavras soltas de inglês, na mesma frase de português” (SUJEITO-1, 2023, 26:57).

Melhor exemplificando, ele diz: “Deixa eu contar...tem uma operadora de banco que ela fala assim...em vez de falar ‘o seu contrato foi pago’, ela não fala assim. Ela fala, ‘L. o seu contrato foi *funded*’. Não tem sentido falar *funded* quando o seu contrato foi pago. Não existe essa expressão assim” (SUJEITO-1, 2023, 27:17). Perceba que o fenômeno linguístico que o nosso entrevistado tenta explicar, é justamente o *Code-switching*, de ocorrência frequente no enunciado da agente bancária brasileira, do banco em que ele diz ter conta na Flórida.

Veja a percepção que ele tem sobre a maneira como a funcionária do banco se enuncia: “Ela fala muito inglês no meio da frase em português. E fica até...não é pedante, mas soa ridículo. Eu nem gosto muito de conversar com ela. É como dizer, ah Monika o seu jantar está *ready*. Ou está pronto, ou não está pronto” (27:41). Continua: “O seu jantar *is done*. O seu jantar *is done* não...*or your dinner is done*, ou o seu jantar está pronto” (27:49). Note as diversas demonstrações críticas do Sujeito-1, das frequentes ocorrências de *Code-switching* nos enunciados dos imigrantes.

Na visão dele: “tem muita gente que faz isso pra dizer que sabe falar em inglês. Eu acho isso horrível. Eu não faço isso. Ou eu falo em português, ou em inglês. Eu não misturo os dois idiomas. Palavras de uso comum, como deletar tudo bem. Não é uma coisa que eu inventei, só para mostrar que eu tenho vocabulário em inglês” (28:11). Veja que quando se trata do uso de palavras em inglês no meio da frase que tem o português como língua base, com ocorrências de *Borrowing (Loan Shift - Linguagem Emprestada, com Estrangeirismo)*, e de *Code-switching* com palavras que descrevem uma ação complexa ele se diz receptivo.

Por outro lado, com uma visão antagônica a do primeiro sujeito entrevistado, o Sujeito-2 diz que misturar as palavras em inglês e português na mesma frase é o que mais acontece em sua linguagem. “Minha mãe zoa de mim o tempo inteiro. Volta e meia ela diz ah... você falou isso...e

eu digo... e como é que é? Ah... é assim. Então tem muito isso de eu ficar confusa. E as vezes as duas línguas se misturam, e eu nem percebo que estou misturando” (SUJEITO-2, 2023, p. 16:26).

Logo em seguida, ela relata a ocorrência de um *Code-switching* recorrente quando ela tem o português como língua base, e deseja falar uma determinada palavra na língua inglesa, que para ela é insubstituível, porque a língua portuguesa não consegue traduzir com fidelidade o que a ação representa, mesmo havendo uma “tradução” para esta palavra em português: “Uma coisa que eu fui perceber esses dias que virou parte do meu vocabulário é que quando eu quero dizer que alguém tá gostando de algo, aproveitando algo, eu uso automaticamente *enjoy*” (SUJEITO-2, 2023, 16:50). Melhor explicando: “Então, eu tava falando que o meu irmão tava no Brasil, aí em vez de falar...aí ele aproveita, ele admira as coisas simples da vida, eu falei não... ele *enjoy* as coisas simples da vida. Mas depois eu falei... gente como que fala em português...aproveita, gosta, não é isso! Ele *enjoy*! Não é a mesma coisa” (16:57).

Percebemos, nesse testemunho do Sujeito-2, que a palavra “*enjoy*” possui um sentido maior para ela, dentro daquilo que ela pretende expressar, que não condiz, fielmente falando, com o mesmo significado que a palavra gostar, ou aproveitar exerce na língua portuguesa, em sua experiência linguística. “Eu tenho muito isso com a palavra “legal” e “cool”. Para mim, legal é uma coisa assim, legal...ah legal. Agora, em inglês, o legal é um negócio...nossa mais admirável, é uma coisa bacana. É como se o *cool* fosse mais legal, do que o legal, sabe?” (17:36). Ao mesmo tempo, ela diz que em inglês também não tem uma palavra que traduza esse legal, com a mesma entonação, ou sentido utilizado no sistema linguístico da língua portuguesa. “Em português é mais fraco, mas também não tem uma palavra em inglês que seja fraca, e nem uma palavra, em português, que seja forte. Quando as pessoas aqui falam *cool*, elas falam com muita ênfase...*wow that's so cool!*” (18:07). Note o conjunto de *Code-switching* em todo o enunciado do Sujeito-2.

Para Flores (2019), tratando-se do *Homo loquens*, a mais primordial função da linguagem é a função simbólica que faz com que, de certa maneira, a linguagem organize a experiência humana. Uma vez que a linguagem é de natureza simbólica, a consideração da realidade é também simbólica, e somente o homem, como animal simbólico, pode, via linguagem, criar uma realidade. Percebemos que, a partir de uma posição de entremeio linguístico e cultural, os nossos entrevistados possuem uma visão de mundo, inicialmente construída através da língua portuguesa, mas que agora se vê modificada, diante do que a visão de sua nova língua lhe oferece.

Continua o Sujeito-2: “Eu tenho isso. As palavras que eu mais uso, que eu mais empresto, geralmente eu não costumo emprestar do português, porque geralmente quando eu tô falando inglês eu não posso emprestar porque ninguém vai entender, né! Agora, de vez em quando, em inglês, as pessoas entendem, né!” (SUJEITO-2, 2023, 19:27). E diz ainda: “Mas então, quando eu tenho isso de querer emprestar uma palavra de português, geralmente eu explico a palavra que eu quero usar...ah quando eu vou falar saudade, ou cafuné, por exemplo, eu explico...*Can you make me... there's this word in portuguese that's like, you pat your head, means cafuné, can you do that?*”⁴⁷ (SUJEITO-2, 2023, 19:51). Então ela fala: “Eu explico a palavra, ao invés de só pegar, emprestar, sabe?” (19:59). Veja a ocorrência do *Code-switching*. Ela diz que o mesmo pode acontecer com a palavra “saudade”. É comum ecoar nos ouvidos, ou nas falas dos brasileiros amantes de sua língua: “A palavra saudade só existe na língua portuguesa”. Não há tradução tão valorosa desse sentimento em nenhuma outra língua do mundo.

Se por um lado, no emprego de sua língua, ao estar se enunciando em inglês como a sua língua base, e ela desejar “convidar” uma palavra da língua portuguesa, ela necessitar explicar, ou descrever a palavra antes de utilizá-la; por outro lado, ao se enunciar na língua portuguesa como língua matriz, e desejar, dessa vez, “convidar” uma palavra em inglês, ela diz fazer isso com naturalidade, porque as chances de seu interlocutário lhe compreender são muito maiores: “Agora em inglês eu falo naturalmente, as palavras que eu mais empresto, como falei, são *enjoy, cool, average*, sabe...porque eu não gosto de falar...ah a média...não! *Average*... não sabe tipo...ai, por exemplo, ai calma, aí viu que eu... Aff o brasileiro médio não! *Average brazilian*. Não fica igual ((SUJEITO-2, 2023, 20:12).

Então, ela diz que há uma lista de palavras da língua inglesa que ela tem a preferência de utilização para explicar determinadas situações que deseja expressar, mesmo quando a língua portuguesa se apresenta empregada como língua matriz, e assim, nessas circunstâncias, presenciamos as ocorrências do *Code-switching*. “*Acurate* também, tipo na lata, né! Por exemplo, alguém fala alguma coisa...ah dois mais dois é quatro, aí eu falo, eu acho mais *acurate* falar que dois vezes dois é quatro. Ao invés de falar mais correto, eu falo *acurate*. Tem várias palavras, mas eu nem percebo” (SUJEITO-2, 2023, 21:09).

⁴⁷ Tradução nossa: “...você pode fazer...tem uma palavra em português, que é como, você alisa a cabeça, significa cafuné, você pode fazer isso em mim?”.

Para além da mistura paradigmática, entre signos de uma língua e de outra, dentro de uma mesma cadeia sintagmática, o Sujeito-2, mais uma vez, associou o efeito das duas línguas sobre ela, ligado ao fator personalidade. “Até porque é meio que como se fosse uma quebra de personalidade. Então, lembra que eu falei que o inglês é uma língua mais didática pra mim, que eu explico mais as coisas...quando vem o português é como se a parte de mim, é o meu ‘eu’...sabe, porque a minha primeira língua é o português” (SUJEITO-2, 2023, 22:18). E diz: “Então, o inglês ele tá por cima do português. Português é a base, o inglês tá por cima” (SUJEITO-2, 2023, 22:21).

Nesse mesmo contorno de sentido, ao refletir sobre as ocasiões que lhe faltam as palavras na língua inglesa, ela diz passar por uma mudança de personalidade, quase como se ela, ao buscar uma outra palavra, diferente daquela que deseja expressar, se afastasse do seu “eu”. “Então parece que na hora que eu não sei a palavra, eu meio que quebro assim... eu tenho que ficar pensando, como se fosse uma quebra de personalidade e naquele momento ali eu tenho que parar e pensar para explicar o que eu quero dizer” (SUJEITO-2, 2023, 22:37).

Contudo, ela diz que essas ocorrências em que lhe faltam as palavras, pode acontecer em ambas as línguas. “Então, no português, como no inglês, que também faz parte da minha personalidade, mas não é minha personalidade principal, ela vem com mais naturalidade. Agora no inglês, que é uma personalidade mais forçada, uma personalidade que eu montei, né!” (SUJEITO-2, 2023, 22:50). Continua dizendo: “Quando ocorre esse negócio de não lembrar a palavra, eu meio que sempre na hora falo, calma... eu fico meio perdida. Uma das coisas que eu mais falo quando isso acontece, é...*my english is not working today*⁴⁸! Eu uso muito isso na aula” (22:55). Note o *Code-switching* no enunciado dessa entrevistada.

Para concluir, ela diz: “Ai sei lá o que...aí eu tento explicar, e começa a travar...*do you know what...sorry, my english is not working today*. Eles falam... ‘*it’s ok, take your time, take your time*’⁴⁹”(SUJEITO-2, 2023, 23:16). E completa: “Aí eu tento explicar a palavra que eu tava falando em português. É uma quebra de personalidade naquele momento. É como se a J. que estivesse dentro de mim, tivesse cansada de falar inglês” (23:20).

Por sua vez, o Sujeito-3 comentou que sempre que está falando em português, e sente a necessidade de pegar emprestada uma palavra em inglês, “que normalmente é o que acontece

⁴⁸ Tradução nossa: “...o meu inglês não está funcionando hoje!”

⁴⁹ Tradução nossa: “...sabe do que...desculpa, o meu inglês não está funcionando hoje...eles falam...tudo bem, não tenha pressa, não tenha pressa”.

sempre comigo, eu falo inglês, e digo...você entende? E daí eu tento pensar como é que fala essa palavra em português, e assim vai. Eu até uso o *Google Translate*, às vezes, para poder ver a palavra que é em português, mas quando isso é uma comunicação escrita” (SUJEITO-3, 2023, 11:52). Porque quando se trata de uma comunicação oral, de certa forma, ela diz que a pessoa com quem ela está interagindo, o “tu” do processo intersubjetivo da linguagem, sempre entende o que ela está dizendo. “Às vezes, eu digo...como é que fala mesmo aquela palavra, aí a pessoa com quem eu tô falando me ajuda com a palavra. Coisa que sempre só acontece quando eu tô falando português. Nunca acontece se eu estiver falando inglês com um americano, que só fala inglês, o português nunca vem, 100%” (12:53). Note a ocorrência do *Code-switching*.

Nesse viés, contrário de quando ela está falando em inglês com um estadunidense, que palavras em português nunca surgem como convidadas, ela diz: “Quando estou falando com um brasileiro, mesmo com aqueles que não falam o inglês *at all*...aí viu? Faltou aqui...*at all*... palavras em inglês, sempre surgem⁵⁰” (SUJEITO-3, 2023, 13:33). Veja as ocorrências do *Code-switching*.

Compreendemos que os nossos três entrevistados, cada um dentro da sua realidade linguística, considerando-se tempo de permanência nos EUA, ambientes em que frequentam, pessoas de seus convívios, e circunstâncias vividas, puderam testemunhar ocorrências de fenômenos entre-línguas em seus enunciados quando colocados para refletir no emprego das duas línguas (inglesa/portuguesa). Conforme Benveniste (2006, p. 82), coisa bem diferente do emprego das formas, é o emprego da língua. “Trata-se aqui de um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira. A dificuldade é apreender este grande fenômeno, tão banal que parece se confundir com a própria língua, tão necessário que nos passa despercebido”.

Para Flores (2019), os efeitos e as manifestações práticas do *Homo loquens* na sua relação consigo mesmo, e nos fenômenos nos quais se inscreve como falante, encontra abrigo no que ele chama de a língua no homem. Nesse viés, percebemos o efeito de ambas as línguas refletindo nos enunciados dos nossos entrevistados, ao verificarmos o emprego da(s) língua(s) com deslizos no sistema linguístico, entre paradigmas de ambas as línguas em uma mesma cadeia sintagmática.

Seguimos agora para o nosso sexto tópico de análise, passando a refletir sobre o contorno de sentido dos nossos entrevistados no que diz respeito ao sentido na linguagem. Vejamos abaixo:

⁵⁰ Tradução nossa: “*at all*” – absolutamente nada.

Tabela 11. O Sentido na Linguagem

Reflexões Enunciativas Antropológicas	Questões Norteadores	Recortes da Linguagem	Identificação dos Modos de Linguagem	Pontos de Vista sobre o Objeto (Bilinguismo)
<p>O Sentido na Linguagem</p>	<p>Quando você escolhe pela utilização de uma das línguas, e surge a necessidade de trazer a outra língua, você se percebe preocupado em obedecer às regras sintáticas do idioma, ou, para você, o sentido é mais importante do que as normas gramaticais? Saberá citar algum exemplo em que fez uso das duas línguas na mesma frase, ou na mesma palavra? Acredita que esse processo é proposital, ou inconsciente? É constante, ou circunstancial? Você acredita falar assim porque faz mais sentido, ou porque lhe faltam palavras, em uma ou na outra língua? Você acha que isso acontece devido ao fato de estar morando nos EUA?</p>	<p>Sujeito-1: 33:57 “Quando eu não entendo uma palavra em inglês, eu pergunto qual o significado... <i>what’s the meaning</i> da palavra...eu não uso essas <i>filler words</i>, que a gente chama de palavras de preenchimento. Ou eu falo inglês, ou português, ou espanhol”.</p>	<p>Sujeito-1: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI em quatro ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 4 <i>Code-switching</i>.</p>	<p>Do ponto de vista teórico, o sentido transformado em palavras pode ser justificado na visão de Grosjean (2013), através do modo bilíngue de linguagem, onde os fenômenos entre-línguas ocorrem de maneira natural e compreensível, visto que ambos os interagentes</p>
		<p>Sujeito-2: 30:22 “olha aqui eu <i>Twittando</i>... ‘meu professor de anatomia simplesmente tudo pra mim...a gente conversando depois da aula e rindo, <i>bonding over the fact that we’re both</i> muito perfeccionistas, quietinhos e ficamos empolgados com organização tipo???” Que coisa mais fofa”.</p>	<p>Sujeito-2: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI em onze ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 10 <i>Code-switching</i> e 1 <i>Borrowing (Loan Word - Palavra Emprestada, com Neologismo Mix&Match)</i>.</p>	<p>compartilham o conhecimento das mesmas línguas. Assim como no ponto de vista reflexivo, entendemos que esses fenômenos são reduto de sentido para aqueles que falam. A forma não se opõe ao sentido. O sentido reúne os procedimentos de comunicação compreendidos por um grupo de locutores, e a forma</p>
		<p>Sujeito-3: 16:10 “Pra mim, é mais fácil falar eu vou <i>parkear</i> o carro. Não existe <i>parkear</i> o carro. Às vezes, eu falo eu vou estacionar o carro. Eu sei que <i>parkear</i> é errado, mas esse é o dialeto que a gente absorveu, porque tu</p>	<p>Sujeito-3: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou no <i>continuum</i> convidando a LI em oito ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 4 <i>Code-switching</i>; 3 <i>Borrowings (Loan Word - Palavra Emprestada/</i></p>	<p>é a matéria ou o arranjo formal dos elementos linguísticos. “Significar é ter um sentido, nada mais. E este <i>sim</i> ou <i>não</i> só pode ser pronunciado por aqueles que manuseiam a língua, aqueles para os quais esta língua é <i>a língua</i></p>

		começas a misturar né...”.	Neologismo <i>Mix&Match</i>); e 1 <i>Between-Language Deviation</i> .	e nada mais” (Benveniste, 2006, p. 227).
--	--	----------------------------	--	--

Análise 6 – O Sentido na Linguagem:

Sabemos que a investigação de como o “sentido” se forma em palavras se apresenta como uma segunda abordagem possível de se estudar a enunciação, e esta está ligada ao aspecto de semantização da língua, onde destaca-se a conversão individual da língua em discurso. Esse eixo, que embasa as análises empreendidas por Benveniste, diz respeito as noções gêmeas da linguagem, às relações entre forma/sentido, semiótico/semântico, compreendendo-se que a linguística do discurso esteja posta de uma nova forma. “Não se trata mais, desta vez, do significado do signo, mas do que se pode chamar o intencionado, do que o locutor quer dizer, da atualização linguística do seu pensamento” (BENVENISTE, 2006, p. 229).

Do semiótico ao semântico, de uma caracterização da propriedade linguística, ao resultado de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação, vemos o autor apresentar uma mudança radical de perspectiva. Volta-se agora um olhar para o funcionamento do espírito, em suas formas diversificadas e engendradas de enunciação. Entendemos que “Uma frase participa sempre do ‘aqui e agora’; algumas unidades de discurso são aí unidas para traduzir uma certa ideia interessante, um certo presente de um certo locutor” (Idem, 2006, p. 230).

Nesse viés, do ponto de vista teórico, compreendemos que ambos os sujeitos nesse sexto tópico, uma vez provocados a refletirem no “sentido na linguagem”, e no desencontro do agenciamento das formas restritas aos sistemas linguísticos de ambas às línguas, e, conseqüentemente, na ocorrência de fenômenos entre-línguas em seus enunciados, mantiveram as duas línguas ativadas em um estado de interconexão das línguas.

A língua portuguesa (LP) esteve em um padrão maior de ativação e se manteve como língua base. Em modo bilíngue de linguagem, os três entrevistados caminharam pelo *continuum* situacional, convidando a língua inglesa (LI) em algumas ocasiões, com os seguintes fenômenos linguísticos: Sujeito-1 (quatro *Code-switching*); Sujeito-2 (dez *Code-switching*; e dois *Borrowings: Loan Word* - Palavra Emprestada, com Neologismo *Mix&Match*); e o Sujeito-3 (quatro *Code-switching*; três *Borrowings: Loan Word* - Palavra Emprestada, com Neologismo

Mix&Match; e uma *Interference: Between-language Deviation* – Interferência: Desvio Entre-línguas, com falso cognata).

Foi muito interessante ouvirmos o Sujeito-1 comentar nesse tópico, algo experienciado por ele nos enunciados de seus conterrâneos que retornavam dos EUA, ainda quando ele morava em Governador Valadares, em Minas Gerais. “Eu sempre trabalhei com carros. Há uns 15 anos atrás eu trabalhei numa concessionária Mitsubishi, numa cidade que tem muita gente vindo pra cá. Então, eu tinha muitos clientes que estavam voltando dos EUA. Eles faziam questão de falar que estavam voltando, colocando a palavra solta em inglês dentro da frase” (SUJEITO-1, 2023, 30:14). Ele diz que, para ele, isso não fazia o menor sentido dentro do contexto da frase. Disse que sempre achou isso ruim. Percebemos, já de início, um certo incômodo no nosso entrevistado sobre o fato de os mineiros de sua cidade falarem com ele alternando entre uma língua e outra, quando ele ainda não tinha o conhecimento da língua inglesa.

Passando-se os anos, já morando na Flórida após mais de quatro anos, e tendo adquirido o inglês, o Sujeito-1 disse que tem o cuidado de falar as palavras corretamente, em ambas as línguas. Sabe distinguir um inglês coloquial, e quando deve falar um inglês formal e informal, buscando falar gramaticalmente correto. E se tem dúvidas, sempre pergunta para um falante em inglês qual é a maneira de expressar o que gostaria. “Como o meu inglês hoje é mais avançado, eu tenho essa preocupação de me expressar corretamente. Talvez quando você tá aprendendo inglês, você quer ser entendido e não tem muita preocupação gramatical. Mas, eu tenho essa preocupação porque eu já falo inglês tem um tempo. Então, eu tenho esse cuidado de falar” (SUJEITO-1, 2023, 32:48).

Quanto aos casos em que ele está falando português e acontece de lhe faltar palavras na língua de origem, ele diz: “Mesmo quando eu esqueço a palavra, eu não boto uma palavra, em inglês no meio, para substituir. Eu pergunto...como é que diz isso aqui em português mesmo?...e completo em português. No meu trabalho é muito comum eu transitar de uma língua para a outra. (SUJEITO-1, 2023, 32:58). E completa: “Eu tô no meio de um ambiente com pessoas falando em inglês, português, e espanhol, e eu consigo falar com os três ao mesmo tempo... eu consigo fazer isso. Mas, eu não trago frases para preencher lacunas. Tanto em português como em inglês eu pergunto” (33:41). No entanto, após afirmar não deslizar entre os sistemas linguísticos, ele fala: “Quando eu não entendo uma palavra em inglês, eu pergunto qual o significado...*what's the meaning* da palavra...eu não uso essas *filler words*, que a gente chama de palavras de

preenchimento. Ou eu falo inglês, ou português, ou espanhol” (33:57). Note as duas ocorrências do *Code-switching*.

Entendemos que devido a uma vivência negativa do passado, o Sujeito-1 tem uma certa resistência em concordar com a naturalidade das ocorrências dos fenômenos entre-línguas, nos enunciados dos imigrantes, justificado em virtude do sentido encontrado pelo locutor, perante a sua experiência linguística. “Na minha experiência pessoal...eu posso estar enganado. Não quero parecer arrogante, mas eu percebo que quanto mais a pessoa fala inglês, menos ela tem a necessidade de mostrar que fala inglês. Quanto menos a pessoa fala inglês, mais ela tem necessidade de colocar palavras de inglês no português” (SUJEITO-1, 2023, 34:34). Na sua opinião, isso acontece “para mostrar para quem tá conversando, para o interlocutor dele, que ele fala inglês. É uma forma de mostrar que ele fala inglês... ele preenche com várias palavras, mesmo que forçadamente” (34:56).

Por outro lado, ele afirma: “Eu não tô falando que não exista isso. Acho que é minoria...acho que é muito mais forçado, principalmente quando a pessoa conversa com alguém que não fala inglês. Eu senti muito mais isso no Brasil do que aqui” (SUJEITO-1, 2023, 35:37). E continua: “No Brasil, quando eu ainda não era fluente, e como gerente de uma concessionária eu atendia clientes que tinham acabado de chegar dos EUA. Eles faziam questão de colocar 10 palavras em inglês, em 20 de português. Isso não tem sentido falar assim...” (35:58). Enfatizou que isso acontece “para demonstrar como se fosse uma espécie de ‘poder’ que eu falo inglês, mesmo que nem saiba falar inglês de verdade. É claro que cada caso é um caso, para mim, eu não acho que misturo. Os idiomas são bem claros e bem separados (36:27).

Ao exemplificar a situação ele diz “Quando eu falo com alguém em português, eu falo...o valor da quitação do seu carro é esse. Quando eu falo em inglês eu digo *pay off*. Tem muitas palavras que eu sei os dois significados. Só que eu uso essas aqui pra falar em português, e essas pra falar em inglês” (SUJEITO-1, 2023, 37:01). E fala ainda: “Eu não misturo as palavras porque pode ser que ele não entenda, e depois porque não faz sentido. Se ele é brasileiro por que eu vou falar inglês com ele? E a mesma coisa com uma pessoa em inglês” (38:03). No entanto, ele explica que as vezes acontece de ele estar falando com alguém em português, “e aí um americano me pergunta alguma coisa em inglês e eu respondo em português. Mas, isso acontece porque eu esqueço de fazer a ‘troca’. Mas, logo falo *Sorry*⁵¹, e aí já começo a falar em inglês. Cada caso é

⁵¹ Tradução nossa: “Desculpa”.

um caso. No meu caso, eu deixo bem separado” (38:41). Veja as duas ocorrências de *Code-switching* nesses enunciados.

Pra finalizar, o Sujeito-1 faz uma analogia da alternância de línguas na mesma frase, com as misturas de expressões utilizadas por falantes das regiões nordeste e sudeste do Brasil. “Não é que os idiomas não interagem, eles interagem, mas é uma interação que acontece...eu vou falar pra você...é a mesma coisa que acontece... vou falar em português... quando eu converso com a minha namorada, eu não converso em nordestino. Eu converso como eu tô conversando agora” (SUJEITO-1, 2023, 39:01). Então diz: “Quando eu quero brincar com ela, eu até falo ‘vixe’, mas não é o meu normal. Eu não converso assim. Ela tem o jeito dela de se expressar em português, e eu tenho o meu. Eu não misturo os dois ‘portugueses’, vamos dizer assim. Então, essa mistura pode até acontecer no mesmo idioma. Eu entendo o que ela fala, brinco com ela às vezes” (39: 14).

Na sua percepção, as ocorrências dos fenômenos entre-línguas, ou até mesmo “entre-expressões regionais” não acontece inconscientemente, em vez disso, ele pensa: “Eu não faço essa forçação de barra de interagir os dois idiomas. Tem palavras que ela fala que eu não sei o significado, ou que tem um significado diferente pra mim. Uma vez ela falou que tava abusada. Abuso pra mim, no meu português é uma coisa pesada, e pra ela é o mesmo que dizer...ah tô chateada” (SUJEITO-1, 2023, 39:52). E completa: “Eu uso abusada em outro sentido...sabe assim. E tem muitas outras situações. Tem uma expressão lá em Minas Gerais que é ‘presta atenção’... ela fala eu tô prestando atenção. Mas, isso é modo de falar, né! É tipo viu, olha, assim mesmo, e não que você tem que prestar atenção” (40:26).

Com uma visão completamente diferente, o Sujeito-2 afirma que o sentido transformado em palavras é muito mais importante do que qualquer regra gramatical. “Eu perdi essa necessidade de falar tudo certo e de seguir completamente a regra gramatical. O próprio inglês não obedece à essas normas. Então por exemplo, se eu falar assim...ah por que você fez isso?... em inglês se fala *Why did you do that for?*” (SUJEITO-2, 2023, 26:16). Outro exemplo: “*Why did you go there for?* Por que é que você foi lá? Sabe...esse *for* no final tá errado porque é uma preposição, e tem que ser antes do verbo. Então, sabe... a gente fala pelo que convém mesmo, pelo sentido, né! *What is that for?* Pra quê que é isso? Sabe, não tem outro jeito de falar, por mais que esteja errado” (26:35). Assim, ela diz que o sentido termina sobrepondo a gramática. “Mas, quando eu vejo que eu posso falar melhor, eu tento me corrigir” (27: 16). Note as quatro ocorrências do *Code-switching*.

Ao refletir sobre as ocorrências dos fenômenos entre-línguas, e dos momentos em que se percebeu fazendo uso das duas línguas na mesma frase, ou em uma mesma palavra nova, criada pelos brasileiros, ela diz: “Nossa, tem um monte... *skipar*⁵² a aula... faltar aquela aula foi a primeira que apareceu na minha cabeça. Tem muito isso de roubar a palavra do inglês, traduzir e esquecer da palavra em português. Tem o *bus*... ninguém aqui fala ‘vou pegar o ônibus’... fala ‘vou pegar o *bus*’” (SUJEITO-2, 2023, 27:48). E completa: “é só eu pegar meu *Twitter* aqui, abrir tudo, que tá cheio de palavrinhas misturadas... olha, vou achar um monte... em vez de falar ‘a moça do lanche da minha escola’, eu falo ‘*the lunch lady*’... ah... como se diz... a garçonete?... hummm... *a lunch lady* que me reconhece” (28:55). Perceba uma ocorrência do *Borrowing (Loan Word - Palavra Emprestada, com Neologismo Mix&Match)*, e das cinco ocorrências do *Code-switching*.

E trouxe outro exemplo: “olha aqui eu *Twittando*... ‘meu professor de anatomia simplesmente tudo pra mim... a gente conversando depois da aula e rindo, *bonding over the fact that we’re both*⁵³ muito perfeccionistas, quietinhos e ficamos empolgados com organização tipo???. Que coisa mais fofa” (SUJEITO-2, 2023, 30:22). Veja uma ocorrência do *Borrowing (Loan Word - Palavra Emprestada, com Neologismo Mix&Match)*, e a frase completa em uma ocorrência de *Code-switching*. Ela diz que esse é um processo inconsciente, só pensa às vezes, mas é constante. “Tem uma amiga minha que mora aqui tem muito tempo. Ela viveu a vida toda aqui, ela é americana. Mas, é brasileira também, então às vezes a gente falando falando, aí ela fala inglês aí eu respondo inglês, aí... ah português, aí ela fala português, eu respondo em português... e a gente nem percebeu” (31:47). Então: “... aí fica nessa, inglês, português, inglês português... com as minhas amigas que moram aqui, eu costumo trocar bastante entre uma língua e outra” (32:07).

Por sua vez, o Sujeito-3 disse que ao mesmo tempo em que se preocupa de não estar falando corretamente: “eu me preocupo de que não me venha a palavra que eu quero usar em português para completar, e de se a pessoa vai entender o que eu tô tentando dizer, ou a palavra que eu tô querendo falar. Então é os dois para mim, a forma e o sentido” (SUJEITO-3, 2023, 15:13). Exemplificando, ela comenta: “Pra mim, é mais fácil falar... ‘eu vou *parkear* o carro’. Não existe *parkear* o carro. Às vezes, eu falo ‘eu vou estacionar o carro’. Eu sei que *parkear* é errado, mas esse é o dialeto que a gente absorveu, porque tu começa a misturar né...” (16:10). E diz ainda:

⁵² Tradução nossa: “*Skipar*” (o verbo da língua inglesa “to skip”, une-se ao verbo da língua portuguesa “faltar”). *Borrowing (Loan Word - Palavra Emprestada, com Neologismo Mix&Match)*.

⁵³ Tradução nossa: “criando laços sobre o fato de nós dois sermos”.

“Então, é uma coisa que acontece naturalmente pelo fato de você ter outras amizades assim, que falam português... você começa a adaptar a linguagem deles. Também, então, eu acho que é assim que se torna um dialeto quando começa a surgir...” (16:25) Veja a ocorrência do *Borrowing (Loan Word - Palavra Emprestada, com Neologismo Mix&Match)*.

O surgimento de novas palavras, segundo Carvalho (2011) dá-se por três formas: a criação lexical, a criação semântica (quando uma palavra é utilizada em outro sentido), e a origem estrangeira também conhecida como neologismo por adoção. A autora afirma que os neologismos “estão ligados a todas as inovações nos diversos ramos da atividade humana” (CARVALHO, 2011, p. 35). Porém, distanciando-se dos neologismos convencionais, ou estrangeirismos, esses neologismos *Mix&Match* ocorridos no enunciado dos imigrantes bilíngues, são a junção de duas palavras, sendo uma da Língua de origem-LP e outra da Língua estrangeira-LI.

Nessas construções, há maior obediência ao sistema da língua portuguesa, conservando o radical da língua inglesa, mas geralmente utilizando a desinência verbal e o sufixo adjetival do português, permitindo o reconhecimento gramatical do termo e o seu significado. O imigrante submete-se ao sistema da língua de origem, marcando-se nos seus enunciados com a sua identidade linguística. Ele coloca a língua estrangeira no sistema da língua de origem, em uma relação de equivalência entre os sistemas, marcando uma posição de entremeio, ao trazer as marcas da língua de sua terra natal em sua fala.

Percebemos que, assim como o Sujeito-2, para o Sujeito-3, os fenômenos entre-línguas ocorrem de forma natural e constante: “Pelo fato de morar aqui, e ter a influência da cultura, da língua inglesa, né! E tu vai absorvendo aquilo, e tu vai começando... e tem muitas palavras que a gente até traduz, né, vamos supor... tipo... ah... *congratulation*... congratulação... ahhh... como é a palavra em português?” (SUJEITO-3, 2023, 16:48). E completa: “*Congratulations* é em inglês. Mas, tem gente que fala congratulações como se fosse parabenização, mas não é uma palavra usada. Eu já vi o meu pai fazendo isso... e eu perguntei... ‘essa palavra não é Parabéns’? Ele disse: ‘não! Tem essa palavra em português também’” (17:09). Esses são alguns exemplos de palavras em inglês, que o imigrante tenta traduzir para o padrão da língua portuguesa. Note as duas ocorrências de *Code-switching*, uma em espanhol e a outra em inglês.

Neste outro momento, a nossa entrevistada fez menção àquilo que Grosjean (2013) chama de falso cognata, fenômeno linguístico que ocorre no nível morfológico, identificados como “interferências”, em modo monolíngue de linguagem. Este caso é o inverso do anterior. O bilíngue

tenta utilizar uma palavra da língua portuguesa (geralmente palavras terminadas em “ão”) e colocar dentro do padrão da língua inglesa (palavras terminadas em “tion”). “Então, tem realização, *realization*... tem muitas coisas que você às vezes pode até inventar as palavras que nem existe no vocabulário, e nem se dá conta, né! E você pensou que existia, né! Porque você escutou de alguém que falava em português correto, então você vai por aquilo” (SUJEITO-3, 2023, 17:33). E completa: “Mas, na realidade, foi a pessoa mesmo que inventou e nem é correto. Aí começa a surgir todas essas palavras, começa com um hábito, e esse hábito não é uma maneira correta de falar. Ou você fala uma língua, ou fala a outra. Mas, aqui é um dialeto” (17:46). Perceba o exemplo de *Interferences* – Interferências, *Between-Language Deviations* – Desvios Entre-línguas.

Finalizando o seu comentário: “E eu vou te falar uma outra coisa... quando eu começo a falar... como eu aprendi um pouco espanhol primeiro, antes de falar em inglês, às vezes o espanhol também entra. Hoje mesmo eu falei pra o meu marido... ‘eu vou me *arreglar*’⁵⁴. Isso foi uma coisa bem assim, sem pensamento, sabe?” (SUJEITO-3, 2023, 18:17). Completou ela: “E ele falou: ‘como’? Mas, isso foi a palavra que veio... assim... ahhh... sem pensamento... qual é a palavra que eu tô usando... *involuntary*’⁵⁵... eu não sei essa palavra em português... é então, veio essa palavra do nada. Eu até fiquei assim... ‘como isso veio pra mim?’” (18:32). Por fim, ela diz: “Vê, a cabeça, o crânio, a mente faz certas coisas que a gente nem entende. Que loucura, né? Imagina a minha cabeça” (18:36). Veja, mais uma vez, duas ocorrências de *Code-switching*, uma em espanhol e a outra em inglês.

Segundo Thouard, Humboldt pensa constantemente na interdependência entre compreensão e não compreensão: ‘Falar é, em si, já fazer o ensaio de uma clarificação de seus próprios pensamentos e da possibilidade de uma compreensão mútua de si e do mundo’ (p. 231). Do ponto de vista da não compreensão, por outro lado, impõe-se uma autorreflexão crítica. Ambas, compreensão e não compreensão, são constitutivas da linguagem humana, o que configura uma hermenêutica interlocutiva como propriedade universal das línguas (FLORES, 2019, p. 317).

Dessa forma, entendemos que os fenômenos entre-línguas são redutos de sentido para aqueles que falam, e não foge à declaração de Benveniste (2006) de que a forma não se opõe ao sentido. Para o autor, o sentido reúne os procedimentos de comunicação compreendidos por um grupo de locutores e a forma é a matéria ou o arranjo formal dos elementos linguísticos. “Significar

⁵⁴ Tradução nossa: “eu vou me arrumar”.

⁵⁵ Tradução nossa: “involuntário”.

é ter um sentido, nada mais. E este *sim* ou *não* só pode ser pronunciado por aqueles que manuseiam a língua, aqueles para os quais esta língua é *a língua* e nada mais” (BENVENISTE, 2006, p. 227).

Passamos agora para o nosso sétimo tópico de análise, seguindo para uma reflexão sobre o contorno de sentido dos nossos entrevistados, ao tratar da língua e da cultura em relação homóloga.

Tabela 12. A Língua e a Cultura em Relação Homóloga

Reflexões Enunciativas Antropológicas	Questões Norteadores	Recortes da Linguagem	Identificação dos Modos de Linguagem	Pontos de Vistas sobre o Objeto (Bilinguismo)
A Língua e a Cultura em Relação Homóloga	Na sua posição bilíngue/bicultural, o que você pensa em relação aos aspectos linguísticos que fazem parte da cultura e da tradição oral de um povo (nação), como: o sotaque, as gírias, e as expressões idiomáticas (popularmente conhecida como ditado popular)?	Sujeito-1: 48:28 “Quando eu tô num ambiente americano, eu me comporto como um americano. Eu não falo alto, eu mantenho distância. Eu não falo beijos... <i>I say Hi...</i> eu sei como me comunicar com eles. Eu tento mesmo....” 50:21 “Uma coisa é ser fluente e outra coisa é ser nativo da língua. São duas coisas diferentes. Eu sou fluente, mas não sou nativo”.	Sujeito-1: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI em quatro ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 4 <i>Code-switching</i> .	Conforme Grosjean (1996), do ponto de vista teórico , não há uma medida igualitária em que poderíamos atribuir à identidade do imigrante, 50% de cada cultura. A maioria dos biculturais têm laços mais fortes com uma cultura do que com a outra, e isso não os torna menos biculturais. Da mesma forma que a fluência de uma língua pode ser maior do que a outra, não os tornando menos bilíngues. Do ponto de vista reflexivo , conforme Benveniste (2005, 2006), ambas: cultura e língua são sistemas de valores que se organizam de forma similar, e se apresentam em uma relação intimamente ligada, com base em um funcionamento homólogo. Em uma relação horizontal, de homologia, e sem hierarquia, a língua e a cultura são
	Você percebe se fala em inglês com o sotaque brasileiro? Faz uso de gírias e ditado popular da língua inglesa adequadamente? Consegue entendê-los facilmente? Quanto aos hábitos culturais como esperar na fila, e saudações de despedida, conseguiu se adaptar aos comportamentos estadunidenses? Brasileiros não costumam manter uma distância social ao esperar em filas, diferente dos norte-americanos. E ao se despedir, geralmente	Sujeito-2: 34:2 “ <i>What goes around comes around</i> . Uma expressão... aí eu vou falar em português ah... e ‘o que vai volta... tá certo?’ ‘o que vai volta... tá certo?’ <i>What goes around comes around...</i> ‘temos dois?’... aí eu fico... calma... ah mais ‘se você fizer isso’... e eu fico nessa... se existe, se não existe...”	Sujeito-2: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI em doze ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 12 <i>Code-switching</i> .	
		Sujeito-3: 24:41 “Aí eu sempre falo... <i>it must be my</i>	Sujeito-3: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou	

	falamos: beijo, ou abraço, tchau. Consegue traduzir isso para a língua inglesa?	<i>brazilian-jersey accent</i> . E é sempre isso... E até mesmo no Brasil, como eu sou do Sul, tenho família italiana, tenho aquele sotaque carregadíssimo do português dos italianos, entendeu?... e dos alemães... eu ia pra Santa Catarina era aquele sotaque de português de Portugal”.	ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI em 17 ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 17 <i>Code-switching</i> .	sistemas de significação dinâmicos, aparecem no homem de forma íntima, com capacidade de expressão, onde o funcionamento de ambas é o da simbolização.
--	---	---	---	--

Análise 7 – A Língua e a Cultura em Relação Homóloga:

Flores e Severo (2015) afirmam que a cultura, assim como a língua é um sistema que tem a sua constituição em signos. Ambas: cultura e língua são sistemas de valores que se organizam de forma similar, e se apresentam em uma relação intimamente ligada, com base em um funcionamento homólogo. “Essa relação simbiótica entre língua e cultura que não nos permite estabelecer entre elas uma hierarquia – parece-nos coerente pleitear o pertencimento de ambas a algo maior, englobante, de que são a expressão na vida⁵⁶ humana: a linguagem” (p. 325). Sendo assim, em uma relação horizontal, de homologia, e sem hierarquia, a língua e a cultura são sistemas de significação dinâmicos, aparecem no homem de forma íntima, com capacidade de expressão, onde o funcionamento de ambas, é o da simbolização.

Sabemos que é através da língua, que interpreta a sociedade e seus valores, que o homem enquanto falante compreende e aprende os valores culturais. A cultura, relacionada a língua, é compreendida como um sistema que distingue o que tem sentido, e o que não tem, e a língua, por sua vez, torna-se significante na cultura. Já a relação encontrada entre a cultura e a sociedade baseia-se no fato de que ambas se encontram do lado oposto ao físico, ao biológico, e ao natural. “O homem não nasce dentro da natureza, mas dentro da cultura” (BENVENISTE, 2005, p. 48).

⁵⁶ A mesma vida humana a que se refere Benveniste quando diz que “a linguagem serve para viver” (BENVENISTE, 2006, p. 222).

Nesse sétimo tópico, voltado a uma análise entre “a língua e a cultura em uma relação homóloga”, do ponto de vista teórico, identificamos que ambos os sujeitos mantiveram as duas línguas ativadas, em um estado de interconexão, onde a língua portuguesa (LP) esteve em um padrão maior de ativação, se mantendo como língua base. Em modo bilíngue de linguagem, os três entrevistados caminharam ao longo do *continuum* situacional, convidando a língua inglesa (LI), com as seguintes ocorrências de *Code-switching*: Sujeito-1 (quatro); Sujeito-2 (doze); e o Sujeito-3 (dezessete).

Na caracterização do bicultural, no que concerne a sua habilidade de combinação de aspectos de ambas as culturas, para Grosjean (2013), deve-se observar que, apesar de alguns traços do bicultural apresentarem-se adaptáveis, mesclando características de uma, ou da outra cultura, há casos de uma maior dificuldade de adaptação, onde esta se apresenta de forma mais rígida. Isso significa que nem todos os comportamentos, crenças, hábitos e atitudes do brasileiro, que vive nos EUA, podem ser modificados, de acordo com a situação cultural em que o imigrante se encontra.

Na visão do Sujeito-1, a princípio, no que diz respeito a aspectos básicos de comportamento, ele diz que busca agir de acordo com os costumes estadunidenses: “Quando eu tô num ambiente americano, eu me comporto como um americano. Eu não falo alto, eu mantenho distância. Eu não falo beijos... *I say Hi*⁵⁷, eu sei como me comunicar com eles. Eu tento mesmo”. (SUJEITO-1, 2023, 48:28). Note uma ocorrência de *Code-switching*. O Sujeito-2, por sua vez, pareceu concordar com o Sujeito-1 nesse primeiro momento, falando: “Eu consigo me adaptar muito bem, eu diria que tem coisas até da cultura americana que eu gosto mais do que do brasileiro... então por exemplo, esse negócio da fila mesmo que você falou... até é melhor aqui, porque lá o povo se esbarra tudo... aquele negócio estranho” (SUJEITO-2, 2023, 38:43).

A preferência pela cultura dos EUA, no relato do Sujeito-2 também está “no trânsito que aqui os carros ficam muito mais separados. Eu não dirijo, e eu ficava agoniada assim, com os carros que ficavam tudo colado, na minha cidade... assim parecendo que ia bater em todo momento. É... esse negócio de abraçar...” (SUJEITO-2, 2023, 38:55). E continua: “Porque tem vezes que você não conhece a pessoa, você fica sem graça de abraçar, e americano não tem essa necessidade... Ah tchau pronto... eu sou muito privada, muito na minha, então... esse aspecto do americano eu gosto” (39:06). Por outro lado, há aspectos do hábito da cultura brasileira que falam mais alto para ela: “Agora eu tenho outras coisas do brasileiro que eu gosto, e que eu não gosto no

⁵⁷ Tradução nossa: “Eu falo Oi”.

inglês... por exemplo, brasileiro é muito de ‘bater papo’, americano ele é muito ‘eu, eu, eu’, então brasileiro tá assim... entra numa ‘fofoca’, ‘fofoca, fofoca, fofoca...’” (39:28).

Ela diz que o brasileiro “conversa de Fulano, Beltrano, né... e é isso mesmo, né! Agora americano, você fala de Fulano, todo mundo te olha estranho... nossa! Tá falando de Fulano, mas você tava falando com ela... sei lá o que... não sei explicar, coisa de escola” (SUJEITO-2, 2023, 39:40). E fala: “Coisa que eu percebo na escola que não sei se você vai perceber, porque *High School*⁵⁸ é diferente do resto, né! Mas, por exemplo, se alguém fala uma fofoca de Fulano, você pode gostar, não gostar de Fulano... você vai fofocar” (40:01). Segue: “Agora americano, se você cita Fulano, qualquer coisa da vida deles, eles vão entender que você tá falando mal. Então, ‘ah você viu que Fulano terminou com o namorado?’ ‘Ah, mas você tava falando com Fulano, por que que você tá falando da vida dele?’ Sabe? Esse tipo de coisa, eles são muito cada um com a sua vida” (40:18). Veja a ocorrência de *Code-switching*.

Conforme Grosjean (1996), não há uma medida igualitária em que poderíamos atribuir à identidade do imigrante, 50% de cada cultura, pois a maioria dos biculturais têm laços mais fortes com uma cultura do que com a outra, e isso não os torna menos biculturais. Assim como acontece com o nível de fluência de uma língua, que pode ser maior em uma do que na outra, não os tornando menos bilíngues. Ao mesmo tempo, ao mesclar alguns traços da cultura brasileira e da outra cultura (estadunidense), culturalmente falando, o imigrante passa a não ser considerado 100% brasileiro no Brasil, ou 100% americano nos EUA, por mais que ele se esforce.

Para o Sujeito-3, os aspectos “entre-culturas” é intrigante: “Olha, eu acho que esse é bem... como é que se diz... *tricky*⁵⁹... como é a palavra em português pra *tricky*?... porque eu tenho dificuldade em me adaptar com a cultura brasileira *ok*... aqui nos EUA. Porque... ahhh por exemplo, né... as pessoas normalmente tem negócio de horário, né!” (SUJEITO-3, 2023, 22:01). E diz: “Aqui a gente tem por exemplo... você vai... eu... eu não sei se no Brasil é assim... eu não lembro, mas se você for fazer uma *interview*⁶⁰ você tem que estar no horário normalmente 15 minutos antes. Eu sei que no Brasil, nas festas não era legal chegar no horário.... você tinha que chegar depois” (22:28). Veja as três ocorrências de *Code-switching*. E continua: “Porque não era legal você ser a primeira, me entende? Então, coisas assim... beijos e abraços quando você chega

⁵⁸ Tradução nossa: “Ensino Médio”.

⁵⁹ Tradução nossa: “complicado”.

⁶⁰ Tradução nossa: “entrevista”.

numa festa, por exemplo... num restaurante tem 15 pessoas, vai dar beijinho em todo mundo entendeu... então aquilo demora duas, três horas até você chegar e até você ir embora” (22:34).

E comenta ainda: “Então isso é tipo das coisas assim, que como eu tenho minha família brasileira, é uma coisa que a gente faz naturalmente com todos. Mas, agora a gente tá começando assim... fica mais fácil, porque eu cheguei a fazer isso aqui com as pessoas americanas, e eles não têm esse hábito também” (SUJEITO-3, 2023, 23:08). E completa: “Então isso era uma coisa meio difícil para mim... digo Oi, não digo Oi? Porque na nossa cultura isso é bem ofensivo você não dá dois beijinhos em todo mundo e falar, né... aquele *eye contact*⁶¹... então tem essas regras todas que é difícil pra mim me adaptar ainda com certas coisas, por causa da família” (23:26). Veja uma ocorrência de *Code-switching*. Nesse viés, segundo Grosjean (1996), o biculturalismo se distingue do bilinguismo porque os bilíngues geralmente podem desativar uma língua, e apenas usar a outra em certas ocasiões, enquanto os biculturais nem sempre podem desativar certos traços de sua outra cultura quando situados em um ambiente monocultural.

O autor explica que a identidade de pertencimento do imigrante, quando avaliada por um outro sujeito/interlocutário, pode ser identificada de duas formas diferentes, dependendo da posição que esse interlocutário ocupa dentro da sociedade norte-americana. Contudo, os critérios de pertencimento a uma cultura devem levar em consideração fatores como parentesco, língua, aparência física, nacionalidade, educação, atitudes, entre outros. Entendemos que, assim como a língua, os comportamentos culturais passam também a influenciar o processo enunciativo, estabelecendo interdições no dizer dos falantes, que provêm de crenças e práticas dessa sociedade.

Ao refletir sobre o uso de gírias e ditado popular da nova sociedade, o Sujeito-1 diz: “Eu conheço muitas gírias. Eu uso bastante *podcast*, vídeo, mas não quer dizer que eu as use o tempo inteiro, até porque não cabe. Os ditados, os *saying* de americano, né... que é o ditado, eu entendo boa parte deles também. Os *slangs*⁶² também. Eu sei, mas ainda não tenho a facilidade de lembrar (SUJEITO-1, 2023, 48:47). Veja as três ocorrências de *Code-switching*. E diz: “Isso não tá dentro de mim pra sair de maneira normal, sabe? Eu entendo. Compreendo, mas acho que eu... vocabulário, então se você usar, acaba internalizando. E tem uma coisa também, tem frases que eu utilizava há três anos que eu não uso mais. O vocabulário muda, né! Ele é dinâmico” (49:20).

⁶¹ Tradução nossa: “olhos nos olhos”.

⁶² Tradução nossa: “gírias”.

Ele então conclui: “Vai mudando o vocabulário. Mas assim, você acaba criando... Eu falo que a gente é uma pessoa em inglês e uma pessoa em português. São duas pessoas diferentes. Não é a mesma pessoa. A gente se expressa de forma diferente, a construção da frase, a entonação de voz... não é a mesma coisa... em inglês é diferente” (SUJEITO-1, 2023, 49:44). E fala ainda: “A minha entonação ainda é muito brasileira assim. Quando eu vejo o americano falando de forma bem grave... é muito diferente a forma como o americano se expressa. É diferente demais a entonação de voz. Eu falo a mesma coisa que ele tá falando, mas o gráfico da voz assim... a curva é bem diferente” (49:58). Ele completa: “É como eu falei... uma coisa é ser ‘fluyente’ e outra coisa é ser ‘nativo’ da língua. São duas coisas diferentes. Eu sou fluyente, mas não sou nativo” (50:21).

Na nossa visão, uma das formas mais imediatas de identificarmos um sujeito que vive no entremeio, ao falar uma língua estrangeira, é o seu sotaque, a sua prosódia no seu enunciado. Os sons de seu idioma de origem normalmente permanecem como as suas marcas identitárias, por mais que ele tente se aproximar da língua do outro para “reconstituir-se” como sujeito, e sentir-se parte integrante da nova sociedade. Percebemos que o sotaque de alguns brasileiros marca uma pronúncia silabada, contrário dos norte-americanos que apresentam uma fala composta por uma pronúncia conjunta, o que, de imediato, é um dos fatores mais reveladores de pertencimento linguístico, encontrado na enunciação do brasileiro falante da língua inglesa.

Embora essa seja uma percepção nossa, o Sujeito-2 diz: “a única palavra que eu percebo que eu falo com sotaque é não, porque o americano fala *no, no, no*, e aí eu falo não, não, não. E eu não ligo... o resto eu tento não ter sotaque” (SUJEITO-2, 2023, 33:36). Já o Sujeito-3 fala: “Eu tenho sotaque. Eu sinto o meu sotaque... e as vezes as pessoas não conseguem entender pelo fato de eu ter vivido 10 anos em *New Jersey*⁶³. Então, eu tenho aquele sotaque *Jersey* e o meu português... então as vezes as pessoas perguntam ‘*Where are you from*⁶⁴?’” (SUJEITO-3, 2023, 24:30). Continua: “Aí eu sempre falo... ‘*it must be my brazilian-jersey accent*⁶⁵. E é sempre isso.... E até mesmo no Brasil, como eu sou do Sul, tenho família italiana, tenho aquele sotaque carregadíssimo do português dos italianos, entendeu?... e dos alemães... eu ia pra Santa Catarina era aquele sotaque de português de Portugal” (24:41). Veja as quatro ocorrências de *Code-switching*.

⁶³ Tradução nossa: “Nova Jersey”.

⁶⁴ Tradução nossa: “De onde você é?”.

⁶⁵ Tradução nossa: “deve ser o meu sotaque brasileiro-jersiniano”.

Concluindo, ela diz: “Então, eu acho assim... ah... a gente vê a influência de cada língua, e na nossa própria língua, então aqui a gente tem um sotaque, né... da Virgínia, *Southern accent*⁶⁶...*it's*⁶⁷... e tem o de *Louisiana*⁶⁸, *it's even more*⁶⁹. Sabe, então tem...ah eu consigo distinguir, né... aqueles sotaques americanos e os brasileiros “(SUJEITO-3, 2023, 25:14). Veja mais quatro ocorrências de *Code-switching*. Para Flores (2019), falar em voz é falar em efeitos. O que pulsa numa voz escapa àquilo que geralmente costuma se tomar como sua porção “tangível”. É o tom, o volume e as tantas tentativas de adjetivá-la (voz rouca, voz áspera etc.). Porém, os sons emitidos pelo homem, através da voz, são dinâmicos e efêmeros. “O falante comum sabe muito bem que a voz se destaca em todo o dizer. É a essa especificidade que é dado destaque quando se comenta o falar alheio em termos quase triviais: ‘parece que estou vendo o fulano falar...’, ‘eu reconheceria essa voz em qualquer lugar’, ‘ele falou igual a x’” (FLORES, 2019, p. 256).

Segundo o autor, a voz é capaz de dizer fatos de alguém, como sentimentos de tristeza, de alegria, de insegurança, de paixão, de raiva, entre milhares de outros. Esse efeito é uma espécie de acabamento de sentido de quem ouve, sob a forma de algo que se poderia considerar uma narrativa quase etnográfica, que revela a presença do homem na língua. A voz e o ouvido são duas faces de um mesmo fenômeno. Portanto, a voz somente tem existência para o outro, o lugar do ouvido, tanto de quem fala como de quem escuta. “A filósofa Adriana Cavarero considera que a voz é uma ‘unicidade que faz de cada um de nós um ser diferente dos demais (...)’” (FLORES, 2019, p. 251).

Nesse lugar linguístico, quando pensamos em voz relacionada aos sotaques típicos de cada região ou nação, os sujeitos imigrantes revelam em seus enunciados, entre outros aspectos, configurações prosódicas, e morfológicas que lhes são singulares. E mais do que isso, na nossa visão, ambas, as línguas e as culturas, se alteram na memória e no enunciado desses brasileiros, alterando suas construções sintáticas e suas expressões em sua nova condição de falante.

Ao refletir sobre o uso de gírias e de ditado popular da nova cultura, o Sujeito-2 comentou: “Eu consigo, mas eu tenho muitos momentos de confusão que eu não sei se é expressão em português ou inglês. E aí eu fico tendo que repetir a frase inteira para ver... pra tentar fazer sair naturalmente então por exemplo...” (SUJEITO-2, 2023, 33:59). Continua: “*What goes around comes around*. Uma expressão... aí eu vou falar em português ah... e ‘o que vai volta... tá certo?’

⁶⁶ Tradução nossa: “Sotaque do Sul”.

⁶⁷ Tradução nossa: “esse”.

⁶⁸ Tradução nossa: “Luisiana”.

⁶⁹ Tradução nossa: “é mais ainda”.

‘o que vai volta... tá certo’... *What goes around comes around...* ‘tem nos dois?’... aí eu fico... ‘calma... ah mais, se você fizer isso’... e eu fico nessa... se existe, se não existe...” (34:25). Veja as duas ocorrências de *Code-switching*.

Então ela fala: “Esse tem nos dois, né... foi um exemplo ruim. Mas, tem muito isso de eu não saber em que língua é a expressão. Então, ‘O elefante no quarto’... isso era uma que eu não sei de onde que eu ouvi essa expressão... e eu só lembrei ‘Elefante no quarto’. E aí um dia eu tava falando em português...” (SUJEITO-2, 2023, 34:47). Continuando: “ah ‘O elefante no quarto... como assim... o elefante no quarto?... ah é uma expressão’... aí a pessoa falou: ‘não’... aí eu fui pesquisar... ‘O elefante no quarto’, aí apareceu ‘*The Elephant in the room...* ah é em inglês...ok’. Mas, isso tem muito tempo. Eu tinha acabado de chegar aqui” (35:17). Explicando o significado, ela diz: “É tipo um assunto sensível que ninguém quer falar, mas tá todo mundo pensando sobre. É um assunto delicado, que pesou a conversa. É tipo, o A. terminou o namoro, e aí ele entrou no quarto... tá todo mundo querendo perguntar, mas ninguém sabe como, porque ninguém tem coragem” (35:35). Veja a ocorrência do *Code-switching*.

E trouxe ainda um outro exemplo: “Tem também o ‘*Out of the blue*’... ‘*out of the blue*’ é uma coisa repentina... então ah... Fulano, ‘*out of the blue*’ agora quer falar sobre tal coisa. Do nada, o menino quer falar sobre essa coisa... então, ‘Fora do azul’... e às vezes eu até uso isso brincando, ahhh do nada... ‘fora do azul’...” (SUJEITO-2, 2023, 36:45). Continua: “Geralmente eu uso isso muito com a minha mãe porque ela acha engraçado, misturando o inglês com o português. Em português não tem essa expressão... só ‘Do nada...’, ‘Sem mais nem menos’, é um exemplo também... eu não sei se existe em inglês ou não” (37:30). E completa: “Então ‘Sem mais nem menos’... ahhh... ‘*More or Less*’... ‘*More or Less*’ existe? ‘Sem mais nem menos’...? Olha aqui no meu *Twitter*... ‘e Felipe que agora *out of the blue* tá super *into* minhas músicas⁷⁰” (37:35). Veja as oito ocorrências de *Code-switching*.

Já o Sujeito-3, imersa na cultura estadunidense há mais de trinta anos, diz: “Eu uso mais em inglês porque no português, os novos às vezes eu acho meio irritante... esse sextou, segundou, como eu não tô lá... ah... é *top*. Muita coisa no Brasil copia a língua inglesa. Isso eu não entendo... acho que é porque o inglês é uma língua universal, né?” (26:05). Sobre entender ditado popular nas duas línguas, ela diz: “Depende, por exemplo, eu tenho um grupo no *WhatsApp* dos meus amigos que eu conheci quando a gente chegou aqui nos EUA. A gente tinha tudo a mesma idade.

⁷⁰ Tradução nossa: “e Felipe que agora ‘do nada’ tá super ‘por dentro’ das minhas músicas”.

Aí uns foram pra o Brasil, outros pra o Canadá e a gente... nos conhecemos em *New Jersey* logo quando chegamos... criamos um grupo” (26:51). Veja as duas ocorrências de *Code-switching*.

No grupo, “todos falando inglês, todos falando português, então a gente mistura... meu amigo até fez uma... a gente tava olhando os jogos, e comentando os jogos da Copa, né... a gente adora futebol. É uma coisa que tá no sangue, sei lá... a gente ama. Então a gente tudo comentando dos jogos, e aquela coisa toda...” (SUJEITO-3, 2023, 27:10). Continua: “Aí ele falou... ah *I feel it in the flower of my skin*... e a gente ria... então a gente começa a usar..., mas, ele tava sendo cômico. Foi cômico porque às vezes a gente traduz as nossas gírias né, ou ditado popular e coloca no inglês assim, e fica cômico, porque não faz sentido, né?” (27:37). E explica: “Porque ‘A flor da pele’, não é... não quer dizer a mesma coisa. Você não pode traduzir o português e inglês ‘a flor da pele’ tem que ser o *meaning*, né? Um entendimento que você tá tentando falar, e daí você vai traduzir daquela forma, então aí ele falou que tava ‘sentindo na flor da pele’” (28:33). “... *I can feel it in the flower of my skin* que ele ia fazer um gol.... aí todo mundo caiu na risada...” (28:54). Veja as três ocorrências de *Code-switching*.

Percebemos que a língua se torna significativa na cultura. O fator cultural faz surgir na língua dos falantes, a utilização de expressões próprias em que somente o sujeito, inserido no convívio sociocultural de cada língua, é capaz de compreender o sentido, dentro daquilo que cada cenário enunciativo lhe possibilita. O ato individual de apropriação dos falantes mobiliza os caracteres e, assim, refere-se a um “outro” que é constituído e atravessado por valores culturais, da mesma forma que sua língua.

Com base na visão benvenistiana sobre a “intersubjetividade” como um princípio semântico de enunciação, Silva (2016) traz a “interssocialidade” - expressa pela dupla designação social e étnica presente entre povos vizinhos, como um primeiro princípio de uma “Teoria Social de Enunciação”. Em uma teoria da enunciação no âmbito social, pensaríamos na capacidade de um povo de produzir em sua língua dupla designação para si mesmo, a partir de sua ‘pátria’, e a partir do ‘vizinho’ ou ‘estrangeiro’. “É somente quando o homem se coloca como instância de referência e instância referida que se constitui o princípio da sociabilidade humana” (SILVA, 2016, p. 249). Diante da relação com o “outro” no estrangeiro, vemos aqui o brasileiro, no contexto imigratório e sociocultural estadunidense, passando a negociar o seu novo lugar de falante no mundo, em uma posição de entremeio linguístico e cultural.

Seguimos para o nosso oitavo tópico de análise, com um olhar voltado, dessa vez, para o contorno de sentido dos nossos entrevistados, ao comentar sobre o deslocamento do sujeito.

Tabela 13. O Deslocamento do Sujeito

Reflexões Enunciativas Antropológicas	Questões Norteadores	Recortes da Linguagem	Identificação dos Modos de Linguagem	Pontos de Vistas sobre o Objeto (Bilinguismo)
O Deslocamento do Sujeito	Em relação a ocorrência dos fenômenos linguísticos na sua fala, você saberia dizer se a alternância entre-línguas ocorre com mais frequência, quando você tem como língua base o inglês, ou o português? Geralmente é mais frequente quando você está falando com um conterrâneo brasileiro, ou com um estadunidense?	<p>Sujeito-1: 53:40 “Agora se eu tô falando com dois brasileiros, mesmo que eles falem inglês, eu falo português mesmo. Acontece também de as vezes eu usar uma expressão... aí eu digo... não tem aquela expressão que diz assim em inglês... tipo ahh... <i>take it for granted!</i> Não tem essa palavra em português... ‘tomar como garantido’, em português”.</p>	<p>Sujeito-1: Modo Bilingue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI em três ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 3 <i>Code-switching</i>.</p>	<p>Do ponto de vista teórico, Grosjean (2013) afirma que no modo bilíngue de linguagem, devido ao fato de ambas as línguas estarem ativas, apesar de ser uma menos do que a outra, a língua base pode passar a ser a língua convidada, e a língua convidada, antes trazida por algumas palavras ou frases, pode simplesmente assumir o papel de língua base. Assim, o padrão de ativação entre as línguas também muda. A esse caso denominamos um estado de “Interconexão” das línguas. Do ponto de vista reflexivo, Benveniste (2006, p. 80) diz que “Em última análise, é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem”. “(...) a função metalinguística natural – recurso com o qual o falante comenta a</p>
		<p>Sujeito-2: 41:56 “Geralmente a minha troca acontece mais do português para o inglês. Mas, geralmente eu me canso de falar inglês, mas eu não me canso de falar português. Então, às vezes eu tô falando, e do nada... eu acho que vai <i>sound better if I just start speaking english... I start speaking English, and I don't even realize it...</i>”</p>	<p>Sujeito-2: Modo Bilingue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI em quatro ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 4 <i>Code-switching</i>.</p>	
		<p>Sujeito-3: 30:12 “Vim para cá! Parou tudo aquilo. Começou tudo numa cultura que não foi</p>	<p>Sujeito-3: Modo Bilingue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i></p>	

		nem o inglês. Foi o espanhol por ser mais parecido para eu poder acompanhar pra poder <i>fit in</i> , né! Numa classe, numa sala de aula. Então, eu conheci essa turma que eu te falei, nessa mesma época. A gente conseguiu fazer o nosso grupinho”.	convidando a LI em cinco ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 5 Code-switching.	experiência de falante no interior desses fenômenos – está ligada à incompreensão natural (...). Porém, é bom alertar a antropologia da enunciação não produz uma teoria desses fenômenos, mas uma crítica, um novo dizer (FLORES, 2019, p. 318).
--	--	--	--	---

Análise 8 – O Deslocamento do Sujeito:

Conforme Grosjean (2013), no modo bilíngue de linguagem, devido ao fato de a outra língua também estar ativada, apesar de ser menos do que a língua base, ela pode ser trazida por algumas palavras ou frases, ou pode simplesmente assumir o papel de língua base. E, dessa forma, quando a língua base muda, o padrão de ativação entre as línguas também muda, onde a língua convidada torna-se a língua mais ativa, e a língua base inicialmente torna-se a menos ativa. A esse caso denominamos um estado de “Interconexão” das línguas, onde, na nossa visão, há uma ativação intermediária entre as línguas. O outro caso acontece quando ambas as línguas estão totalmente ativadas, seja ao bilíngue ouvir a interação entre dois outros bilíngues, onde cada um deles fala uma das línguas; ou em uma interpretação de uma língua para a outra, onde o intérprete precisa manter ativada as duas línguas, na forma de linguagem receptiva e expressiva. Esse caso denominamos de estado de “Incorporação” das línguas.

Dentro do bilinguismo também compreendemos que a língua dominante do bilíngue pode mudar de acordo com a história linguística do falante. As circunstâncias da vida mudam, assim, dentro da ideia do Princípio da Complementaridade há fases em que uma língua exerce uma função maior, se tornando mais dominante do que a outra. Há domínios que se tornam mais significantes do que outros, fazendo com que uma determinada língua seja mais utilizada, e o seu nível de fluência aumente de acordo com o contexto atual de cada imigrante.

Nesse oitavo tópico, que buscou analisar “o deslocamento do sujeito”, do ponto de vista teórico, identificamos que ambos os sujeitos mantiveram as duas línguas ativadas, em um estado

de interconexão, onde a língua portuguesa (LP) esteve em um padrão maior de ativação, sendo utilizada como língua base. Em modo bilíngue de linguagem, os três entrevistados caminharam pelo *continuum* situacional, convidando a língua inglesa (LI), com as seguintes ocorrências de *Code-switching*: Sujeito-1 (quatro); Sujeito-2 (doze); e o Sujeito-3 (dezessete).

Tendo um ambiente de trabalho multilíngue, que exige a sua utilização das línguas inglesa, portuguesa e espanhola, o Sujeito-1 diz: “Meu chefe não fala inglês, muito pouco. Então quando acontece alguma situação eu pergunto para o meu cliente... Você se incomoda que eu fale em português com ele? Pra ele não pensar que eu estou falando uma coisa pra poder ele não saber. Eu não quero criar esse incômodo com o meu cliente. Eu peço essa licença pra ele” (SUJEITO-1, 2023, 51:25). E continua: “Muitas e muitas vezes o meu trabalho exige essa mudança muito rápida. Às vezes eu tô atendendo um cliente falando em português, e liga alguém que eu tenho que falar em inglês, do banco ou alguma coisa. Então, eu faço a mudança muito rápido” (52:02).

Assim, buscando respeitar a língua de origem de seus interagentes, o Sujeito-1 diz que sempre que necessita fazer a troca, ou o “deslocamento” de uma língua para a outra, ele pede licença àquele com quem está se comunicando: “Às vezes também chega um falando em espanhol, mas e eu tô com um cliente americano. Eu falo: ‘um segundo’... e faço a mudança. A dinâmica do meu trabalho exige que eu faça essa mudança de idioma o tempo inteiro” (SUJEITO-1, 2023, 52:02). E diz ainda: “O que acontece comigo é o seguinte... quando eu tô falando com alguém em português que eu sei que ele fala inglês eu só me expesso em português. Agora, quando tem uma terceira pessoa que só fala inglês, para essa pessoa não ficar fora do assunto, aí eu falo inglês com os dois mesmo” (53:15).

Ele diz que os momentos em que ele precisa fazer o deslocamento do português para o inglês, geralmente acontece quando ele quer usar uma determinada palavra ou expressão da língua inglesa que não se encontra uma tradução na língua portuguesa. Veja o que ele diz, com ocorrência do *Code-switching*: “Agora, se eu tô falando com dois brasileiros, mesmo que eles falem inglês, eu falo português mesmo. Acontece também de às vezes eu usar uma expressão... aí eu digo: ‘não tem aquela expressão que diz assim em inglês’... tipo ahh... *Take it for granted*... Então, não tem essa palavra em português... ‘Tomar como garantido’ em português” (SUJEITO-1, 2023, 53:40).

E comenta ainda: “Quando alguém fala comigo ‘*tchau*’, eu não falo ‘Tenha um bom dia’, ou ‘*Have a nice day*’, sabe? Eu falo ‘Cara, um abraço... vai com Deus’. Eu não falo ‘*Drive safe*’⁷¹.

⁷¹ Tradução nossa: “Dirija com cuidado”.

Eu vendi um carro hoje, e falei... ‘Vai de boa’, ‘Vai devagar’, ‘O carro é novo’... não sei o que... sabe? (SUJEITO-1, 2023, 54:59). Veja as duas ocorrências de *Code-switching* nesse enunciado. Esse comentário do nosso entrevistado foi interessante porque, no primeiro momento, ele diz fazer o deslocamento entre línguas quando pretende descrever uma situação que só encontra a expressão na língua inglesa, mas, por outro lado, pra situações corriqueiras de despedida, ele ainda não consegue se deslocar, e assim se mantém nos hábitos linguístico-culturais da língua de origem (portuguesa). E conclui: “Quando eu quero usar uma expressão em inglês eu explico, ou quando eu não sei como se usa a expressão, eu pergunto. A gente coloca o inglês dentro do português, mas sempre pontuando de alguma forma. Eu tenho esse cuidado” (55:21).

Por sua vez, em seu contorno de sentido, o Sujeito-2 explicou que o seu deslocamento acontece, frequentemente e espontaneamente, da língua portuguesa para a inglesa: “Geralmente a minha troca acontece mais do português para o inglês. Mas, geralmente eu me canso de falar inglês, mas eu não me canso de falar português. Então, às vezes eu tô falando, e do nada... eu acho que vai *sound better if I just start speaking english*⁷²... *I start speaking English*⁷³, and I don’t even realize it⁷⁴” (SUJEITO-2, 2023, 41:56). E continua: “Mas aí em algum momento eu canso de falar inglês, e eu volto pra falar português. Agora não tem isso de eu tá falando português e dizer... ahh cansei de falar português. Eu sinto vontade de falar em inglês, mas não canso de falar português, entendeu?” (SUJEITO-2, 2023, 42:20). Pra concluir, ela diz: “Tem dias que meu inglês não tá funcionando mesmo, e eu tenho que fazer esforço até pra fazer o verbo *To be*⁷⁵” (42:53). Perceba as quatro ocorrências de *Code-switching*.

Ao tratar da posição de entre-línguas do bilíngue, na nossa visão, Molloy (2018, p. 42) faz uma analogia do deslocamento linguístico do sujeito à um “Voo Direto”. Contando casos de famílias bilíngues, em que os sujeitos começavam a falar uma frase em uma língua, e terminavam em outra, ela diz que “os idiomas voavam pela casa toda. Este voo linguístico, que Steiner apresenta como um ir e vir totalmente natural, o voo linguístico direto, sem escalas, típico da classe ilustrada, nem sempre é tão confortável para os outros...”. Nesse contexto, ela faz menção a uma outra analogia, se referindo a um voo com “escala” pra dizer que o monolíngue, àquele que não é capaz de compreender um enunciado com deslocamento entre-línguas, não pode fazer “uso” de

⁷² Tradução nossa: “Vai ‘soar melhor se eu começar a falar em inglês’”.

⁷³ Tradução nossa: “Eu começo a falar em inglês”.

⁷⁴ Tradução nossa: “e eu nem me dou conta”.

⁷⁵ Tradução nossa: “Verbo ‘Ser’”.

um “voo direto”. “Para este pobre de língua, não existe voo direto: existem incômodas, desconcertantes (e por vezes humilhantes) escalas. Vazios do dizer” (Idem, 2018, p. 42).

Interessante também foi o comentário do Sujeito-3, que ao refletir sobre a sua alternância de línguas, fazendo deslocamentos linguísticos em seus enunciados, se deslocou a visitas de suas memórias afetivas do passado. Durante toda a entrevista, ela se mostrou imersa na língua e na cultura americana, afirmando se sentir mais confortável falando na língua inglesa, mas sempre se mostrando saudosa da sua identidade, da sua nação. “A minha base é o inglês. É que eu acho que depende da idade, né? Imagina que você sai de um país e vai para uma nova cultura... eu acho que tem tudo a ver com a idade, quando a tua cabeça tá se formando, entendeu? Então foi bem numa época que, né... eu terminei a terceira série, comecei um mês da quarta” (SUJEITO-3, 2023, 29:38). Continua ela: “Vim pra cá! Parou tudo aquilo. Começou tudo numa cultura que não foi nem o inglês. Foi o espanhol por ser mais parecido, para eu poder acompanhar, pra poder *fit in*⁷⁶, né! Numa classe, numa sala de aula. Então eu conheci essa turma que eu te falei, nessa mesma época. A gente conseguiu fazer o nosso grupinho” (30:12). Note a ocorrência do *Code-switching*.

Conforme Grosjean (2013), há momentos da realidade sociocultural do imigrante que lhes é solicitado mais o uso de uma língua do que da outra. Entendemos que no novo cenário de vida do Sujeito-3, ainda quando criança, a língua inglesa passou a ser mais utilizada, aumentando o seu nível de fluência na língua estrangeira. O mesmo poderia acontecer em outras fases de sua vida, onde a língua portuguesa (origem), poderia passar a ser a língua mais dominante novamente. Para Molloy (2018, p. 52), “o bilinguismo implícito daquele que domina mais de uma língua – por hábito, por comodidade, como desafio, com fins estéticos, seja simultânea ou sucessivamente – torna evidente esta alteridade da linguagem. Esta é a fortuna do bilíngue, e é também sua desgraça, seu *undoing*: sua des-feitura”.

Então, o Sujeito-3 disse que esse grupo de amigos que conseguiu formar foi essencial “Pra gente poder conseguir continuar a estar aqui. Porque a idade que eu cheguei era uma idade muito crítica. Eu não queria vir, né! Eu tinha toda minha família, todos os meus amigos. Eu amava minha escola, entende? Eu deixei tudo, então... graças a eles, a gente conseguiu sobreviver. Mas, foi muito difícil!” (SUJEITO-3, 2023, 30:21). E continua: “Se não tivesse sido nossas amigas, que a gente fez da nossa própria cultura, de ter nascido no Brasil e eles terem a mesma idade que eu... aquilo fez com que a gente... porque a gente passou por muito ‘trabalho’ aqui. Meus pais não

⁷⁶ Tradução nossa: “me encaixar”, ou “me inserir”.

entendiam da Cultura, né!” (30:48). Note que a palavra “trabalho” está deslocada no meio do enunciado, devido a influência da língua inglesa, em que ela expressaria “*it took a lot of ‘work’ to stay here*”. Entendemos que, em português, ela gostaria de dizer que passou por situações difíceis, ou desafiadoras, ou até mesmo que deu muito trabalho pra se organizar aqui.

Ela comenta ainda: “Inclusive a gente foi para um *ghetto*⁷⁷ porque a gente não tinha essa... a gente não entendia esse negócio de racismo, né... de áreas que tem as pessoas, os *african americans*⁷⁸, os brasileiros, os americanos, a gente inclusive passou muito ‘trabalho’ nessa área porque nós não tínhamos isso na nossa cultura” (SUJEITO-3, 2023, 31:02). Veja as duas ocorrências do *Code-switching*. Veja a expressão “passou por muito trabalho”, mais uma vez, deslocada no enunciado que tem a língua portuguesa como base. E continua: “Não sei se é porque a gente é do Sul, né... não existia isso. Todo mundo era branco. A gente não tinha essa diferença. Quando eu cheguei, eu era a única branca na escola. Eu passei muito racismo. A gente teve que se mudar para uma área só de americanos. Meus amigos não estavam ali, foi difícil” (31:23).

Para concluir ela diz: “Saímos de lá e fomos para uma área que tinha polonês, brasileiro, inglês, indiano todo mundo, aí ali a gente se sentiu em casa. A gente tinha essa uma coisa em comum com o mundo inteiro. A gente era... estrangeiro assim como eu, entendeu? Então isso você encontra uma forma de se apoiar” (SUJEITO-3, 2023, 31:49). Ela relatou que diante das dificuldades tentou buscar outros caminhos: “Tanto que a gente tentou sair fora... eu passei por agressões na escola. A gente não sabia que tinha essa divisão. Meu pai queria ir aonde era mais barato pra gente morar. Achando que a gente tá aqui, a gente tá *safe*⁷⁹, mas não tava!” (32:02). Então, “a gente aprendeu muito assim, sabe? Quando fomos para uma cidade que tinha todo tipo de nacionalidades, do mundo inteiro, foi ali que a gente se sentiu em casa. Foi melhor enfrentar o sotaque deles com os nossos, para falar em inglês, pelas nossas passagens da vida serem incomum, né!” (32:52). E finaliza: “Tudo da mesma idade, em outro país, tentando *survive*⁸⁰” (33:36). Veja mais duas ocorrências de *Code-switching*.

Conforme afirma Benveniste (2006, p. 80) “Por aí se reflete na língua a experiência de uma relação primordial, constante, indefinidamente reversível, entre falante e seu parceiro. Em última

⁷⁷ Tradução nossa: São áreas residenciais dos EUA onde moram pessoas de baixa renda, e em sua maioria, norte-americanos de origem africana.

⁷⁸ Tradução nossa: “norte-americanos africanos”.

⁷⁹ Tradução nossa: “seguro”.

⁸⁰ Tradução nossa: “sobreviver”.

análise, é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem”. A antropologia da enunciação estuda o falante situado em fenômenos de língua, em que os falantes buscam, no diálogo, uma maneira de explicá-los, de descrevê-los, de forma a “resolver” a incompreensão natural da língua. “(...) a função metalinguística natural – recurso com o qual o falante comenta a experiência de falante no interior desses fenômenos – está ligada à incompreensão natural (...). Porém, é bom alertar, a antropologia da enunciação não produz uma teoria desses fenômenos, mas uma crítica, um novo dizer (FLORES, 2019, p. 318).

Veremos agora o nosso nono tópico de análise, focando no contorno de sentido dos nossos entrevistados, ao comentar sobre a língua como lugar de duelos.

Tabela 14. A Língua como Lugar de Duelos

Reflexões Enunciativas Antropológicas	Questões Norteadores	Recortes da Linguagem	Identificação dos Modos de Linguagem	Pontos de Vistas sobre o Objeto (Bilinguismo)
A Língua como Lugar de Duelos	Você vê alguma vantagem em ser bilíngue? Poderia pontuar as vantagens (benefícios) e desvantagens (inconvenientes) em conviver com duas (ou mais) línguas e culturas diferentes? Você, de alguma forma, se sente incomodado quando lhe faltam palavras em uma de suas línguas e você precisa recorrer a outra língua para se expressar? Como se percebe nessa alternância entre línguas? Enxerga esse fenômeno linguístico de forma positiva ou negativa? Já se sentiu julgado em relação a isso por alguém que só fala uma língua, ou por um bilíngue que não mora nos EUA?	Sujeito-1: 58:23 “É uma satisfação poder se comunicar em uma outra língua, apesar de algumas vezes ser cansativo. É uma coisa boa. Mas, pra mim é mais cansativo pelo esforço que eu faço em falar corretamente. Então, se eu não tivesse a preocupação de falar corretamente, gramaticalmente falando, e tudo mais... seria mais tranquilo”.	Sujeito-1: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI em quatro ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 4 <i>Code-switching</i> .	Do ponto de vista teórico , para Grosjean (1996, 2013), a maioria dos bilíngues aprecia o fato de ser capaz de se comunicar com pessoas de diferentes origens linguísticas, e culturais. Alguns dizem que o bilinguismo lhes oferece uma perspectiva diferente da vida, promovendo <i>open-mindedness</i> – mente aberta, abrindo a sua visão de mundo, de novos horizontes, e fatos da vida. Os inconvenientes são poucos, estão ligados a misturar as línguas, à adaptação a diferentes culturas, sentir que está perdendo uma das línguas que possui, ou ter que atuar como tradutor. Do
		Sujeito-2: 43:27 “Até porque eu falei, né... tem duas personalidades. Então até ajuda a organizar... ou por exemplo, você passa o dia todo falando em inglês... o sentimento de você chegar em casa, e não precisar mais	Sujeito-2: Modo Bilíngue – Língua base mantida na LP. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: Ausente.	

		falar inglês, é um prazer que uma pessoa que fala uma língua só não tem”.		ponto de vista reflexivo , com base em Benveniste (2005, 2006), entendemos que o imigrante passa a ver o mundo a partir do que a(s) língua(s), através dos dois sistemas linguísticos lhes oferece. Esse conhecimento sobre o que diz o homem, a respeito do efeito da(s) língua(s) sobre ele, só é possível devido a propriedade metalinguística da linguagem.
		Sujeito-3: 34:35 “Me sinto julgada por não falar o inglês perfeitamente, e o português também não. Me sinto julgada por não conseguir falar só aquela língua, com a pessoa que só fala aquela língua, né! Não me sinto julgada, eu me sinto... como é que se diz... ah <i>self-conscious</i> ⁸¹ . Qual é a palavra para <i>self-conscious</i> ?”	Sujeito-3: Modo Bilingue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI em três ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 3 <i>Code-switching</i> .	

Análise 9 – A Língua como Lugar de Duelos:

Ao atribuírem vantagens ou desvantagens ao bilinguismo, segundo Grosjean (1996, 2013), muitos bilíngues vêem mais vantagens do que inconvenientes em conviver com duas ou com mais línguas. A maioria aprecia o fato de ser capaz de se comunicar com pessoas de diferentes origens linguísticas, e culturais. Alguns, inclusive, dizem que o bilinguismo lhes oferece uma perspectiva diferente da vida, promovendo *open-mindedness* – mente aberta, abrindo a sua visão de mundo, de novos horizontes, e fatos da vida. Assim como permite maiores conquistas em relação a leitura, a aprendizado, e ao mercado de trabalho.

A atribuição aos inconvenientes é menos numerosa, e envolvem aspectos como misturar as línguas involuntariamente, ter que se adaptar a diferentes culturas, sentir que está perdendo uma das línguas que possui (geralmente uma língua minoritária, ou menos utilizada em determinadas situações da vida), ou ter que atuar como tradutor em várias ocasiões.

Dessa forma, nesse nono tópico, que buscou analisar “a língua como lugar de duelos”, do ponto de vista teórico, identificamos que embora os nossos três entrevistados estivessem em modo

⁸¹ Tradução nossa: “constrangida”.

bilíngue de linguagem, o Sujeito-2 manteve somente a língua portuguesa (LP) como língua base, enquanto os Sujeitos-1 e 3 ao manterem as duas línguas ativadas, em um estado de interconexão, embora em um padrão maior de ativação também da língua portuguesa (LP), caminharam ao longo do *continuum* situacional, convidando a língua inglesa (LI), com as seguintes ocorrências de *Code-switching*: Sujeito-1 (quatro); e o Sujeito-3 (dois).

Para o Sujeito-2 as vantagens de ser bilíngue se sobrepõem aos inconvenientes, ela diz: “Eu gosto bastante de ser bilíngue. Eu acho que você falar mais de uma língua assim, só tem benefício. Obviamente que tem coisas chatas, assim de você confundir as duas línguas, de faltar palavras. Mas, eu acho que o benefício é muito maior” (SUJEITO-2, 2023, 43:27). E continua: “Até porque eu falei, né... tem duas personalidades. Então até ajuda a organizar... ou, por exemplo, você passa o dia todo falando em inglês... o sentimento de você chegar em casa, e não precisar mais falar inglês, é um prazer que uma pessoa que fala uma língua só não tem” (43:27). Completando, ela fala: “Sabe, você pode falar assim... ‘ai meu Deus, pronto, português! Graças a Deus!’ É uma coisa bobá, mas só quem fala duas línguas que entende o alívio que é não precisar mais falar inglês” (44:09).

Percebemos, nesse enunciado do Sujeito-2, uma sensação de prazer, e desfrute de uma relação de amor e abrigo com a sua língua natal, algo, em suas palavras, impossível de ser sentido pelo falante de uma só língua. Nesse contorno, ela diz: “Ah, eu me sinto julgada por brasileiro, não por americano. Americano geralmente se interessa pela língua, né... por português e tudo mais. Geralmente, o brasileiro, principalmente o que mora no Brasil, eles demonstram muito... parece que preconceito” (44:31). E continua: “Com isso de a pessoa ter uma mistura de duas línguas. Eles pensam... parece que tá tentando se achar, parece que... aí tá jogando na cara, parece que, aí tá forçando para ser diferente. Então... e até brasileiro que mora aqui” (44:53). Pra concluir, ela diz: “E eu só vejo gente enchendo o saco com isso, quem fala uma língua só. ‘Ai garota, você é brasileira, fala português!’... ‘Ué, você é brasileiro fala uma língua só, eu falo duas’... sabe... tipo... isso é julgamento. Assim, eu vejo muito julgamento de brasileiro, geralmente quem fala uma língua só mesmo” (45:07).

Para Grosjean (1996, 2013), as perspectivas de como os monolíngues enxergam os bilíngues são as mais diversas, e podem envolver atitudes que variam entre sentimentos positivos à negativos. Entre algumas visões favoráveis está a admiração, em virtude de alguns bilíngues falarem e escreverem duas ou mais línguas “fluentemente”, e terem uma visão mais ampliada do

mundo. Já o estranhamento, diz respeito ao fato de que muitos bilíngues não possuem igual conhecimento perfeito de suas duas línguas, como se fossem dois monolíngues em uma só pessoa. Muitos monolíngues pensam, erroneamente, que todo bilíngue deveria ter a habilidade de traduzir, automaticamente, uma língua para a outra, assim como eles também têm uma visão distorcida sobre o emprego da(s) língua(s) dos bilíngues, quando presenciam diálogos com alternâncias de uma língua para a outra. Mas, conforme o autor, essas opiniões são geralmente baseadas em considerações socioeconômicas e culturais, e não em fatores linguísticos.

Na opinião do Sujeito-1, “É uma satisfação poder se comunicar em uma outra língua, apesar de algumas vezes ser cansativo. É uma coisa boa. Mas, pra mim é mais cansativo pelo esforço que eu faço em falar corretamente. Então, se eu não tivesse a preocupação de falar corretamente, gramaticalmente falando, e tudo mais... seria mais tranquilo” (SUJEITO-1, 2023, 58:23). E continua: “Então isso exige mais esforço, mas atenção. Mas, eu tenho esse cuidado de falar corretamente, sabe coisas... às vezes eu tô falando uma coisa que vejo que tá errado... é uma característica pessoal minha. Meu filho aqui, quando eu falo inglês com ele, ele me corrige o tempo inteiro. Porque ele fala um inglês perfeito” (58:56).

Comentando, diz ainda: “E ele fala: ‘Pai, você melhorou muito, nossa!’. Mas, eu não sou como ele. Se o V. não se identificar como brasileiro, o americano não sabe que ele é brasileiro, pensa que ele é americano. Ele tem um ouvido absoluto. Há uns 10 anos atrás, ele devia ter 13, 14 anos, eu cheguei em casa uma vez, e comecei a ouvir alguém falando inglês perfeito” (SUJEITO-1, 2023, 59:20). Prossegue: “E eu pensei... quem tá em casa?... a voz vinha do quarto do V. Ele aprendeu a falar inglês sozinho. Autodidata. A gente chegou aqui junto, mas ele tá na minha frente... já fala inglês há mais de dez anos. Quando a gente veio aqui em 2015, e não morava aqui ainda... a gente foi no jogo de *baseball*⁸² lá em *Boston*⁸³” (01:00).

Ele então conta: “E a gente foi assistir um jogo lá no *Fenwick hall*⁸⁴... e conversando com um americano... de repente, meu filho começou a falar também português comigo. O americano olhou pra ele e disse: ‘ué, você não é americano não?’. Ele respondeu: ‘não, sou brasileiro’. ‘Mas, você tá aqui tem muitos anos, né?’ Ele disse: ‘não, é a minha primeira vez aqui’ (SUJEITO-1, 2023, 01:00). E diz mais: “O V. trabalhou em empresas americanas, e se ele não se identificar

⁸² Tradução nossa: “beisebol é um esporte coletivo praticado com uma bola e um taco, muito comum na cultura norte-americana”.

⁸³ Tradução nossa: “Uma cidade do Nordeste dos EUA que tem o clima frio”.

⁸⁴ Tradução nossa: “Local histórico e ponto turístico, localizado no centro de Boston-MA, inaugurado em 1742.

como brasileiro, ninguém sabe. Uma coisa interessante é assim ó... quando eu falo com a P., ou com alguém... eu vou dar um exemplo bem básico assim... quando eu falo ‘vamos na Universal amanhã?’, uso a entonação do português” (01:00:45). E prossegue: “Mas, quando eu falo essa mesma palavra com um americano, eu falo *Universal*, com a pronúncia do inglês. Eu não falo do mesmo jeito. As mesmas palavras eu falo com o som diferente, com pessoas diferentes. Com ela, eu não falo *Universal* porque ela é brasileira” (01:01:21)”. Veja as duas ocorrências de *Code-switching*.

Para o Sujeito-1, na Flórida, “a gente tá num estado que se a pessoa quiser falar, ou não falar inglês aqui, ela não fala. Aqui todo mundo fala espanhol. E tem uma quantidade muito grande de brasileiro. Mas, quando eu tô falando com um americano, ele percebe que eu não sou nativo” (SUJEITO-1, 2023, 56:34). E explica: “Muitas vezes ele não consegue identificar de onde o meu sotaque é. A grande maioria pensa que eu sou espano porque a sonoridade do espanhol parece com o português. Mas, às vezes, quando o americano percebe que eu tô falando inglês, mesmo no começo, que o meu inglês era ruim. Não que hoje seja excelente...” (56:51). Completando: “Hoje é bom, pra razoável... esse esforço em falar inglês, no meu caso, na minha experiência pessoal sempre foi compensado com gentileza. Americano quando vê alguém... por exemplo, eu tenho vários exemplos de pessoas que chegam e perguntam *Speak Spanish? Habla español?* (SUJEITO-2, 2023, 57:13). Note as duas ocorrências de *Code-switching*, um em inglês, e o outro em espanhol.

Na percepção do Sujeito-1, o imigrante na Flórida “ele não tem o cuidado de falar inglês nos EUA. Ele não tá nem aí. Ainda mais que tem muita gente aqui que fala espanhol. Ele não tem a menor preocupação de falar inglês. Não precisa. E americano se incomoda muito com isso. Eu já percebi. Americano quando vê um nativo de outra língua, ele é muito paciente. Pelo menos comigo” (SUJEITO-1, 2023, p. 57:25). E conclui: “Muito educado. Eu nunca tive problema nenhum com americano. Eu tenho uma satisfação em relação a isso, né... porque eu sinto que tô evoluindo. Eu me cobro muito porque não tô evoluindo tão rápido, porque ainda tô num ambiente que fala muito português ainda” (57:51).

Quanto a essa autocobrança em relação ao “duelo entre as duas línguas”, o Sujeito-3 diz se sentir: “Sim, me sinto julgada por não falar o inglês perfeitamente, e o português também não. Me sinto julgada por não conseguir falar só aquela língua, com a pessoa que só fala aquela língua, né! Não me sinto julgada, eu me sinto... como é que se diz... ah *self-conscious*⁸⁵. Qual é a palavra

⁸⁵ Tradução nossa: “constrangida”.

para *self-conscious*?” (SUJEITO-3, 2023, 34:35). E prossegue: “... de que eu não vou conseguir ter aquela palavra no meu vocabulário.... ‘insegura’... essa é a palavra! Então, isso não é necessariamente sentir julgada. Algumas vezes eu fico meio insegura. Eu mesma me julgo, eu mesma me sinto assim” (35:00). Continuando: “Mas, eu acho que é positivo de qualquer forma, você falar inglês, o português errado, o que seja. Oportunhol, espanhol, o que for... você poder se comunicar em outras línguas, é positivo porque você tá no mundo, né! Nós estamos no planeta terra, e você nunca sabe...” (35:27). Assim, nas palavras do Sujeito-3, o que você puder fazer para se comunicar, é válido. Veja as duas ocorrências de *Code-switching*.

Apesar desse receio de não se achar uma falante “suficiente” na língua portuguesa, ou inglesa, e de temer não encontrar as palavras adequadas em cada uma das línguas quando está interagindo com um falante monolíngue, ela diz que o bilíngue tem que se arriscar a falar e não ter vergonha dos seus deslizes, ou “embates” entre uma língua e outra. “Uma das coisas que eu aprendi... a falar mais rápido que a minha irmã. A gente estava na mesma situação, a gente veio juntas, temos os mesmos pais, e eu aprendi mais rápido que ela porque eu não tinha vergonha de falar errado. Então isso, né... isso veio depois de eu me sentir insegura (SUJEITO-3, 2023, 35:58).

Ela fala ainda: “No começo, eu me lembro que eu não tinha tanta vergonha de falar errado. Isso é um processo que a gente passa, né! A gente tem vergonha de falar o inglês errado, mas eu acho positivo. Mas, se eu pudesse escolher, eu gostaria de ter estudado o português para poder falar ele correto, porque eu acho que é importante você falar as línguas corretas” (SUJEITO-3, 2023, 36:12). E mais: “Eu não tive essa oportunidade porque minha vida não foi assim. Mas, quando por exemplo, eu tenho que escrever uma carta em inglês, vamos supor... em português, esquece. Em português, eu preciso de ajuda completamente dos meus pais, ou do *google translate*, pra poder falar certo, entendeu? Da maneira que uma pessoa estudada falaria” (36:18). Note uma ocorrência de *Code-switching*.

Para concluir, ela diz: “Agora, se for só pra falar algo normal assim, daí eu consigo numa boa, não tem problema, né! Em pontuação, ç, cedilha essas coisas não tem problema, meu problema mais é a literatura. Quando tem que falar com mais formalidade. Aquilo lá eu não entendo, e é uma língua difícil” (SUJEITO-3, 2023, 36:54). E finaliza: “É bem mais difícil pra mim o português do que o inglês. Mas, o que eu tava tentando querer dizer... é que eu gostaria de falar os dois, né, legal... bem... assim, bem sofisticado, né... os dois! Mas, eu não falo nem um,

nem o outro. Mas, o meu inglês ainda pesa um pouco mais” (37:02). Ainda assim, ela diz: “é melhor falar errado, quebrado, num país do que ficar completamente perdida” (37:08).

Na nossa visão, a percepção dos nossos três entrevistados, no que diz respeito a essa posição enfrentada pelo bilíngue bicultural, que vive em uma condição enunciativa, em que a língua é colocada em uma posição de “duelos”, é unânime. Embora os deslocamentos entre-línguas possam ser vistos, por alguns, como fatos constrangedores, a ampliação de uma melhor visão de mundo é tão engrandecedora que supera os desafios encontrados na linguagem. Nesse sentido, com base na perspectiva enunciativa benvenistiana (2005, 2006), entendemos que o sujeito imigrante passa a ver o mundo, não somente através da perspectiva que o sistema linguístico da sua língua de origem lhe propõe, como também passa a perceber a vida através do que o sistema linguístico da nova língua estrangeira passa a lhe oferecer, em seu novo cenário linguístico e sociocultural. Esse conhecimento, contudo, sobre o que diz o homem a respeito do efeito da(s) língua(s) sobre ele só é possível devido a propriedade metalinguística da linguagem.

Ou seja, a antropologia da enunciação toma como “objetos” de investigação o dizer do homem sobre o fato de a língua estar nele. Cabe, então, estudar as condições de elaboração de um pensamento sobre a língua a partir do falante. Trata-se mesmo de estudar, no discurso de cada homem, os meios pelos quais ele volta – reflexivamente, interpretativamente, hermenêuticamente, metalinguisticamente etc. – sobre os efeitos da língua no homem, contornando-os de sentido (FLORES, 2019, p. 319-320).

Vejamos agora o que comentam os nossos entrevistados no décimo, e penúltimo, tópico de análise, com uma reflexão voltada a identidade do sujeito.

Tabela 15. A Identidade do Sujeito

Reflexões Enunciativas Antropológicas	Questões Norteadores	Recortes da Linguagem	Identificação dos Modos de Linguagem	Pontos de Vista sobre o Objeto (Bilinguismo)
A Identidade do Sujeito	Pesquisas apontam que hábitos linguístico-culturais adquiridos na infância são mais difíceis de serem substituídos na linguagem do bilíngue. Você já refletiu qual a língua que você utiliza ao rezar, orar, contar números ou dinheiro,	Sujeito-1: 47:22 “Eu vejo o americano falando várias expressões, eu entendo tudo que ele fala, mas eu não consigo colocar na frase. Não sei natural... coisas que o nativo fala, sabe... porque não tá intrínseco dentro de mim”.	Sujeito-1: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI em onze ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 11 <i>Code-switching</i> .	Do ponto de vista teórico grosjeaniano (1996), entendemos que os bilíngues costumam contar e rezar na língua em que aprenderam esses comportamentos. Pensar ou sonhar também pode ser específico da língua (embora às vezes

<p>pensar, ou sonhar? Ocasões também de cansaço, irritabilidade, e entusiasmo, assim como o estresse tendem a levar os bilíngues a se expressarem na língua de origem. Sabe dizer se o mesmo acontece com você? Quanto ao seu olhar em relação ao “outro”, criança/adolescente filhos de brasileiros que adquiriram a língua inglesa depois que chegaram aqui, já observou como eles falam? Alguns perdem o interesse pela língua de origem. Como você enxerga isso? Tem o desejo que as pessoas do seu convívio: cônjuge, família, amigos, colegas de trabalho, ou seus médicos falem suas duas línguas? Se tem filhos nascidos aqui, desejou criá-los falando nas duas línguas ou somente em uma? Fez questão de preservar a sua identidade, mantendo sua língua de origem viva em seus filhos?</p>	<p>Sujeito-2: 46:00 “O meu irmão era assim quando chegou aqui. Ele passava por brasileiro, brasileiro dizia: ‘Oi, bom dia!’ Ele respondia: ‘Hi’... aí o brasileiro tinha que falar em inglês com ele. Hoje em dia ele perdeu essa mania. Mas, ele tinha muito isso”.</p>	<p>Sujeito-2: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI em quatro ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 3 <i>Code-switching; e 1 Borrowing (Loan Shift - Linguagem Emprestada, com Estrangeirismo).</i></p>	<p>possa ser ‘alinguístico’) e depende da pessoa, da situação e do tópico envolvido. Cansaço, estresse, irritabilidade ou entusiasmo tendem a levar os bilíngues a voltarem para sua língua de origem. E causar problemas em encontrar as palavras apropriadas e troca não intencional.</p>
	<p>Sujeito-3: 41:30 “O sotaque dela é <i>heavy</i>. E os pais são brasileiros, falam português. Inclusive quando eu falo em inglês, o meu pai fala ‘não tô entendendo, dá pra você falar em português pra mim entender’... e às vezes eu penso, meu pai não entende, né!” 46:23 “Mas, quando ele fala o português daquela maneira, ele escreve... nossa, é super lindo, sabe, eu fico... Nossa, pai tu é tão inteligente, sabe... como se fala, às vezes a gente quer julgar, a gente tem, como se fala?... um <i>prejudice against</i>⁸⁶, né? Mas, não é. Realmente é a língua, né?”.</p>	<p>Sujeito-3: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI em sete ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 7 <i>Code-switching.</i></p>	<p>Relatou-se também que os bilíngues desejam que os monolíngues mais próximos a eles (cônjuge, família e amigos) também sejam bilíngues. Do ponto de vista reflexivo benvenistiano (2006, p. 101), entendemos que “para cada falante, o falar emana dele e retorna a ele, cada um se determina como sujeito com respeito ao outro ou a outros. Entretanto, e talvez por causa disto, a língua que é assim a emanação irreduzível do eu mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supraindividual e coextensiva à toda a coletividade”.</p>

⁸⁶ Tradução nossa: “preconceito contra”.

Análise 10 – A Identidade do Sujeito:

Para Uyeno e Cavallari (2011), a identidade é sempre imaginária uma vez que põe em funcionamento as imagens que o sujeito faz de si mesmo, a partir de imagens lançadas pelo olhar do “outro” e que permitem a ele se reconhecer enquanto tal. Assim, as representações identitárias possibilitam ao sujeito reconhecer-se através do que é discursivamente construído como contorno para o “si mesmo”. Segundo Hall (2000), as identidades são construídas por meio da diferença, por meio da relação com o “outro”, e da relação com aquilo que não se é, ou aquilo que falta.

O termo “identidade” é utilizado pelo autor para significar o ponto de encontro entre: os discursos e as práticas que tentam nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares, e os processos que produzem subjetividade, que nos constroem como sujeitos ouvintes e falantes. “Entendemos, a partir da leitura de Hall (2000:108), que ‘as identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós’” (UYENO e CAVALLARI, 2011, p. 131).

Já as identificações, por sua vez, estas mostram-se necessárias para construir “pertencas”, servindo para situar o sujeito no mundo e nas relações sociais. “As identificações são os mecanismos pelos quais são construídas as identidades que, fragmentadas, estão em constante movimento” (HALL, 2000, p. 62). Já dissolvidas em traços que se encontram impressos no sujeito, as identificações, pelo fato de serem múltiplas e transitórias, ao mesmo tempo em que determinam o lugar discursivo do sujeito enunciador, também (des)estabilizam sua identidade. “Portanto, podemos dizer que as identificações desestabilizam o sujeito ao invés de estabilizá-lo: são a sedimentação de “nós” e dos “nós” na constituição de qualquer Eu” (UYENO e CAVALLARI, 2011, p. 131).

Dentro do contexto imigratório, entendemos que as identidades, diferentes das demais, construídas por meio de práticas discursivas pode levar o imigrante a se reconhecer em múltiplas identidades, conforme a posição discursiva que ocupa. Segundo Silva (2000), isso faz com que a identidade seja sempre múltipla ou híbrida. Assim, os traços identitários e culturais dos sujeitos são reflexos de suas relações sociais, “*eu/tu*” que se alternam nas posições de falante/ouvinte, nativo/imigrante, pois a língua que se concretiza não é neutra e dissociada de seus enunciadores, ela é sempre moldada e adaptada às relações envolvidas. “É na linguagem e pela linguagem que o

homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamentada na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 2005, p. 286).

Nesse viés, do ponto de vista teórico grosjeaniano, nesse décimo tópico (penúltimo), ao analisarmos “a identidade do sujeito”, identificamos que todos os nossos três entrevistados estiveram em modo bilíngue de linguagem, mantendo as duas línguas ativadas, em um estado de interconexão, com a língua portuguesa (LP) como língua base, caminhando ao longo do *continuum* situacional, convidando a língua inglesa (LI), nas seguintes ocasiões: Sujeito-1 (onze *Code-switching*); Sujeito-2 (três *Code-switching*, e um *Borrowing - Loan Shift - Linguagem Emprestada*, com Estrangeirismo); e o Sujeito-3 (sete *Code-switching*).

Para o Sujeito-3 essa relação identitária com identificações de traços de ambas as nações brasileira e estadunidense, refletidos na miscelânea dos seus enunciados, com desdobramentos das duas línguas, portuguesa/inglesa, são muitas vezes mal interpretadas pelos próprios brasileiros. Ela diz sentir isso “com os brasileiros, não os americanos. Eu já senti que eles às vezes acham que eu tô querendo ser superior, entendeu? Porque eu sempre explico... eu vim pra cá com 12... meu português não é... eu sinto isso. Não é uma coisa que já me falaram. De repente, eu não sei se é verdade...” (SUJEITO-3, 2023, 38:25). E prossegue: “Porque às vezes a gente pensa uma coisa, e não é, né! Mas, é uma coisa que eu tenho que me explicar pra que as pessoas não levem a mal, porque eu não tô querendo ser superior. É porque eu realmente não tenho a palavra” (38:40).

Na percepção dela, a idade em que o sujeito é submetido a nova língua, e as novas relações no meio sociocultural, tem muita relevância: “Sim, com certeza. E eu vejo isso no nosso próprio grupo. Porque depende da idade. Os mais velhos, que tiveram mais uso da língua no país, no Brasil... que foi o meu caso e desse meu amigo, né... nós eramos os mais velhos, a gente tem... pra nós, falar o português não tem problema, é bem mais fácil” (SUJEITO-3, 2023, 46:06). E continua: “Agora, para os mais jovens do grupo, o inglês ficou mais fácil. Então, para eles, o português dificultou mais ainda, entende? Porque se a diferença de idade é dois, três anos, se eu saí na terceira série, eles saíram na primeira. A diferença é bem maior” (41:05).

Então, ela diz que no início, “aí a gente se comunicava no português, mas agora... daí ficou uma mistura... e agora eles ficaram todos com a maioria falando só o inglês. Quanto mais tempo você teve na cultura, mas você vai... inclusive uma das nossas amigas aqui, a mais nova, ela tinha seis anos de idade. Ela é completamente americana” (SUJEITO-3, 2023, 41:30). E completa: “O sotaque dela é *heavy*. E os pais são brasileiros, falam português. Inclusive quando eu falo em

inglês, o meu pai fala: ‘não tô entendendo, dá pra você falar em português pra mim entender?’... e às vezes eu penso, meu pai não entende, né!” (41:30). E prossegue: “Mas, quando meu pai escreve em português... Nossa, eu fico assim, admirada... com o estudo dele, né! Ele fala em português assim... ele se expressa de uma maneira, que eu fico assim *wow*... e é o que ele sente comigo com o inglês, que eu sei tudo isso, mas eu realmente não. É só que fica mais fácil” (42:12). Note a ocorrência do *Code-switching*.

Comenta ainda: “Mas, quando ele fala o português daquela maneira, ele escreve... nossa, é super lindo, sabe, eu fico: ‘Nossa, pai, tu és tão inteligente’, sabe... como se fala, às vezes a gente quer julgar, a gente tem como se fala?... um *prejudice against*⁸⁷, né? Mas, não é. Realmente é a língua, né?” (42:23). Ela diz que no início não entendia o fato de seu pai não lhe compreender na língua inglesa, mas depois percebeu que isso não era falta de sabedoria, mas era devido ao seu *background*⁸⁸ ou experiência linguística ter sido construída na língua portuguesa. Então diz: “O que não tem nada a ver uma coisa com outra... porque quando meu pai fala, ele fala... ele fez pós-graduação em Educação Física, ele teve um estudo, ele veio de uma família que todo mundo estudou, então ele tem aqui vocabulário, né?” (42:40). Veja as duas ocorrências de *Code-switching*.

E fala ainda que “como ele é do Rio Grande do Sul... eu sinto que as pessoas do Rio Grande do Sul têm uma outra maneira de falar. Os paulistas falam de outra maneira, o pessoal do Norte fala de outra maneira, o baiano... e todos têm essas características...” (SUJEITO-3, 2023, 42:57). E completa: “Mas, como esse foi o português que eu cresci, quando eu escuto aquilo daquela maneira, com aquele sotaque sabe... eu sempre achava lindo. Eu sempre achava que todo mundo dizia que o pessoal do Sul fala cantado... e eu pensava não, de jeito nenhum, e hoje em dia eu vejo que todo mundo no Brasil fala cantado” (46:05). Continuando: “E aquela coisa toda, ‘bá’, né... o meu padrasto, o segundo marido da minha mãe, ele era da Bahia... e ele era um músico muito talentoso. Tocou *Jazz*, no *Coral’s Jazz*, em *New York*. Ele tinha aquela coisa... ele tinha aquela linguagem baiana. E era um outro português, que às vezes as palavras que ele falava eu não entendia” (43:32). Note as duas ocorrências de *Code-switching*.

Ela comenta que “era um português... um português assim, mais antigo, né... é uma coisa assim mais, não sei... eu ficava assim impressionada da maneira como ele falava com outros, o sotaque dele, né? É legal, gosto de ver... ele não tinha muito o estudo, mas ele tinha a arte”

⁸⁷ Tradução nossa: “preconceito contra”.

⁸⁸ Tradução nossa: “bagagem”.

(SUJEITO-3, 2023, 43:52). E diz que “aquilo você via... as músicas, as coisas que ele falava, aquela coisa de... daquela Tropicália. Essa área ele tinha tudo isso, então era outro, né... tem o estudo, tem a arte, você vê a diferença. O Brasil é um país tão rico nisso, a gente tem... então, como é que se diz?” (44:43). Pra ela, “O pessoal do Paraná, que é da família do meu marido... por exemplo... eles têm aquela cultura da Polônia. A maioria é tudo da Polônia, inclusive fizeram agora um *family group*⁸⁹ e foram pra Polônia pra encontrar... ver de onde eles vieram, e como era a família deles e tal...” (44:57). Falou que queriam conhecer “o povo mesmo, vê a cultura, e agora eles viraram amigos. E é muito polonês e você vê o sotaque deles, a cultura, e eles estão ali naquela área lá. Santa Catarina com os alemães, com os portugueses, né! Tem uma cidade de Blumenau que é só germânico, eles não falam português” (45:24). Veja uma ocorrência de *Code-switching*.

Ao nosso ver, emotiva e pensativa sobre os aspectos identitários e culturais brasileiros, se mostrando saudosa da sua pátria, ela continua: “então, tem toda essa cultura assim no Brasil... assim eu vejo, né... os caboclos, e tem aquela coisa toda da Bahia, com a África, né! Aquela cultura riquíssima... princesas, aquelas coisas que a gente vai... eu nunca estudei história do Brasil... mas assim, o pouco que eu vejo, me interessa, sabe?” (SUJEITO-3, 2023, 45:52). “Então o Brasil é muito rico, esse negócio tá ligado a música, pra mim, a brasileira é aquela música, né... sim, eu me emocionei quando falei da Tropicália porque eu cresci escutando eles. Meus pais vieram dessa época, né! Eles lutaram pra sair daquela ditadura. Eles cresceram, eu cresci escutando Bossa Nova, Jazz” (46:10). E conclui: “Meu marido é músico. Adaptou a isso também. E a minha filha, outro dia cantou uma música em português da Maria Rita. Às vezes, quando ela se sente tímida em português, eu falo: ‘L., tu tem um *gift*. *Let it out*⁹⁰’ (46:15). Perceba mais uma ocorrência de *Code-switching*

Notamos que apesar de o Sujeito-3 ter se identificado e aprendido a se relacionar na “outra” língua no cenário imigratório estadunidense, todos os aspectos identitários de sua pátria (Brasil), continuam fazendo parte de sua memória linguística afetiva. Porém, devido ao fato ter se mudado para os EUA ainda muito criança, ela diz que todos os seus hábitos culturais de pensar, rezar (orar), sonhar, contar números, ou dinheiro, expressões em situações de cansaço, irritabilidade, ou entusiasmo, todas essas linguagens que são normalmente adquiridas na infância, pra ela, ocorrem todos em inglês: “Comigo é em inglês, sempre. Interessante, né?” (SUJEITO-3, 2023, 19:48).

⁸⁹ Tradução nossa: “grupo de família”.

⁹⁰ Tradução nossa: “tu tens um dom. Coloca isso pra fora”.

Ao tratar do paradoxo da identidade imigrante (refugiado em geral), Lara (2017) afirma que o discurso desse sujeito está apoiado na semântica de base denominada identidade *versus* alteridade. É um sujeito que passa por conflitos internos e alteridades entre a sua própria identidade e a busca pela aproximação com a identidade linguística do outro.

Na percepção do Sujeito-2, “O meu irmão era assim quando chegou aqui. Ele passava por brasileiro, brasileiro dizia: ‘Oi, bom dia!’ Ele respondia: ‘Hi’... aí o brasileiro tinha que falar em inglês com ele. Hoje em dia ele perdeu essa mania. Mas, ele tinha muito isso” (SUJEITO-2, 2023, 46:00). Refletindo sobre identidade, ela diz ainda: “E tem esse menino também na minha escola que... ele, eu acho forçado... não sei, parece que... parece que ele menospreza a cultura dele pra se infiltrar nos americanos. Ainda mais porque aqui é muito separado, branco dos pretos, dos espanos, dos brasileiros. É cada um na sua” (46:23). Prosseguindo: “Então, eles se misturam de vez em quando, mas é realmente tudo muito separado. Todo mundo anda com seu povo mesmo. Então ele... como ele é brasileiro, mas ele é preto, ele anda com os pretos. E aí por causa disso, ele meio que menospreza o fato de ele ser brasileiro” (46:44). E explica: “Então ele conversa comigo... ele vem falar comigo em inglês, eu respondo ele em inglês... normal tudo... mas ele só fala comigo em português quando tem brasileiro perto. Quando é eu e ele, pode não ter ninguém em volta, ele conversa em inglês” (46:58). Note uma ocorrência de *Code-switching*.

Completa ainda: “Quando tem amigos dele americano, ele conversa em inglês. Agora quando tem outros brasileiros, ele conversa em português, ou seja, comigo é como se ele tentasse menosprezar, até o último segundo aquela parte da cultura dele” (SUJEITO-2, 2023, 47:05). Então diz: “Ele sabe que eu falo inglês, até porque ele tem minhas redes sociais, ele vê que eu falo bastante. Os brasileiros geralmente não falam tanto quanto eu, porque não sei... porque não tem essas duas partes da personalidade tanto como eu. Tem umas coisas que eu vejo assim... gente, pra que isso?” (47:33). E fala: “Você é brasileiro garoto, não se esqueça disso” (47:49). Na visão dela, diferente de fazer a alternância natural entre uma língua e outra, quando esse seu amigo brasileiro fala com ela, ele faz uso somente da língua inglesa.

Por outro lado, o Sujeito-2 diz que o seu desejo era que todas as pessoas do seu convívio falassem as duas línguas. “Ai, seria maravilhoso se todo mundo soubesse português e inglês, principalmente na escola que... às vezes eu sei exatamente o que eu quero falar em português, mas aí eu tô fazendo um teste... e eu não posso só pegar meu computador e pesquisar. Eu tenho que bater cabeça pra tentar interpretar o que eu tô querendo falar” (SUJEITO-2, 2023, 48:27). E

continua: “E às vezes não é nem porque eu não sei a frase, mas é porque eu pensei em português, e aí eu tenho que traduzir o pensamento para o inglês. Porque eu tava fazendo todo o *entire process* numa língua, e aí tem que traduzir o texto inteiro pra inglês” (48:39). Ela diz ainda: “Então tem que lembrar o que eu falei, ligar os pontos de novo, pensar em outra língua, usar expressões de outra língua, seguir a gramática, manter a estrutura sabe... tem momentos que eu fico... meu Deus!” (48:52). Veja a ocorrência de *Code-switching*.

E comentou sobre as suas sessões de terapia com a sua psicóloga brasileira: “Tem também a minha análise... minha terapeuta é do Brasil...então tem que ficar parando pra pensar... mas aí as coisas do dia a dia... tem muita coisa do dia a dia que acontece na escola, que aí tudo que eu penso é em inglês” (SUJEITO-2, 2023, 49:21). Completando ela diz: “Aí na hora de falar... nossa, eu não pensei nesse assunto em português. Aí eu tenho que fazer ali na hora a tradução dos dois. Ela entende bem pouquinho de inglês. É *online*. Às vezes quebra um galho, mas não dá pra só falar inglês, quando tem que falar português” (49:27). Note a ocorrência do *Borrowing (Loan Shift - Linguagem Emprestada, com Estrangeirismo)*

Ainda refletindo sobre a sua identidade, e a utilização da língua portuguesa em seu cotidiano, ela comenta: “Eu já pensei sobre isso. Realmente eu tenho necessidade... eu até já pensei que se algum dia eu fosse ter filho, eu iria ensinar o português pra ele, até ele ir pra escola. Mas em casa, tudo português pra primeira língua dele ser português” (SUJEITO-2, 2023, 50:27). E finaliza dizendo: “Pra manter a língua viva, e ele, sabe... meio que inconscientemente, deixar isso na cabeça dele, de que a língua dele é o português. Ele é brasileiro. Se ensinar os dois ao mesmo tempo não tem essa definição. Agora se ensinar uma primeiro, vai ficar na cabeça” (50:38).

Sobre a temática de que língua utilizar com os filhos, o Sujeito-1 diz: “Meus filhos já vieram criados pra cá, então não tive esse problema, mas eu tenho parentes brasileiros, por exemplo, que têm filhos nascidos aqui que tiveram esse cuidado de criar os falando em português. O engraçado é que eu me sento na mesa com eles, e eles falam as duas línguas ao mesmo tempo” (01:02:32). E prossegue: “Às vezes um fala uma coisa em português e o outro responde em inglês. E é diferente você... é uma coisa interessante, você colocar a palavra em inglês no meio de uma frase, é uma coisa, outra coisa é alguém te perguntar em inglês, e você responder em português. Eu tenho parentes aqui que fazem isso” (01:02:51).

Na visão dele, são dois tipos de alternâncias distintas: “É diferente isso... você faz a pergunta em inglês, o outro responde em português. Ou faz a pergunta em português, o outro

responde em inglês.... eles fazem isso. Eu também tenho casos na família que vieram pra cá e que acostumaram os filhos só a falar em inglês” (01:03:06). E prossegue: “Eu acho isso uma burrice porque ele vai tirar a oportunidade de uma criança de falar as duas línguas. Se você pode ser bilíngue, por que vai tirar a oportunidade da criança de falar as duas línguas? Pra quê... e o futuro? O mundo cada vez mais globalizado. Então, eu tenho os dois casos na família” (01:03:19). Diz que tem “gente que fala as duas línguas, e gente que criou o filho só em uma língua. Os pais brasileiros, e os filhos só falando em inglês” (01:03:24).

Ele fala ainda: “Eu vou te dar um exemplo bem específico... eu tenho uma tia, irmã da minha mãe que mora em *Boston*. Ela veio pra cá 30 anos atrás. Ela tem uma filha que mora em *Boston*, ela veio pra cá com uns 15 anos. Hoje ela tem uns 47 anos. Tá aqui há mais de 30 anos também. Viveu mais tempo aqui do que no Brasil” (01:04:04). E comenta: “Mas, ela é brasileira. Casada com um brasileiro, carioca. Ela é mineira, só que os dois filhos dela nasceram aqui. São americanos, e nunca moraram no Brasil. Então, os dois são nativos da língua inglesa. Falam melhor o inglês do que o português. Mas, os dois falam com eles nas duas línguas” (01:04:29). E completa: “Então, quando a gente tá com eles, como eles são bilíngues em vez de colocarem as palavras no meio da frase, eles colocam uma frase dentro da outra. E eles fazem essa transição muito rápido. Eles conversam colocando as duas línguas ao mesmo tempo. E isso é muito interessante. Eles são bilíngues mesmo” (01:04:57).

Quanto aos hábitos linguísticos adquiridos na infância, diferente do Sujeito-3, devido ao fato de ter imigrado para os EUA já na fase adulta e somente há quatro anos, o Sujeito-1 disse: “Sim, é muito claro pra mim que nas situações de estresse, na outra língua... as palavras, uma frase que eu falo normal, eu erro coisas bobas em inglês. Eu troco *she* pelo *he*, eu troco o passado pelo presente. Eu esqueço os verbos irregulares... assim... é como se eu falasse ‘nós vai’, ‘a gente fomos...’” (41:47). Falou ele: “Assim, eu não cometo esses erros em português, e em inglês eu cometo quando tô nervoso. Eu não consigo me expressar em inglês quando eu tô nervoso. Eu tenho muita dificuldade. Pra expressar uma irritabilidade... como é que é a palavra.... oh de novo... não é uma veemência... quer dar uma... uma... como é a palavra em português, gente? (41:55). E completa: “Não é autoafirmação, mas você quer reforçar, quer deixar bem claro que tá chateado. Então... você quer deixar claro a importância de estar falando aquilo, e em inglês falta a palavra. Pode parecer uma coisa boba, sabe?... relevância, acho que é essa a palavra... ‘ênfatisar’ um assunto” (43:37). Note as duas ocorrências de *Code-switching*.

Conforme Grosjean (1996), sabemos pouco sobre as línguas usadas pelos bilíngues em suas atividades mentais, ou como os bilíngues reagem quando estão sob estresse ou em uma situação emocional. Parece ser provável que algumas operações mentais sejam específicas da língua. “Assim, os bilíngues costumam contar e rezar na língua em que aprenderam esses comportamentos. Pensar ou sonhar também pode ser específico da língua (embora às vezes possa ser ‘alinguístico’) e depende da pessoa, da situação e do tópico envolvido⁹¹” (GROSJEAN, 1996, p. 6, destaque nosso e do autor).

Quando cansados, irritados ou entusiasmados, os bilíngues muitas vezes voltam para sua língua materna ou para qualquer idioma em que normalmente expressam suas emoções. O estresse também pode causar mais interferência, problemas em encontrar as palavras apropriadas e troca não intencional. Além disso, foi relatado que os bilíngues desejam que os monolíngues mais próximos a eles (cônjuge, companheiro, amigos) também sejam bilíngues⁹² (Idem, 1996, p. 6).

Então, nesses casos, o Sujeito-1 diz que em português sai mais claro, e que em inglês, ele comete erros bobos mesmo. Da mesma forma que: “Pra contar é tudo em português. Apesar de o dinheiro... a forma como o americano fala números, não é igual a gente... por exemplo, na escola você aprende *two thousand one hundred*, mas em inglês, americano não conta assim... ele fala *twenty one hundred*. Ele conta a centena. Eu sei essa diferença” (43:55). E fala: “Eu sei essa diferença do inglês. Então quando alguém me dá um dinheiro pra contar, mesmo que seja um americano, mentalmente eu conto em português. Quando eu vou falar com o americano, eu conto em inglês pra ele, mas quando eu conto mentalmente para mim mesmo, é em português” (44:35). Conclui ele: “Meu raciocínio lógico é todo em português. Agora, quando tem que abrir a boca pra falar, eu falo... me expesso na língua da pessoa. E eu acho que não vai mudar isso não. O que eu acho é o seguinte... fluência, tem vários níveis de fluência” (44:48). Veja as ocorrências de dois *Code-switching*.

Ele comenta: “Eu sou fluente em inglês há algum tempo, mas eu percebo o meu inglês melhorando, mas eu nunca vou ser nativo do inglês. Eu sou nativo do português. Isso é bem claro

⁹¹ Do original: Thus, bilinguals usually count and pray in the language in which they learned these behaviors. Thinking or dreaming can also be language specific (although they can at times be alinguistic) and depend on the person, the situation and the topic involved.

⁹² Do original: When tired, angry or excited, bilinguals will often revert back to their mother tongue or to whatever language they usually express their emotions in. Stress may also cause more interference, problems in finding the appropriate words, and unintentional switching. In addition, it has been reported that bilinguals wish that the monolinguals closest to them (spouse, companion, friends) were also bilinguals.

pra mim, sabe... eu tenho uma fluência em inglês, eu me expesso muito bem” (45:09). Pra completar, diz: “Eu tenho um caso pra contar, por exemplo, da minha fluência... logo quando eu mudei pra cá, tava aprendendo a falar inglês, eu fui comprar um móvel pra minha casa e a pessoa perguntou onde eu morava... eu falei: ‘*Kirkmam Road*’. Primeiro acho que o ‘R’ eu falei com o som mudo... a mulher falou: ‘*Where?*’” (45:33). Continua: “E eu falei novamente... e ela: ‘*Where? Você pode escrever pra mim?*’ E eu escrevi ‘*Kirkman Road*’... ela falou: ‘*ohh Kirkman Road*’, com a pronúncia bem diferente. Agora eu falo diferente. Mas, assim... pra mim, *Kirkman* (prosódia portuguesa) ou *Kirkman* (prosódia inglesa) é a mesma coisa. Pra eles é diferente” (46:15). Veja as sete ocorrências de *Code-switching*.

E comenta: “Então você, às vezes, não consegue entender essa pequenas nuances da língua. Agora eu tenho tomado mais cuidado e tenho aprendido cada vez mais. E tô melhorando a minha fluência. Mas, por mais que eu melhore a minha pronúncia, eu não vou ser nativo do inglês nunca” (46:43). Finaliza dizendo: “Eu vejo o americano falando várias expressões, eu entendo tudo que ele fala, mas eu não consigo colocar na frase, não sai natural... coisas que o nativo fala, sabe... porque não tá intrínseco dentro de mim” (47:22).

Compreendemos que na perspectiva social imigratória, ao viver em uma condição linguística compartilhada, relação brasileiro/estadunidense, o imigrante ao mesmo tempo que se marca na linguagem com a sua identidade natal, ele apresenta traços linguísticos que também lhe marcam na língua estrangeira. Segundo Grigoletto (2013), a língua é elemento fundante do sujeito, nele se inscreve, nele faz morada, atravessa-o e o constitui. A relação dos sujeitos com as línguas e suas incidências na subjetividade não é neutra, deixa vestígios e rastros de suas andanças. O imigrante aprende a moldar-se de acordo com as suas necessidades comunicacionais e linguísticas, a partir daquilo do que ele se identifica e deseja se aproximar, encontrando-se, assim, inserido na nova sociedade que habita.

Conforme Benveniste (2006, p. 101), “para cada falante o falar emana dele e retorna a ele, cada um se determina como sujeito com respeito ao outro ou a outros. Entretanto, e talvez por causa disto, a língua que é assim a emanção irredutível do eu mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supraindividual e coextensiva à toda a coletividade”.

Finalizamos agora com os comentários dos nossos entrevistados no último, e décimo primeiro tópico de análise, com uma reflexão voltada a Teoria de Sapir e Worf, que diz que “A língua que você fala, muda o seu pensamento”.

Tabela 16. A Língua que você Fala Muda o seu Pensamento

Reflexões Enunciativas Antropológicas	Questões Norteadores	Recortes da Linguagem	Identificação dos Modos de Linguagem	Pontos de Vista sobre o Objeto (Bilinguismo)
<p>A Língua que você Fala Muda o seu Pensamento</p>	<p>Você já ouviu falar na teoria de Sapir-Worf, que diz: “A língua que você fala, muda o seu pensamento? – <i>The language you speak, rewires your brain</i>”? Concorda com essa teoria? Você costuma pensar, se comportar, e ter visões diferentes dependendo da língua que você está falando? Você se diz mais reservado, mais gentil, ou mais autoritário, em uma de suas línguas? Ou se considera a mesma pessoa, com a mesma personalidade em ambas as línguas? O que diria do provérbio <i>theco</i>: “Aprenda uma nova língua e obtenha uma nova alma”? Há pessoas que confirmam esse provérbio e chegam a dizer que o bilíngue tem dupla personalidade. Qual a sua visão a respeito disso?</p>	<p>Sujeito-1: 01:06: 25 “Eu não sei se tem dupla personalidade, mas que são diferentes, são. O tom da voz eu ouço muito mais formal em inglês do que em português. Muito mais formal. Acho que até porque minhas relações são mais formais em inglês do que em português. Eu tenho poucos relações pessoais em inglês”.</p>	<p>Sujeito-1: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: Ausente.</p>	<p>Do ponto de vista teórico, Grosjean (2013, p. 23, tradução nossa). afirma: “Diferentes situações e interlocutores podem desencadear diferentes atitudes, impressões, comportamentos, mas também linguagem em bilíngues biculturais.</p>
	<p>Que nem eu falei no começo... inglês é muito objetivo, muito produtivo. Português, ele é mais fluido... eu sou muito mais simpática em português do que em inglês. Parece que um falar: ‘Ei tudo bom?’... parece que o sorriso já vem na hora”.</p>	<p>Sujeito-2: 52:31 “Sim, eu concordo. Que nem eu falei no começo... inglês é muito objetivo, muito produtivo. Português, ele é mais fluido... eu sou muito mais simpática em português do que em inglês. Parece que um falar: ‘Ei tudo bom?’... parece que o sorriso já vem na hora”.</p>	<p>Sujeito-2: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI em dezesseis ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 16 <i>Code-switching</i>.</p>	<p>Em suma, não é a língua como tal que desencadeia essas mudanças, mas o contexto”. E, do ponto de vista reflexivo, Benveniste (2005, p. 17) conclui: “Entretanto, a linguagem é também um fato humano; é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa relação. Uma outra linguística poderia estabelecer-se sobre os termos deste trinômio: língua, cultura, personalidade”.</p>
	<p>Há pessoas que confirmam esse provérbio e chegam a dizer que o bilíngue tem dupla personalidade. Qual a sua visão a respeito disso?</p>	<p>Sujeito-3: 52:14 “Eu acredito que não tem nada a ver com a língua. É completamente cultura. Porque eu me comporto de uma certa forma pela cultura americana, ou brasileira. Eles são mais resguardados em certas coisas, a gente em outras, né!”.</p>	<p>Sujeito-3: Modo Bilíngue – Língua base - LP. Caminhou ao longo do <i>continuum</i> convidando a LI em nove ocasiões. Ocorrência Fenômenos Entre-línguas: 9 <i>Code-switching</i>.</p>	<p>Uma outra linguística poderia estabelecer-se sobre os termos deste trinômio: língua, cultura, personalidade”.</p>

Análise 11 – A Língua que você Fala Muda o seu Pensamento:

De acordo com a teoria de Sapir-Whorf, *The language you speak, rewires your brain* - A língua que você fala, muda o seu pensamento, compreendemos que pessoas bilíngues enxergam o mundo de modo diferente. Ou seja, para Martelotta (2012), cada língua segmenta a realidade e impõe a segmentação a todos os que falam. Os modelos linguísticos estão relacionados aos modelos socioculturais, onde as diferenças gramaticais lexicais de uma língua correspondem aos diferentes comportamentos culturais. Assim, a hipótese dos autores trata do condicionamento recíproco entre a percepção e a linguagem, com efeitos na cultura. Parte-se da junção dos estudos publicados por Sapir, sobre: língua, cultura e personalidade; e de Whorf, sobre: linguagem, pensamento e realidade.

Segundo Grosjean (2013), os bilíngues biculturais se gerenciam de tal forma para adaptar seu comportamento, que quando também se trata de uma mudança de língua, desenvolveu-se um mito, com um dito popular, que diz que a mudança de língua leva a uma mudança de personalidade. “Poderia haver alguma verdade no provérbio Tcheco, - ‘Aprenda uma nova língua e ganhe uma nova alma’? Claramente, isso não diz respeito aos bilíngues monoculturais, pois eles permanecem dentro de uma cultura. Mas e os bilíngues biculturais?” (GROSJEAN, 2013, p. 23, tradução nossa)⁹³.

Desde o primeiro momento da entrevista, o Sujeito-2 já vinha afirmando que se sentia com duas personalidades diferentes, em que na língua portuguesa se via com o seu jeito “moleque”, enquanto na inglesa ela se dizia muito prática e objetiva: “Sim, eu concordo. Que nem eu falei no começo... inglês é muito objetivo, muito produtivo. Português, ele é mais fluido... eu sou muito mais simpática em português do que em inglês. Parece que um falar: ‘Ei tudo bom?’... parece que o sorriso já vem na hora” (SUJEITO-2, 2023, 52:31). E continua: “Agora o inglês... parece que um ‘hi’, pra mim o ‘hi’ já é tímido, sabe... ‘hii’ ‘hii’. Em português parece que só a palavra, já... já vem o jeito, o sorriso junto, né? Em português também eu sou muito mais amigável” (52:55). Veja as quatro ocorrências de *Code-switching*.

⁹³ Do original: “Could there be some truth to the Czech proverb, ‘Learn a new language and get a new soul’? Clearly, this does not concern monocultural bilinguals as they remain within one culture. But how about bicultural bilinguals?”.

Prosseguindo, ela diz: “em inglês pra mim, a palavra que define é produtividade. Eu só falo com as pessoas se elas falarem comigo. Então, por exemplo, se alguém me cumprimenta em inglês, eu cumprimento a pessoa de boa” (53:09). E fala ainda: “Agora, o português, se eu vejo um brasileiro, eu já vou: ‘Ei tudo bom, J., prazer! Qual o seu nome? Agora em inglês não, eu espero as pessoas virem até a mim. É tudo muito quieto. Falar quando precisa ser falado” (53:20). Então diz: “Até porque, né... o ambiente da Escola é assim mesmo. Você fica quieto, você ouve uma aula, você fala quando os professores deixam você falar... então, realmente, o português é uma língua muito mais simpática, e inglês é muito mais quieto” (53:27).

Embora muitos bilingues relatem que se sentem diferentes quando falam uma, ou outra língua, há uma explicação antiga em que afirma que aquilo que é visto como uma mudança de personalidade é simplesmente uma adaptação de comportamento e atitudes correspondentes a uma determinada situação ou contexto. “Diferentes situações e interlocutores podem desencadear diferentes atitudes, impressões, comportamentos, mas também linguagem em bilíngues biculturais. Em suma, não é a língua como tal que desencadeia essas mudanças, mas o contexto” (GROSJEAN, 2013, p. 23, tradução nossa)⁹⁴.

Outra maneira de ver isso é olhar para os biculturais que são monolíngues. Com apenas uma língua, eles se comportam como biculturais que são bilíngues, ou seja, adaptam-se ao ambiente em que estão, mas no caso deles não está envolvido uma língua diferente (Idem, 2013, p. 23, tradução nossa)⁹⁵.

Assim, o comentário instantâneo do Sujeito-3, nesse último tópico, nos chamou bastante atenção porque ela foi muito imediata em dizer que a mudança de comportamento do bilíngue, ao fazer uso de diferentes línguas, está mais associado a uma função cultural, do que com a própria língua. “Isso. Eu acredito que não tem nada a ver com a língua, é completamente cultura. Porque eu me comporto de uma certa forma pela cultura americana, ou brasileira. Eles são mais resguardados em certas coisas, e a gente é mais resguardado em outras, e assim vai, né?” (SUJEITO-3, 2023, 52:14). E disse ainda: “Inclusive os hispanos, eles têm uma outra cultura, né também... e a gente se adapta dessa maneira. Eu acho que não tem a ver com a língua, a língua precisa da cultura” (52:32).

⁹⁴ Do original: Different situations and interlocutors may trigger diferente attitudes, impressions, behaviors but also language in bicultural bilinguals. In sum, it is not language as such that triggers these changes but the context.

⁹⁵ Do original: Another way of seeing this is to look at biculturals who are monolinguals. With just one language, they behave like biculturals who are bilingual, that is, they adapt to the environment they are in but in their case, a different language is not involved.

Explicou mais: “Eu não sei se você já viu assim... os africanos, né... a maneira que eles se expressam, né! O *body language*⁹⁶, a maneira de eles serem... são... assim, são muito emotivos. Eles são alegres, eles pulam, eles dançam, é bem diferente. Parece que eles falam com o corpo. Eles são mais emotivos, e eles riem alto. Eles têm aquela coisa, né?” (SUJEITO-3, 2023, 53:04). Na percepção dela, “é uma cultura completamente diferente da japonesa. Os japoneses, a cultura deles... eles não podem olhar no teu olho que isso aí é rude. Você tem que fazer assim... baixando a cabeça. Então, você vê a diferença. É cultura, não é a língua pra muita coisa” (53: 24). Completando, diz ainda: “E toda essa infusão de culturas no Brasil, que... a gente tem África, a gente tem alemão, a gente tem italiano, a gente tem Europa, a gente tem *I mean*⁹⁷ ... japonês em São Paulo, é uma imigração imensa. Então, eu acho que tudo isso, se torna um brasileiro, né... mas, você vê mesmo, as culturas de cada um” (53:46). Veja as duas ocorrências de *Code-switching*.

Na percepção do Sujeito-3, a forma em que o bilíngue se expressa e fala em cada uma de suas línguas é um reflexo da influência que cada cultura tem introjetada nele de formas diferentes. “Esse negócio da língua é uma coisa que hoje em dia não existe uma língua pura, né? Como não existe uma raça pura. Somos todos conectados. Outro dia, eu e minha irmã fizemos aquele *DNA test*⁹⁸, né... somos filhas dos mesmos pais, né... saiu que eu sou 96% alemã, ela saiu com 98% italiano” (SUJEITO-3, 2023, 54:36). E continuou: “Eu tenho 1% de Nigéria em mim, e eu tenho 2% de *Irish*⁹⁹ e eu nem sabia... tem alguma coisa aí nesse no meu *bloodline*¹⁰⁰... tem um *irish* aí no meu *blood*¹⁰¹, que nem a minha família sabia” (54:50). Note as quatro ocorrências de *Code-switching*.

Então, ela diz que assim como somos uma mistura de várias raças e culturas, a nossa língua também se torna híbrida. “Sabe, quer dizer... a minha avó, bisavó era índia Guarani. O meu bisavô era português. Isto é, da parte da minha mãe. O meu outro avô, bisavó veio da Alemanha, e não falava português. E a mãe e o pai dele eram os dois alemães” (SUJEITO-3, 2023, 54:57). E prossegue: “Então é uma mistura de português, com índio do Brasil, com alemão, e com italiano da minha outra vó, né... Imagina. E eu tenho toda... eu vejo assim, toda essa característica... assim, eu me sinto... por exemplo, quando tá chuvoso e frio, ahhh eu adoro... porque eu tenho

⁹⁶ Tradução nossa: “A linguagem corporal”.

⁹⁷ Tradução nossa: “Quero dizer”.

⁹⁸ Tradução nossa: “Teste de DNA”.

⁹⁹ Tradução nossa: “Irlandês”.

¹⁰⁰ Tradução nossa: “linhagem”.

¹⁰¹ Tradução nossa: “sangue”.

aquela coisa daquela serra do Rio Grande do Sul” (55:43). E continua dizendo que adorava aquele frio: “eu adorava aquilo. Minha avó fazia bolinho de chuva. Eu sinto aquela presença assim... às vezes também... chega quando eu tô vindo de algum lugar, e eu piso no aeroporto da Flórida, eu sinto também aquele calor... aí tô em casa, né! Aquele verão assim do Brasil, aquele clima bem quente. Aquela chuva da tarde, me lembra isso também” (56:03).

Muito enfática em relação a miscigenação das línguas, conseqüente da miscigenação cultural, o Sujeito-3 conclui dizendo: “Então, acho que é um pouquinho de tudo do mundo, sabe? A minha irmã foi pra Bergamo, de onde a minha avó veio. Minha avó veio de Bergamo, na Itália. A família dela é de lá. Minha irmã foi pra lá, pra ver se encontrava algum dos nossos ancestrais lá. É bem na fronteira com a Áustria” (SUJEITO-3, 2023, 56:37). Conta ainda “que é de onde a mãe do meu marido vem... sabe, então nós imigramos dessa, daquela área lá do *North Italy*¹⁰² com *South Austria*¹⁰³... e aquele povo ali... tá tudo lá no Rio Grande do Sul. Eles têm os mesmos costumes, eles comem às vezes umas coisas... chucrutes e aquelas coisas ali, né... aquela conserva que é da área, né?” (56:42). E finaliza: “inclusive, na realidade, hoje ninguém tem essa pureza, né? A minha filha é brasileira... *half brazilian*¹⁰⁴, mas na realidade ela não tem nada brasileiro. Ela tem um pouco de índia da minha bisavó, o resto é do mundo inteiro, né? Incrível, né? Então, eu acho que não tem tanto a ver com a língua. A língua vira um dialeto da cultura, da infusão de toda essa coisa” (57:04). Veja as três ocorrências de *Code-switching*.

Dessa forma, entendemos que é o ambiente como um todo que faz com que o bilíngüe, junto com a mudança das línguas, também mude de atitudes, sentimentos e comportamentos. Ou seja, a mudança de base cultural é provocada em favor da utilização de uma expressão linguística adequada, fazendo com que os bilíngües biculturais se adaptem ao contexto cultural em que estão, assim como os monolíngües o fazem com sua única língua. Para Grosjean (2013), na verdade, o que é visto como uma mudança de personalidade devido a mudança de uso das línguas, é simplesmente uma mudança de atitude e comportamento, a fim de se corresponder a determinada situação, ao contexto, e ao interlocutor.

Observe o comentário do Sujeito-2 ao falar da enunciação, na língua portuguesa, de seu amigo ao tecer elogios para uma planta de hortelã: “Tinha a hortelã que meu irmão plantou. Tava

¹⁰² Tradução nossa: “Norte da Itália”.

¹⁰³ Tradução nossa: “Sul da Áustria”.

¹⁰⁴ Tradução nossa: “metade brasileira”.

lá fora, e o A. falando... aí ele olha pra planta e fala: ‘olha que *linda* essa planta!’... e passou a mão, pegando nas folhinhas assim... e aí naquele momento parecia que ele tava alisando o cabelo dela” (SUJEITO-2, 2023, 54:01). Na percepção da nossa entrevistada, o uso do adjetivo “linda” fez parecer que: “é um linda que ele falou... que deu toda uma energia feminina àquela planta... de... nossa, ela é uma planta, ela se alimenta da luz do sol... é como se fosse um empoderamento feminino da planta. Mas aí, no inglês, se fosse elogiar a mesma planta, fazendo a mesma coisa, não iria ter esse poder” (54:12). Refletindo no uso do mesmo adjetivo na língua inglesa, ela diz: “Porque *so beautiful*... bonito... *Ah so pretty*. É a mesma palavra pra os dois, masculino e feminino é a mesma coisa. Agora quando tem na língua portuguesa, quando tem essa diferenciação, mesmo que seja algo bobo, de ser lindo pra linda... já dá todo um contexto que não teria em inglês” (54:31). Note as duas ocorrências de *Code-switching*.

Para o Sujeito-2, o poder da língua portuguesa, reverberado no adjetivo feminino *linda*, pôde proporcionar esse empoderamento feminino à planta. “A questão do gênero de ser feminino que trouxe esse poder todo diferente... e se ele tivesse expressado em inglês não teria” (SUJEITO-2, 2023, 54:46). Então ela diz: “Tem palavras também nas duas línguas, que nem... que obviamente tem coisas que não tem como explicar em uma e outra, mas por exemplo, essa palavra ‘linda’ que eu falei... em inglês, uma palavra que daria uma coisa semelhante é o *gorjeous*”¹⁰⁵ (55:53). E continua: “É o feminino... mesmo que não seja regra... é uma regra? Acho que não... eu não sei... deve ser, enfim... o *gorjeous* já é pra mulher, né? E agora o *handsome*¹⁰⁶ dá outro sentimento pra palavra que por exemplo, se falasse ‘bonito’ em português, não seria a mesma coisa” (53:53). Comenta ainda: “Ah ele é bonito... agora *handsome* parece que ele mais... *hadsome, handsome*. Bonito é bonito... *he’s handsome*” (53:59). Pra ela, é como se o adjetivo em inglês, dessa vez, tivesse um poder maior. Veja as sete ocorrências de *Code-switching*.

Então, observamos que o aspecto semântico dos signos linguísticos encontra o seu valor dentro da cultura de cada sociedade que faz uso daquela determinada língua. Vem ao nosso pensamento a expressão *appreciate it*, na nossa visão, uma das expressões mais elegantes, utilizadas pelos falantes da língua inglesa para expressar um reconhecimento de um gesto de gentileza do outro. É frequente, encontrarmos na linguagem do estadunidense enunciados como:

¹⁰⁵ Tradução nossa: “linda, maravilhosa”.

¹⁰⁶ Tradução nossa: “bonito”.

“Thank you for having us, I appreciate it!”¹⁰⁷, “Thank you for sharing, I appreciate it!”¹⁰⁸, “Thank you for thinking about me, I appreciate it!”¹⁰⁹! Expressões como essas não são utilizadas pelos falantes da língua portuguesa. Na nossa percepção, o brasileiro expressa um reconhecimento ou uma gratidão a alguém simplesmente falando “obrigado(a)”, “eu adorei”, ou “eu amei”, ou ainda “eu achei o máximo”, então a tradução desse hábito linguístico estadunidense para a língua portuguesa perderia o sentido.

Conforme o Sujeito-2: “tem outra palavra assim também que eu acho que é mais forte em inglês... é *support*, de apoio... então você fala, ah ele *supports me*, ah ele me apoia, dando um... aí não é a mesma coisa. Parece que *support*... ele é realmente um suporte” (SUJEITO-2, 2023, 56:54). E continua: “Mas, você traduz, ele vira ‘me suporta’. Vira uma outra palavra. Ele me suporta, ele me aguenta, né? Mas também pode ser, ele me suporta como um apoio. Mas, tem certos contextos em que o ‘suporte’, ele é meio que, parece que é mais essencial, enquanto o ‘apoio’ ele é... o *support* parece que ele dá mais segurança, né?” (57:32). Para Benveniste (2006), quando buscamos nos instaurar em uma nova língua, intrinsecamente a coletividade que constitui a sociedade de falantes dessa língua se posiciona como o nosso interlocutor e nos convoca a interpretá-la. Essa alteridade, sendo constitutiva, passa a ser decisiva no processo de aquisição e de utilização da nova língua. Veja as três ocorrências de *Code-switching*

Segundo Grosjean (2013), tem sido relatado por alguns bilíngues que as suas mudanças de atitudes e comportamentos acontecem quando eles mudam de língua. Isso tem sido mencionado com muita frequência na literatura: alguns bilíngues parecem ter visões ligeiramente diferentes dependendo da língua que estão falando; outros são mais autoritários em uma de suas línguas; outros ainda são mais reservados ou gentis, etc. Dessa forma, acreditamos que diferente do provérbio tcheco: “Aprenda uma nova língua e obtenha uma nova alma”, na nossa visão, devido ao fato de o bilíngue também estar inserido em uma outra cultura, ele amplia a sua visão de mundo, passando a enxergar, também, através do que o novo sistema linguístico, da língua estrangeira, lhe proporciona, o que é diferente do caso de adquirir uma nova personalidade. Além disso, não há evidências de que os bilíngues sofram mais de transtornos mentais do que os monolíngues.

¹⁰⁷ Tradução nossa: “Obrigada por nos receber, eu apreciei isso, ou o seu gesto!”.

¹⁰⁸ Tradução nossa: “Obrigada por compartilhar, eu apreciei isso!”.

¹⁰⁹ Tradução nossa: “Obrigada por pensar em mim, eu apreciei isso!”.

Na visão do Sujeito-1, ele diz: “Eu não sei se tem dupla personalidade, mas que são diferentes, são. O tom da voz eu ouço muito mais formal em inglês do que em português. Muito mais formal. Acho que até porque minhas relações são mais formais em inglês do que em português. Eu tenho poucas relações pessoais em inglês” (SUJEITO-1, 2023, 01:06:25). Prossegue ele: “Mas, o tom da minha voz é... eu uso muito mais formal em inglês do que em português. É bem diferente, e é diferente em espanhol também. No meu caso, essa formalidade vem pelas relações profissionais, mas também vem pelo cuidado de falar corretamente” (01:07:25).

E diz ainda: “Como eu falei, apesar de eu não traduzir mais na cabeça... assim, a frase ainda não vem pronta na minha cabeça como vem em português. Eu construo frases ainda em inglês tentando me expressar corretamente. Às vezes eu esqueço um verbo irregular... tem que tentar lembrar” (SUJEITO-1, 2023, 01:07:31). Continuando: “Então eu me expesso muito bem, mas hoje em dia sai muito mais rápido do que era no começo. Mas, o tom de voz, a maneira como você se expressa é diferente. Nas três línguas. Português, inglês e espanhol. Eu acho o espanhol uma língua mais aguda. Nas nossas vidas, a gente também tem jeitos de falar diferente em português” (01:07:25).

Ele comenta que: “até dentro do inglês, você vai falar com etnias diferentes... o negro, o branco você também fala diferente, porque eles falam diferente. Quando você tem que falar com um cliente branco, fala de um jeito, com um negro, fala de outro jeito... você acaba... eu tenho esse cuidado de me expressar” (SUJEITO-1, 2023, 01:07:39). E prossegue: “Mas, isso também é uma vantagem de ser bilíngue. Você acaba entendendo a língua... e ver essas nuances no inglês. Em português tem essas nuances também, né? Você tem que adaptar sua língua com a pessoa que tá falando com você” (01:08:45). Ele diz que: “se você tá falando com uma pessoa que tem menos cultura, você não vai falar do mesmo jeito, igual, com uma pessoa que tem mais cultura. Isso é normal” (01:08:50).

Completa ainda: “Agora, se você tá numa entrevista, você fala de um jeito. Se você vai ‘bater um papo’ com um amigo, o tom sai diferente, a velocidade que você fala é diferente. E isso é uma prova que aparece na língua... e é o que tá acontecendo em inglês comigo também... isso é um processo” (SUJEITO-1, 2023, 01:08:54). E ele comenta: “Olha, eu vou falar uma coisa pra você... o V. é uma das poucas pessoas, que parece ser nativo nas duas línguas, que eu conheço. Eu não tô falando que é impossível não, mas é mais raro. Eu acho que não conheço ninguém, a não ser o V. que parece ser nativo nas duas línguas” (01:09:16). É bem enfático quando diz: “Mas, não

tem esse negócio de ouvido absoluto, né? O meu filho tem isso. Ele parece ser nativo em inglês e português. É impressionante. Acho que ele é o único dos poucos que eu conheço. Tem amigos dele que não sabem que ele é brasileiro. E ele veio pra cá com 18 anos, mas já falava inglês no Brasil” (01:09:43). Diz que “o V. é um caso interessante. Pra mim, eu tenho isso muito claro... ser fluente é diferente de ser nativo. É raro uma pessoa que parece ser nativo nas duas línguas” (01:10:40).

Então, o Sujeito-1 finaliza o seu contorno de sentido dentro desse último tópico fazendo uma reflexão sobre a sua posição de imigrante em relação ao espaço geográfico, e a mudança de país. Além da posição de entre-línguas, ele se colocou entre-nações comentando: “Eu gosto daqui dos EUA, eu acho que a minha falta do Brasil é muito mais uma coisa afetiva do que uma coisa prática... de a gente ter uma memória afetiva com o país onde a gente nasceu. Eu tenho consciência de que na hora que eu voltar no Brasil...” (SUJEITO-1, 2023, 01:10:58). Continua: “vai demorar mais um ano e pouco, mas na hora que eu voltar, eu vou perder muito daquele encanto. Não é um encanto, mas é uma coisa meio assim que você cria, uma fantasia de um país que não é mais o país da sua infância. Então, eu acho que eu vou acabar ficando por aqui mesmo” (01:11:27). Ele diz: “Eu sinto falta da minha mãe, dos meus lugares, mas viver aqui é mais tranquilo do que viver no Brasil. Então tem essa memória afetiva. Mesmo eu não sentindo em casa aqui... eu tenho clareza de que aqui não é a minha casa, eu vou acabar ficando por aqui mesmo” (01:12:11).

Saudoso de sua pátria, ele diz: “Sabe... os cheiros, as referências...você vai pra um barzinho, por exemplo no Brasil você reconhece todo mundo que tá ali...você já viu aquela pessoa um dia. Você não sabe quem é a pessoa, mas você já viu aquela, ou outra pessoa... então, aqui não” (01:12:39). Continua: “porque... você vai no lugar, e geralmente são pessoas completamente estranhas que eu nunca vi ninguém na minha vida. Ou eu não passo por uma rua que eu passava quando era criança, ou em frente ao colégio que eu estudei. Não é que isso é importante, mas são as referências que você cria” (01:12:59). Diz ainda: “Não é que eu sinto falta de passar na rua do colégio que eu estudei, mas às vezes você está passando assim... e: ‘olha, eu estudei ali, sabe?’, ‘nossa, eu tinha um amigo que morava nessa casa aqui’... acontece essas coisas... aí você passa: ‘tinha uma menina que eu namorei que vivia nesse barzinho aqui’” (01:13:18).

E finaliza: “Eu ainda não tenho essas referências aqui... eu ainda tô criando. Eu tenho referências de 50 anos no Brasil, e daqui de quatro... então, eu ainda tô criando referências aqui. Já aquela minha tia que eu falei que morava em Boston, ela tem muito mais referências aqui do que no Brasil” (01:13:37). Conclui ele: “então ela se sente mais em casa aqui. Então, não sei quanto

eu vou viver, mas talvez daqui a 20 e pouco anos, eu me sinta mais em casa aqui. Vou criando referências, vivências... por enquanto, eu tenho muito mais referências no Brasil do que aqui” (01:13:43).

No conjunto da obra benvenistiana, percebemos o autor enumerar as possíveis linguísticas ainda por surgir, e seus objetivos de estudo. Vemos nascer a possibilidade da ideia de uma “ciências do homem” englobando a linguística. “Entretanto, a linguagem é também um fato humano; é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa relação. Uma outra linguística poderia estabelecer-se sobre os termos deste trinômio: língua, cultura, personalidade” (BENVENISTE, 2005, p. 17).

Fechando, então, o conjunto dos nossos onze tópicos reflexivos que envolveram o contorno de sentido dos testemunhos dos nossos entrevistados, nesse último momento de análise em que refletimos sobre “a língua que você fala muda o seu pensamento – teoria de Sapir e Worf”, do ponto de vista teórico grosjeaniano, identificamos que todos os nossos três entrevistados se mantiveram em modo bilíngue de linguagem, mantendo as duas línguas ativadas, com o uso da língua portuguesa (LP) como língua base, e apenas o Sujeito-1 se mantendo nela. E em um estado de interconexão, os Sujeitos-2, e 3 caminharam ao longo do *continuum* situacional, convidando a língua inglesa (LI), com as seguintes ocorrências de *Code-switching*: Sujeito-2 (dezesseis); e o Sujeito-3 (nove). E já do ponto de vista reflexivo:

[...] Todos esses comentários apresentam um traço comum: o falante fala da experiência do ser falante, do *Homo loquens*. Esse comentário produz um conhecimento do homem - especificamente, sobre os efeitos da língua no homem - que pode ser acolhido em uma linguística que estuda o saber que advém do homem pelo fato de ele enunciar uma *antropologia da enunciação* (FLORES, 2019, p. 318).

Assim, no entremeio linguístico onde se encontram os falantes entrevistados, embora nesse último contorno de sentido os Sujeitos-2 e 3 tenham apresentado uma maior evidência de *Code-switching*, de maneira geral, no decorrer de toda a entrevista, todos os três sujeitos externaram sua experiência nas línguas nos efeitos de fenômenos entre-línguas, marcando sua enunciação na posição de entremeio, em um movimento de enfrentamento linguístico caracterizado pela aproximação e distanciamento daquela que seria a língua estrangeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a antropologia da enunciação põe o falante no centro da discussão. Quando o sujeito fala da sua história de falante, ele produz um saber sobre si, que diz respeito à sua própria experiência de falante. Na busca desse “saber”, trouxemos aqui um olhar voltado para a língua, pelos olhos do homem brasileiro imigrante, bilíngue/bicultural, com foco nos comentários dos nossos entrevistados. “O comentário que o falante faz acerca de sua experiência de falante no interior de algum fenômeno de língua produz um contorno de sentido, o que é próprio à autointerpretação da língua” (FLORES, 2019, p. 319).

Segundo o autor, os comentários do falante cumprem o papel de “afunilar” um sentido. Dessa forma, o linguista interessado na antropologia da enunciação, no sentido metafórico, deve atentar-se à relação existente entre compreensão/incompreensão da língua, porque é nesse ínterim que o falante se situa como etnógrafo de sua experiência *loquens*. “O comentário introduz o falante na metalinguagem, o que proporciona uma verdadeira ‘revolução na formalização’. A tomada antropológica da enunciação se dedica, então, a identificar e descrever tais comentários, tanto em relação a sua forma como a seu ‘sentido’” (Idem, 2019, p. 319, destaques nosso).

Como vimos, dentro da subjetividade que vive um ser falante (*parlêtre*), o enunciado da posição “migrante” revela-se com movências pelo sujeito: entre-lugares, entre-línguas, entre-culturas, entre-nações tramando, inevitavelmente, novas malhas de subjetividade. A estrutura do sistema linguístico, por sua vez, sofre o efeito da busca do sujeito imigrante por um lugar em comum com o residente natal. É um sujeito que, ao falar, deixa seu rastro em construções sobrepostas representadas por *Code-switching*, e *Borrowing* (Empréstimo). Ou seja: percebemos no discurso espontâneo do imigrante brasileiro um processo natural de mudança de código, e integração de uma língua na outra, com características das duas línguas: a de origem e a da terra estrangeira.

Seguindo o que propõe Flores (2019), uma análise da língua pelo viés antropológico da enunciação provoca reflexões sobre o efeito da enunciação no falante. Nesta tese, os fenômenos entre-línguas puderam ser revelados em sobreposição das línguas portuguesa e inglesa presente no enunciado dos imigrantes entrevistados nesta pesquisa. Mas, indo além, disseram na fala sobre aquele que fala: um sujeito que vivencia uma relação dual entre línguas.

Na medida em que os comentários dos falantes foram realizados no modo bilíngue de linguagem, pudemos identificar a ocorrência dos mais diversos fenômenos linguísticos, denominados na teoria do bilinguismo de Grosjean (1996, 2013) por: *Code-switching*, e *Borrowing* – Empréstimo, podendo ser de dois tipos: *Loan Word* (Palavra Empréstada “Neologismo *Mix&Match*”); ou *Loan Shift* (Linguagem Empréstada, podendo ser na forma de Estrangeirismo ou de Expressões Idiomáticas). Lembramos que todos esses fenômenos atravessam a língua como um todo. Afinal, conforme Benveniste (2005, 2006), quando o sujeito se enuncia, o faz com toda a língua e com todos os componentes da linguagem.

Nesse contexto, o sujeito imigrante brasileiro apresenta em seu enunciado deslizes sintagmáticos, no qual em uma mesma cadeia sintática, surgem paradigmas de ambas as línguas, caracterizando um enunciado híbrido entre o inglês/português e fazendo, assim, surgir um sujeito que se coloca e se reconhece, possivelmente, em uma posição de “entremeio” de língua. Como afirma Grosjean (1996, 2013), o indivíduo bilíngue não deve ser visto como dois monolíngues em uma só pessoa, mas um só sujeito que faz uso das duas línguas, nos diferentes domínios de sua vida, cotidianamente, em seu entorno sociocultural.

Por essa reflexão, segundo Lucas e Siqueira (2017), as fronteiras entre as duas línguas são apagadas ao serem usadas alternadamente pelos enunciadores, sem haver oposições rígidas entre-línguas. Na conversão da língua em discurso, entendemos que o evento enunciativo se atualiza de acordo com o funcionamento do espírito, em formas engendradas e diversificadas da enunciação, em decorrência do sentido se converter em palavras.

Ao nosso ver, a língua possui, paradoxalmente, o poder de oferecer uma liberdade e ao mesmo tempo um “aprisionamento”. Da mesma forma que o sujeito se reconhece livre para utilizar outra língua, ele se percebe preso na língua de origem devido aos seus valores identitários e culturais, e da sua relação de amor com o sistema linguístico, onde viveu a sua primeira experiência sustentada. Apesar de testemunharem uma relação de afeto e proximidade com a língua portuguesa, reconhecem na língua inglesa o seu lugar de cidadão do mundo, e passam a se submeter a outro sistema, uma vez que estão inseridos no contexto da cultura norte-americana.

Assim, embora se deparem com alguns inconvenientes, como por vezes lhes faltarem palavras, misturarem as línguas, ou ficarem confusos em que língua utilizar, percebemos que viver entre-línguas constitui algo especial à percepção do imigrante enquanto falante porque promove uma ampliação de conhecimento, e uma melhor visão de mundo.

Para Coracini (2007, 2014) língua é cultura, logo, o encontro e o desencontro com as línguas nunca é ou passa incólume. Dessa forma, face às novas exposições da experiência estrangeira, vemos o sujeito não totalmente “livre” e controlador de seus discursos e sentidos. Ele se coloca, movendo-se com fluidez, apto a aprender a nova língua, a integrar a nova sociedade e a nova cultura. “Nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentada’” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27).

Para Eckert-Hoff (2016), a linguagem do imigrante é provocada por deslocamentos e a inevitável necessidade do sujeito se “reterritorializar” em outro lugar sujeito-línguas. “Cada língua, com sua especificidade e como uma função, irá atravessando o campo dessa subjetividade (...) e travando laços com a matéria das outras línguas(s) e com a das outras formas de linguagem que habitam esse campo” (CELADA, 2013, p. 54).

Por essa perspectiva, o discurso do imigrante torna-se intrinsecamente heterogêneo, marcado pela multiplicidade e alteridade. Ele sente-se em meio a incompletude e o desejo de ser completo, passando a viver em busca de ser a fonte entre o si mesmo e o “outro” que o constitui. Conforme Robin (1993, 1999), a língua não é reprodução, nem pura descoberta de alhures, é sempre um jogo de similitudes e de afastamentos. A busca das identificações do sujeito entre-línguas, que vive no país estrangeiro, e que convive com o bilinguismo e com o biculturalismo é marcada por deslocamentos, estranhamentos e ainda encontros, reencontros ou desencontros nas línguas. Ao utilizarmos uma nova língua somos convocados a interpretar a sociedade e sua cultura que é, de certa forma, subordinada a ela.

Por esse viés, o sujeito que fala do lugar do sujeito-entre-línguas é um sujeito que fala e que falta. “Consideramos, via estudos de Robin (1999), Coracini (2007, 2014) e Eckert-Hoff (2010), que o lugar entre-línguas, ocupado pelo sujeito em estudo, é um lugar de conflito, que significa entre-culturas, entre-outros, entre o um e o Outro” (ECKERT-HOFF, 2016, p. 6).

Diante do exposto, compreendemos que o sujeito se enuncia a partir de uma relação que ele estabelece com o(s) sistema(s) linguístico(s) de cada língua, e com a linguagem. O imigrante se enuncia de acordo com a maneira como ele se vê dentro da linguagem, ou do sistema linguístico de ambas as línguas. Em uma posição de entremeio, linguístico e cultural, ele enxerga o mundo a partir do que a língua portuguesa (sua pátria), e a língua inglesa (terra estrangeira) podem lhe proporcionar.

Em seus enunciados, o imigrante passa a apresentar traços de sua nova percepção de mundo proporcionada pelo sistema linguístico e vivência sociocultural no país estrangeiro. Ao falar de sua relação com as duas línguas, compreendemos que o brasileiro que vive nos EUA enuncia-se com movências entre os sistemas linguísticos, tendo em vista que é “na” e “pela” linguagem que o homem se constitui como sujeito, e nela se faz efeito.

Dessa forma, esta pesquisa poderá contribuir para um campo de estudo ainda não muito explorado, ao pensar no uso da língua estrangeira a partir da posição do sujeito imigrante e dos movimentos que ocorrem na língua quando o sujeito se percebe entre dois sistemas linguísticos. É um trabalho de caráter original, relevante para o desenvolvimento dos estudos linguísticos, ao promover um diálogo entre: a teoria da enunciação benvenistiana, em âmbito intersubjetivo e intersocial da linguagem; a perspectiva traçada por Flores (2019) de que a língua está no homem e diz de quem fala; e a teoria do bilinguismo desenvolvida por Grosjean (1996, 2013). Além disso, poderá ter utilidade para o próprio imigrante melhor compreender o seu funcionamento linguístico, e sentir-se menos inseguro, julgado, constrangido, ou exigente consigo mesmo em sua vida diária.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cláudio Aguiar. **Cultura e sociedade no Brasil: 1940-1968**. São Paulo: Atual, 1996.
- ARESI, Fábio. **A prospecção de “O aparelho formal da enunciação”**. Revista digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 12, n. 2, abr.-jun.2019: e32486
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 19. Trad. C. M. Cruz e J. W. Geraldo. Campinas: IEL/UNICAMP, p. 25-42, 1990.
- BANCO CENTRAL. **O Desempenho das Exportações Brasileiras de Commodities: Uma Perspectiva Regional (2006-2011)**. Boletim Regional do Banco Central do Brasil, Brasília, jan. 2012, Disponível em <http://www.bcb.gov.br/pec/boletimregional/port/2012/01/br201201b1p.pdf>. Acesso em 10 abr. 2018.
- BANCO MUNDIAL. **Migration and Remittances** Factbook 2011.2 ed. Washington, DC, 2011. Disponível em: <http://data.worldbank.org/data-catalog/migration-and-remittances>. Acesso em: 6 abr.2017
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. 5a edição. Campinas: Editora Pontes, 2005.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães et al. 2a edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France 1968 e 1969**. São Paulo: Ed. Unesp, 2014 [Trad. Daniel Costa da Silva et al.].
- BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Qualitative research for education: an introduction to theory and methods**. 5th edition. Boston, USA, Copyright 2007.
- BRAZÃO, M. L. **Os rastros da língua materna**. 78f. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.
- BROZOWSKI, J. **Migração Internacional e Desenvolvimento Econômico**. Estudos Avançados. São Paulo, v. 26, n. 75, p. 137-156, 2012.
- BRUM, Alex. **As Políticas de Vinculação do Brasil para os Brasileiros e seus Descendentes no Exterior**. O Social em Questão – Ano XXI – n. 41 – Mai a Ago/2018.
- BRUM, Alex. **A Organização dos Imigrantes Brasileiros na Flórida, EUA**. Revista do Corpo Discente do PPG-História da UFRGS. Aedos, Porto Alegre, v.10, n.23, p. 194-211, Dez. 2018.
- CARVALHO, N.M. **Princípios básicos de lexicologia**. 2 ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.
- CELADA, M. T. Linguagem/sujeito: forçando a barra em língua estrangeira. In: CARMAGNANI, A.M.G.; GRIGOLETTO, M. (org). **Língua, discurso e processos de subjetivação na contemporaneidade**, São Paulo: Humanitas, 2013.
- COELHO, E.C. **A difícil relação com a língua estrangeira: um estudo de caso**. 174f. 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019.

CORACINI, M. J. **A celebração do outro arquivo, memória e identidade**: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

DEISSLER, L.G.V. **Multilinguismo e síndrome do X-Frágil: relação de identificação na/pela língua**. 57f. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2014.

DIEDRICH, Marlene. **O homem na linguagem: o entrelaçamento língua e cultura na aquisição da linguagem numa perspectiva enunciativa aquisicional**. Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 39, núm. 4, 2017. Universidade Estadual de Maringá.

ECKERT-HOFF, Beatriz. **Sujeito entre-línguas em contextos de imigração**: incidências na subjetividade. Letras & Letras/Uberlândia/vol.32/3-Especial, dez.2016.

ELLIS, R. **Second Language Acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

FIRMEZA, George. **Brasileiros no Exterior**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.

FLORES, Valdir. **Introdução à teoria Enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir, et al. **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2017.

FLORES, Valdir. **Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FLORES, Valdir. **Atualidade de Benveniste no Brasil: os aspectos antropológicos de uma teoria da enunciação**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v.13 - n.1 - p.9-18 - jan./abr.2017.

FLORES, Valdir. **Problemas Gerais de Linguística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019 – (Coleção de Linguística).

FLORES, Valdir e SEVERO, Renata. **Linguagem e cultura: uma abordagem com Benveniste**. Veredas atemática. Volume 19 nº 2-2015.

FLORES, Valdir. **A linguística como reflexão antropológica: a linguagem, as línguas e o falante**. Abralín ao Vivo, em 1 de junho, 2020. <https://youtu.be/blPRQHdSAZw>.

FLORES, Valdir. **A prospecção de novas interpretações de Benveniste: a enunciação**. Colóquio Internacional Enunciação e Argumentação, em 08 de outubro de 2021. <https://youtu.be/LG77e989XB4>.

FLORES, Valdir. **Aspectos epistemológicos da linguística na contemporaneidade**. Conferência de abertura da IV Semana de Letras, UEMG-Passos, em 21 de fevereiro, 2022. https://youtu.be/i5GL_KoWff8.

GEERTZ, Clifford. **Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico**. In: *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p.60-76.

GERHARDT, Tatiana e SILVEIRA, Denise. **Métodos de pesquisa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1ª edição, 2009.

GORDON, Raymond (ed.). 2005. *Ethnologue: Languages of the World*. Dallas, TX: SIL International, fifteenth edition. On-line version: <http://www.ethnologue.com/>[accessed November 4, 2022.]

GRADILONE, Eduardo. **Uma Política Governamental para as Comunidades Brasileiras no Exterior**. In: APRI. I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior, Brasileiros no Mundo. Brasília: FUNAG, 2009.

GRIGOLETTO, M. Sujeito, Subjetivação, Inconsciente e Ideologia. In: CARMAGNANI, A. M. G; GRIGOLETTO, M. (orgs.). **Língua, discurso e processos de subjetivação na contemporaneidade**. São Paulo: Humanitas, 2013.

GROSJEAN, François. **Life with Two Languages. An Introduction to Bilingualism**. Harvard University Press. 1982.

GROSJEAN, François. **Living with two languages and two cultures**. Chapter in Parasnis, I. (Ed.). Cultural and Language Diversity and the Deaf Experience. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

GROSJEAN, François. **Bilingual. Life and Reality**. Harvard University Press. 2010.

GROSJEAN, François and Ping Li. **The Psycholinguistics of Bilingualism**. Chapter Bilinguismo: A short introduction (pp. 5-25), in Grosjean, F. (2012). Wiley-Blackwell. A John Wiley & Sons, Ltd., Publication, 2013.

GROSJEAN, François. **Life as a Bilingual. Knowing and Using Two or More Languages**. Cambridge University Press. 2021.

HAGÈGE, Claude. **L'homme de Paroles: Contribution Linguistique aux Sciences Humaines**. Fayard, le temps des sciences, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KANAVILLIL, Rajagoalan. O lugar da Linguística no estudo da linguagem. In: PARLATO, Erika Maria; SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. **O sujeito entre a língua e a linguagem**. São Paulo: Lovise, 1997.

KAPUR, D. Remittances: the new development Mantra. G-24 discussion paper Series, n. 29, abr. 2004. Disponível em: http://unctad.org/en/Docs/gds-mdpbg2420045_en.pdf. Acesso em: 12 out. 2016.

KAWACHI, G. J.. **Estereótipos culturais em estágios avançados de aprendizado de inglês como língua estrangeira e seus desdobramentos para ensino e uso do idioma**. 2011. Dissertação Mestrado - UFSCar, São Carlos, 2011.

KRAMSCH, C. C. **Language and culture**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LARA, G. M. P. **Abrindo as postas: a voz dos imigrantes e refugiados. Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 18(1), p.28-48, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/26176/18557>.

LEVITT, Peggy. **The Transnational Villagers**. Los Angeles and Berkley: University of California Press, 2001.

LEVITT, P.; DE LA DEHESA, R. **Transnational Migration and the Redefinition of the State: Variations and Explanations**. Ethnic and Racial Studies, v. 26, n. 4, p. 587-611, 2003.

- LIMA, Álvaro e CASTRO, Alanni. **Brasileiros nos Estados Unidos: meio século (re)fazendo a América (1960-2010)**. Brasília: FUNAG, 2017.
- LUCAS, Rafael; SIQUEIRA, Sueli. **Brasileiros Imigrantes nos Estados Unidos e a Variação Linguística: Práticas de Língua no Contexto Migratório**. PERcursos Linguísticos. Vitória (ES). V.7. n.16. 2017.
- LYONS, J. **Linguagem e Cultura**. In: LYONS, J. *Lingua(gem) e Linguística*. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1987.
- MAGALHÃES, Valéria. **O Brasil no Sul da Flórida: subjetividade, identidade e memória**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- MARGOLIS, M. L. **Little Brazil: Imigrantes Brasileiros em Nova York**. Campinas: Papyrus, 1994.
- MARGOLIS, M. L. **An Invisible Minority**. Florida: University Press of Florida, 2009.
- MARGOLIS, M. L. **Goodbye, Brazil: Emigrantes Brasileiros no Mundo**. São Paulo: Contexto, 2013.
- MÁRMORA, L. **Las Políticas Migratorias Internacionales**. Buenos Aires: OIM-Paidós, 2002.
- MARTELOTTA, M.E. (org.). **Manual de Linguística**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 123-126.
- MARTINET, André (1971a). **Elementos de Linguística Geral**. 3ª edição. Lisboa: Sá da Costa [Trad. de Jorge Morais-Barbosa].
- MASSEY, D.S. et al. Theories of international migration: a review and appraisal. **Population and Development Review**, New York, v.19, n.3, p.431-466, Sept.1993.
- MILESI, Rosita; FANTAZINI, Orlando. **Cidadãs e Cidadãos Brasileiros no Exterior – O Documento de Lisboa, a Carta de Boston e Documentos de Bruxelas**. In: APRI. I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior, Brasileiros no Mundo. Brasília: FUNAG, 2009. OIM; CNPD; MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Perfil migratório do Brasil 2009. Disponível em http://publications.iom.int/bookstore/free/Brazil_Profile2009.pdf. Acesso em 20 fev. 2018.
- MOLLOY, Sylvia. **Viver Entre Línguas**. Traduzido por Julia Tomasini, Mariana Sanches. Belo Horizonte, MG: Relicário. 2018.
- MORAES, M.R.S. **Materna/estrangeira: o que Freud fez da língua**. 1999. 137p. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/271090>>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- MOURA, Heronides e CAMBRUSSI, Morgana. **Uma breve história da linguística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018 (Coleção de Linguística).
- NÓBREGA, Mônica. **O ponto de vista do sistema: possibilidade de leitura da Linguística geral de Ferdinand de Saussure**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.
- ONU – DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS. **World Economic and Social Survey**. 2004. Disponível em: <http://www.un.org/desa/analysis/wess/>. Acesso em: 10 out. 2016.

- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998. RIO. Direção: Carlos Saldanha. Produção: Bruce Anderson John C. Donkin. EUA: Blue Sky Studios, Twentieth Century Fox Animation, 2011. 1 DVD (105 mim).
- PADILHA, B. Engagement Policies and Practices: Expanding the Citizenship of the Brazilian Diaspora. *International Migration*, v. 49, n.3, p. 10-29, 2011.
- PURBA, Norita: **The Role of Psycholinguistics in Language Learning and Teaching**. *Tell Journal*, Volume 6, Number 1, April 2018.
- ROBIN, R. **Le deuil de l'origine: une langue en trop, la langue en moins**. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1993.
- SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.
- SALES, Teresa. **Brasileiros nos Estados Unidos**. In: I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior, Brasileiros no Mundo. Brasília: FUNAG, 2009. p. 383-398.
- SAMPAIO, Rebecca. **Linguagem, cognição e cultura: a hipótese Sapir-Whorf**. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, nº 56, mês de novembro. P. 229-240.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 6a ed. 2 remi. São Paulo: EDUSP, 2014.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SAVILLE-TROIKE, Muriel; BARTO, Karen. **Introducing Second Language Acquisition: Cambridge Introductions to Language and Linguistics**. Third edition published 2017. Printed in Singapore by Markono Print Media Pte Ltd.
- SILVA, Silvana e MALCORRA, Bárbara. **Sociedade, sociedade: epistemologia para estabelecer princípios de uma teoria social da enunciação**. *Revista (Con) Textos Linguísticos*. Edição volume 10 - n.17 (2016).
- SOUZA-E-SILVA, M.C.P.; KOCH, I.V. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- SOUZA, Paulo. **Por que todo mundo não fala a mesma língua?** *Revista Super Interessante*, por Fábio Oliveira, em 21 dez 2017, 13h15. <https://super.abril.com.br/sociedade/por-que-todo-mundo-nao-fala-a-mesma-lingua/>. Consulta, em 01 de novembro de 2022, as 13:20.
- Synovate Brasil. **Imigrantes Brasileiros Residentes nos Estados Unidos**. 2007.
- Synovate Brasil. **Remetentes e Beneficiários – Massachusetts e Microrregião de Governador Valadares**. 2008.
- THOUARD, D. **Et toute langue est étrangère – Le projet de Humboldt**. Paris: Éd. Les Belles Lettres, 2016.
- TILLY, C. Transplanted networks. In: YIANS-MC, L. (ed.) **Immigration reconsidered**. New York: Oxford University Press, 1990. p.75-95.
- TOLDO, Claudia. **O aparelho formal da enunciação: que aparelho é este?** *Revista de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 14, n. 3, p. 424-434, set./dez. 2018.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. Tradução de Mauro Silva. São Paulo: Summus, 1997.

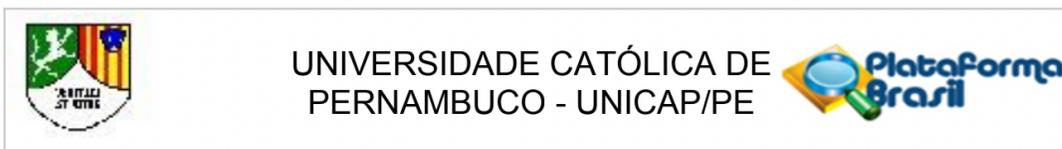
USHIJIMA, F. R. **A Política Externa Brasileira para os Emigrantes e seus Descendentes**. Marília, 2012. 182 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Marília, 2012.

UYENO, Elzira; CAVALLARI, Juliana. **Bilinguismos: subjetivação e identificações nas/pelas línguas maternas e estrangeiras**. Coleção: novas perspectivas em linguística aplicada vol.9. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

WIKIPÉDIA. **Ethnologue: Languages of the world**. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ethnologue>.

Consulta, em 02 de novembro de 2022, as 17:40.

ANEXO 1 – Parecer Aprovado do CEP/UNICAP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A LINGUAGEM E SUAS RAÍZES ANTROPOLÓGICAS: O SUJEITO ENUNCIATIVO NA DIMENSÃO IDENTITÁRIA E CULTURAL DO SER IMIGRANTE QUE VIVE O FENÔMENO ENTRE-LÍNGUAS

Pesquisador: ISABELA BARBOSA DO RÊGO BARROS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 65927922.0.0000.5206

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE CATOLICA DE PERNABUCO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.812.796

Apresentação do Projeto:

O objetivo deste estudo é investigar o sujeito enunciativo, na dimensão identitária e cultural do ser imigrante que vive o fenômeno entre-línguas, no início do século XXI, a partir da visão enunciativa antropológica, fundamentada na teoria da Enunciação de Émile Benveniste (2005, 2006), e na proposta de Flores (2019) que busca refletir em uma linguística que pensa na experiência do homem em sua condição de falante. Trata-se de um estudo de caso, que tem como corpus de análise o testemunho linguístico do imigrante brasileiro, bilingue e bicultural, residente nos EUA, através de dados coletados com questões semiestruturadas, em entrevistas semiabertas, com atribuições que buscam compreender como ele se percebe como falante, na sua posição de entremeio, a serem realizadas na Flórida. Dessa forma, ao apresentar o imigrante, com o foco em uma discussão voltada ao território linguístico, buscaremos evidenciar, na imbricação: língua/homem/cultura/sociedade, os conflitos vividos pelo imigrante que vive uma relação com duas línguas (inglesa/portuguesa), e com duas culturas (estadunidense/brasileira), para encontrar-se enquanto sujeito na nova sociedade em que habita, composta por uma realidade linguística e sociocultural diferente de seu

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609
Bairro: Boa Vista **CEP:** 50.050-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br



Continuação do Parecer: 5.812.796

lugar de origem. A análise será direcionada a uma amostra de 3 brasileiros imigrantes, de faixas-etárias distintas, independente de gêneros, e que possuem um tempo mínimo de permanência de um ano nos EUA, por entendermos que a fluência de um idioma está atrelada ao seu contexto de utilização. Em relação a metodologia utilizada, trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa, de natureza aplicada com procedimentos de campo, no qual serão transcritos os testemunhos dos sujeitos enunciativos, contidos na entrevista, na versão original, que poderão apontar para evidências de alterações linguísticas, ou movências entre um sistema e outro, ao imigrante, uma vez submetido a dois sistemas linguísticos, fazer uso das próprias línguas para expressar a sua experiência de falante, da forma como se organiza, se percebe, se enuncia, assim como se diz sujeito e se faz efeito na linguagem.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar o sujeito enunciativo na dimensão identitária e cultural do ser imigrante, brasileiro residente nos EUA, que vive o fenômeno entre-línguas.

Objetivo Secundário:

Analisar o enunciado do imigrante brasileiro como etnógrafo de si mesmo, por uma ótica enunciativa-antropológica; avaliar a relação de identidade do sujeito entre-línguas no contexto sociocultural; indicar os fenômenos linguísticos no enunciado do imigrante, e identificar os movimentos de linguagem intersubjetivos e intersociais entre os sistemas linguísticos dos sujeitos brasileiros residentes nos EUA.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os possíveis riscos relacionados com a participação do sujeito, podem estar vinculados a aspectos de origem psicológica, emocional ou intelectual, podendo despertar emoções e sentimentos de: felicidade / tristeza, realização / frustração, entusiasmo / ansiedade, conforto / desconforto, extroversão / vergonha, esperança / angústia, sucesso / fracasso, competência / derrota, segurança / insegurança, leveza / estresse, motivação /

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609	
Bairro: Boa Vista	CEP: 50.050-900
UF: PE	Município: RECIFE
Telefone: (81)2119-4041	Fax: (81)2119-4004 E-mail: cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO - UNICAP/PE



Continuação do Parecer: 5.812.796

constrangimento, liberdade / medo ou saudosismo / revolta. Caso aconteça algum desses sentimentos que venha a incomodá-lo, a pesquisa será imediatamente suspensa, e o sujeito poderá se dirigir, se assim sentir a necessidade ou desejar, para um suporte profissional de acompanhamento psicológico ou médico, coordenado por grupos de apoio de Organizações Não-Governamentais, que disponibilizam atendimento gratuito, através da página do Florida Health – Saúde da Flórida, no link: <https://www.floridahealth.gov/programs-and-services/prevention/mental-health/links.html>. Neste link há uma lista de serviços de apoio a Mental Health – Saúde Mental, que poderá encaminhá-lo ao profissional de saúde adequado.

Benefícios:

Os benefícios que a pesquisa poderá trazer para o sujeito, estão relacionados ao reconhecimento linguístico de si e da sua relação com as duas línguas e com as duas culturas (estrangeira e de origem), no novo espaço que habita. Consequentemente, o imigrante poderá ter um melhor entendimento sobre ele mesmo e sobre o outro, podendo desfrutar, com uma melhor qualidade de vida, do seu lugar de entre-meio, de entreculturas e de entre-línguas. Isso possibilitará uma adaptação mais satisfatória na nova sociedade e no novo país que habita. Quanto aos benefícios trazidos para a ciência, destacamos a ampliação dos estudos do bilinguismo, a partir da perspectiva enunciativa do sujeito, e de sua relação com as línguas, uma vez que, em sua maioria, os estudos estão concentrados na psicolinguística, na sociolinguística ou na neurolinguística

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto bem estruturada. Atende as exigências e relevâncias sociais e científicas necessárias à atividade de pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

os termos estão apresentados adequadamente.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou inadequações.

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609
Bairro: Boa Vista **CEP:** 50.050-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO - UNICAP/PE



Continuação do Parecer: 5.812.796

Considerações Finais a critério do CEP:

A coordenação do CEP acompanha o parecer do relator ad referendum e aprova o protocolo de pesquisa analisado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2000821.pdf	09/12/2022 18:45:41		Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_Profa_Isabela_Monikaassinado.pdf	09/12/2022 18:41:55	ISABELA BARBOSA DO RÉGO BARROS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO_TESE_MONIKA_ASSINADO.pdf	09/12/2022 18:36:42	MONIKA LIRA MALHOIT	Aceito
Outros	CERTIFICADO_APROVACAO_PROJETO_TESE_MONIKA.pdf	09/12/2022 08:26:50	ISABELA BARBOSA DO RÉGO BARROS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	JUSTIFICATIVA_DE_AUSENCIA_DA_AUTORIZACAO_DE_USO_ARQUIVOS_E_DADOS.pdf	09/12/2022 08:19:07	ISABELA BARBOSA DO RÉGO BARROS	Aceito
Outros	TERMO_DE_AUTORIZACAO_USO_IMAGEM_TESE_MONIKA.pdf	09/12/2022 08:06:51	ISABELA BARBOSA DO RÉGO BARROS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CARTA_DE_ANUENCIA_MONIKA_LIRA.pdf	08/12/2022 07:42:35	ISABELA BARBOSA DO RÉGO BARROS	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO_DETALHADO_TESE_MONIKA.pdf	06/12/2022 20:17:05	MONIKA LIRA MALHOIT	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_DE_EXECUCAO_TESE_MONIKA.pdf	06/12/2022 20:13:42	MONIKA LIRA MALHOIT	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_COMPROMISSO_E_CONFIDENCIALIDADE_TESE_MONIKA_LIRA.pdf	06/12/2022 17:01:25	ISABELA BARBOSA DO RÉGO BARROS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_TESE_Raizes_antropologicas_da_linguagem.pdf	06/12/2022 16:59:17	ISABELA BARBOSA DO RÉGO BARROS	Aceito
Outros	Lattes_Isabela_Barbosa_do_Rego_Barralattes.pdf	06/12/2022 16:04:16	ISABELA BARBOSA DO RÉGO BARROS	Aceito
Outros	Lattes_Monika_Lira_Malhoit.pdf	06/12/2022 16:03:48	ISABELA BARBOSA DO RÉGO BARROS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609
Bairro: Boa Vista **CEP:** 50.050-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO - UNICAP/PE



Continuação do Parecer: 5.812.796

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 13 de Dezembro de 2022

Assinado por:

**Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo
(Coordenador(a))**

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609

Bairro: Boa Vista

CEP: 50.050-900

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4041

Fax: (81)2119-4004

E-mail: cep@unicap.br

ANEXO 2 - TCLE

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **A Linguagem e Suas Raízes Antropológicas: O Sujeito Enunciativo na Dimensão Identitária e Cultural do Ser Imigrante que Vive o Fenômeno Entre-línguas.**

Você foi selecionado pelo fato de ser um brasileiro que vive nos EUA por mais de 1 ano, ser bilíngue, utilizar e ter fluência na língua inglesa, porém a sua participação não é obrigatória.

A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar o seu consentimento.

Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição Universidade Católica de Pernambuco.

O objetivo deste estudo é **investigar o sujeito enunciativo na dimensão identitária e cultural do ser imigrante, brasileiro residente nos EUA, que vive o fenômeno entre-línguas**, a fim de compreender a posição de entremeio do sujeito bilíngue e bicultural, a partir do seu testemunho de sua experiência de falante das línguas (portuguesa/inglesa), ao residir em território estadunidense, e conviver com ambas as culturas (brasileira/estadunidense).

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder uma entrevista livre, semi-estruturada, a respeito da sua relação com o bilinguismo e com o biculturalismo, da sua posição de entre-meio, e de como você percebe a ocorrência de fenômenos linguísticos em seu enunciado.

Os possíveis riscos relacionados com a sua participação, podem estar vinculados a aspectos de origem psicológica, emocional ou intelectual, podendo despertar emoções e sentimentos de: felicidade / tristeza, realização / frustração, entusiasmo / ansiedade, conforto / desconforto, extroversão / vergonha, esperança / angústia, sucesso / fracasso, competência / derrota, segurança / insegurança, leveza / estresse, motivação / constrangimento, liberdade / medo ou saudosismo / revolta. Caso aconteça algum desses sentimentos que venha a incomodá-lo, a pesquisa será imediatamente suspensa, e o sujeito poderá se dirigir, se assim sentir a necessidade ou desejar, para um suporte profissional de acompanhamento psicológico ou médico, coordenado por grupos de apoio de Organizações Não-Governamentais, que disponibilizam atendimento gratuito, através da página do *Florida Health* – Saúde da Flórida, no link: <https://www.floridahealth.gov/programs-and-services/prevention/mental-health/links.html>. Neste link há uma lista de serviços de apoio a *Mental Health* – Saúde Mental, que poderá encaminhá-lo ao profissional de saúde adequado.

Os benefícios relacionados com a sua participação são o reconhecimento linguístico de si e da sua relação com as duas línguas e com as duas culturas (estrangeira e de origem), no novo espaço que habita. Consequentemente, o seu melhor entendimento sobre si mesmo e sobre o outro, podendo

ajudá-lo, futuramente, a desfrutar de uma melhor qualidade de vida, no seu lugar de entre-meio, de entre-culturas e de entre-línguas. Isso possibilitará uma adaptação mais satisfatória na nova sociedade e no novo país que habita. Quanto aos benefícios trazidos para a ciência, destacamos a ampliação dos estudos do bilinguismo, a partir da perspectiva enunciativa do sujeito, e de sua relação com as línguas, uma vez que, em sua maioria, os estudos estão concentrados na psicolinguística, na sociolinguística ou na neurolinguística.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.

Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação (chamaremos os entrevistados desta pesquisa de sujeito enunciativo 1, 2 e 3 para proteger e assegurar a privacidade dos participantes).

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Você será convidado para participar de uma palestra onde acontecerá a devolutiva desta pesquisa, em que serão compartilhadas as experiências, as análises e os resultados da investigação obtidos neste estudo.

DADOS DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL (ORIENTADOR)



Isabela Barbosa do Rêgo Barros

isabela.barros@unicap.br

55 (81) 98840-6912

Rua do Príncipe, 526 – Boa Vista – bloco G4 – 7º andar, PPGCL – CEP 50050-900 - RECIFE – PE – BRASIL.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na Rua do Príncipe, 526 – Boa Vista – bloco G4 – 6º andar, sala 609 – CEP 50050-900 - RECIFE – PE – BRASIL. telefone: (81)2119-4041 ou 2119-4376 – endereço eletrônico: cep@unicap.br - Horário de funcionamento: 8h às 12h e das 13h às 17h - segunda a sexta-feira.

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

Recife, _____ de _____ de 20__

Assinatura do PARTICIPANTE DA PESQUISA

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA - CONEP
SRTV 702, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte
CEP: 70719-000 - Brasília-DF

OBSERVAÇÕES:

1. Incluir informação sobre patrocinador (*se pertinente*);
2. Incluir informação sobre destino e guarda de materiais (*se pertinente*);
3. Incluir informação sobre estudo multicêntrico (*se pertinente*);
4. Utilizar linguagem compreensível para população alvo.
5. No caso de pesquisas relacionadas com ações terapêuticas ou diagnósticas, explicitar os métodos alternativos, os riscos e benefícios de não os utilizar.

ANEXO 3 – Roteiro da Entrevista

TÓPICOS	QUESTÕES NORTEADORAS	SUJEITO-1	SUJEITO-2	SUJEITO-3
A LÍNGUA NO HOMEM	Várias pesquisas mostram que os bilíngues não refletem muito sobre o fato de serem bilíngues, muitos dizem que: "É simplesmente um fato da vida!" Vc se diria estar inserido nos dados desta pesquisa?			
A FUNÇÃO DA LÍNGUA	Pessoas bilíngues usam as suas línguas em diferentes domínios da vida. Em que domínios da sua vida você diria que utiliza a língua portuguesa, ou a língua inglesa isoladamente? Com que pessoas, em que lugares ou contextos, e em que situações você fala a sua língua de origem, ou a sua língua estrangeira?			
O PODER DA LÍNGUA	Ao se comunicar com as pessoas, interagir com alguém, escrever uma mensagem, ou até mesmo ler um livro, você, alguma vez, já se percebeu perguntando para si mesmo: "Qual língua devo usar?", ou "Será que a minha outra língua também pode ser trazida, e eu posso usar as duas línguas?" Você costuma pensar se fazendo essas perguntas sobre em que língua escolherá para falar, ou acontece naturalmente, e inconscientemente, de acordo com a pessoa, com a situação, o tema e a intenção da conversa? Você poderia contar alguma experiência como essa já vivida por você? E ler noticiários, e assistir tv, prefere a mídia em português ou em inglês?			
A RELAÇÃO DO LOCUTOR COM A(S) LÍNGUA(S)	Você gosta de falar inglês? Você gosta de falar português? Como você se sente ao falar inglês, ou ao falar português? Você se sente igualmente confortável ao utilizar as suas duas línguas? Quando você está conversando com um conterrâneo brasileiro, bilíngue como você, prefere falar em português ou em inglês? Quando reconhece que um nativo estadunidense sabe falar português, qual a língua que você escolhe falar com ele? Para você, qual é a língua mais bonita, e a mais importante? Saberá dizer o por quê?			
O EMPREGO DA(S) LÍNGUA	Quando você está falando, já se pegou indeciso em que língua se expressar? Sabe dizer se houve algum momento em que ficou confuso em utilizar uma palavra ou outra, das duas línguas. Já se viu falando, usando palavras das duas línguas, para expressar um só pensamento, na mesma frase, com a mesma pessoa e no mesmo contexto? Ao escolher pela utilização de uma língua, já sentiu lhe falar palavras naquela língua, e assim trazer, involuntariamente, palavras emprestadas da outra língua para expressar aquilo que deseja?			
O CONTORNO DE SENTIDO	Quando você escolhe pela utilização de uma língua, como "língua matriz", e surge a necessidade de trazer a outra língua, como "língua convidada", você se percebe preocupado em obedecer as regras sintáticas daquele idioma, ou, para você, o agenciamento do sentido, transformado em palavras, devido ao valor que aquele determinado signo linguístico da língua convidada tem pra você, é mais importante do que as normas gramaticais? Você saberia citar algum exemplo de momentos em que se percebeu fazendo uso das duas línguas na mesma frase, ou até mesmo em uma palavra nova criada pelos brasileiros que vivem nos EUA? Na sua percepção, esse processo é proposital, ou inconsciente? É constante, ou circunstancial? Você acredita falar assim, para dar mais sentido aquilo que você pretende comunicar, ou porque lhe faltam palavras, as vezes em uma língua, as vezes na outra, devido ao fato de estar morando nos EUA?.			
A LÍNGUA E A CULTURA EM RELAÇÃO HOMÓLOGA	Na sua posição de bilíngue/bicultural, o que você pensa em relação aos aspectos linguísticos que fazem parte da cultura e da tradição oral de um povo, de um estado, ou de uma nação, como: o sotaque, as gírias, e as expressões idiomáticas, conhecidas popularmente, como ditado popular? Você consegue perceber se fala em inglês com o seu sotaque brasileiro? Consegue usar as gírias e os ditados popular da língua inglesa adequadamente? Consegue entendê-las facilmente? E em relação aos hábitos culturais como esperar na fila, e saudações de despedida, você conseguiu se adaptar aos comportamentos estadunidense? Brasileiros não costumam manter uma distância social ao esperar em filas, por exemplo, diferente dos norte-americanos. E ao se despedir, geralmente falamos: beijo, ou abraço, tchau. Consegue traduzir isso para a língua inglesa?			

TÓPICOS	QUESTÕES NORTEADORAS	SUJEITO-1	SUJEITO-2	SUJEITO-3
DESLOCAMENTO DO SUJEITO	Em relação a ocorrência dos fenômenos linguísticos na sua fala, você saberia dizer se a alternância entre-línguas ocorre com mais frequência, quando você tem como língua base o inglês, ou o português? Geralmente é mais frequente quando você está falando com um conterrâneo brasileiro, ou com um estadunidense?			
A LÍNGUA COMO LUGAR DE DUELOS	Você vê alguma vantagem em ser bilíngue? Poderia pontuar as vantagens (benefícios) e desvantagens (inconvenientes) em conviver com duas (ou mais) línguas e culturas diferentes? Você, de alguma forma, se sente incomodado quando lhe faltam palavras em uma de suas línguas e você precisa recorrer a outra língua para se expressar? Como você se percebe nessa alternância entre línguas? Enxerga esse fenômeno linguístico de forma positiva ou negativa? Você já se sentiu julgado, alguma vez, em relação a isso por algum monolíngue, ou por um bilíngue monocultural?			
A IDENTIDADE DO SUJEITO	Pesquisas apontam que hábitos linguístico-culturais adquiridos na infância são mais difíceis de serem substituídos na linguagem do bilíngue. Você já refletiu qual a língua que você utiliza ao rezar, orar, contar números ou dinheiro, pensar, ou sonhar? Ocasionalmente também de cansaço, irritabilidade, e entusiasmo, assim como o estresse tendem a levar os bilíngues a se expressarem na língua de origem. Sabe dizer se o mesmo acontece com você? Quanto ao seu olhar em relação ao "outro", criança/adolescente filhos de brasileiros que adquiriram a língua inglesa depois que chegaram aqui, já observou como eles falam? Alguns perdem o interesse pela língua de origem. Como você enxerga essa posição? Tem o desejo que as pessoas do seu convívio: cônjuge, família, amigos, colegas de trabalho, ou seus médicos falem suas duas línguas? Se tem filhos nascidos aqui, desejou criá-los falando nas duas línguas ou somente em uma? Fez questão de preservar a sua identidade, mantendo sua língua de origem viva em seus filhos?			
A LÍNGUA QUE VOCÊ FALA MUDA O SEU PENSAMENTO	Você já ouviu falar na teoria de Sapir-Worf, que diz: "A língua que você fala, muda o seu pensamento" - "The language you speak, rewires your brain"? Você está de acordo com essa teoria? Você costuma pensar diferente, se comportar diferente, e ter visões diferentes dependendo da língua que você está falando? Você se considera, por exemplo, mais reservado, mais gentil, ou mais autoritário, em uma de suas línguas? Ou se considera a mesma pessoa, com a mesma personalidade em ambas as línguas? O que você diria do provérbio theco: "Aprenda uma nova língua e obtenha uma nova alma"? Há pessoas que confirmam esse provérbio e chegam a dizer que o bilíngue tem dupla personalidade. O que você diria sobre isso?			